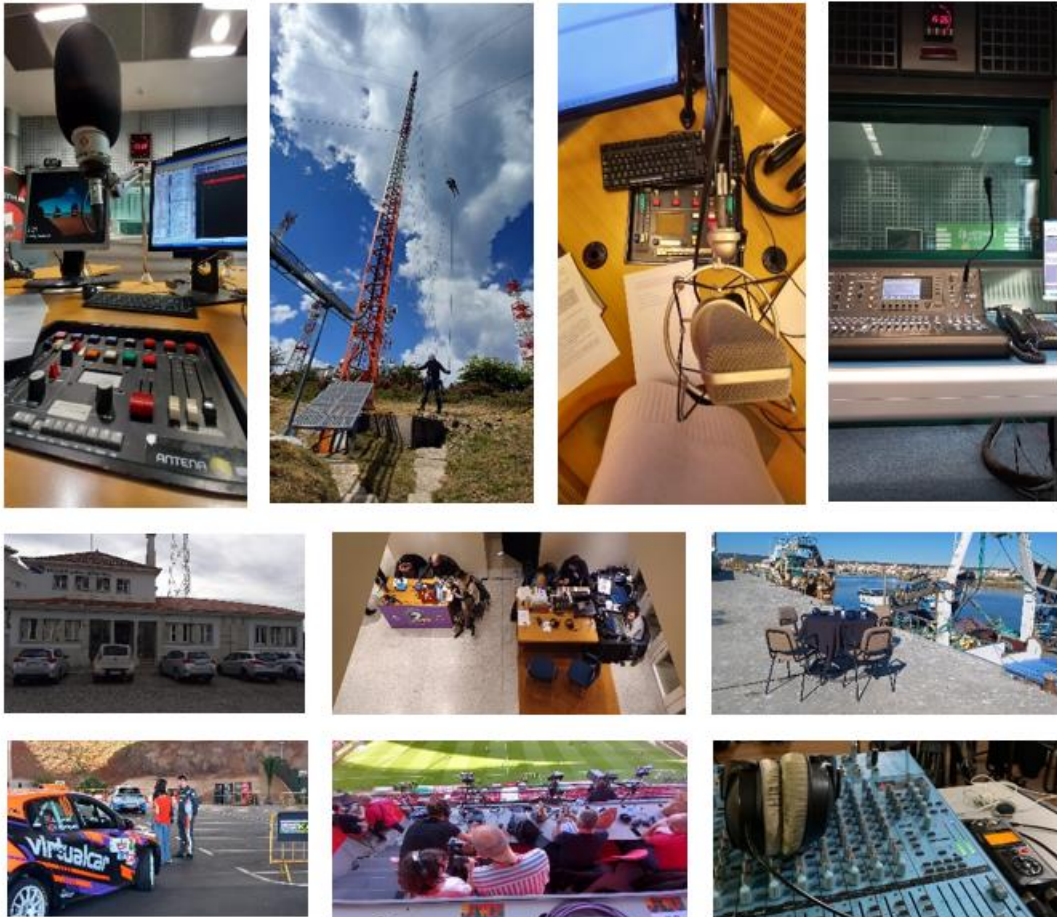


Relatório de Atividade 2023



**Provedora do Ouvinte
Ana Isabel Reis**

fevereiro 2024

Relatório de Atividade 2023

Provedora do Ouvinte
Ana Isabel Reis

Índice

Introdução	1
1.O Gabinete da Provedora da Ouvinte	3
2.Ouvintes e Mensagens	4
2.1.As Mensagens dos Ouvintes	5
2.2.Perfil dos ouvintes	9
2.3.O Programa Em Nome do Ouvinte	12
2.4.Casos	17
3.Visitas aos Centros Regionais, de Produção e Emissores	29
3.1.Centro Regional dos Açores	30
3.2.Centro Regional da Madeira	31
3.3.Centro de Produção do Norte	32
3.4.Centro Regional Comum de Rádio e Televisão de Coimbra	33
3.5. Centro Regional Comum de Rádio e Televisão de Faro	34
3.6.Centro Emissor da Lousã e de Gravia	34
4.Reflexões Finais	36
4.1.A Rádio e Ouvintes: um escrutínio permanente	36
4.2.Provedor do Ouvinte: para que serve?	37
5.Recomendações	39
Anexos	47
Anexo 1. Mensagens dos Ouvintes e Respostas	49
Anexo 2. Programas 2023_Guiões	69

Introdução

Este Relatório de Atividades diz respeito ao primeiro ano de mandato enquanto Provedora do Ouvinte da RTP.

Ao longo do último ano recebi mensagens dos ouvintes e procurei dar-lhes resposta, quer por escrito, quer no programa da Provedora (Em Nome do Ouvinte) - que incide sobre as rádios hertzianas, as *webrádios* e as plataformas multimédia com conteúdos de áudio da RTP. Os temas dos programas surgiram a partir das questões colocadas pelos ouvintes, questões essas que foram objeto de resposta direta, de reflexão e de pareceres. Os programas tiveram ainda uma outra vertente: a de mostrar a rádio por dentro e quando sai do estúdio. As visitas aos Centros Regionais e de Produção do território continental e ilhas resultaram em edições dedicadas a cada um deles.

Neste relatório é feito um balanço da atividade desenvolvida em 2023: funcionamento do Gabinete da Provedora do Ouvinte; caracterização das mensagens recebidas e perfil de quem escreve à Provedora; o programa Em Nome do Ouvinte; reflexão sobre alguns casos suscitados pelas mensagens; balanço das visitas aos centros regionais, de produção e emissão; considerações e reflexões finais; e, em conclusão, algumas recomendações.

1.O Gabinete da Provedora da Ouvinte

Comecei a exercer funções como Provedora do Ouvinte a 2 de dezembro de 2022. A audição e confirmação no Conselho de Opinião tiveram lugar no início de setembro. Mas, devido a questões burocráticas inerentes ao funcionamento da Universidade do Porto, onde leciono, apenas pude assumir o mandato quase três meses depois.

Ainda antes de iniciar funções, foi-me colocada uma questão que acabei por ouvir com frequência nas primeiras semanas de atividade: onde é que o meu gabinete ficaria? Em Lisboa, ou no Porto? A pergunta partia do facto de eu residir no Porto e o Gabinete de apoio aos Provedores da Rádio e da Televisão estar sediado no edifício da RTP em Lisboa.

A resposta que dei na altura mantém-se: estou onde entendo que é necessário estar. Assim, nestes 12 meses, trabalhei em Lisboa - onde se mantém o Gabinete dos Provedores -, e em Vila Nova de Gaia, onde também me foi cedido um espaço e onde gravo regularmente entrevistas e o programa Em Nome do Ouvinte. Mas também trabalhei ou gravei programas nas redações de Coimbra, de Faro, de Ponta Delgada e do Funchal. Nos próximos meses tenciono continuar a trabalhar desta forma, ou seja, estarei onde entender que for necessário.

Quando assumi o cargo, fui informada de que teria de decidir se validava o resultado de um concurso interno, feito antes da minha chegada, para a integração de uma segunda jornalista no Gabinete. Decidi confirmar. Não se tratava de um elemento novo, mas de uma substituição. Assim, o Gabinete voltou a ter duas profissionais para apoio ao trabalho da Provedora: ambas jornalistas que anteriormente integraram a redação da rádio. O facto de serem jornalistas parece-me uma opção acertada. Considero que é este o perfil adequado ao trabalho no Gabinete. Há ainda um terceiro elemento, comum às duas Provedorias, do ouvinte e do telespetador, para apoio às questões burocráticas. Devo ainda referir que, até esta altura, foram-me dadas as condições técnicas e humanas que considero necessárias e adequadas para o exercício das minhas funções.

No início de dezembro, nas primeiras reuniões com a equipa, foi definido um plano de trabalho. Entendi que o primeiro programa Em Nome do Ouvinte seria emitido em janeiro, de forma a dispor do tempo necessário para conhecer instalações, equipas e responsáveis das rádios do grupo RTP. Ao longo do mês prepararam-se as primeiras emissões do programa, tomando decisões relativas quer à produção (escolha de música e vozes para o genérico, fotografias, imagem do podcast, horas de estúdio, etc.), quer relativas ao conteúdo (estrutura, temáticas, entrevistas). Foi igualmente acordado com a Direção de Programas o horário de transmissão do programa na Antena 1: sextas-feiras, às 15.30h. Os restantes canais emitem o programa apenas quando nele são referidos.

Pouco depois de ter entrado em funções, em conjunto com a Provedora do Telespectador, solicitei a adesão da RTP à ONO - The Organization of News Ombudsmen and Standards Editors (ONO)¹. O pedido foi aceite e logo em maio participámos na Conferência de Provedores, que decorreu em Londres e reuniu cerca de 70 Provedores e Standards Editors² de todo o mundo. O encontro foi enriquecedor pela troca de experiências com Provedores de outros países, de meios públicos e privados. E também pelas temáticas debatidas, que se centraram nas audiências e nos atuais desafios enfrentados pelos meios de comunicação social - ou de como estão a afetar o trabalho dos Provedores e ‘standard editors’-, nomeadamente a inteligência artificial, os conflitos mundiais, as *fake news*, a violência, o racismo e as questões de género.

Julgo que é fundamental a RTP integrar este tipo de organizações e estar presente neste género de iniciativas enquanto grupo de média público.

Relativamente aos aspetos formais, deixo uma nota: o facto da Provedoria do ouvinte não dispor de orçamento próprio, ao contrário do que acontece com a Provedoria do telespectador, não tem provocado impedimentos ou dificuldades - tanto que todas as situações têm sido prontamente resolvidas. Mas julgo que esta questão deve ser ponderada.

2. Ouvintes e Mensagens

Ao Provedor do Ouvinte compete receber e avaliar a pertinência de queixas e sugestões dos ouvintes sobre os conteúdos difundidos e a respetiva forma de apresentação; produzir pareceres sobre as mensagens recebidas, transmitindo-os aos ouvintes e aos visados; indagar e formular conclusões sobre os critérios e métodos utilizados na elaboração e apresentação da programação e da informação; assegurar a edição de um programa semanal, tendo em conta o limite máximo de uma hora de emissão por mês; elaborar um relatório anual sobre a sua atividade.³ É neste âmbito que se produz este Relatório.

¹ A ONO foi criada em 1980 e inclui provedores de média, representantes de leitores e ‘standards editors’ de todo o mundo, de publicações *on-line*, jornais, televisão, rádio e agências noticiosas. Entre os seus membros estão as agências noticiosas Associated Press, France Press, e a Media 24; as rádios BBC, NPO, NPR, CBC; os jornais Guardian, El País, USA Today; e as televisões NPO, NBC. Na conferência de 2023 foi decidido alterar o nome da associação e acrescentar “Standards Editors” - o que corresponde à tendência internacional de conceção mais alargada da função do provedor (o Ombudsmen) que atua *a posteriori*, para o de editor dos padrões editoriais (numa tradução livre de ‘standard editor’) que contribui para estabelecimento de normas éticas e deontológicas e vela pela sua aplicação.

² Os ‘standards editors’ trabalham para manter a prática ética nas suas redações, enquanto que os provedores ou representantes dos leitores tentam encontrar soluções mutuamente satisfatórias para reclamações. Ambos procuram explicar o funcionamento do jornalismo aos seus públicos.

³ O Estatuto dos Provedores, bem como as respetivas designação e competências, constam do Capítulo V da Lei nº 8/2007, de 14 de fevereiro, que procedeu à reestruturação da concessionária do serviço público

2.1. As Mensagens dos Ouvintes

Em 2023 o Gabinete do Provedor do Ouvinte recebeu 367 mensagens pelo site da RTP, 21 via *email* e três por correio em papel. No total foram 391 mensagens.

As mensagens por *email* são enviadas quase sempre pelos mesmos ouvintes, que já manteriam esta forma de contacto com anteriores Provedores.

Depois de classificadas as mensagens, inicia-se o processo de resposta, composto por várias fases, consoante o seu teor: audição dos respetivos segmentos, solicitação de esclarecimentos aos visados, compilação da informação, e resposta aos ouvintes - dando conhecimento a quem prestou esclarecimentos. Este procedimento não se aplica em duas situações: quando a resposta não implica um pedido de informações adicionais; ou quando a mensagem contém informações insuficientes para iniciar o processo de resposta. Neste último caso, é pedido ao ouvinte que seja mais concreto, indicando, por exemplo, a antena a que se refere, data ou hora. É de sublinhar que a maior parte das vezes não se obtêm respostas.

Quando as mensagens incidem sobre questões técnicas são remetidas à Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP. Se for necessário contactar o ouvinte para obter informações, fazer o diagnóstico da situação ou solucionar localmente o problema, é necessário solicitar-lhe autorização para a transmissão dos seus dados à equipa técnica. Trata-se de um imperativo legal⁴, contudo muitas vezes não há resposta por parte de quem enviou a mensagem e o processo não é concluído.

As mensagens classificadas como “Linguagem Ofensiva”, pelo seu carácter insultuoso no conteúdo ou na linguagem, não são respondidas. É também de referir que, por norma, não ‘respondo a respostas’ por entender que, na grande maioria dos casos, não é de todo profícuo estabelecer um diálogo desse género.

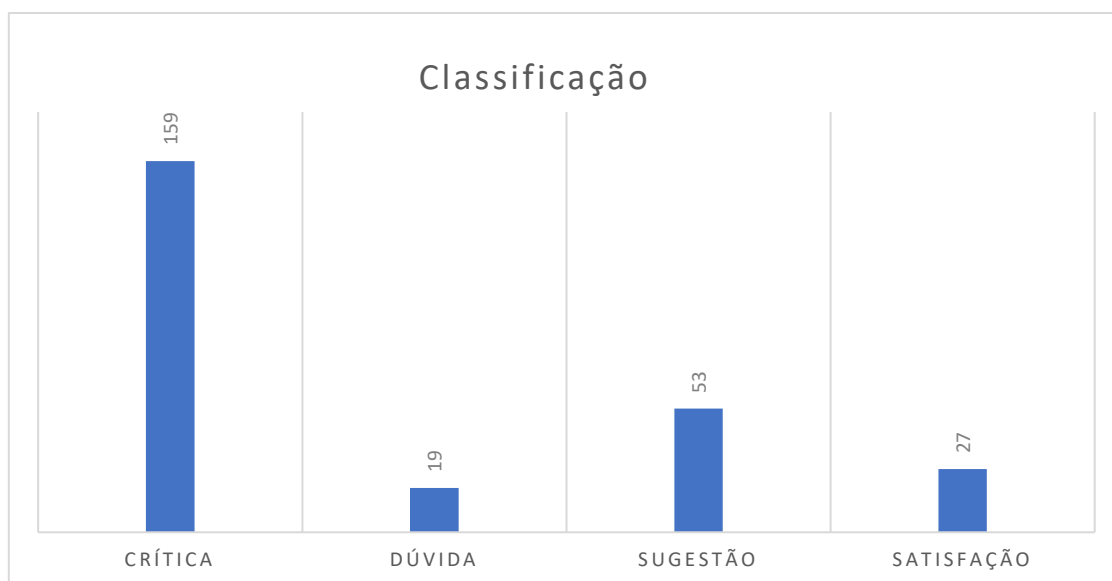
As mensagens dos ouvintes têm dois tipos de tratamento: resposta escrita e/ou resposta no programa Em Nome do Ouvinte.

O tratamento estatístico apresentado neste Relatório é extraído da plataforma criada para o efeito no site da RTP e, assim, recai apenas sobre o correio recebido por essa via. Como se pode verificar, a grande maioria dos ouvintes assinala as mensagens como Crítica ou Queixa. As Dúvidas são, quase sempre, pedidos de informação. E a Satisfação traduz-se em elogios a profissionais, programas, rubricas, emissões, ou sobre a forma como o problema que colocaram num contacto anterior foi resolvido.

de rádio e televisão. A Lei n.º 2/2006, de 14 de fevereiro cria o Provedor do Ouvinte e o Provedor do Telespectador nos serviços públicos de rádio e de televisão

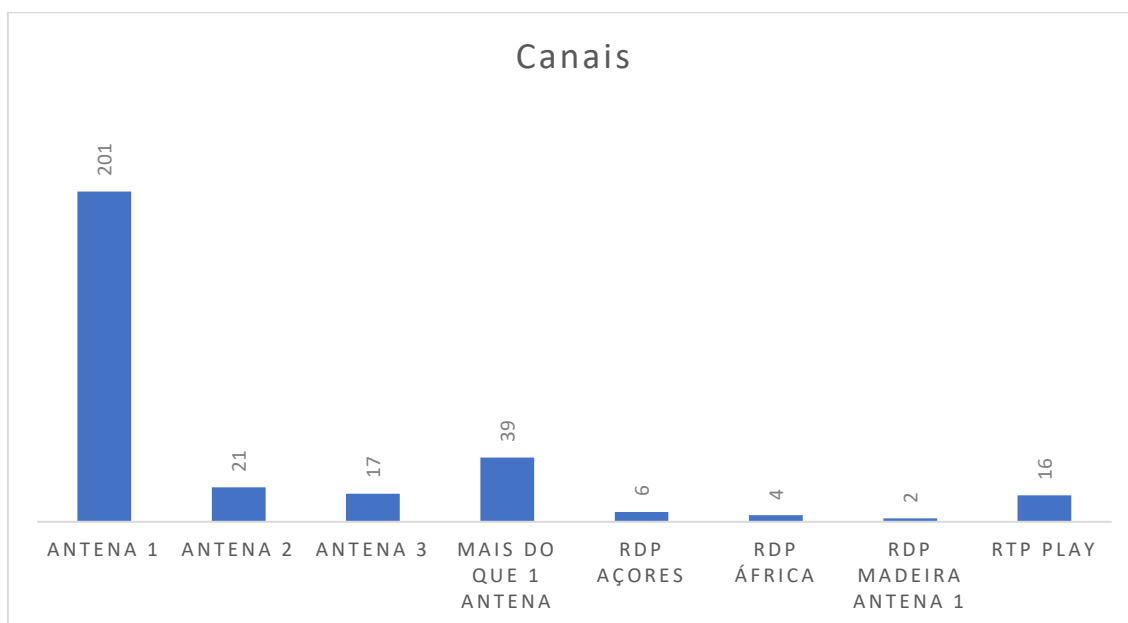
⁴ Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados 2016/679 - regulamento do direito europeu que determina as regras relativas à proteção, tratamento e livre circulação dos dados pessoais das pessoas nos países da União Europeia

Gráfico 1 - Classificação do tipo de Mensagens



O grupo RTP tem vários canais de rádio em FM e na Internet, contudo nem todos são alvo das mensagens dos ouvintes. A Antena 1 colhe o maior número, seguida da Antena 2. As mensagens da RDP África nem sempre tiveram como foco a emissora, mas questões paralelas. Não foram rececionadas mensagens sobre a RDP Internacional.

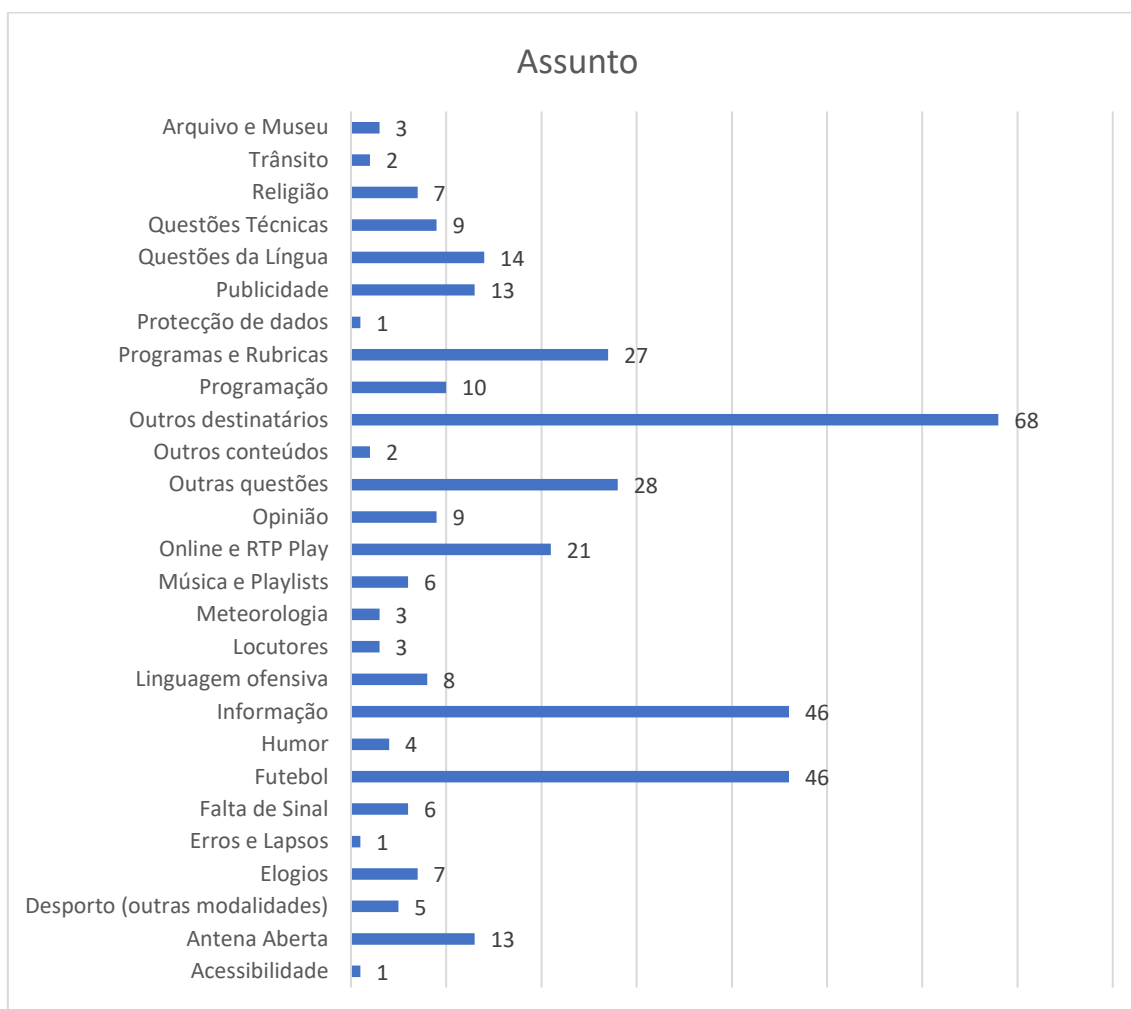
Gráfico 2 – Mensagens por canais de rádio



Relativamente ao tipo de assunto, a informação e o futebol destacam-se ao longo de todo o ano. Algumas mensagens têm mais do que um assunto, ou colocam questões sobre conteúdos que existem em simultâneo em FM e no online, pelo que o número

atribuído à RTP Play é inferior ao real. Nesta categoria, são inseridas as que referem unicamente o portal.

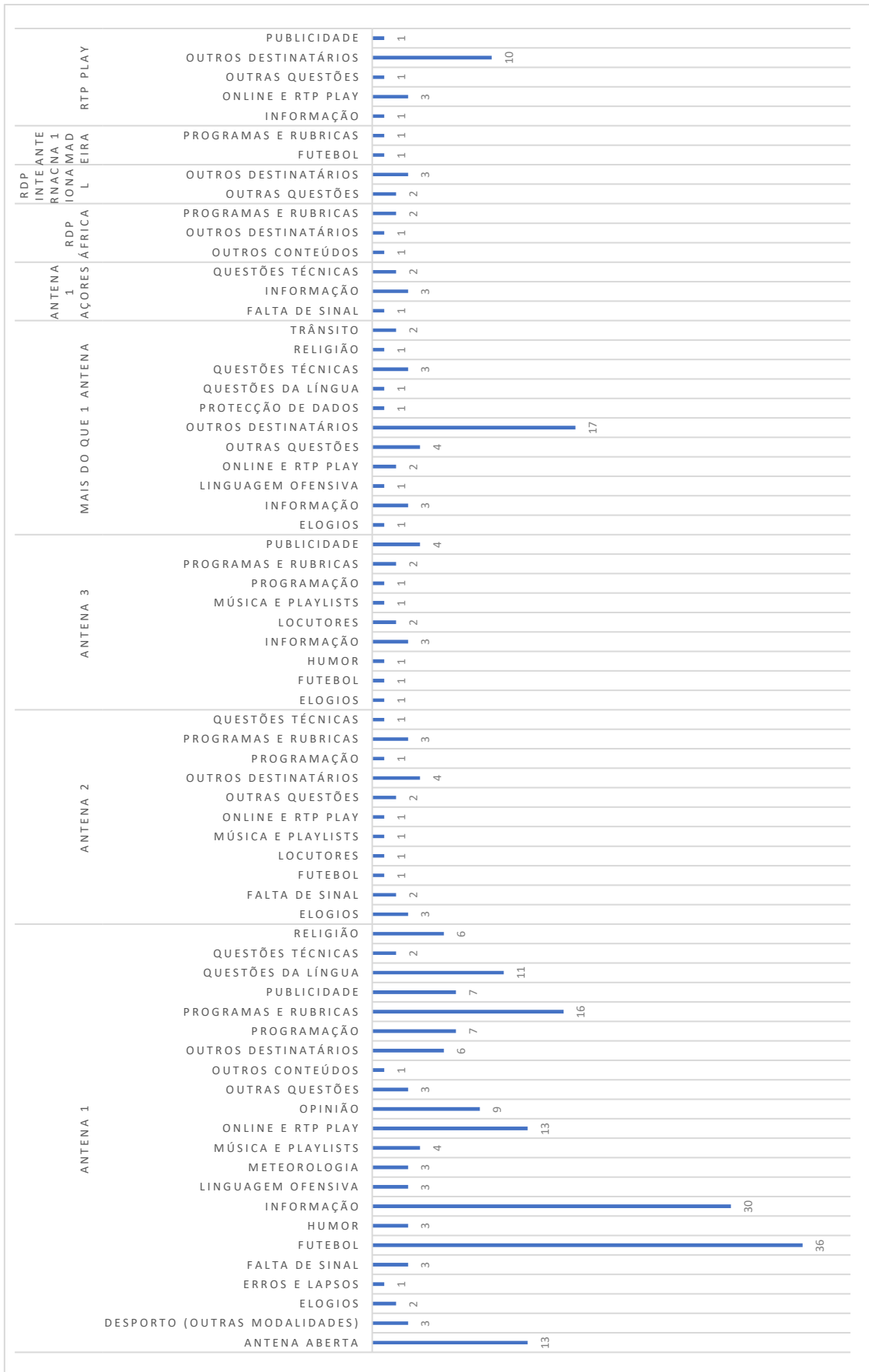
Gráfico 3 - Mensagens por tipo de assunto - Totais



Uma nota ainda para o elevado número de “Outros Destinatários”: são mensagens que, provavelmente por engano, são enviadas à Provedora do Ouvinte e se destinam, por exemplo, à Provedora do Telespetador. São raros os casos em que uma mesma mensagem se dirige a ambas as Provedoras. Algumas, apesar de serem para outros destinatários, têm resposta pela Provedoria do Ouvinte.

A Antena 1 regista uma maior diversidade de assuntos, embora predominem os da informação com destaque para o *item* futebol. Na área da programação o maior número de mensagens visou a nova grelha e as alterações por ela provocadas. Na Antena 3 a publicidade refere-se à dos conteúdos alojados na RTP Play, como se verifica no gráfico seguinte de Tipo de Assunto por Canal. Aliás, deve mencionar-se que os ouvintes quando se referem a conteúdos na RTP Play indicam não a plataforma, mas o canal FM em que são emitidos. Na Antena 2 as mensagens centram-se, essencialmente, nos programas.

Gráfico 4 - Tipo de assunto por canal

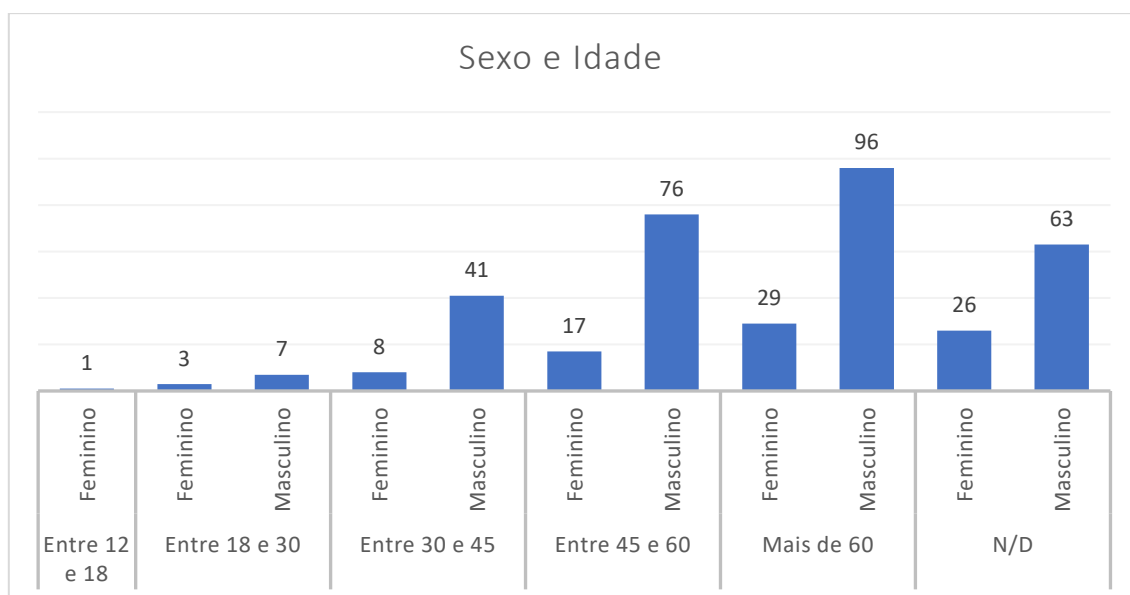


O número de mensagens classificadas como “Linguagem Ofensiva” também é inferior ao real, dado que este grupo não inclui os textos em que os ouvintes criticam e querem ser esclarecidos, embora a forma como o fazem seja inapropriada.

2.2. Perfil dos ouvintes

Ao enviar mensagens pela plataforma do site da RTP, os ouvintes preenchem campos com informações que permitem traçar o seu perfil: homem, com mais de 45 anos, com ensino superior, residente em centros urbanos.

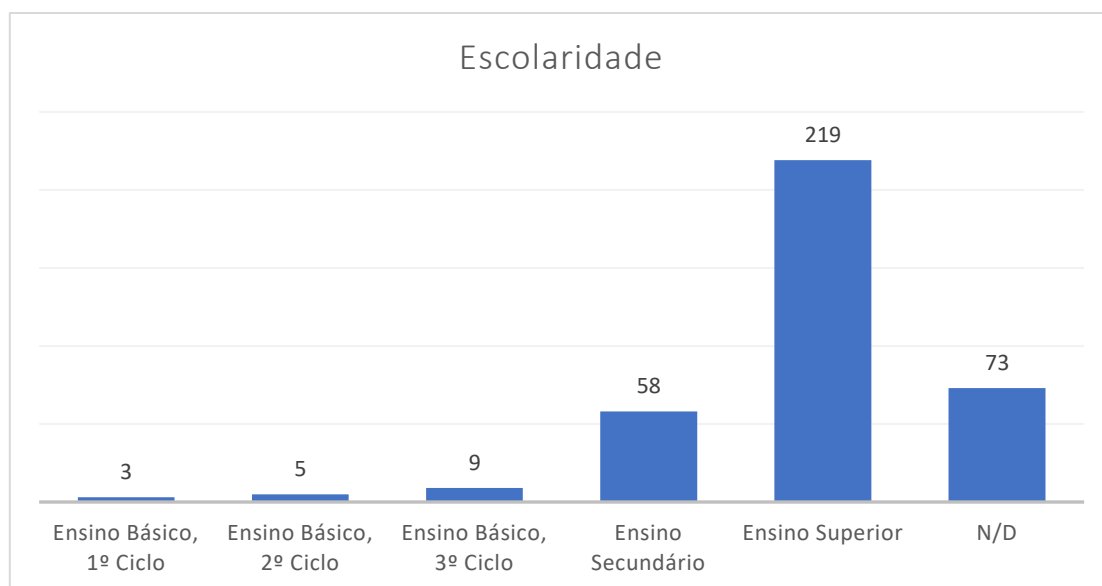
Gráfico 5 - Sexo e idade dos autores das mensagens



É notória a elevada participação da audiência masculina em todas as faixas etárias. Os ouvintes abaixo dos 30 anos pouco escrevem à Provedora. Quem mais o faz são sobretudo homens e no grupo etário dos 60 anos. O leque de profissões é variado, uma vez que a plataforma permite que cada ouvinte insira livremente a sua profissão, dando uma ideia quase individualmente detalhada da ocupação de quem escreve. Uma das mais frequentes é a de aposentado, ou reformado, seguida de professores de todos os níveis de ensino e profissões do sector terciário.

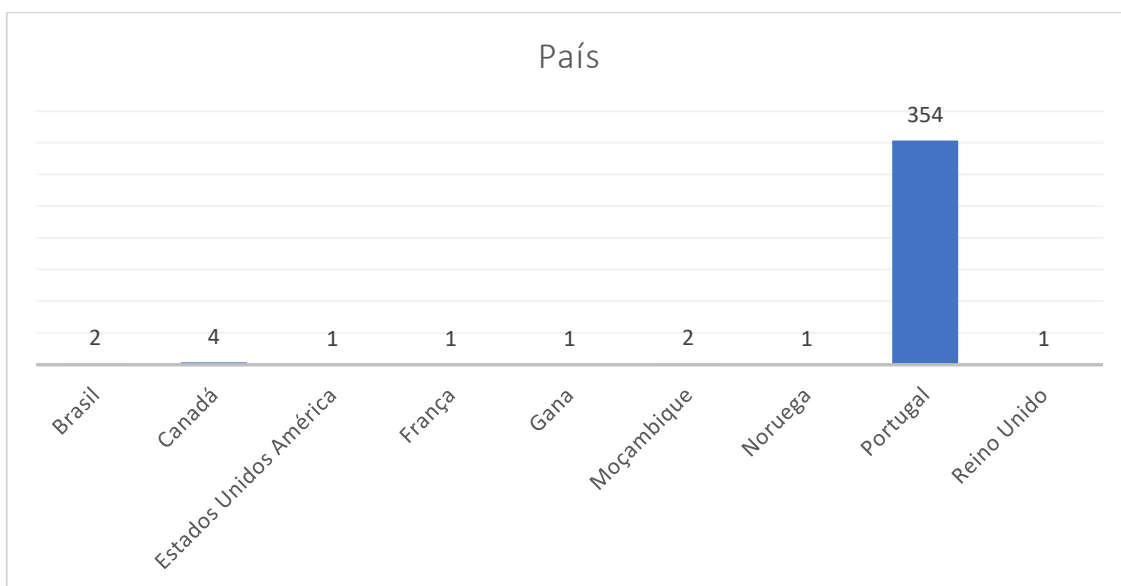
As profissões coincidem com o grau de escolaridade assinalado: há um elevado número de ouvintes com formação superior. Esta categoria foi adicionada à plataforma no decorrer do ano, o que justifica a coluna N/D.

Gráfico 6 - Grau de escolaridade dos autores das mensagens



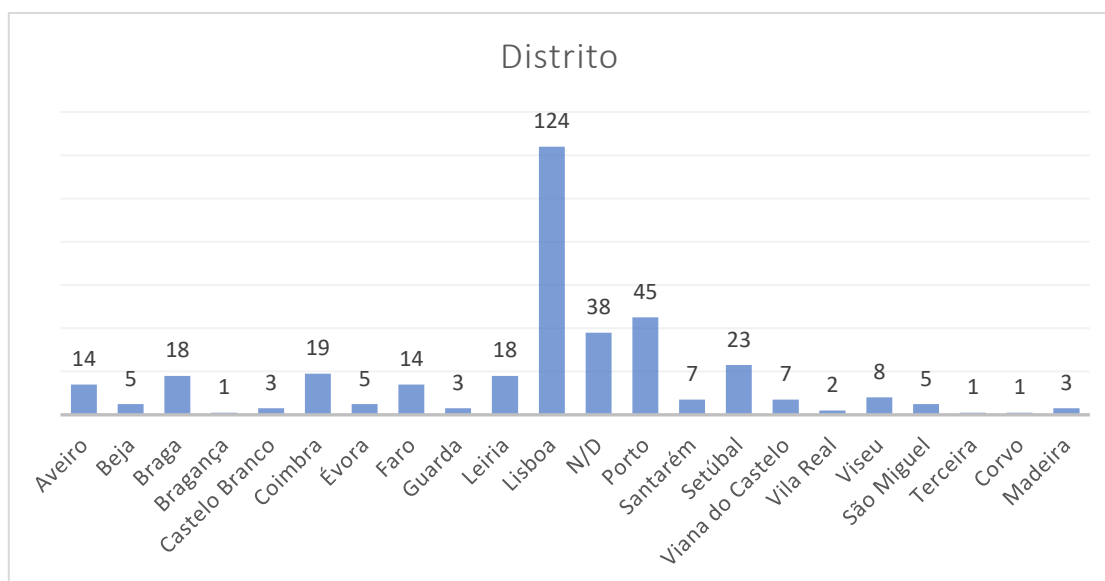
Os ouvintes que enviam mensagens à Provedora residem maioritariamente em Portugal e só muito exceccionalmente escrevem de outros países.

Gráfico 7 - País de origem das mensagens



Em Portugal, a distribuição geográfica revela que estes ouvintes residem nos dois principais centros urbanos: Lisboa e Porto. Embora haja um equilíbrio entre a soma das duas cidades e o resto do país, quando se comparam os totais.

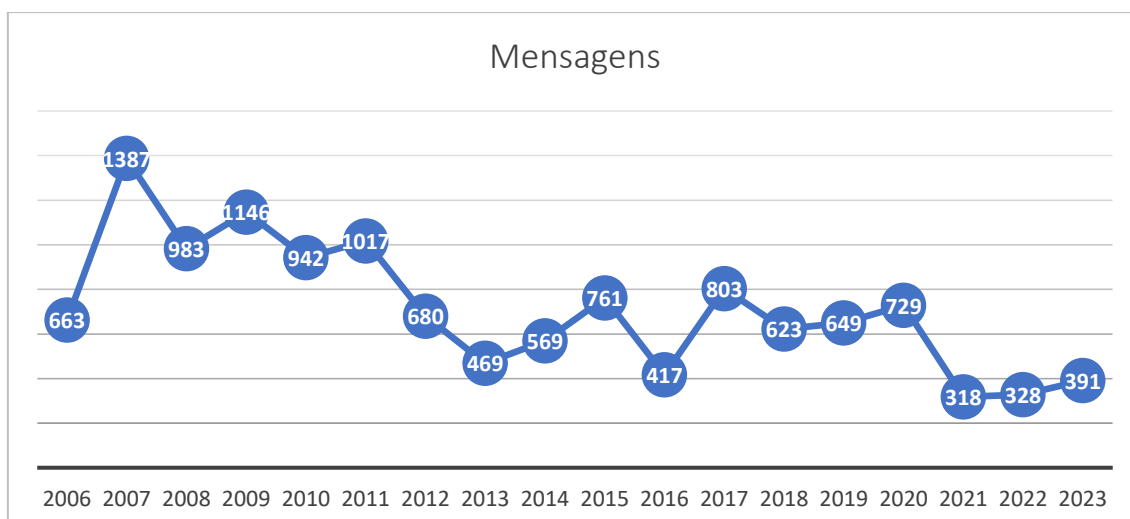
Gráfico 8 - Distrito de origem das mensagens



Os Açores totalizam 10 mensagens provenientes de quatro ilhas, a grande maioria relativa a quebras de emissão ou sinal fraco. Sobre outros assuntos, o número é residual. Da Madeira apenas foram recebidas três.

Quanto ao número de mensagens considerando todas as formas de receção, fez um total de 391. Regista-se um aumento em relação ao ano anterior.

Gráfico 9 - Evolução do número total de mensagens 2006-2023



Em 2021 assinalou-se uma quebra e, desde então, um progressivo aumento de mensagens sem, no entanto, alcançar valores de anos anteriores. A esta evolução não terá sido alheio o facto de o Gabinete ter tido períodos sem Provedor em 2021 e em 2022.

2.3. O Programa Em Nome do Ouvinte

O programa Em Nome do Ouvinte reflete o entendimento que os Provedores têm sobre as suas funções. Desde a sua criação, tem havido uma linha norteadora comum: o Provedor não é apenas um mediador entre os ouvintes e a rádio. Esta conceção passa por ouvir os ouvintes, os profissionais da rádio, quem gere e administra, e ainda os especialistas e académicos que possam dar uma visão contextual, histórica ou global. O programa deve ter uma vertente mais pedagógica, ao explicar os processos de produção e decisão, podendo assim ser um fórum de reflexão e debate que contribua para um melhor conhecimento e autoconhecimento do que é a rádio de serviço público.

O programa não pode limitar-se a ser um muro de lamentações, acusações ou argumentos de defesa. A sua vocação não é a de um Tribunal em que se esgrimem argumentos e no final se dita uma sentença. Em primeiro lugar, porque nem sempre há uma sentença na complexidade atual dos media. E, depois, porque esse não pode ser um fim em si mesmo, pelo formato redutor que encerra. Há um trabalho de distanciamento, contextualização e reflexão necessários – em contraponto com uma Era em que se reage com a ponta dos dedos ao menor impulso.

O programa deve também ser uma espécie de ‘explicador’ do processo de produção das rádios hertzianas e dos conteúdos sonoros da RTP. Nas mensagens, é comum o ouvinte invocar a condição de contribuinte para o serviço público de rádio e deixar no ar a ideia de que quer saber ‘para onde vai’ essa verba. Noutras mensagens, é notório o desconhecimento, natural, de como funciona uma rádio em todas as suas etapas de produção, emissão e receção – o que leva, muitas vezes, à formulação de considerações distanciadas da realidade.

Para melhor responder às mensagens dos ouvintes, achei que devia conhecer de perto a rádio e quem nela trabalha e, assim, mostrar a rádio por dentro - para que o ouvinte tenha uma perceção de como se faz o que ouve 24 horas por dia - e do que isso implica em termos de investimentos e manutenção -, e explicar os modos de produção, as práticas. Ou seja, em que são investidos os dinheiros públicos.

Desta conceção resultou a série de programas ‘Rádio fora de Portas’, uma forma de observar no terreno o que se faz bem, o que falha e porquê. O Gabinete da Provedora acompanhou repórteres, animadores, técnicos e equipas de emissões especiais; saiu com a equipa das antenas e emissores, informação e programação de diferentes antenas da rádio pública⁵. Por alguns dias, o Gabinete instalou-se nos Centros Regionais de Coimbra e Faro, nos Açores (em Ponta Delgada), na Madeira (no Funchal), e no Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia, onde habitualmente gravo a locução dos programas Em Nome do Ouvinte.

⁵ Festival Antena 2, no CCB, em Lisboa; Rali do Marítimo/Município de Machico, na Madeira; Festival Tremor, nos Açores; Emissão especial 75 anos do Metro de Lisboa; Festival Summer Opening 2023, no Funchal; Portugal em direto, na Figueira da Foz; Antena Aberta, em Coimbra; Festival Músicas do Mundo, em Sines; Portugal-Bósnia, no Estádio da Luz; Dias da Rádio, na Casa Museu Igrejas Caeiro, em Oeiras; Festival Paredes de Coura 2023.

Ouvi quem todos os dias leva a Rádio aos ouvintes. A série Rádio fora de Portas é uma forma de abrir a rádio pública ao público. Um exercício de transparência e prestação de contas. No serviço público de média, o programa do Provedor é, assim, um instrumento de “*accountability*”: transparência e responsabilidade perante o público – a quem tem de prestar contas.

O programa Em Nome do Ouvinte tem por base as mensagens, mas não fica condicionado ao formato de mensagem-resposta: responde às queixas, críticas, sugestões e elogios; reflete sobre temáticas levantadas pelos ouvintes ou que o Provedor julgue pertinentes; mostra e explica como se faz a rádio.

O primeiro programa da série XVII foi emitido na Antena 1 no dia 13 de janeiro de 2023. Até ao final do ano foram transmitidas 39 edições, com uma duração média de 15 minutos. O programa não foi emitido quando coincidiu com momentos de programação especial, em dias feriados e durante o mês de agosto.

Em Nome do Ouvinte, o Programa da Provedora do Ouvinte (VII Série)

Ana Isabel Reis

Episódio	Data	Título	Sinopse	Depoimentos
1	13 jan. 2023	Ouvir o Ouvinte	Numa época de comunicação direta, em que os radialistas têm acesso à opinião dos ouvintes em tempo real, para que servem os Provedores? Em Nome do Ouvinte, Ana Isabel Reis foi à procura de respostas.	João Barreiros (RDP Int), João Paulo Baltazar (DI), João Almeida (A2), Nuno Reis (A3), Nuno Sardinha (RDP África), Nuno Galopim (A1)
2	20 jan. 2023	Livro de Estilo	Com que linhas se cose o trabalho da Provedora? Em nome do ouvinte, a Provedora Ana Isabel Reis escuta os jornalistas Adelino Gomes e Francisco Sena Santos sobre as normas que regem a rádio	Adelino Gomes (antigo Provedor), Francisco Sena Santos (jornalista), João Barreiros (antigo DI), João Paulo Baltazar (DI)
3	27 jan. 2023	Como diz?	Para uma rádio com ouvidos, a Provedora Ana Isabel Reis analisa a forma como se pronunciam as palavras na rádio. E escuta o jornalista David Borges, a propósito das variantes da língua portuguesa na RDP África	David Borges (antigo Diretor RDP África), Adelino Gomes (antigo Provedor), Nuno Sardinha (RDP África)
4	03 fev. 2023	Ver, descrever, fazer ver	A Provedora do Ouvinte, Ana Isabel Reis, responde a queixas sobre a falta de reportagem da Antena1 em momentos-chave da atualidade nacional	João Paulo Baltazar (DI)

5	10 fev. 2023	Ouvir os ouvintes do futuro	A propósito do Dia Mundial da Rádio, a Provedora Ana Isabel Reis escuta o que têm os mais novos a dizer sobre a rádio. E reflete sobre o assunto, com a ajuda do investigador Vítor Tomé e da radialista Iolanda Ferreira	Iolanda Ferreira (Rádio ZigZag), Vítor Tomé (investigador)
6	17 fev. 2023	Fora de Jogo	A Provedora Ana Isabel Reis analisa queixas sobre o espaço dedicado ao futebol, em detrimento da informação, e ainda sobre a pertinência das informações de trânsito, tempo e bolsa	Paulo Sérgio (DI Despt), Nuno Galopim (A1)
7	03 mar. 2023	Ouvir tudo só na Rádio	A Provedora Ana Isabel Reis reflete sobre as consequências para a rádio das novas regras europeias sobre os direitos de autor e conexos	Francisco Burguete (Advogado)
8	10 mar. 2023	Eu olho à minha volta	Para uma rádio com ouvidos, Ana Isabel Reis inicia uma série de programas sobre a rádio fora de portas. Esta semana, a reportagem internacional, com os testemunhos de José Manuel Rosendo, Nuno Amaral e Luís Peixoto.	José Manuel Rosendo (A1), Nuno Amaral (A1), Luís Peixoto (A1)
9	17 mar. 2023	Rádio fora de portas: Programas de informação	A Provedora Ana Isabel Reis dá uma volta pelo País, à boleia dos programas da Antena1 Portugal em Directo e Antena Aberta.	António Jorge (AA), Cláudia Costa (PD)
10	24 mar. 2023	Critérios	À caixa de correio da Provedora chegam com frequência queixas sobre os critérios editoriais do que passa e do que não passa na rádio. Nesta edição, Ana Isabel Reis aborda os critérios dos relatos de futebol	Nuno Galopim (A1), Paulo Sérgio (DI Despt)
11	31 mar. 2023	Rádio Fora de Portas: Olhar nos Olhos	A Provedora acompanha dois programas fora dos estúdios: o Linha Africana, da RDP África, e o Duas ou Três Coisas, da Antena1. Pelo caminho, o programa Em Nome do Ouvinte regressa à Casa Igrejas Caeiro, em Caxias.	João Pedro Martins (RDP África)
12	14 abr. 2023	Critérios editoriais na Política	Depois de analisar os critérios para os relatos de futebol, a Provedora aborda as opções editoriais na cobertura político-partidária na Assembleia da República e na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores	Pedro Moreira (A1 Açores), Madalena Salema (A1)

13	21 abr. 2023	Quando a Rádio Não Toca	Resposta a queixas sobre má recepção ou ausência de emissão nas ilhas do Corvo, Pico, Flores e Terceira.	Ana Cristina Falâncio (EST RTP), José Amaral (EST RTP)
14	28 abr. 2023	Rádio Fora de Portas - Agora em Direto	Festivais de Música. A Provedora acompanhou a Antena 3 em S. Miguel, nos Açores; e a Antena2 no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.	
15	5 maio. 2023	Limites da Opinião	Haverá limites para a opinião em antena? A partir de mensagens de ouvintes, a Provedora entrevista os jornalistas Joaquim Fidalgo, António Jorge e Cristina Esteves. E propõe um Editor de Opinião para a rádio Pública.	Joaquim Fidalgo (investigador), António Jorge (AA), Cristina Esteves (E Deus criou o Mundo)
16	19 maio. 2023	Crítérios - Emissões Especiais da Informação	Em análise, a cobertura da Antena1 da visita de Lula da Silva a Portugal, da entrega do Prémio Camões e das cerimónias do 25 de Abril no Parlamento.	João Paulo Baltazar (DI)
17	26 maio. 2023	Antena 3, Ainda Aqui Estou	Há ouvintes que cresceram com a Antena3. E ao gabinete da Provedora chegam agora queixas numa audiência que já transporta os filhos e até os netos no banco de trás do carro.	Nuno Reis (A3)
18	2 jun. 2023	Rádio Fora de Portas – Levar a Rádio a Toda a Gente	Na série Rádio Fora de Portas o gabinete da Provedora juntou-se à equipa de técnicos das antenas e emissores e mostra como é o trabalho a 80 metros de altitude.	Vitor Fernandes (EST RTP), Ana Cristina Falâncio (EST RTP)
19	9 jun. 2023	De clique em Clique	Neste em Nome do Ouvinte abrimos a página principal do sítio da Antena 1, na Internet, que se renovou em outubro do ano passado.	João Pedro Galveias (RTP Play), Nuno Galopim (A1), João Paulo Baltazar (DI), Jorge Alexandre Lopes (Multimédia)
20	16 jun. 2023	Sites RTP	Em Nome do Ouvinte, a Provedora Ana Isabel Reis continua à procura da rádio nos sites da RTP.	João Pedro Galveias (RTP Play), Nuno Galopim (A1), João Paulo Baltazar (DI), Jorge Alexandre Lopes (Multimédia), Joana Garcia (RTP Notícias, em texto)
21	23 jun. 2023	A Provedora Do Ouvinte	A Provedora volta a sair com a equipa das antenas e emissores, para falar sobre os investimentos necessários para que a rádio chegue a toda a gente. E acompanha a visita dos técnicos a casa de um ouvinte.	Vitor Fernandes (EST RTP), Ana Cristina Falâncio (EST RTP)

22	30 jun. 2023	Parcerias	A Provedora do Ouvinte analisa as parcerias no serviço público de rádio. E deixa um alerta: a necessidade aguça o engenho, mas o engenho não subsiste sem uma estratégia e um financiamento que o sustente.	Nuno Sardinha (RDP África), João Barreiros (RDP Int), João Almeida, (A2) Nuno Reis (A3), Nuno Galopim (A1)
23	7 jul. 2023	Ouvir (ou não) os Ouvintes	As mensagens dos ouvintes não se limitam às queixas. Nesta edição, a Provedora apresenta algumas das sugestões enviadas por ouvintes que esperam que a rádio pública seja uma rádio com ouvidos.	João Almeida (A2), Nuno Galopim (a1), Jorge Alexandre Lopes (Multimédia), João Paulo Baltazar (DI)
24	14 jul. 2023	Calão	Palavra obscena, grosseira, asneira, nome feio, palavrão – calão – ouvimo-las todos os dias e a todas as horas. Abordamos, neste programa, o calão na música da rádio pública.	Nuno Galopim (A1), Nuno Reis (A3), Henrique Amaro (A1)
25	21 jul. 2023	Rádio Fora de Portas - Os últimos a Sair	Na série Rádio Fora de Portas o Gabinete da Provedora juntou-se às equipas do desporto da rádio pública.	Paulo Sérgio (DI Despt)
26	28 jul. 2023	Balanço e Queixas	Seis meses depois do início do mandato, Ana Isabel Reis faz um balanço e firma algumas das recomendações originadas pelas mensagens dos ouvintes. A Provedora responde também a duas queixas sobre transmissões em directo.	Natália Carvalho (A1)
27	22 set. 2023	Agilidade	Os ouvintes quiseram saber por que motivo dois dos três jogos da Seleção Nacional de Futebol Feminino não foram transmitidos na Antena1. Vamos ouvir as respostas.	Paulo Sérgio (DI Despt), Nuno Galopim (A1), Nuno Reis (A3)
28	29 set. 2023	Queixas de Verão	A Provedora Ana Isabel Reis analisa queixas dos ouvintes em torno da cobertura da Jornada Mundial da Juventude e das repetições na programação de Verão da Antena1.	Nuno Galopim (A1), Paulo Sérgio (DI)
29	6 out. 2023	Rádio Fora de Portas - Festivais	Como se prepara a transmissão dos festivais de Verão.	Luís Oliveira (A3)
30	13 out. 2023	Eleições e Futebol	Resposta a queixas sobre futebol feminino e cobertura das eleições regionais na Madeira.	Mário Galego (DI), Nuno Galopim (A1)
31	20 out. 2023	Antena 1 Açores	A Provedora Ana Isabel Reis deslocou-se à ilha de S. Miguel, no arquipélago dos Açores, e dá conta do que encontrou no Centro Regional de Ponta Delgada.	Pedro Moreira (A1 Açores), Lena Goulart (A1 Açores), Rui Goulart (A1 Açores)

32	27 out. 2023	Mudanças na Antena 1	Os directores de Programas e de Informação respondem às queixas dos ouvintes sobre a nova grelha da Antena1.	Nuno Galopim, (A1) Mário Galego (DI)
33	3 nov. 2023	RDP Madeira – Fazer Acontecer	A Provedora do Ouvinte deslocou-se ao Centro Regional da Madeira da RDP, no Funchal, e encontrou uma equipa pequena e todo-o-terreno.	Carlos Pestana (A1 Madeira), Filipe Ramos (A1 Madeira), Martim Santos (A1 Madeira)
34	10 nov. 2023	Rádio Fora de Portas - Íamos a Passar	A Provedora acompanhou uma emissão especial da Antena 1 nas estações de metro de Lisboa	Nuno Galopim (A1), Mário Galego (A1)
35	17 nov. 2023	Queixas	A Provedora analisa queixas de ouvintes sobre a emissão do dia em que o Primeiro Ministro apresentou a demissão, e sobre uma tarde desportiva que anulou um noticiário por poucos minutos.	Mário Galego (A1)
36	24 nov. 2023	Jornalismo e Contraditório	Bastará ouvir dois lados numa contenda para garantir o contraditório? A partir da mensagem de um ouvinte, Ana Isabel Reis reflecte sobre o assunto.	Mário Galego (A1), Manuel Pinto (investigador)
37	15 dez. 2023	Transparência	A pretexto da mensagem de um ouvinte, a Provedora do Ouvinte dedica dois programas às fontes das notícias. Neste primeiro episódio aborda-se a transparência.	José Manuel Rosendo (A1), Mário Galego (DI), Manuel Pinto (investigador)
38	22 dez. 2023	Questionar e Confrontar	A pretexto da mensagem de um ouvinte dedicamos dois programas às fontes das notícias. Hoje abordamos o contacto com as fontes organizadas e oficiais.	Andrea Neves (A1), Mário Galego (DI), Manuel Pinto (investigador)
39	29 dez. 2023	Diálogo entre religiões	Neste Em Nome do Ouvinte a Provedora, Ana Isabel Reis, fala dos programas sobre religião na Antena 1.	Carlos Quevedo (E Deus criou o Mundo), Paulo Rocha (A Fé dos Homens)
https://www.rtp.pt/play/p11100/e663770/em-nome-do-ouvinte-o-programa-da-Provedora-do-ouvinte-vii-serie				

Tabela 1 - Guiões dos programas Em Nome do Ouvinte (textos em anexo)

2.4. Casos

De entre as mensagens recebidas e os temas abordados nos programas, destacam-se alguns casos que merecem uma reflexão mais profunda. Não é minha intenção substituir-me a quem gere a informação e programação, nem é isso que se pretende da figura do Provedor. A intenção é a de provocar algum debate e reflexão sobre assuntos que partem das mensagens dos ouvintes. Problematizar, analisar e debater o que foi decidido e feito à luz de diferentes pontos de vista contribui para a construção de um

melhor serviço público de rádio. Ainda mais quando essa reflexão é suscitada pelos ouvintes – o fim último do serviço público.

Neste capítulo abordo com mais detalhe alguns dos casos que marcaram o ano de 2023, pelo número de mensagens, pela relevância do tema, ou pela forma como foi solucionado – ou não foi.

Conforme já referido, na classificação das mensagens por Tipo de Assunto, o desporto, em concreto o futebol, foi um dos temas que mais mensagens gerou - quase sempre de Crítica ou Queixa.

Campeonato do Mundo de Futebol Feminino

O Campeonato do Mundo de Futebol Feminino, que se realizou na Austrália e na Nova Zelândia, foi um dos assuntos que motivou mais queixas de ouvintes. A seleção nacional qualificou-se, pela primeira vez, para um Mundial. A rádio pública destacou um repórter para o campeonato e fez o relato do primeiro jogo da seleção feminina (Portugal x Países Baixos), que aconteceu às 8.30h da manhã de domingo, 23 de julho. O mesmo não aconteceu com os dois jogos seguintes (Portugal x Vietname, a 27 de julho, às 8.30h, e Portugal x Estados Unidos, dia 1 agosto, às 8h). Na Antena 1, a emissão foi pontuada por intervenções breves do jornalista enviado ao campeonato. A decisão de transmitir apenas o jogo de estreia foi tomada pela Direção de Informação, em conjunto com a Direção de Programas da Antena 1.

O relato dos dois jogos seguintes foi feito pela Antena 3, a partir do que era visionado na televisão, com comentadores em estúdio.

As mensagens dos ouvintes começaram a chegar logo no final do segundo jogo. Entre acusações de discriminação e desrespeito, manifestações de repúdio, tristeza e indignação, todas questionavam os critérios da Antena 1 para não transmitir os jogos:

“Venho por este meio mostrar a minha insatisfação/indignação pelo facto de não terem dado o relato de futebol da seleção portuguesa de feminina no campeonato do mundo, tendo eu 200% de certeza que se fosse o masculino daria o relato nem que fosse um jogo a "fajões".

“Acredito e compreendo, até que, eventualmente pudesse não existir espaço na programação da Antena 1 para acompanhamento do jogo. Mas não teria sido melhor a transmissão ser feita na Antena 3, pelo enviado especial do grupo à Nova Zelândia?”

“Muito me entristeceu hoje de manhã, no meu caminho para o trabalho, verificar que a Antena 1 não estava a transmitir o jogo da Seleção Feminina Portugal-Vietnam. Segundo a jornalista Filomena Crespo, "estamos a acompanhar a Seleção Portuguesa", mas não a transmitir. Sugiro que, numa atitude inclusiva à séria, com a vertente "serviço público", passem a transmitir TODOS os jogos da Seleção Feminina, e não apenas alguns, quando o horário é aceitável!”

“venho por este meio expressar o meu repúdio e vergonha enquanto português relativo ao comportamento discriminativo em pleno século 21 contra o desporto feminino e a mulher em

geral. Estando a jogar Portugal um campeonato do mundo pela primeira vez a rádio paga com o dinheiro de todos nós optou por não transmitir em direto o jogo de hoje através do enviado que se encontra a acompanhar o mundial na Nova Zelândia, em vez disso passou o jogo na Antena 3 com relato por pessoas que estavam a acompanhar o mesmo pela televisão.”

“Não pode a rádio pública pregar a igualdade de género e depois num evento desta magnitude, onde a nossa seleção está pela primeira vez ser tratada com tão evidente discriminação face ao sexo masculino.”

As mensagens foram transmitidas às direções de Informação e de Programas da Antena 1 e da Antena 3, dando nota de que iria abordar o assunto no programa seguinte - que seria emitido em setembro. No dia 1 de agosto realizou-se o terceiro jogo e as estações mantiveram o formato anterior: intervenções do enviado especial ao longo da emissão da manhã na Antena 1 e, na Antena 3, uma emissão especial com relato pela televisão e convidados em estúdio. Uma vez que foi replicado o modelo, como era expectável, os ouvintes voltaram a demonstrar o seu desagrado pelo facto de a Antena 1 não ter transmitido os jogos.

O primeiro programa depois do período de férias foi integralmente dedicado ao Campeonato do Mundo de Futebol Feminino. Intervenientes: o responsável pelo desporto da Direção de Informação da Rádio, o Diretor de Programas da Antena 1 e o Diretor da Antena 3.

Em resposta aos ouvintes, foram invocadas várias razões para a não transmissão dos dois jogos na Antena 1: que se realizaram a dias de semana de manhã e, sendo esse um dos horários nobres da rádio, os relatos obrigavam a desmontar a programação normal da manhã; era um horário de grande audiência que, àquela hora, procura sobretudo conteúdos úteis e informativos; o arranque da emissão especial da manhã da Jornada Mundial da Juventude, em vésperas da visita do Papa Francisco a Portugal; o planeamento feito com meses de antecedência das diversas operações especiais daquela época e que envolveram um grande número de profissionais e meios; a audiência das competições de futebol feminino não ser, supostamente, suficientemente expressiva; e, ainda, o histórico da prestação da modalidade. Por estas razões, a decisão de não transmitir os jogos da seleção feminina foi reiterada. Colocada a questão se, decorrido um mês, a decisão se manteria, a resposta foi afirmativa, embora se tenha registado abertura para transmissões futuras, como, de resto, acabou por acontecer. Ambas as direções aludiram às provas com equipas femininas que a Antena 1 tinha já transmitido e as que estavam agendadas a partir de então.

Decorrido um mês, esperava encontrar um nível diferente de reflexão e ponderação.

O que se ouviu na emissão da Antena 1 contrasta com as opções tomadas. Se se tratou de uma “prestação histórica”, de “elite”, “emocionante”, “memorável”, “que prova o crescimento do futebol feminino” - como jornalistas e comentadores afirmaram -, a seleção feminina acabou por não ter o palco principal na Antena 1. Os ouvintes, homens e mulheres, escreveram à Provedora com registos entre a indignação e a tristeza.

Há vários pontos passíveis de reflexão. Um deles é a expectativa gerada pela seleção feminina, num contexto social e desportivo único que já tinha sido refletido na rubrica diária 'A Vez Delas'⁶. Outro é o efeito que a prestação do futebol feminino já tem, e terá, na mudança de mentalidades e tudo o que ela abarca. Quando se fazem opções, há que saber ler o que nos rodeia, corresponder a expectativas ou antecipá-las, e correr riscos. A questão das audiências é, também por isso, um critério discutível, sobretudo numa rádio de serviço público, e é um critério duvidoso: este Mundial bateu recordes de audiências nos estádios e fora deles.

Se olharmos apenas pelo que é notícia, temos um conjunto de valores: a novidade, a proximidade, o que circula ou aquilo de que se fala, o repórter no local. Numa palavra: a relevância. Ao enviar um jornalista, a rádio pública está a reconhecer essa relevância - mas não com os resultados em antena que os ouvintes esperavam.

Uma última nota, para lembrar que uma das características que continua a diferenciar e a afirmar a rádio ao longo da história é a agilidade: a capacidade de rapidamente poder adaptar-se à realidade enquanto ela se desenrola e de responder às mudanças da sociedade em que se insere. Apesar de ser planeada ao segundo para nada falhar, a rádio tem sabido ser ágil e flexível quando a realidade se impõe ou está em mutação.

Na cobertura do desporto feminino há passos dados, mas é nestas alturas que o serviço público pode tomar a dianteira e afirmar-se.

Na sexta-feira em que o programa Em Nome do Ouvinte sobre este assunto foi emitido, por coincidência, a seleção nacional feminina jogou com a França na fase de apuramento da Liga das Nações. A rádio pública não transmitiu esse jogo, nem o seguinte - em que Portugal defrontou a Noruega, no Estádio Cidade de Barcelos. Os ouvintes tornaram a queixar-se, e as queixas foram encaminhadas para as respetivas direções. Duas semanas depois, o assunto voltou ao programa da Provedora. Entretanto, uma nova Direção de Informação tinha assumido funções e, juntamente com a Direção de Programas, sublinhou a atenção dada às equipas femininas em face dos resultados recentes. A opção de não transmitir os jogos foi justificada com o facto de implicar um planeamento a longo prazo que já não se foi a tempo de alterar. Assim, foi decidido que os jogos da fase de apuramento iriam continuar a ser acompanhados com apontamentos de reportagem durante a emissão e, caso a seleção fosse apurada, a Antena 1 transmitiria os jogos da Liga das Nações. Portugal não foi apurado.

A questão da agilidade foi novamente colocada. A rádio é ágil por natureza, reconheceu o novo Diretor de Informação, embora admitindo que, por vezes, essa agilidade "é muito curta e não conseguimos ser assim tão ágeis quanto a rádio deveria ser", sobretudo por não haver repórteres suficientes. E ficou registada uma promessa: "outras [partidas] se hão de seguir". Os jogos da Liga das Nações não foram transmitidos, mas a Antena 1 fez relato de outras competições femininas e foi elogiada publicamente por ser a única rádio portuguesa que acompanhou a seleção nacional de hóquei, e que esteve presente no

⁶ Rubrica diária que foi transmitida antes do primeiro jogo da Seleção Feminina no Mundial de Futebol na Nova Zelândia e Austrália

Europeu Feminino de Hóquei em Patins, que se realizou em dezembro, em Olot, Espanha.

Relatos do Campeonato Nacional de Futebol I Liga

Desde 2005 que a Antena 1 só relata os jogos em que participam os denominados três grandes: o Benfica, o Porto e o Sporting. O Braga tem baralhado esta equação e tem estado entre os três primeiros. Por mais do que uma vez jogou para subir ao 2º lugar da tabela e nem sempre a Antena 1 transmitiu as partidas, fazendo o relato apenas se o clube jogasse com um dos chamados três grandes. As queixas foram chegando à medida que o Braga ia acumulando pontos:

“Escrevo-lhe para perceber o critério da rádio pública na transmissão de relatos desportivos: acompanhar na íntegra os três primeiros classificados ou os três autoproclamados clubes "grandes" do futebol português?”

“O Sporting de Braga é um clube que representa o país na Europa e todos os portugueses. Acho vergonhosa a tomada de decisão de deixar de transmitir os jogos do clube (...).”

“O jogo do Braga contou apenas com informações. Enquanto cidadão português, Bracarense de nascimento, mas deslocado e que acompanha o Sporting de Braga na Antena 1, como contribuinte, vejo-me no direito de perceber esta decisão.”

“Tem de haver critérios objetivos e mensuráveis para decidir fazer um relato e não outro.”

“A minha questão, não enquanto adepta de um clube, mas como adepta de futebol e ouvinte desta emissora para a qual também contribuo é: que critério utiliza a Antena 1 para a transmissão dos relatos?”

“Eu e muitos milhares aguardamos uma explicação”

As mensagens foram encaminhadas para as direções de Informação e de Programas, com um pedido de esclarecimento sobre os critérios para a realização dos relatos, e se, dadas as circunstâncias, não ponderavam incluir o terceiro classificado em futuras transmissões. As diretrizes sobre os relatos estão definidas pela direção da Antena 1 desde 2005 e são cumpridas sem exceções. Um quarto relato no campeonato nacional de futebol só é admitido em circunstâncias específicas, por exemplo, nas últimas jornadas - quando pode influenciar a tabela.

Incluir um quarto relato significava mais tempo na programação para o futebol. A Direção de Informação remeteu as respostas para a Direção de Programas, que é quem tem a última palavra na gestão e emissão dos conteúdos da Antena 1. No decorrer desta

troca de correspondência, é decidido alterar os critérios. Assim, numa entrevista ao programa Em Nome do Ouvinte, a Direção da Antena 1 dá conta de que estaria a ser equacionada a possibilidade de incluir os relatos do quarto classificado. O que acabou por acontecer logo na jornada seguinte.

Acompanhar quem está entre os três primeiros é coerente com os critérios jornalísticos e responde àquilo que deve ser o serviço público: o mais abrangente possível e não se restringir apenas aos denominados três grandes clubes. Mas esta não é uma decisão pacífica. A opção pode agradar a quem gosta de futebol, mas desagrada, certamente, aos ouvintes que escrevem à Provedora a protestar pelo tempo excessivo que lhe é dado na programação e nos noticiários, impondo-se à restante atualidade e modalidades desportivas. Quaisquer que sejam os critérios, haverá sempre incluídos e excluídos. E, neste caso, não havia apenas dois pratos na balança. Havia que pesar vários fatores: a coerência de relatar ou deixar de fora quem estava entre os três primeiros; o tempo que um quarto jogo ocuparia na programação; a supressão de programas e a desformatação de períodos de emissão; e as diferentes expectativas da audiência.

Estas questões são se esgotaram neste programa, porque o tempo dedicado ao futebol na Antena 1 é dos assuntos que gera mais mensagens.

Emissões de Futebol e o resto da atualidade

As mensagens sobre o tempo dado ao resto da atualidade durante as emissões desportivas foi um tema recorrente ao longo de 2023, embora com casos diversos que podem ser agrupados num único tema: os noticiários.

Em dia de jogos, a programação habitual é alterada para dar lugar a longos períodos dedicados aos eventos desportivos. Os noticiários são reduzidos ao mínimo e não coincidem com o sinal horário. Estes dois fatores geram queixas. Mas, nos últimos meses do ano, os ouvintes manifestaram também desagrado pela supressão de noticiários à hora certa, mesmo quando emissão desportiva termina poucos minutos depois:

“Quero apresentar o meu desagrado pelo facto de ser recorrente a Antena1 "esticar" a emissão de "desporto" após o fim dos jogos mesmo quando estes acabam 20 ou 30 minutos antes da hora certa. Exemplo no sábado passado dia 4 de novembro o jogo Chaves vs Benfica terminou muito antes das 18h, mas esticaram a emissão de comentário até às 18h10 para o noticiário à hora certa não ir para o ar, o mesmo aconteceu após o jogo Braga vs Portimonense que terminou 30 a 20 minutos antes das 23h no entanto mais uma vez "esticaram " a emissão até às 23h10 para o noticiário à hora certa não ir para o ar. Porquê?”

“venho apresentar o meu desagrado pelo facto de a equipa de desporto da Antena1 ter prolongado a emissão até às 23h10 na sexta-feira e ontem sábado após os jogos para a taça de Portugal, o de sexta-feira acabou faltavam 20 minutos para as 23h e o de ontem

18 minutos para as 23h, tempo mais que suficiente para fazerem os comentários aos jogos e o noticiário à hora certa ir para o ar. Já percebi que este "esticar" da emissão mais 10 minutos é propositado para que o noticiário não vá para o ar, sei que há falta de jornalista na Antena 1, mas se assim é deveriam cortar na equipa de desporto e nos comentadores para terem jornalistas suficientes para que os noticiários possam ir para o ar. Vejo-me empurrado para a TSF ou Renascença para poder ouvir o noticiário em dia de futebol na Antena 1. Sugiro que se acham que é muito importante dar tempo aos comentadores para a conversa da treta habitual que o façam após os noticiários, e até podem ficar 40 ou 50 minutos na conversa da treta até à hora certa seguinte e o noticiário dessa hora ir para o ar."

"Queria perceber como é que o jogo de futebol Portugal vs Islândia acaba a 22 minutos das 22h e o noticiário das 22h não vai para o ar? Sendo que a emissão de "desporto" terminou 52 minutos após o final do jogo, recorro que uma parte de um jogo de futebol tem 45 minutos, na minha opinião acho um exagero que haja mais tempo de comentário que uma das partes do jogo e que isso impeça que o noticiário à hora certa vá para o ar. O noticiário poderia ter ido para o ar e depois poderiam continuar com os comentários que mais parece conversa de café. A Antena 1 faz serviço público, mas em dia de jogos de futebol é recorrente este prolongar dos comentários após o final dos jogos fazendo com que o noticiário à hora certa não vá para o ar. Gostaria que isso pudesse mudar."

Ouidas as emissões referidas pelos ouvintes, há que fazer uma correção: em algumas houve noticiários. Mas, a correção não anula a pergunta pertinente dos ouvintes: faz sentido estender a emissão de desporto com comentários e resumos por mais 10 ou 15 minutos, eliminando assim o noticiário?

Sobre este ponto em concreto, o responsável pelo desporto da atual Direção de Informação respondeu que regista "a pertinência das questões levantadas pelos ouvintes", acrescentando que "o problema colocado sobre os noticiários e o caráter talvez excessivo dos espaços de comentário a seguir aos jogos é muito relevante e será objeto de análise por parte da Direção de Informação."

Esta questão já tinha sido colocada e abordada num dos programas Em Nome do Ouvinte. Na altura, a anterior Direção de Informação reconheceu que o futebol ocupa um espaço privilegiado na emissão da Antena 1, que responde à expectativa de uma boa parte da audiência que sintoniza a rádio pública para ouvir os relatos, mas que defrauda quem quer continuar a ouvir os noticiários à hora certa. Por mais do que uma vez nos referimos à necessidade de estabelecer um equilíbrio.

As críticas dos ouvintes colocam em perspetiva os critérios editoriais que levam a que se privilegie mais o comentário e resumos do que um noticiário, depois de uma tarde desportiva em que a informação surge, quase sempre, em forma de síntese. A questão é válida e concordo inteiramente com a Direção de Informação quando refere que

merece uma reflexão - tendo em conta vários pontos -, sobre se se justifica eliminar um noticiário quando a emissão de desporto termina poucos minutos depois da hora certa; e se se justifica o tempo de emissão pós-jogo ocupado com comentários. Há ainda uma outra variável que tem de ser tida em conta: os comentários e as informações de outros jogos também preenchem o tempo de espera pelas entrevistas rápidas e pelas declarações dos protagonistas do jogo. Uma emissão de desporto não tem música, os “tempos mortos” têm de ser preenchidos. O que pode ser alvo de avaliação é se faz sentido esperar por algumas dessas informações ou declarações – cujo agendamento e realização não dependem da Antena 1, ou incluí-las, por exemplo, no noticiário, em vez de eliminá-lo. Essa será sempre uma decisão editorial fundada em critérios jornalísticos. O tempo dedicado ao futebol na Antena 1 é algo que merece ser objeto de uma reflexão mais profunda.

RTP *online*: RTP Play, sites da RTP e sites das rádios

Ao longo de 2023 recebi várias mensagens que visavam os programas áudio da RTP. O grupo divide-se em múltiplos sites e aplicações, que disponibilizam milhares de conteúdos. Embora o FM ainda domine a escuta de rádio, nos últimos anos a audiência tem-se deslocado progressivamente para a audição no computador e no telemóvel. Foi incontornável, por isso, abordar a presença *online* das rádios. Aproveitando a renovação do site da Antena 1, e a informação de que as páginas das restantes rádios seriam também renovadas, o programa Em Nome do Ouvinte dedicou duas edições aos conteúdos de áudio nos sites da RTP. Com base num levantamento de dados dos sites, e dos estudos existentes neste âmbito, foram entrevistados os responsáveis dos diversos canais e da área de multimédia. Esta metodologia permitiu fazer um diagnóstico pouco favorável à presença da rádio e do áudio nos sites do grupo:

- Site RTP: os cinco primeiros destaques, bem como os restantes, não tinham conteúdos em áudio.

- RTP Play: os produtos sonoros concentravam-se na categoria “Rádios em Direto” e nos 15 destaques da secção “Para Ouvir”. Havia “Mais Vistos”, mas não havia “Mais Ouvidos”. A categoria “Notícias, Reportagem e Entrevista” não tinha conteúdos jornalísticos em áudio, que apenas apareciam na secção “Informação”.

- Site RTP Notícias: as notícias da rádio alojadas na página Áudio praticamente não eram atualizadas ao fim de semana e feriados.

- Sites das rádios: eram sobretudo um complemento à Frequência Modulada, embora alguns já tivessem conteúdos exclusivamente para consumo digital.

A presença *online* das rádios e do áudio é sobretudo um complemento à FM e os sites funcionam para promoção de programas e arquivo. Prevalece o princípio de colocar na Internet o que é emitido em FM para audição posterior. Os conteúdos produzidos exclusivamente para o digital são ainda em número reduzido, assim como os que têm imagem ou vídeo.

Na observação e recolha de dados foram detetadas situações que se repetiam sistematicamente. Por exemplo, a página de áudio da RTP Notícias praticamente não era atualizada, ou não era atualizada de todo, durante o fim de semana e feriados. As notícias no site da Antena 1 remetiam para a RTP Notícias e não para a página das notícias em áudio emitidas na Antena 1. E, mesmo durante a emissão, o ouvinte era constantemente direcionado, não para os sites das rádios, mas para a RTP Play. Estas opções levaram-me a questionar se vale a pena investir em sites próprios, para cada estação, quando são frequentemente desvalorizados e ignorados.

Há que fazer um ponto prévio e salientar que a RTP Play é hoje, provavelmente, o maior arquivo audiovisual do país de um grupo de média. Disponibiliza na Internet milhares de conteúdos em áudio e vídeo do universo RTP, recentes e antigos, sem qualquer custo. É, por isso, o exemplo do verdadeiro serviço público e o seu valor é inestimável. Se essa quantidade de oferta traz, por um lado, uma mais-valia e uma riqueza únicas, por outro exige uma capacidade de organização, classificação e acesso que não serão fáceis de gerir em face do volume de produção. Mas tem consequências na consulta ao site. O processo de busca é labiríntico. Em primeiro lugar, o utilizador terá de optar pela página em que vai fazer a procura, e todas, sejam a de cada rádio ou outra, o direcionam para a RTP Play. Mas, dentro até da RTP Play, há diversos caminhos para chegar a um mesmo programa e páginas diferentes para os mesmos conteúdos. Abrem-se páginas e janelas que geram cliques sucessivos, o que se torna numa prova de resistência para qualquer ouvinte - Provedora incluída. Há programas sem ficha técnica, informações desatualizadas, incompletas ou diferentes de site para site, há programas que não têm horário de emissão, outros não referem autores, convidados, comentadores habituais ou moderadores. Às vezes encontra-se o que se procura, demasiadas vezes desiste-se. O áudio não é uma presença destacada nem frequente nos sites da RTP, RTP Notícias e RTP Play, apesar do grupo ter oito rádios, oito *webrádios* e vários *podcasts*. Há múltiplas causas, como se aferiu, mas o resultado é evidente: a invisibilidade sistemática de conteúdos em áudio nos sites da RTP.

Nos dois programas dedicados ao assunto, cada um dos entrevistados reconheceu fragilidades e apontou razões para a atual situação: falta de recursos e meios humanos, sobretudo de equipas especializadas no digital, e pouca articulação entre os vários setores do grupo RTP. As diferentes visões sobre o que deve ser o *online* também revelam a ausência de uma estratégia digital articulada, como, de resto, foi reconhecido e assumido pelos responsáveis das emissoras. E todos se mostraram favoráveis à criação de uma(s) aplicação(ões) para o áudio do grupo, à imagem do que foi adotado por outros grupos de média de serviço público.

A transformação digital apontada no Livro Branco do Serviço Público de Média implica uma estratégia que vai além da replicação da rádio em FM no digital.

Ver os sites como um suporte da Frequência Modulada e uma porta de entrada para os outros portais da RTP remete-nos para os primórdios da Internet, quando a presença da

rádio na *web* era instrumental e de promoção da emissão hertziana. O conceito da transposição de conteúdos e da Internet apenas como um repositório de programas em FM pertence ao passado, é redutor e pouco ambicioso.

A aposta no digital passa pela produção de conteúdos próprios, multimédia e multiplataforma, em áudio e vídeo e texto, produzidos por profissionais com competências multidisciplinares e digitais, abandonando a solução em que todos fazem tudo. Outras plataformas exigem outras linguagens que exigem outros meios.

À luz do Livro Branco do Serviço Público de Média, a presença das rádios na Internet é ainda um caminho a ser trilhado para o futuro, só que o futuro começou há 30 anos.

Os dois programas dedicados ao *online* traçaram um diagnóstico dos sites da RTP no que respeita à rádio e ao áudio. Houve, entretanto, alguma evolução nesta área:

- RTP Notícias: uma atualização muito mais sistemática das notícias em áudio durante a semana, e irregular aos de semana e feriados.
- RTP Play: introdução da categoria “Mais Ouvidos” na *homepage*; inclusão de mais conteúdos em áudio em algumas categorias, nomeadamente no Desporto. Em todo o ano de 2023, a Antena 1 conseguiu ser um dos cinco destaques da *homepage*, apenas na manhã em que fez a emissão em direto no Metro de Lisboa.
- Sites das rádios: progressivamente foram apresentando conteúdos mais diversificados e ajustando funcionalidades, como, por exemplo, mostrar o que está a tocar e já tocou. E, durante a emissão, é referido que os programas e rubricas estão disponíveis nos sites das respetivas rádios e não apenas na RTP Play.

Patrocínios e publicidade

No final do ano recebi mensagens que questionavam a existência de espaços patrocinados na Antena 1. Em causa estava um *spot* que se ouvia logo a seguir às informações de trânsito e à previsão do estado do tempo em alguns períodos horários. Desagradosos, os ouvintes pediram uma explicação para o facto da rádio pública, financiada pela CAV, a Contribuição Audiovisual, ou seja, pelos contribuintes, ter publicidade. Na verdade, não se tratava de publicidade, mas de patrocínio. E o patrocínio está previsto no Contrato de Concessão e é legalmente enquadrado. Mas os ouvintes, não fazem essa distinção, pelo que o que ouvem soa-lhes a publicidade. “Uma habilidade”, retorquiu-me um ouvinte, depois de lhe ter respondido que o *spot* era um patrocínio e que estava previsto na Lei.

Esta foi uma questão abordada na entrevista ao Presidente do Conselho de Administração da RTP e que integra um dos programas em Nome do Ouvinte de janeiro de 2024. A propósito do financiamento da RTP, Nicolau Santos referiu-se aos patrocínios como sendo algo que estava a ser ‘ensaiado’. Apesar de reportar a 2023, este assunto ainda está em análise.

Relativamente à publicidade, foram rececionadas sobretudo queixas pelas inserções de anúncios nos conteúdos de áudio na RTP Play. As questões dos ouvintes podem ser

agrupadas em dois grandes assuntos: por que motivo não se aplica ao *online* o imperativo legal de ausência de publicidade no serviço público de rádio; e o número de *spots* no início de cada audição, mesmo na emissão em direto.

Agilidade e Planeamento

A questão da agilidade da rádio foi abordada em mais do que um programa e partiu das mensagens dos ouvintes: emissões que não foram alteradas ou interrompidas para noticiar e reportar notícias de última hora; acontecimentos inesperados que não foram objeto de reportagem; critérios e opções que se mantiveram, apesar das situações evoluírem. Em todos os casos, e em diferentes setores, a justificação mais frequente que ouvi foi: “estava planeado”.

É uma argumentação singular, se tivermos em conta que aquilo que define o critério de notícia é ser novo e atual. O jornalismo vive diariamente do que não está na agenda e do inesperado. Não estar suficientemente preparado para esta circunstância é não estar preparado para a essência da notícia.

Sabemos que a rádio se faz com planeamento, sobretudo porque se trabalha em direto e porque as situações inesperadas obrigam ao improviso sem rede, mas isso não pode paralisar o processo de decisões, sob o risco de se ser ultrapassado pela atualidade. Por outras palavras, sob o risco do ouvinte sintonizar outra estação para saber o que está a acontecer.

Uma das características inerentes ao meio rádio é a agilidade em todas as suas dimensões. Os profissionais precisam de poucos meios para fazerem o seu trabalho, o que lhe confere mobilidade e rapidez. A rádio pode estar onde outros não chegam - e em direto. O dom da ubiquidade, aliado à agilidade, tem sido uma arma para a sobrevivência da rádio até aos dias de hoje. A agilidade não se mede apenas pela capacidade de movimentação no terreno. Mede-se também pela resposta pronta a situações novas, imprevistas ou que saiam da agenda planeada. Mede-se pela capacidade em decidir no imediato. Mede-se pela forma como a estrutura responde às solicitações não planeadas e que exigem uma resposta rápida. Nem sempre aconteceu, como registaram os ouvintes e a Provedora.

O caso não pode ser analisado apenas na perspetiva decisória: a falta de recursos humanos é um fator determinante. Há áreas que assumem estar em ‘serviços mínimos’, ou seja, sem capacidade de resposta imediata para situações imprevisíveis. Esta é uma questão estrutural e transversal a vários setores da rádio pública. Das primeiras mensagens até hoje, registo a recetividade para corrigir este diagnóstico e a sua aplicação na prática diária. Houve situações em que a rádio respondeu rápida e eficazmente.

Como já referi, a rádio faz-se com planeamento e com uma visão que considere os riscos inerentes a uma transmissão em direto. Por essa razão, cabe também aqui uma nota que, no ano de 2023, é inevitável: a operação montada para a cobertura jornalística da Jornada Mundial da Juventude e da visita a Portugal do Papa Francisco. Um evento que

exigiu planeamento, mobilização, coordenação e execução. A RTP foi a *host*, isto é, o grupo responsável pela recolha e distribuição, das imagens e som da Jornada, a nível nacional e para todo o mundo. Nos dias anteriores a Antena 1 antecipou o acontecimento com reportagens e programas diários. E durante os seis dias da Jornada Mundial parte da programação foi preenchida com emissões especiais - ao todo, mais de 50 horas.

Planeamento e agilidade são fundamentais, o desafio está em agir e decidir à medida que a realidade se impõe e do que os ouvintes esperam.

Mensagens de Satisfação e Sugestões

À caixa de correio da Provedora não chegam apenas queixas, críticas ou dúvidas. Embora em menor número, também há elogios e sugestões para melhorar a rádio pública. Algumas foram incluídas em programas, nomeadamente as ideias que foram acolhidas e colocadas em prática.

O reconhecimento dos ouvintes é também um sinal da relevância do serviço público:

“A rádio oficial de cada país desempenha um papel crucial na difusão e promoção do gosto pela música clássica. Eu sou um dos que, assim, muito tem aprendido ao longo de décadas (...) Foram momentos de grande qualidade. A todos envio o meu agradecimento pelo que me proporcionaram.”

“Sou uma fã inamovível da rádio e do serviço público de informação, o único que me merece alguma confiança. Ouço a Antena 1 ao longo do dia, quando as condições profissionais mo permitem.”

“Emissão sobre Shostakovich: Parabéns. Produção muito bem feita. Vinha a ouvir no carro, a viagem já acabou e continuo no carro a ouvir...”

“É raro haver a oportunidade de ouvir tão bons jornalistas como José Manuel Rosendo. Está nos locais de que se fala (na imprensa dita ocidental) mas faz o melhor trabalho possível, com honestidade e grandeza. Os meus parabéns e...que não arrisque demais.”

“Em primeiro lugar quero deixar um rasgado elogio à Antena 1 (e, agora já, também à 2 e 3) pela excelência dos vossos programas. É um prazer diário ouvir los. Agradecia se pudesse transmitir este elogio à equipa da Antena 1, que bem merece.”

“A antena 2 tem uma programação excelente (...) é uma lufada de cultura num mundo vendido ao lucro rápido e fácil. Dou-vos os parabéns e espero que continuem assim”

“Venho somente agradecer penhoradamente ao Nuno Galopim e ao Álvaro Costa o programa "Páginas Amarelas", que agora fez 4 anos. Este programa está pejado de joias

de bom gosto e qualidade musical, todas ancoradas num fio condutor tecido com histórias, memórias, reinterpretações, evocações e conhecimento.”

Os elogios chegam quer para a programação quer para a informação, e para todas as estações. Por vezes, a mensagem com elogio inclui um reparo feito em tom construtivo, ou uma sugestão:

“Oíço regularmente as webrádios, Vida, Memória, Jazz. Seria possível ter uma área no site, com a programação regular? Especialmente as duas primeiras.”

“Em matéria de webrádios, deixo a sugestão de se criar uma webradio apenas de Informação. Teria os espaços noticiosos, programas de âmbito socioeconómico, cultural e eventualmente diretos. De todos os canais.”

“Permito-me fazer a seguinte sugestão: Que se indique na programação ONLINE o nome das peças que estão a ser transmitidas, bem como o dos interpretes. A grande maioria dos programas transmitidos são de excelente qualidade mas se o ouvinte perde o momento da indicação oral da peça perde uma parte substancial do programa.”

“gostaria de sugerir (...) por um programa sobre cidadania e direitos humanos: o que é um cidadão, o que é um estado e uma nação, quais são os princípios e instituições do estado português, o que é a constituição, qual a constituição e o sistema político que temos, quais os direitos e deveres dos cidadãos, poderes do parlamento, do presidente e dos tribunais.”

“Gostaria de ouvir mais programação sobre estas causas: Informar e sensibilizar a opinião pública sobre a problemática da pessoa com deficiência intelectual e/ou multideficiência.”

Tal como as restantes mensagens, as sugestões são enviadas aos visados e respondidas. Algumas receberam resposta em programas Em Nome do Ouvinte.

3. Visitas aos Centros Regionais, de Produção e Emissores

As deslocações aos centros da RTP no território continental e ilhas permitiram fazer um retrato da rádio pública fora da capital. Em relatórios dos anteriores Provedores, é frequente falar-se do esquecimento e da diluição da rádio no grupo RTP, da falta de investimento que redundava no envelhecimento de instalações e equipamentos, e no atraso da renovação tecnológica. Acresce a falta de meios humanos. Desde o último relatório do Provedor do Ouvinte, em 2020, há uma notória recuperação, embora lenta e desequilibrada, na distribuição geográfica.

A rádio pública funciona a várias velocidades. O panorama encontrado é desigual e, por vezes, confrangedor. Nomeio dois exemplos:

1. Diz-se que a rádio estimula a imaginação e que o que se ouve nos faz ver, sentir e sonhar. As imagens acústicas são o maior poder do som - e da rádio. A invisibilidade do meio foi perturbada pelas câmaras, fotografias e pela constante presença visual nas redes sociais. Nos primeiros dias do meu mandato, ouvi falar da *visual radio*. Mas a rádio pública, no seu pleno, não está ainda preparada para ser exposta em vídeos e imagens em direto. Havendo uma câmara, a rádio mostra-se por dentro, desnuda-se, e revela o ambiente físico em que é produzida. E, o que se vê, não é o que o ouvinte imagina. Ainda bem que não vê e que a rádio se mantém no recato do som. E ainda mal, porque o pretexto da *visual radio* pode ser a oportunidade para a rádio pública renovar instalações e equipamentos – desde que não esqueça o mais importante: o som, a qualidade do som, que é o que chega aos ouvintes. Como se comprova nos estudos de audiência, a maior fatia ainda está na tradicional escuta hertziana e, mesmo quando contacta com a rádio noutras plataformas, fá-lo para ouvir - seja no site ou nas aplicações, no computador ou no telemóvel.

2. Já aqui referi que a rádio pública funciona a diferentes velocidades. Exemplo disso é o sistema de edição, gestão e distribuição de conteúdos, o Dalet, que tem diferentes versões consoante a geografia. Lisboa e Faro possuem uma versão mais recente, o resto do país trabalha com uma versão anterior. Em termos práticos, isto significa que o resto do país usa outro sistema, mais limitado, e que implica procedimentos adicionais, porque não há uma conexão simultânea entre os dois. Por exemplo, um computador com o sistema instalado em Lisboa não tem acesso ao que é produzido no Centro de Produção do Norte e vice-versa. O acesso só se faz a partir do momento em que os conteúdos são enviados para uma pasta em sistema remoto.

Esta circunstância cria dificuldades diárias a técnicos, jornalistas e animadores, sentidas também pela Provedora e equipa. O ‘assunto Dalet’ acompanha-me desde o primeiro dia em que cheguei ao Gabinete, uma vez que trabalho com frequência no Porto e dado que gravei também programas nos centros regionais que visitei.

Esta pode parecer uma questão interna, mas a partir do momento em que se reflete em antena, como acontece, afeta a qualidade do que o ouvinte escuta. É premente, por isso, encontrar soluções.

3.1. Centro Regional dos Açores

A Antena 1 Açores tem 17 horas de emissão autónoma: música, programas e informação para uma audiência que se distribui por nove ilhas. Na programação aposta-se numa emissão descentralizada. O setor tem três locutores nos quadros da empresa, sendo os restantes colaboradores. A falta de recursos humanos é notória.

O foco da informação é sobretudo regional. Ultimamente, a relação entre a redação regional e a nacional tem-se estreitado - não apenas no programa Portugal em Direto, mas também noutros espaços.

A informação é assegurada por 12 jornalistas em São Miguel, Terceira e Faial, e uma rede de correspondentes e colaboradores nas restantes ilhas. Alguns são jornalistas de outros meios, outros têm outras profissões – e colaboram com a rádio pública quando podem e desde que a profissão não seja incompatível com o trabalho pedido.

Ao longo do tempo, os anteriores Provedores e os diretores do Centro Regional chamaram a atenção para a antiguidade e as más condições dos estúdios de rádio. Em 2023 a situação mudou e os Açores têm finalmente estúdios renovados. Ainda faltam detalhes, mas o que foi feito dá outras condições a quem trabalha e a quem presta o serviço público de rádio.

A renovação permite também estender a rádio para lá da rádio: a Antena 1 Açores tem presença permanente nas redes sociais, com a transmissão simultânea ou em diferido de programas e informação regionais.

Em 2023, a emissão da Antena 1 Açores sofreu interrupções frequentes devido a quebras de funcionamento no programa de produção e gestão dos conteúdos sonoros, o Dalet. Isto é, houve períodos em que não chegou aos ouvintes.

O papel da Antena 1 Açores é por todos reconhecido, sobretudo quando se constata que não há outra rádio que alcance as nove ilhas ou que faça uma cobertura informativa efetiva no arquipélago. Depois do investimento nos novos estúdios, há outras questões emergentes: a falta evidente de recursos humanos; o recurso a colaboradores que fazem coberturas jornalísticas e que exercem outras profissões; um orçamento insuficiente em face das despesas da insularidade e dos preços do turismo, aplicados a quem vive e se desloca em trabalho no arquipélago; e uma solução efetiva para o sistema de produção e gestão dos conteúdos sonoros, que mantenha no ar as emissões sem quebras.

O Livro Branco do Serviço Público de Média enumera estes e outros problemas, que também detetámos na visita ao Centro Regional dos Açores. Se o caminho apontado é o de uma “Informação de qualidade e valorizadora dos territórios”, isso só será possível com as condições necessárias para concretizar a missão da rádio pública no arquipélago.

3.2 Centro Regional da Madeira

O Centro Regional da Madeira produz 13 horas de emissão da Antena 1 e 12 horas da Antena 3. São oito pessoas na programação e 11 jornalistas na redação.

Nesta visita, duas palavras atravessaram as conversas com a Provedora: multifuncionalidade e ubiquidade. Os profissionais que trabalham no Funchal desdobram-se em funções, horários e antenas. A título de exemplo, num verdadeiro exercício de ubiquidade, o mesmo jornalista lê o noticiário à mesma hora em duas emissoras diferentes, Antena 1 Madeira e Antena 3 Madeira - sendo este último gravado, em negação daquilo que é a informação radiofónica. Num dos dias da visita da Provedora, os animadores da manhã da Antena 3 estiveram também em estúdio à tarde,

numa emissão especial do Rali do Marítimo/Município de Machico e, à noite, continuaram em direto na rádio, desta vez a partir de um festival de música ao vivo.

O Centro Regional da Madeira tem equipamento antigo nos estúdios, nem sempre fiável, uma situação contornada com um 'plano B': isto é, grava-se em dois sistemas, um deles gratuito, para garantir que a gravação fica completa.

A receção das emissões da Antena 1 e 3 na Madeira sofre cortes devido à geografia do terreno e também porque os túneis da ilha não estão equipados com infraestruturas que permitam a audição da rádio sem interrupções. Tal como acontece nos Açores, há quebras do programa de produção e emissão, o Dalet, que geram cortes constantes - as denominadas 'brancas'.

O Gabinete da Provedora deslocou-se ao Funchal para assistir a duas emissões especiais: uma das provas do Rali do Marítimo/Município de Machico e um festival de Verão. Em 'modo incógnito', a Antena 3 Madeira foi a rádio oficial e transmitiu em direto vários concertos. Sem qualquer ação de marketing, nem indicação de que o canal público estava a transmitir o evento num espaço ao fundo do recinto. A estrutura onde foi montado o estúdio, forrada a vermelho, estava despida de qualquer imagem ou logótipo da estação - apenas visível nos microfones.

A RDP Madeira está sedeadada no Funchal e não tem, neste momento, correspondente em Porto Santo, uma lacuna que tem repercussões na cobertura informativa regional. Os meios permitem cumprir a grelha atual, numa gestão permanente de opções em face dos meios disponíveis.

O Livro Branco de Serviço Público de Média fez um diagnóstico e apontou soluções. O documento identifica a escassez de recursos humanos nos centros regionais, enquanto defende mais autonomia, capacidade de decisão e meios adequados para assegurar a produção e a difusão de conteúdos locais. Ou seja, reconhece a relevância do trabalho desenvolvido em face das poucas condições e da falta de investimento em infraestruturas que permitam a sintonia e escuta das rádios no arquipélago. Na Madeira, uma equipa reduzida consegue fazer muito com muito pouco. E, mais uma vez, o serviço público é assegurado em serviços mínimos ou, como um dos profissionais nos disse, "por gosto e missão de serviço público".

3.3. Centro de Produção do Norte

O Centro de Produção do Norte (CPN) tem 21 jornalistas que fazem noticiários na Antena 1 e na Antena 3 (e também na Antena 2 quando é necessário), os destaques da manhã ou fim de tarde, asseguram reportagens, três programas de informação (dois são diários, o Portugal em Direto e a Antena Aberta), produzem algumas das edições do Jornal de Desporto e coordenam emissões desportivas. A programação tem a seu cargo 15 programas no éter e três podcasts. Tal como acontece com outros centros de produção da rádio pública, redação, programação e técnicos são ainda envolvidos em

emissões especiais no Porto ou fora da região. O Centro de Produção do Norte cobre parte da região Norte, interior incluído, até à fronteira com Espanha.

O CPN, tal como toda a rádio, debate-se com a falta de jornalistas em número suficiente para assegurar a produção diária e, sobretudo, a cobertura de acontecimentos não planeados - que não se limitam ao distrito do Porto, já que o CPN cobre os distritos do norte do país que não têm correspondentes da rádio: Vila Real e Viana do Castelo.

Alguns dos estúdios em Vila Nova de Gaia ainda funcionam com o equipamento transferido das antigas instalações da rua Cândido dos Reis, no Porto, e que data dos anos 80 do século passado. Há muito que o Centro de Produção do Norte reclama pela modernização e por mais estúdios. As obras estavam previstas no Plano Estratégico da RTP de 2021-23, mas, terminado o ano, não só não se executaram como não têm data prevista para começar. As avarias e percalços vão continuar a suceder, até que seja concretizada uma solução.

A equipa de profissionais e académicos que analisou e apontou estratégias para o serviço público de média destacou, no Livro Branco, o trabalho feito no Centro de Produção do Norte. E defendeu mais autonomia e capacidade de decisão. Mas, para isso, são precisas condições: meios humanos e recursos técnicos à altura daquilo que se pretende que seja a rádio pública no norte do país.

3.4. Centro Regional Comum de Rádio e Televisão de Coimbra

O Centro Regional Comum de Coimbra tem 12 pessoas para assegurar noticiários, reportagens e programas, e acolher entrevistados para as Antena 1, 2 e 3, RDP África e Internacional. Desde setembro que um dos turnos dos noticiários é feito a partir deste Centro Regional. Coimbra tem também a seu cargo o distrito de Leiria, uma vez que a rádio pública não tem ali correspondente.

As instalações datam dos anos 50 do século XX e isso nota-se nos estúdios e equipamentos. Entrar na rádio pública em Coimbra é como viajar no tempo. Só que não estamos num museu. Os noticiários, por exemplo, são feitos num estúdio que, de tão antigo, não consegue corresponder às exigências atuais, mesmo as mais básicas, como colocar mais do que um telefonema no ar. A tecnologia evoluiu, mas não aqui, por isso “milagre”, “desafio”, ou “plano B” são palavras que ouvimos com frequência. Se as emissões em Coimbra são uma mais-valia para a rádio pública, o maior volume de produção veio também acentuar lacunas. Os constrangimentos diários são audíveis e percecionados por quem escuta a rádio, os ouvintes.

Coimbra está mais distante do que se vê no mapa: ficou parada no tempo, longe da renovação tecnológica há muito anunciada e que ainda não se concretizou. O volume de produção atual é assegurado, mas pode também ser o grande argumento para renovar equipamentos ultrapassados. Não se trata de um luxo, mas de proporcionar condições básicas a quem trabalha na rádio, fundamentais para que haja uma rádio pública de qualidade.

Depois da visita ao centro regional, foi-me indicado pela Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP e pelo presidente do Conselho de Administração da RTP que foi autorizada a renovação tecnológica de um dos estúdios e que está a ser avaliada a modernização de outro dos estúdios. Prazo de conclusão do projeto: final do 1º semestre de 2024.

3.5. Centro Regional Comum de Rádio e Televisão de Faro

A rádio pública no Algarve chegou a ter mais de 30 profissionais e emissões autónomas. Agora tem um jornalista, uma estagiária na informação, um colaborador do desporto e um elemento da área de programas. O Centro, em Faro, não tem técnicos.

Até à entrada da jornalista estagiária, apenas um repórter cobria todo o Algarve e Baixo Alentejo. Quando se deu o caso dos trabalhadores imigrantes em Odemira, esse jornalista percorria diariamente cerca de 200 quilómetros - quatro horas só de viagem, por dia.

O edifício da RTP em Faro foi classificado como Imóvel de Interesse Municipal há três anos, no entanto a primeira dificuldade é encontrar as instalações. A entrada pela Rua do Emissor Regional do Sul está encerrada e a atual não tem um acesso visível. O portão só abre depois de um diálogo pelo intercomunicador com o edifício sede da RTP em Lisboa, ou seja, é a segurança da RTP em Lisboa que autoriza entradas e abre o portão no Centro Regional de Faro.

O aspeto exterior não nos prepara para o que encontramos dentro da casa: espaços envelhecidos e degradados, com a sala da redação comum à rádio e à televisão com chão, rodapés, paredes e tetos a refletir a antiguidade de um edifício a precisar de obras do rés do chão ao primeiro andar. O piso de cima foi, entretanto, esvaziado devido às condições precárias em que se encontra.

Na altura em que o Gabinete da Provedora se deslocou a Faro, decorriam obras para a renovação do equipamento de um dos dois estúdios. O estúdio principal é uma peça museológica que, apesar da modernização, vai preservar o desenho e as madeiras dos anos 50.

O Centro Regional de Faro pode precisar de mais gente e de mais meios, essenciais para cumprir a sua missão. Contudo, do que precisa mesmo é de instalações dignas do serviço público e do século XXI. Dignas para quem trabalha, para os entrevistados que recebe ou para quem o visita.

Entretanto, foi-me indicado pela Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP, e pelo presidente do Conselho de Administração da RTP, que o prazo para a conclusão da renovação dos dois estúdios seria o final de março de 2024.

3.6. Centro Emissor da Lousã e de Gravia

O Gabinete da Provedora acompanhou as equipas das antenas e dos emissores em duas deslocações: ao posto emissor no Alto de Trevim, na serra da Lousã, e ao de Gravia, em São Pedro do Sul.

Estas visitas surgiram na sequência de alertas dos ouvintes que indicavam má receção, cortes, ou sinal fraco. Este tipo de mensagens é reencaminhado para a direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia - que inicia os procedimentos para a identificação do problema. Nem sempre é um processo fácil e rápido, devido às características particulares desta área técnica.

É preciso tempo para identificar o problema, às vezes esperar por peças novas que demoram a chegar, deslocar equipas e equipamento para locais ermos (no caso das ilhas é ainda mais complexo) e subir a torres com 60 e 80 metros de altura para reparar ou substituir peças, ou seja, para voltar a colocar a antena a emitir em plenas condições.

A expectativa dos ouvintes é a de que tudo se resolva no próprio dia, como um deles escreveu. É verdade que em pleno século XXI esperamos que tudo seja rápido, mas, nesta área, há regras de segurança a cumprir. Além de se depender das condições climáticas e dos prazos de entrega do material necessário, se não houver sobresselentes.

A atuação da equipa das antenas passa também pelo contacto direto com os ouvintes, que são, frequentemente, os primeiros a reportar uma anomalia. Não raras vezes, desloca-se a casa do ouvinte para fazer um diagnóstico do problema ou aferir da sua resolução. São uma espécie de equipa avançada da rádio junto da audiência, em que o conceito de proximidade ganha outra dimensão: casa a casa, telefonia a telefonia. Uma particularidade que distingue o serviço público das restantes rádios - o de servir, literalmente, O ouvinte.

O antigo Provedor João Paulo Guerra apelidou as equipas das antenas de “Homens invisíveis”. Tão invisíveis como as ondas da rádio e o som.

A oitenta metros do chão, à chuva, ao sol, com gelo, são eles que dão vida às antenas e aos emissores. São eles que levam a rádio até aos ouvintes.

Nos Açores, a título de exemplo, a rádio pública é a única que se escuta em algumas zonas e algumas ilhas do arquipélago, onde não existem antenas privadas ou estações locais. São, para muitos, o único ponto de contacto com o que acontece para lá dos limites de uma ilha, fonte de entretenimento, de notícias e também de informação útil. Quando não há emissão é essa linha quase umbilical que se quebra, isolando ainda mais quem dela depende.

A área das antenas é, por isso, basilar em todo o sistema da radiodifusão e um pilar da prestação do serviço público de rádio. O seu garante tem sido assegurado por equipas dedicadas e especializadas, que conhecem profundamente instalações, equipamentos e o historial de cada peça.

Nas antenas e emissores investiu-se no reforço de peças de substituição para evitar atrasos nas reparações. E compraram-se mais equipamentos que permitem restabelecer a emissão rapidamente, as UPS, sistemas de energia ininterrupta. Lisboa já tem UPS, mas falta o resto do país. Quando há uma falha a emissão pode parar e só será restabelecida depois de reparada a avaria, o que demora o seu tempo. Este é o grande investimento que falta.

4. Reflexões Finais

4.1. A Rádio e os Ouvintes: um escrutínio permanente

A Rádio pública é sujeita a um permanente e fino escrutínio a que as rádios privadas e comerciais nunca estarão sujeitas:

- É escrutinada pela Audiência: exposta por ser paga pelo dinheiro de todos. E todos exigem uma rádio que os sirva, que vá ao encontro do gosto de cada um, uma rádio feita à medida e imagem de cada ouvinte – uma missão impossível
- É escrutinada pelo Provedor, que dá voz às queixas e críticas dos ouvintes e as divulga num programa semanal em que os profissionais explicam opções e decisões – um verdadeiro prestar de contas aos ouvintes
- É escrutinada por organismos internos, reguladores e fiscalizadores: anualmente são tornados públicos os relatórios pormenorizados dos Provedores, mas também os Planos e Atividades, Relatórios e Pareceres dos diferentes órgãos internos - um exercício de transparência
- É escrutinada pelo poder político: questionada pelos que, no fundo, são eleitos pelos ouvintes - pelos partidos e órgãos que os representam, comissões parlamentares e pela tutela – um assumir de responsabilidade perante os representantes dos cidadãos/ouvintes
- É escrutinada em programas que, muitas vezes, acabam por ser instrumentos de autorregulação, em que os ouvintes são chamados a participar – um reforço da participação pública e de cidadania

Nenhuma outra rádio se expõe desta forma, ou é questionada e colocada em causa por tanta gente e tantos mecanismos. E isso também é serviço público. Acredito que todo este escrutínio seja em prol da construção de um serviço público que efetivamente responda às necessidades da sua audiência.

Os ouvintes que escrevem a um Provedor são os que efetivamente querem contribuir para uma melhor rádio pública: ainda mais rigorosa, fiável e credível; livre, pluralista e imparcial, que espelhe a diversidade da audiência e a sirva; que não esqueça as minorias, as comunidades e a diáspora; que defenda a língua e a cultura; que mantenha as tradições e que se renove ou emirja, sendo atual e inovadora sem deixar cair a história; que respeite o outro; que se guie pela ética; que seja útil e acessível a todos; que informe, entretenha, forme, ensine e que seja, também, uma boa ouvinte. E este é um trabalho em permanente construção.

Também o conceito de serviço público, como todos os conceitos, sobretudo os da área dos média, está em permanente construção. E, numa era de novos contextos mediáticos, há transformações em curso - da produção à receção -, nomeadamente se olharmos para o comportamento e formas de escuta das novas e das antigas gerações, porque também nós já não ouvimos rádio como antigamente.

Hoje fala-se muito da rádio participativa, interativa, e da rádio cidadã. Tudo isto está na gênese da rádio e do seu conceito, é a sua história e a sua essência. Houve alturas em que foi uma rádio de microfone aberto, como tão bem relatou o jornalista Alfredo Alvela em 1974, e outros períodos em que se fechou no estúdio, de ouvidos fechados.

Creio que nos esquecemos demasiadas vezes que somos efetivamente escutados por pessoas de carne e osso e de ouvidos sensíveis.

Os ouvintes estão sempre do outro lado, todos os dias e a todas as horas. A Rádio estrutura-se a partir dessa massa, sem que isso tenha de significar cedências ao facilitismo do *‘é o que querem ouvir’*. Mas é preciso escutá-los, porque, se não o fizermos, estamos a fechar-nos à razão da nossa existência: os ouvintes. Não é para eles que trabalhamos, é com eles que fazemos rádio. É uma relação bidirecional que deve ter reflexos em antena, mesmo que isso implique reconhecer os erros, aprender com eles e seguir em frente para ser melhor.

Em poucas palavras: reforçar a credibilidade e a confiança dos ouvintes na rádio pública.

4.2. Provedor do Ouvinte: para que serve?

A tarefa de um Provedor é a de fazer chegar a voz dos ouvintes onde ela deve chegar – para questionar e procurar respostas que os ouvintes solicitam, ou seja, fazer com que os ouvintes contribuam efetivamente para a Sua Rádio.

Há um necessário trabalho de distanciação, contextualização e reflexão, em contraponto com as reações impulsivas que dominam as redes sociais - onde muitos ouvintes se expressam. Essa tem de ser uma mais-valia diferenciadora da Provedoria e esta perspetiva, ao fim de um ano, é reforçada. Se algumas das mensagens se esgotam no conteúdo ou na linguagem ofensiva, outras abordam questões válidas e pertinentes, independentemente do vocabulário ou da forma. Cabe à Provedora fazer uma leitura objetiva de cada mensagem e avaliar a sua relevância. Em alguns casos não há esclarecimentos a dar, noutros a réplica divide-se em duas partes: resposta à questão levantada e uma observação à forma como foi expressa. Muitos dos ouvintes invocam a sua condição de contribuinte para fazerem exigências ou considerações sobre o serviço público, esquecendo as mais elementares regras de educação e respeito pelo outro e, em concreto, pelos profissionais da rádio que escutam. Apesar de tudo, este tipo de comportamentos é reduzido. A esmagadora maioria dos ouvintes que escrevem à Provedora quer contribuir para melhorar a ‘sua’ rádio. Não se limitam a protestar ou a contestar. Querem, de facto, ser esclarecidos sobre aquilo que ouvem. Querem que a sua mensagem chegue e seja ouvida. São os ouvintes fiéis e aqueles que, efetivamente, se importam com o serviço público e o querem manter.

Há uma pergunta que me fazem com frequência: na era da interpelação contínua, para que serve, afinal, o Provedor?

Hoje, qualquer pessoa escreve diretamente ao locutor pelo WhatsApp, envia um email ao jornalista, telefona, envia vídeos e mensagens de áudio e, nas redes sociais, dá largas à indignação ou expressa amores incondicionais.

Para que serve, afinal, o Provedor? Será mediador? Juiz? Defensor? Crítico? Será conciliador? Confrontador? Pedagogo? Acusador? Será a voz da empresa? O dono da verdade? A voz dos ouvintes? O advogado dos ouvintes? Será um muro de lamentações? O trabalho do Provedor desenvolve-se entre 3 eixos: os Ouvintes, os Profissionais e a Estrutura da Rádio, a que se junta, como escreve, e bem, o investigador Rogério Santos (2021), a Reflexão suscitada pelos ouvintes. O carácter de independência da função é extensível a todas as partes envolvidas.

O Provedor, no meu entender, tem um único objetivo: contribuir para uma melhor rádio de serviço público. Deve recomendar e sugerir, ciente, porém, do carácter não vinculativo dos seus pareceres, e sem cair na tentação de se substituir às Direções de Programas e de Informação. Registo, no entanto, as notas do Plano de Orientação Estratégica e do Plano Estratégico do Conselho de Administração da RTP que defendem uma “maior interação com os Provedores do grupo RTP para que tenham mais impacto na formação cívica” e se procure “valorizar o papel e o desempenho dos Provedores reconhecendo-lhes a missão relevante que têm como expressão das formas de autorregulação”. Para isso, o Provedor tem de saber ouvir, procurar respostas, questionar, refletir, perceber as causas e as consequências, invocar contextos, mas também explicar as rotinas, os critérios, as opções, as estratégias – e lembrar permanentemente que a audiência da rádio tem um rosto: o das pessoas que efetivamente a ouvem e que escrevem ao Provedor.

Entendo que o Provedor deve dar atenção a todas as queixas e sugestões dos ouvintes, respondendo-lhes quando as interpelações não roçarem a intolerância ou o insulto. A sua atuação tem uma vertente mais privada, junto dos profissionais; e uma mais pública, através do seu programa semanal.

Sou adepta da crítica construtiva, no sentido em que isso possa contribuir para a reflexão e a assunção de uma autocrítica consciente dos profissionais da rádio pública. Não creio que o julgamento sumário ou a tentação de crucificar culpados seja eficaz.

O desejo é que a rádio pública seja uma rádio com ouvidos abertos aos que a escutam: uma Rádio com Ouvidos.

Fecho com duas notas:

1. Nestes 12 meses, a relação com os responsáveis das rádios tem-se pautado pela cooperação e o devido distanciamento institucional. Quer quando são solicitados esclarecimentos, quer quando o Gabinete acompanha as equipas no terreno, quer nas visitas aos centros regionais, de produção, emissores e delegações.

Como seria de esperar, encontrei bons e excelentes exemplos e registei problemas – alguns foram resolvidos, outros estão em vias de resolução, e há os que não têm ainda solução à vista.

O que constato não é novo: o contrato de concessão determina que sejam criadas condições para o seu cumprimento. Essas condições passam por mais recursos humanos e técnicos - em alguns casos não se trata de mais recursos, mas dos recursos que permitam ir além dos serviços mínimos, que tornem o trabalho mais eficiente e ágil, e que coloquem a rádio na etapa de que todos falam, o digital – o futuro, dizem, embora esse futuro já tenha 30 anos...

2. A rádio é o meio resiliente. Não posso deixar de sublinhar que essa é uma condição que se estende a quem nela trabalha. A resiliência que tem mantido a rádio pública no ar. Devo dizer que no acompanhamento do dia a dia, desde as equipas das antenas emissoras aos técnicos, dos produtores aos realizadores, dos jornalistas aos animadores, desde quem faz a quem decide, encontrei pessoas que vivem para a rádio e para o serviço público. Mas a resiliência não dura para sempre.

Não afirmo nada de novo. Ao longo dos anos foi notório e público o desinvestimento na área da rádio da RTP. A recuperação não tem sido tão célere como o desejado, sobretudo quando se sai do edifício de Lisboa.

A invisibilidade do meio rádio também esconde uma realidade quotidiana que nem sequer imaginamos – e ainda bem. Poupa-se o ouvinte, que pode manter a ideia romântica do local de onde saem as vozes da rádio.

Nas visitas que efetuei, encontrei situações em que qualquer descrição ficará aquém da realidade: como os estúdios e as condições técnicas em Coimbra, em que cada minuto de emissão em direto é um desafio; um edifício degradado e degradante em Faro, que contrasta com o facto de estar classificado como património; as obras adiadas no Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia, que continua à espera de novos estúdios para que, finalmente, seja substituído o equipamento que avaria; nos Açores e Madeira, as constantes falhas do programa de produção e gestão dos conteúdos sonoros e as quebras na emissão da rádio. Transversal a todos, uma máxima: fazer muito, com pouco. No último ano, nos programas Em Nome do Ouvinte foi frequente falar-se da falta de meios humanos e técnicos. Lacunas que se refletem no cumprimento do Contrato de Concessão ou, por outras palavras, que se refletem no serviço prestado ao Ouvinte - que é também quem financia o serviço público de rádio. Um ouvinte-contribuinte. É para ele que a rádio pública trabalha.

5.Recomendações

Livro de Estilo

O trabalho, pareceres e respostas aos ouvintes por parte de um Provedor têm por base um conjunto de leis, guias, códigos e normas. Servem para orientar tudo o que é emitido nas antenas da rádio pública e, simultaneamente, são um instrumento de avaliação para quem as ouve. O Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão

define os objetivos do serviço público, direitos e obrigações da RTP. De âmbito mais geral, há a Lei da Rádio e o Código Deontológico e o Estatuto dos Jornalistas.

O Contrato de Concessão admite outros documentos normativos internos. No sítio da RTP estão o Código de Ética e Conduta e o Guia Ético e Editorial. Todos estes documentos são de acesso aberto.

No meu primeiro dia no Gabinete dos Provedores pedi uma cópia do Livro de Estilo da Antena 1. De âmbito interno há o Livro de Estilo da televisão, feito em 2001, e o da RDP África, de 1997. Mas, foi com surpresa que constatei que as restantes rádios não têm um Livro de Estilo, nem mesmo a Antena 1.

- Uma rádio de serviço público sem Livro de Estilo -

Pela pertinência do tema, o segundo e terceiro programas Em Nome do Ouvinte foram inteiramente dedicados ao Livro de Estilo. Ouvi Adelino Gomes, antigo Provedor do Ouvinte, ex-Diretor de Informação da RDP, e que, enquanto fundador do Público, participou na redação do Livro de Estilo do jornal. Entrevistei também o jornalista Francisco Sena Santos, que esteve envolvido num dos projetos do Livro de Estilo da RDP. Recolhi ainda os depoimentos de David Borges, antigo Diretor da RDP África e um dos responsáveis pelo Livro de Estilo da estação, e de Nuno Sardinha, atual subdiretor da RDP África.

Os livros de estilo são verdadeiros manuais das melhores práticas jornalísticas. São livros de referência dos órgãos de comunicação social de serviço público, como a BBC ou a NPR, ou até mesmo de órgãos privados - como do jornal Público ou do espanhol El País. Alguns são vendidos nas livrarias, descarregados na Internet e utilizados como manuais nas escolas de jornalismo.

O livro de estilo é um instrumento de transparência – um contrato firmado entre a rádio e os ouvintes –, um garante do cumprimento dos padrões de serviço público.

O Livro de Estilo estabelece regras éticas, deontológicas, editoriais e técnicas. Determina o que se deve e não deve fazer, escrever e dizer. Estabelece normas e limites pelos quais se regem os jornalistas – e os ouvintes. Porque o livro de estilo firma, como diz Adelino Gomes, um contrato com o ouvinte:

“Só existe em função de quem lê, vê, ouve. É uma obrigação, uma responsabilidade de uma redação em relação àqueles a quem se dirige. É estarem com a arma necessária para brandir quando a rádio falha. Há um acordo entre duas entidades que se responsabilizam: o ouvinte tem direitos e pode exigir, o jornalista tem deveres e o prazer de melhorar a sua atuação e comportamento perante aqueles a quem se dirige. (...) Sem o livro de estilo, é a anarquia. Sem um livro de estilo, do meu ponto de vista, não é cumprido o pacto com o ouvinte, o ouvinte não sabe o que deve esperar, então isso é absolutamente inaceitável numa rádio de serviço público”. Em síntese: “É essencial, numa redação, por uma razão subjacente: necessidade da padronização da linguagem das regras, que preserve e potencie a liberdade criativa.”

Um Livro de Estilo não é imutável, está em permanente construção e atualização. Do tempo da Emissora Nacional há notas do que foi sendo proibido, e depois autorizado, e há também diretrizes para a locução ou para os noticiários. No pós-25 de abril foram estabelecidas algumas orientações: normas avulsas distribuídas por correio interno, mas sem qualquer organização ou sistematização. A partir dos anos 80 do século passado foram sendo constituídas equipas para elaborar um Livro de Estilo, mas o projeto acabou por não se concretizar até esta data. Constava do Plano de Atividades de 2023 mas, chegados a 2024, voltou a não se cumprir.

Editor de Opinião

O Gabinete da Provedora recebe com frequência mensagens que contestam a opinião expressa numa crónica, numa análise, numa entrevista ou num comentário. E, muitas vezes, aludem ao que consideram ser os limites da opinião. É um assunto sempre delicado. A rádio convida personalidades para opinarem sobre os mais diversos assuntos e é isso que os convidados fazem: opinam. Quem expressa uma opinião não tem propriamente as obrigações de um jornalista, mas para tudo haverá limites. Quando e quais - eis a questão. Quem define as linhas vermelhas, quando se aplicam e, sobretudo, qual o papel da rádio quando um comentador vai longe de mais, falta ao rigor ou constrói a opinião com base em informações falsas, não confirmadas ou deturpadas? Qual o papel da rádio e como deve atuar nestas circunstâncias?

Aos limites na opinião contrapõem-se os argumentos da liberdade de expressão e o fantasma do lápis azul. Mas definir regras não significa menos liberdade de expressão. No programa Em Nome do Ouvinte abordou-se esta questão. Um dos entrevistados foi o jornalista Joaquim Fidalgo, antigo Provedor do Leitor do jornal Público. A opinião enquanto género jornalístico pode ser enquadrada pelo estatuto editorial e pelo Livro de Estilo. E, se assim for, como diz Joaquim Fidalgo, quando “fere o estatuto editorial”, a rádio tem o direito de dizer que dada opinião contraria claramente as orientações definidas. Mas, ressalva, “deve ser muito bem ponderado e bem explicado [aos ouvintes] se for caso disso”.

A questão coloca-se ainda noutro plano: nos espaços em que os ouvintes expressam pontos de vista, sobretudo nos que são em direto, quando se corre contra o tempo para poder identificar, contraditar ou corrigir no imediato.

Muitas vezes, o jornalista, locutor ou especialista em estúdio, ajudam a repor a informação certa, assumindo assim o papel de “Editor de Opinião Imediato”: alguém que verifica em tempo real a informação e a opinião de quem intervém.

As pessoas convidadas para comentar, analisar, emitir opinião ou fazer crónicas são, normalmente, externas à rádio. Fazem-no em espaços próprios, identificados como tal, que se multiplicam na grelha de programação e a enriquecem, com argumentações diferentes, opostas ou complementares. Por isso, e cada vez mais, faz sentido criar a

figura do Editor de Opinião, uma figura instituída em vários média de referência. Não se trata de condicionar, censurar ou impor regras, mas de assegurar que são cumpridos os princípios básicos da livre expressão, em linha com os princípios de uma rádio de serviço público.

Informação na Antena 3

Em 1994, quando a Antena 3 começou a emitir, a estação definia-se como sendo essencialmente musical, mas com informação ao longo do dia. Teve uma redação própria e noticiários das 7h da manhã às 8h da noite. A partir de 2010, progressivamente, o número de noticiários foi sendo reduzido até se chegar à situação atual, com sínteses apenas em dois períodos do dia: entre as 7h e as 10h e entre as 16h e as 19h.

A Direção da Antena 3 tem manifestado o desejo de ter mais informação, sejam noticiários ou programas, pelo menos no período diurno. Contudo, as Direções de Informação da Rádio, quer a anterior quer a atual, têm afastado essa possibilidade com a justificação da falta de recursos humanos para “fazer mais e com qualidade” - como nos respondeu o Diretor Adjunto de Informação, Mário Rui Cardoso, lembrando que a redação assegura a informação de cinco canais, todos com uma lógica diferente.

Os noticiários são sínteses da atualidade considerada mais relevante para os ouvintes da Antena 3. Há alguns programas de informação, e a música e os acontecimentos culturais estão muito presentes em espaços de formato híbrido de informação e entretenimento.

A Antena 3 é uma rádio de perfil musical. Não se espera ouvir horas seguidas de informação, mas também não é expectável que o serviço público tenha um canal apenas de música, alheando os ouvintes da restante atualidade. Não quer isto dizer que se encha a estação de noticiários e programas de debate, entrevistas ou reportagem. Em tudo há um equilíbrio.

Sabemos que os ouvintes sintonizam diferentes rádios consoante o que pretendem ouvir: música, informação, um programa específico, um autor ou uma voz. E sabemos que cada rádio tende a fechar-se num perfil.

A ideia de remeter os ouvintes da Antena 3 que pedem mais informação para outras antenas do grupo RTP, com o argumento da complementaridade, é um risco: empurra os ouvintes para fora da rádio que escutam. E não é garantido que, efetivamente, quem esteja a ouvir um programa na Antena 3 vá ouvir os noticiários da Antena 1. Cada rádio é autónoma, não há ligação entre elas, e também não há o hábito de cada uma das estações promover ou anunciar o que é emitido nas restantes.

O desinvestimento na informação da Antena 3 reside em vários fatores. A falta de meios pode ser um deles, e é relevante -, no entanto, a consequência é existirem períodos do dia sem qualquer noticiário e poucos programas que aprofundem temas que possam

interessar à audiência. Recordo, por isso, as funções basilares do serviço público: informar, educar, formar.

Há uma ideia instalada, na sociedade em geral e no meio radiofónico, de que os mais jovens não ouvem nem querem ouvir notícias, nem tão pouco querem estar informados sobre o que se passa à sua volta. Não tenho certezas quanto a isso, mas estou convencida de que alimentar esta 'ideia feita' alimenta também a ignorância, a desinformação e a iliteracia mediática.

Sendo a Antena 3 dirigida à faixa etária dos 25-45 anos, a presença da informação jornalística torna-se ainda mais premente, sob pena da rádio pública estar a contribuir para a formação de cidadãos menos esclarecidos.

Nos dias de hoje, ouvir e perceber notícias é tão fundamental como aprender a ler, a escrever e a contar. E o serviço público tem responsabilidades acrescidas na formação de cidadãos mais informados e na construção da cidadania.

Canais alternativos

A meio da época desportiva passada, a Antena 1 passou a transmitir os jogos do terceiro classificado da Primeira Liga. É um facto que a transmissão das diferentes competições de futebol acaba por ocupar um espaço alargado das emissões ao fim da tarde, noite e aos fins de semana. Há um foco cada vez maior no futebol feminino, e noutras modalidades que progressivamente vão somando vitórias e títulos, mobilizando, desta forma, as audiências que demandam mais atenção às modalidades não futebolísticas. Se, por um lado, o serviço público deve refletir essa realidade, por outro há o risco de sobrecarregar a antena com emissões desportivas.

O Gabinete da Provedora recebe queixas dos que reclamam por não se fazerem relatos e dos que protestam por se dar demasiado tempo ao futebol. Há, no meu entender, uma reflexão e uma ponderação a serem feitas sobre a relevância do desporto, nomeadamente do futebol, não apenas em termos de tempo ocupado, mas também no formato. E essa reflexão e ponderação passam também pela existência de canais alternativos à Frequência Modulada, que devem ser equacionados de forma mais permanente.

A rádio pública já teve canais temporários na Internet para acompanhar eventos ou temáticas e que tiveram uma duração limitada no tempo. É uma forma de diversificar conteúdos, ultrapassar as limitações da Frequência Modulada e de chegar a nichos de audiência sem que isso afete outras parcelas de audiência. A aposta no digital pode também passar por esta possibilidade.

A rádio não se esgota na rádio e a Internet não é apenas um complemento e uma alternativa às ondas hertzianas, antes pode transformar-se num meio de transmissão com características específicas, em que se diversificam conteúdos, se responde a diferentes interesses e hábitos das audiências, e se cumpre a missão de serviço público para todos como, de resto, está expresso no Contrato de Concessão.

Centros Regionais e Correspondentes

Os Centros Regionais são fundamentais na ligação com as regiões, as comunidades e as pessoas que as integram. É comum ouvir que a rádio pública continua a ser reconhecida pelos ouvintes como A Rádio, apesar da proliferação de marcas e logótipos, o que só comprova a conexão entre o serviço público e os ouvintes. Essa conexão já existe, embora possa ser reforçada e explorada.

Em muitas regiões, a rádio pública é a única que mantém delegações ou correspondentes em zonas marcadas pelo denominado “deserto de notícias”⁷. O panorama mediático, em especial o radiofónico, caracteriza-se pela “colonização”⁸ das rádios locais por parte de emissoras nacionais com sede em Lisboa, que as utilizam como meras retransmissoras. O jornalismo de proximidade atravessa uma crise sem precedentes, o que torna ainda mais imperioso a presença da rádio pública em todo o país - quer através dos centros regionais, quer através de correspondentes. São eles que ligam o país e o colocam nas antenas nacionais, dando-lhe uma projeção que vai muito além do local. Ou seja, a rádio pública reforça o sentimento de pertença e a coesão nacional. E – sobretudo –, está onde as outras rádios, mesmo as locais, não estão.

Não se trata apenas de cumprir o estabelecido no Contrato de Concessão, trata-se efetivamente da prestação de serviço público.

A base do Serviço Público

Quando se fala no Serviço Público, fala-se sobretudo dos conteúdos e da audiência. No processo de comunicação valorizam-se a Mensagem e o Recetor em detrimento do Emissor. E o Emissor é quem produz e emite/transmite a Mensagem para o Recetor. Em síntese: o emissor é a base da comunicação. É a base do Serviço Público de Rádio. Sem essa base será irrelevante pensar em tudo o resto.

Durante um largo período, os programas dos Provedores foram dando conta da falta de investimento na área técnica da rádio. Como já referi, nos últimos anos a situação tem sido corrigida, embora sem atingir o nível expectável para uma rádio pública. Encontrei, ainda, instalações e condições de trabalho aquém do que deveria ser uma rádio do século XXI. Note-se que não é o que ‘deveria ser’ uma rádio no futuro, mas o que deve ser hoje. Mais do que uma vez, nas visitas efetuadas aos centros espalhados pelo país, senti que entrava numa cápsula do tempo e que recuava às condições de trabalho dos anos 80 do século passado. Nada a opor, se tudo funcionasse e chegasse em perfeitas condições aos ouvidos do ouvinte. Mas não é o caso. A renovação tecnológica da rádio pública é um imperativo.

⁷ Mais de metade dos concelhos em Portugal é ou está na iminência de se vir a tornar desertos de notícias, isto é, não possuem meios de comunicação com sede no concelho sobre o qual produzem conteúdos. São dados de um estudo realizado pelo MediaTrust.Lab. Portugal publicado em 2022

⁸ Termo usado por diversos investigadores (Oliveira, 2014; Bonix, 2019; Obercom, 2018)

As rádios do serviço público são, em muitos locais, as únicas que chegam onde as outras não chegam. É uma responsabilidade acrescida e, de resto, enunciada no contrato de serviço público. Mas, mais do que uma obrigação, é uma necessidade. É fundamental, por isso, o investimento em equipamentos, mas também no recrutamento e formação de equipas que assegurem a sintonia da rádio pública – uma tarefa que não é automática nem fácil.

A missão da equipa das antenas da RTP, além da montagem e manutenção das estações emissoras de rádio no território continental e nas ilhas, abrange também os países de expressão portuguesa: Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor. A equipa é formada por 12 pessoas, entre técnicos de eletrónica e especialistas com formação para subir às torres onde se apoiam as antenas. Mas apenas metade realiza trabalhos em altura, ou seja, sobe às torres. O trabalho requer um perfil e uma formação específicos que dificultam o recrutamento: são precisas competências técnicas, disponibilidade e preparação física. Isto é, uma formação especializada e contínua, não apenas nesta área, mas também noutros equipamentos específicos da RTP que, como já vimos, tem responsabilidades acrescidas e, por obrigação, deve cobrir todo o território nacional. Daí a importância de a rádio pública formar e manter equipas próprias conhecedoras do historial dos emissores da rádio e das suas características particulares. Cabe à RTP criar essas condições e torná-las mais atrativas, à altura da função de base que têm na estrutura da rádio. É fundamental assegurar uma equipa fixa e coesa que, a longo prazo, garanta a manutenção de emissores e antenas em todo o país e além-fronteiras, para que se cumpram as missões definidas no Contrato de Concessão - a que as rádios privadas e comerciais não estão sujeitas.

Sem a equipa das antenas e dos emissores, as ondas hertzianas não chegam aos nossos aparelhos de rádio. Por isso, estas equipas são como as torres que sobem: são a base do serviço público de rádio.

Relativamente às queixas de sinal fraco ou dificuldade de sintonia, há várias zonas em que o diagnóstico está feito, mas sem resolução à vista. Por exemplo, na autoestrada Porto-Lisboa o sinal perde-se com mais frequência do que o desejável em determinadas zonas. Mesmo em Lisboa, há locais onde não se sintonizam vários canais em FM e em Palmela a situação repete-se. Há um evidente prejuízo para os ouvintes que não conseguem sintonizar a Antena 1, 2 ou a 3. É um problema antigo e que não depende apenas da RTP.

Ao contrário das rádios privadas, a RTP não pode comprar frequências e tem de esperar que a ANACOM as disponibilize. Não havendo frequências disponíveis, não é possível colocar todas as emissões em todas as estações emissoras. Na prática, não se cumpre o Contrato de Concessão - que determina que a rádio pública chegue a todo o território nacional. Urge, por isso, sensibilizar as entidades competentes para esta incongruência, um assunto que está na agenda do Conselho de Administração da RTP⁹.

⁹ O assunto foi abordado na entrevista ao Presidente do Conselho de Administração da RTP, Nicolau Santos, ao programa Em Nome do Ouvinte transmitido em janeiro de 2024

Bibliografia

Bonixe, L. (2019). *As rádios locais em Portugal – da génese ao online. Contexto e prática do jornalismo de proximidade*. ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. <https://core.ac.uk/download/pdf/303773586.pdf>

ERC (2022). *A Rádio Local na Sociedade Portuguesa*. Org Maria João Taborda e Humberto Pestana. <https://www.flipsnack.com/ercpt/estudo-a-r-dio-local-na-sociedade-portuguesa/full-view.html>

Jerónimo, P.; Ramos, G e Torre, L. (2022) *Desertos de notícias europa 2022: relatório de Portugal*. Labcom <https://labcomca.ubi.pt/desertos-de-noticias-europa-2022-relatorio-de-portugal/>

Obercom (2018) *As Rádios Locais em Portugal Caracterização, tendências e futuros*. Org Gustavo Cardoso e Sandro Mendonça <https://obercom.pt/as-radios-locais-em-portugal-caracterizacao-tendencias-e-futuros/>

Oliveira, Madalena (2014). *Ecos e sotaques do local: o insustentável sonho da radiofusão de proximidade*, org. Isabel Reis, Fábio Ribeiro e Pedro Portela, *Das Piratas à Internet: 25 anos de Rádios Locais*. Universidade do Minho, CECS. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34104/1/Ebook_25_anos_radios_locais.pdf

Santos, R. (2021). *A informação radiofónica a partir dos relatórios do provedor do ouvinte*. Coord Baptista, C.; Sousa, J.P. & Azevedo, C. *Para uma história do jornalismo em Portugal — II*. Livros ICNOVA <https://coleccionova.fch.unl.pt/index.php/icnova/article/view/25>

ANEXOS

Anexo 1

Mensagens dos Ouvintes e Respostas: alguns exemplos

Queixas _exemplos _censura ou a falta dela

1.

Cara Sra. Provedora

Ontem, dia de Natal, fiz uma pequena deslocação de automóvel durante a qual, tentando fugir a tanta música de Natal com que quase todas as rádios nos presenteiam nesta época, acabei por parar na Antena1.

Confesso que não sou um ouvinte assíduo desta rádio, mas pontualmente passo por lá.

E acabei por me deparar com uma situação, que não me lembro de ocorrer em rádios ou tv's desde o tempo da música "Patchouli" (não sei bem como se escrevia) do Grupo de baile, aí nos anos 80 do século passado.

Estava a tocar uma música da Cláudia Pascoal, onde a certa altura a letra diz "haja cabeça que o cu é pra sentar".

Pois bem, a Antena 1 num acesso de pudor em jeito de lápis azul, acha por bem, para não ferir os ouvidos sensíveis dos seus ouvintes suprimir a palavra "cu".

Pergunto, porquê?

Porventura a palavra "cu", não será uma palavra hoje em dia tão banal que não possa ser dita na Antena 1? Porventura terão perguntado à Cláudia Pascoal se ela concordava com isso? Podem até ter perguntado e ela ter aceitado, porque na verdade ela preferirá que a música passe na rádio ainda que suprimida de parte da letra, mas terá seguramente ficado aborrecida.

Ou será que entretanto, ao contrário de mim, já a senhora procuradora terá recebido mensagens de indignação de virgens ofendidas a exigir a remoção da palavra "cu" da letra da Cláudia Pascoal, ao ponto da Antena 1 fazer o que fez?

Fica a minha discordância.

Caro ouvinte

Vou dividir a resposta à sua mensagem em duas partes distintas: a música de Cláudia Pascoal e a acusação de a Antena 1 usar o 'lápiz azul'.

1. Escutei a música 'Eh Para A Frente, Eh Para trás' e solicitei um esclarecimento ao diretor da Antena 1. Nuno Galopim respondeu que "Esta versão foi a escolhida pela artista e editora". Ou seja, "esta versão suprimida é única que está ainda disponível na base de dados da editora que fornece os ficheiros usados pelas rádios". E acrescenta: "se esta é a versão cedida pela editora, naturalmente é a que está a ser difundida em antena, integrada na playlist da Antena 1. Caso seja usada numa webradio da Antena 1 a versão cedida pela editora será também a usada. Num programa de autor em que seja usado o disco "original" é possível até que tenha já passado a outra versão não suprimida." O Diretor conclui: "Caso a editora tivesse disponibilizado às rádios, através da sua plataforma profissional de serviço, as duas versões, naturalmente teríamos optado pela não suprimida", até porque a "Antena 1 não exerce quaisquer atos de supressão de palavras nas obras musicais que difunde".

Não me cabe emitir juízos de valor sobre a decisão da editora e da cantora. A Antena 1 passa a versão com a supressão porque foi a que recebeu, compreendo, mas não posso concordar inteiramente com essa visão. Em última instância, é à Antena 1 que cabe decidir, soberanamente, o que passa nas suas emissões. Por isso, considero que podia ter optado por passar a versão original fazendo jus ao princípio invocado pelo Diretor, e aplicando-o, de que a "Antena 1 não exerce quaisquer atos de supressão de palavras nas obras musicais que difunde". A menos que a autora não queira.

2. Relativamente àquilo que escreve de que a Antena 1 'num acesso de pudor' usou o 'lápiz azul' neste caso para satisfazer 'virgens ofendidas' começo por lamentar a linguagem usada e a acusação explícita na sua mensagem. Em primeiro lugar, não tenho de lhe dar satisfações das queixas que recebo ou não recebo. Em segundo lugar, é notório que, como escreve, não é "um ouvinte assíduo desta rádio", mas pontual – de facto, se fosse um ouvinte assíduo já teria ouvido outras músicas sem palavras suprimidas. Dou-lhe apenas dois exemplos: 'Que tal um samba' de Chico Buarque e 'Amanhã Tou Melhor' dos Capitão

Fausto. Ambas passam na Antena 1 com frequência e com todas as palavras. Por isso, considero desajustadas e deploráveis as acusações que faz.

Com os melhores cumprimentos

2.

Boa tarde, os meus respeitosos cumprimentos.

Sou ouvinte assíduo de rádio, e ultimamente não entendo o porque de darem palavrões nas músicas, no meu tempo (anos 90) todas as músicas incluindo as inglesas eram cortadas no palavrão!

Agora só por ser o Chico Buarque pode dizer: "uma dor filha da puta"!!

Não acho certo, e existem mais músicas a passar palavrões. É inadmissível!!

Obrigado

Caro ouvinte,

Compreendo o seu desconforto, mas a rádio pública não pode, nem deve, atuar como supressor de palavras nas músicas, sejam elas quais forem.

O meu parecer é no sentido de que se deve optar sempre por passar a versão original. Partilho, por isso, do princípio invocado pelos Diretores da Antena 1 e da Antena 3 quando os questionei sobre o assunto. As músicas são obras artísticas que refletem o tempo em que são criadas e a rádio pública não pode ser alheia a esse facto. Para que fique claro, a rádio pública não suprime palavras nas obras musicais que difunde e opta pelas versões integrais, mesmo quando as editoras ou os artistas distribuem uma versão com supressões. Não quer isso dizer que passe tudo, há critérios, e cada música é analisada caso a caso para avaliar se as palavras utilizadas são gratuitas, se inserem num contexto que faça sentido, se são insultuosas ou agressivas.

Cordialmente,

3.

Boa tarde.

Recorro à Provedora do Ouvinte no sentido de ser esclarecido sobre a ausência da entrevista ao Salvador Sobral na RTP PLAY que ocorreu no passado dia 27 de janeiro.

Já tive a oportunidade de questionar sobre a ausência do programa por outro meio e lamento que até hoje não tenham dado nenhuma resposta.

Espero que não tenham feito censura à entrevista pelo fato de o Sobral ter abordado algumas questões incómodas.

Se por acaso puder informar-me como poderei ter acesso à entrevista em questão, ficar-lhe-ei muito grato.

Caro ouvinte

Sobre a informação que solicita cumpre-me informar o seguinte: O episódio a que se refere foi uma repetição. A entrevista a Salvador Sobral foi realizada e emitida em outubro do ano passado. Pode escutá-la em podcast na RTP Play - emissão do dia 16 de outubro de 2022 - em <https://www.rtp.pt/play/p10680/e646634/infinity-particular>. O mesmo programa voltou a ser emitido no dia 29 de janeiro.

A única coisa que posso acrescentar é que a Antena 1 devia, na emissão do dia 29 de janeiro ter dado essa informação no lançamento ou fecho do programa.

A sua segunda observação motiva-me um curto comentário: lamento que a única explicação que lhe ocorra seja a de que a Antena 1 faça censura sobre um programa (ou qualquer outro conteúdo). O facto de ter repetido este episódio do Infinito Particular em que, e cito as suas palavras, o entrevistado abordou "algumas questões incómodas" é suficiente para responder-lhe.

Cordialmente

4.

Bom dia

Venho aqui expressar a minha opinião em relação ao programa "voz de cama". De manhã tenho o hábito de levar crianças no carro e evito ouvir a estação da antena 3 pois o programa acima descrito não é apropriado para crianças pois o tema é para maiores de 18 anos e nem sequer tem vertente educativa.

Agradecia que mudassem o programa para um horário mais apropriado tipo 22h em diante.

Caro ouvinte

Recebi a sua mensagem e reencaminhei-a para o Diretor da Antena 3. Na resposta Nuno Reis escreve que compreende o seu ponto de vista e o seu desconforto:

“o tema é sensível: Sexo, relações afetivas. É provável que as crianças no carro, não percebendo o que estão a ouvir, façam perguntas, por vezes incómodas para os pais. No entanto, nada no conteúdo da rubrica é de cariz explícito ou gráfico. Sendo a Tânia Graça uma excelente comunicadora, numa área em que nem sempre é fácil ter um discurso que seja, ao mesmo tempo, interessante/didático e descontraído, a rubrica foi pensada para estar no programa da manhã... e os bons resultados comprovam que está no sítio certo. A Antena 3 é uma rádio feita para jovens adultos entre os 25 e os 45 anos, pelo que os temas refletem esse target. Mas, repito: a rubrica não tem linguagem gráfica e explícita. Pode levantar questões às crianças, de resposta difícil para os pais... mas isso, nem sempre é mau, nem as crianças ficam traumatizadas. Pode ser uma boa oportunidade para começar a abordar estas questões.”

Não tenho muito a acrescentar às palavras do Diretor da Antena 3 que subscrevo.

Relativamente às crianças que podem estar a escutar, faço aqui um breve comentário: a Antena 3 é uma rádio direcionada para um público adulto situado entre os 25 e os 45 anos. Embora se possa ter em conta o facto de poder ser, eventualmente, escutada por outros públicos isso não pode determinar a sua programação nem os seus conteúdos.

Aproveito para lhe dar conhecimento de que o programa desta semana Em Nome do Ouvinte é dedicado à Antena 3 e as mensagens que tenho recebido dos ouvintes.

Cordialmente,

Queixas_exemplos_futebol e noticiários

1.

Há um motim em curso em Brasília, que parece estar a ser complicado. O futebol sobrepõe-se a tudo na Antena 1. Só futebol, sem sequer darem noticiário sobre o tema. É ultrajante

Cara Ouvinte

Respondo à sua mensagem sobre a emissão da Antena 1 no dia 8 de janeiro quando se deram os acontecimentos em Brasília.

Ouvida a emissão e os responsáveis da estação sobre o assunto, devo esclarecer que a Antena 1 deu a notícia com as primeiras informações, ainda numa fase inicial, durante tarde desportiva, nas suas sínteses noticiosas. De facto, não interrompeu os relatos de futebol nem a emissão em curso. Mas toda a programação foi cancelada mal a tarde desportiva terminou. Pedi esclarecimentos ao diretor de programas da Antena 1 que justificou a não interrupção dos relatos de futebol ao fim da tarde por se tratar de uma situação que estava ainda em evolução e apenas quando tomou outras proporções se abriu a emissão para noticiar e analisar o que estava a suceder em Brasília. Assim, a partir das 21 horas, todos os programas foram cancelados para dar lugar a noticiários que duraram, cada um, trinta minutos e em que um único tema foi abordado: a situação em Brasília. A programação normal só foi retomada depois do noticiário da manhã quando a situação foi dada como controlada.

Posso discordar da forma sintética como os acontecimentos foram noticiados no final da tarde desportiva, mas congratulo-me com o facto de toda a emissão ter sido alterada em função de um acontecimento que foi ganhando relevância com o passar das horas. Apesar de achar que as emissões em direto são uma mais-valia na rádio, acho também não deve ser um dado adquirido que a atualidade imponha permanentemente emissões especiais e em direto - tudo deve ser avaliado e ponderado. O que se pretende é que haja algum equilíbrio sem dar azo a desvalorizar ou sobrevalorizar os factos.

Cordialmente

2.

Bom dia sra. Provedora, mais uma vez venho apresentar o meu desagrado pelo facto da equipa de desporto da Antena1 ter prolongado a emissão até às 23h10 na sexta-feira e ontem sábado após os jogos para a taça de Portugal, o de sexta-feira acabou faltavam 20 minutos para as 23h e o de ontem 18 minutos para as 23h, tempo mais que suficiente para fazerem os comentários aos jogos e o noticiário à hora certa ir para o ar. Já percebi que este "esticar" da emissão mais 10 minutos é propositado para que o noticiário não vá para o ar, sei que há falta de jornalista na Antena1, mas se assim é deveriam cortar na equipa de desporto e nos comentadores para terem jornalista suficientes para que os noticiários possam ir para o ar . Vejo-me empurrado para a TSF ou Renascença para poder ouvir o noticiário em dia de futebol na Antena

1. Sugiro que se acham que é muito importante dar tempo aos comentadores para a conversa da treta habitual que o façam após os noticiários, e até podem ficar 40 ou 50 minutos na conversa da treta até à hora certa seguinte e o noticiário dessa hora ir para o ar. Obrigado

2.

Boa noite sra. Provedora, queria perceber como é que o jogo de futebol Portugal vs Islândia acaba a 22 minutos das 22h e o noticiário das 22h não vai para o ar? Sendo que a emissão de "desporto" terminou 52 minutos após o final do jogo, recorde que uma parte de um jogo de futebol tem 45 minutos, na minha opinião acho um exagero que haja mais tempo de comentário que uma das partes do jogo e que isso impeça que o noticiário à hora certa vá para o ar. O noticiário poderia ter ido para o ar e depois poderiam continuar com os comentários que mais parece conversa de café. A Antena1 faz serviço público, mas em dia de jogos de futebol é recorrente este prolongar dos comentários após o final dos jogos fazendo com que o noticiário à hora certa não vá para o ar. Gostaria que isso pudesse mudar. Obrigado pela atenção.

3. "Gostaria que alguém explicasse o porquê da Antena1 ter feito uma emissão especial para acompanhar o sorteio do europeu de futebol de 2024 que aconteceu este sábado, que levou a que o noticiário das 17h fosse reduzido a uma síntese de menos de dois minutos e porque depois do sorteio vão transmitir o jogo do FC Porto o próximo noticiário à hora certa será às 21h. Porque acharam relevante transmitir este sorteio, quando não transmitiram dois jogos do MUNDIAL de futebol da selecção feminina, não transmitiram em directo as declarações do ainda primeiro ministro após a votação do OE24, que aconteceu esta semana e que a Antena1 disse que o primeiro ministro iria falar, mas não transmitiu em directo as declarações, "obrigando-me" a ter de mudar para a TSF para as poder escutar"

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem, que considero relevante. Coloquei a questão à Direção de Informação e transcrevo a resposta que recebi do responsável pelo desporto, Mário Rui Cardoso: "Registamos a pertinência das questões levantadas pelos ouvintes. O problema colocado sobre os noticiários e o caráter talvez excessivo dos espaços de comentário a seguir aos jogos é muito relevante e será objeto de análise por parte da Direção de Informação."

Esta questão já tinha sido colocada anteriormente e abordada num dos programas Em Nome do Ouvinte. Na altura, a Direção de Informação reconheceu que o futebol ocupa um espaço privilegiado na emissão da Antena 1 que responde à expectativa de uma boa parte da audiência que sintoniza a rádio pública para ouvir os relatos dos jogos, mas defrauda quem quer continuar a ouvir os noticiários à hora certa. Por mais do que uma vez nos referimos à necessidade de estabelecer um equilíbrio.

A crítica do ouvinte coloca em perspetiva os critérios editoriais que levam a que se privilegie mais o comentário e resumos - do que um noticiário depois de uma tarde desportiva em que a informação surge, quase sempre, em forma de síntese. A questão colocada é válida e concordo inteiramente com a Direção de Informação quando refere que merece uma reflexão - tendo em conta vários pontos - sobre se se justifica: eliminar um noticiário quando a emissão de desporto termina pouco minutos depois da hora certa; o tempo de emissão pós-jogo com informações e o tempo que atualmente é dado aos comentários. Sobre este assunto, há ainda uma outra variável que tem de ser tida em conta: o comentário e as informações de outros jogos também preenchem o tempo de espera pelas entrevistas rápidas e pelas declarações dos protagonistas do jogo. O que pode ser alvo de avaliação é se se justifica esperar por algumas dessas informações ou declarações - cujo agendamento e realização não dependem da Antena 1 - ou incluí-las, por exemplo, no noticiário em vez de eliminá-lo. Essa é uma decisão editorial fundada em critérios jornalísticos.

Cordialmente,

Boa tarde Sra. Provedora

Venho manifestar por esta forma a minha crítica ao sempre crescente peso da programação ligada ao futebol na Antena 1, da qual sou um ouvinte assíduo; cada vez que há uma revisão da programação o futebol cresce em importância...ao longo do dia e da semana é uma constante...já não se aguenta! Cumprimentos,

Caro ouvinte

O noticiário durante as emissões de desporto, e o espaço das emissões de desporto, já foram abordados em diversos programas da Provedora no sentido de haver uma reflexão sobre algumas opções que

relegam a atualidade não desportiva para um espaço de síntese ou para a eliminação de alguns dos noticiários. A resposta que tenho obtido da Direção de Informação é a de que a situação está a ser analisada. Mesmo assim, solicitei um novo ponto de situação e recebi a seguinte resposta: “sobre a questão dos noticiários durante o futebol, a Direção de Informação reconhece que é uma situação que precisa de ser recalibrada e está já a equacionar formas possíveis de se conseguir assegurar um maior equilíbrio entre a informação desportiva e a informação geral, nas emissões prolongadas dedicadas ao futebol.”

Cordialmente,

Queixas_exemplo_Jornada Mundial da Juventude

1.

Protesto veementemente pelo conteúdo da programação da antena 1 nos últimos dias. De facto regressamos ao tempo da emissora nacional: Fátima, futebol e fado.

2.

Cara Provedora

Venho por este meio protestar contra a transformação da RDP, (rádio pública que todos pagamos) na rádio Eclésia, como se no nosso País não existisse mais nada para além da vinda do Papa. Que se dê relevo às intervenções do Papa tudo bem, mas a overdose editorial é uma agressão a todos os que não são católicos, e que a rdp devia respeitar. Saudações

3.

Boa tarde,

A propósito da JMJ, evento de cariz religioso, VERIFICO A OCUPAÇÃO DE TODOS os recursos da RTP maioritariamente dedicados ao mesmo.

Hoje mesmo transmissão de missa na antena 1!??QUANTAS MAIS VIRÃO? E muitas e repetidas "pseudo"entrevistas a transeuntes versando o mesmo assunto...HORA E HORAS...

NÃO É MISSÃO DA RTP ENQUANTO ENTIDADE PUBLICA, DE UM ESTADO LAICO E PAGO IMPERATIVAMENTE POR TODOS OS CIDADÃOS ESTAR POR ESTES DIAS, AO SERVIÇO QUASE EXCLUSIVO DE UMA ENTIDADE RELIGIOSA.

A RTP ASSIM ESTÁ A VIOLAR O SEU DEVER E OBRIGAÇÃO DE SERVIR TODOS OS PORTUGUESES COM EQUIDADE E ISENÇÃO!

APROVEITO E acrescento,

PERGUNTO:

A TRANSMISSÃO DOS JOGOS DE FUTEBOL DA SELECÇÃO MASCULINA SÃO FEITOS PELA ANTENA1 MAS OS DA FEMININA FORAM RELEGADOS PARA A ANTENA 3 ??? e depois... Missa na antena1 já pode...certa da vossa atenção. Melhores cumprimentos

4.

Transmissão Vigília Parque Tejo. Porque é que o comentador não se calou quando havia o momento de silêncio? Falou, falou e não disse nada. Não respeitou o Silêncio. Falta de respeito. Triste figura

5.

Gostaria de deixar aqui o meu completo desagrado em relação à maneira como transmitiram a vigília da JMJ do dia 5 de Agosto no que diz respeito à maneira como os comentadores não deixavam ouvir quer os cânticos quer as diversas mensagens transmitidas pelos participantes, estando constantemente a falar por cima. Nem nos momentos de silêncio que têm e repito têm de ser respeitados deixaram de falar. É um completo desrespeito pela cristandade e fé de cada um. Se não são cristãos, respeitem quem o é e respeitem os momentos de silêncio e de oração de cada um

Caro Ouvinte

Recebi a sua mensagem que dei conhecimento à coordenação da Jornada Mundial da Juventude e da visita do Papa a Portugal. Na resposta foram invocadas várias razões para o tempo de emissão dedicado ao assunto a dimensão do evento; a sua capacidade mobilizadora; o facto da RTP ser o host da JMJ, ou seja, a responsável pela recolha e distribuição, das imagens e som da Jornada, a nível nacional e para todo o mundo; a natureza e características dos eventos que ultrapassam a visão meramente religiosa.

O tempo de emissão dedicado à Jornada Mundial da Juventude não pode ser analisado de forma isolada, dissociado do conteúdo e tratamento jornalístico. A Antena 1 não foi um mero transmissor das cerimónias, nem poderia sê-lo. A cobertura da Jornada e da visita papal foi jornalística, com o objetivo de contextualizar, descrever, analisar, colocar a atualidade em perspetiva, e ouvir outras vozes – mesmo as de contestação ou de outras crenças, como, de resto, foi feito.

No contexto português não se coloca em causa a prestação do serviço público numa transmissão como esta. A JMJ é um acontecimento mediático de grande escala, foi considerado o maior evento de sempre em Lisboa e até no país. Mas como qualquer outra emissão deverá ser objeto de reflexão interna, o tempo despendido nas emissões especiais não deverá ser exceção.

Mais acrescento que o assunto foi abordado no programa semanal da Provedora, Em Nome do Ouvinte, disponível na RTP Play.

Cordialmente,

Queixas_Exemplos_Moderações

1.

Escrevo a presente para comunicar o meu descontentamento com o modo como o programa da Antena 1, intitulado de "Radicais Livres" tem sido guiado ao longo dos últimos meses.

Considero o programa é uma referência cultural, das poucas atuais, sendo um ouvinte assíduo desde a primeira série onde os seus intervenientes eram Jaime Nogueira Pinto e do saudoso Ruben de Carvalho. A ideia do programa, desde início, sempre foi obter uma discussão saudável entre duas figuras culturalmente notáveis sobre determinado tema, de forma a enriquecer os ouvintes do programa. Assim, aproveito para considerar, a título de aparte, que a escolha de Pedro Tadeu para substituir Ruben de Carvalho foi errada por ser notoriamente insuficiente. Todavia, a razão para esta mensagem deve-se ao facto de o programa, desde o início da sua 3ª série, se ter tornado extremamente difícil de se ouvir, com muita pena minha. Tal facto deve-se pois às constantes interrupções da sua moderadora, Maria Flor Pedroso, que por ser moderadora se considera parte na discussão, distorcendo por completo as qualidades do programa, interrompendo constantemente os intervenientes (curiosamente, com maior frequência Jaime Nogueira Pinto) e dando uma opinião que, muito francamente, não é devida ou necessária por parte de uma moderadora. O seu papel é simples, moderar a conversa: gerir os tempos, orientar os temas. É, pois, um papel que deve ser lembrado de forma a manter a qualidade do programa

Caro ouvinte

Efetivamente o programa foi desenhado por outro autor, mas os programas não são imutáveis, e o Radicais Livres também foi evoluindo desde 2015, na moderação de Luís Marinho para Rui Pego e deste último para Maria Flor Pedroso, e até na dinâmica entre os dois ‘radicais’ que também se alterou com a substituição de Ruben Carvalho por Pedro Tadeu. O estilo de moderação pode, naturalmente, não ser o mesmo, e seria até estranho que o fosse já que cada moderador tem a sua própria marca que reflete o seu percurso – sem isso signifique alterar a essência do programa. E não se pede que o moderador replique a postura do(s) anterior(es).

Nas diferentes séries não identifico alterações de fundo no seu conceito. E aproveito para recordar as palavras de Luís Marinho, o primeiro moderador, que, numa frase, resume a ideia do programa: “juntar dois radicais de sinais opostos que se respeitaram sempre, e que discutem a atualidade à luz da história de uma aforma civilizada e didática quer do ponto de vista do conteúdo quer do ponto de vista do comportamento”. O conceito do programa está no diálogo entre Jaime Nogueira Pinto e Pedro Tadeu, e apesar da mudança de moderadores, cada um com o seu estilo, e até dos próprios radicais (de Ruben Carvalho para Pedro Tadeu), é meu entendimento que essa essência se mantém.

Cordialmente,

2.

Quero falar acerca do estado do jornalismo da RDP como cidadã. Estava a ouvir o 1º ministro a falar e fiquei verdadeiramente embasbacada com os apartes que jornalista ou comentadora ia fazendo...Será que tem que ser mesmo assim? O normal seria deixar acabar a intervenção e depois falar o que quisesse de forma franca penso eu...mas não o pior é que os comentários eram complementos pela negativa, como alias é o padrão nos poucos programas que ainda ouço...

Cara ouvinte

Depois de ouvir a emissão especial sobre o debate Estado da Nação ouvi também a jornalista que a conduziu.

O trabalho do jornalista em emissões como esta é o de situar o ouvinte no acontecimento que se desenrola em simultâneo e não no final e isso deve-se ao facto de os ouvintes sintonizarem a rádio em momentos diferentes e não seguirem o debate na íntegra ou não fazerem no imediato a ligação do que é dito com acontecimentos passados ou que tenham ocorrido noutros momentos do debate.

Cabe à jornalista identificar, informar, resumir, contextualizar, descrever - ou seja, ser jornalista. E, no meu entender, foi isso que a jornalista da Antena 1 fez. Não me pareceu, em momento algum, que a jornalista tivesse tecido comentários negativos, e por isso opinativos, ao longo do debate. O relato a ser interpretado como negativo estará relacionado com o teor das intervenções feitas no parlamento, que ao serem resumidas ou situadas num contexto podem ter essa interpretação, mas reportam a factos e não são opinião da jornalista em causa.

Cordialmente,

3.

Bom dia,

Há instantes no programa Antena Aberta, o jornalista António Jorge, censurou a opinião de uma ouvinte. Trata-se da penúltima ouvinte. Considero este comportamento inaceitável.

Causou-me alguma perplexidade a brandura com que - em contraste com a rispidez que demonstrou com a ouvinte de hoje - tratou o tema da pedofilia na Igreja e os intervenientes que falaram em nome dessa instituição.

Gosto deste programa de rádio e acho que presta um bom serviço público. No entanto o seu actual apresentador tem revelado posições altamente reacionárias.

Caro ouvinte

Apesar de ter ouvido, em direto, o segmento que indica do programa Antena Aberta, fui ouvi-lo de novo para confirmar o que efetivamente foi dito. Julgo que parte de vários equívocos quando classifica a intervenção do moderador como censura e como opinião aquilo que a ouvinte disse. A fronteira que separa a opinião do insulto ou da difamação pode ser ténue, mas está perfeitamente definida, sobretudo numa rádio como a Antena 1 e num programa como a Antena Aberta. O programa pretende ouvir opiniões que contribuam para o debate público dos temas da atualidade, opiniões sustentadas contribuam para a construção e exercício da cidadania.

A intervenção da ouvinte não se insere nesse modelo. O moderador cumpriu o seu papel, fez uma primeira observação sobre a linguagem utilizada, e ainda pediu desculpa por interromper o discurso da ouvinte que prosseguiu no mesmo tom. Não restou outra possibilidade a António Jorge senão a de interromper e dar tempo a outro ouvinte que, de facto, quisesse expressar a sua opinião.

Cordialmente,

4.

Bom dia Sra. Provedora,

Hoje antena aberta, na antena 1 começou o programa a dizer que não tinha tempo para tratar do assunto. Surgem 2 perguntas: vale a pena ter um programa que trata de assuntos sérios e complexos para começar assim? O programa em causa, demora 50mn não tem tempo em contrapartida para dar futebol não há limites- Ontem, por exemplo 8 horas seguidas de futebol! para além do resto.

Obrigada

Cara ouvinte

O programa a que se refere, emitido a 16 de janeiro, foi sobre a luta que opõe professores e governo e que impacto das greves. Fui ouvir o programa em questão e não concordo com a sua observação. O moderador, o jornalista António Jorge, parte dos resultados de um inquérito para anunciar a temática do programa e aquilo que diz é que não “*vamos ter tempo para ser absolutamente rigorosos em relação a todos os fatores que podem explicar o burnout e mal-estar que professores estão a sentir*” – o que é diferente de dizer que “*não tinha tempo para tratar do assunto*”, como afirma na sua mensagem. No espaço do programa, em 45 minutos, de facto, não se poderá aprofundar com detalhe todos os fatores que motivam a greve dos professores. É uma questão complexa que suscita várias abordagens que não cabem num único programa. Recordo ainda que o Antena Aberta é um programa de participação aberto

à audiência em que os ouvintes que podem colocar questões e emitir opiniões sobre o tema em debate. Neste programa, em concreto, além do convidado, o investigador Roberto della Santa, que enquadró os resultados no inquérito do qual o tema do programa partiu, entrevistaram 14 ouvintes. Ou seja, o programa cumpriu a sua função: partiu de um tema da atualidade, contou com a participação de um especialista que enquadró os resultados do inquérito e o tema em debate, e abriu a antena à participação dos ouvintes para saber o que pensam sobre o assunto. Explicar todos os fatores que estão em causa será um assunto mais abrangente e que caberá noutra género de programa.

Cabe-me esclarecer ainda que a luta dos professores foi e é ainda um tema recorrente quer nos noticiários quer em programas de informação da Antena 1, e que já foi abordado nas suas múltiplas dimensões, nomeadamente no Antena Aberta.

Cordialmente,

Queixas_exemplos_noticiários

1.

Num noticiário de 11 minutos, os primeiros 6 (seis) foram sobre o jogo do Mundial do Catar que se iria realizar nessa tarde. Não era uma notícia mas uma previsão subjectiva e redundante. Inaceitável.

Caro ouvinte

Relativamente ao noticiário das 9h de 2 de dezembro solicitei esclarecimentos ao editor e ao Diretor de Informação. Ambos reconhecem que o ouvinte tem razão, no essencial. Para o editor do noticiário Miguel Soares, *“O Mundial de Futebol não teve notícia, (a não ser agenda), até às 10h”*. A opção às 9h, de abrir com o jogo, *“foi por pensar que a notícia de abertura às 7h e 8h (do incêndio em Vila Real) estava esgotada”*, podia falar da insegurança dos braseiros, do recurso a fontes de energia mais baratas, mas mais perigosas, *“mas não conseguimos em tempo útil”*. Para o jornalista são inquestionáveis a importância e o interesse do Mundial. O *“jornalismo não se compadece com a subjugação às audiências (...)mas serve quem nos ouve. Eu sirvo os ouvintes, não de forma subserviente, acéfala e acrítica, mas procuro servir-lhes o que mais lhes possa interessar em cada momento. E, naquele dia, aquela hora, sem notícias de monta, não tenho dúvidas que esse era o assunto que mais interesse suscitava. Isso não invalida que não tenha de pesar o valor-notícia. Um noticiário é, como a própria palavra indica, um jornal com notícias. Tinha, por essa hora, o jogo notícia? Não. Justificaria a abertura? Não tendo, no momento, grandes alternativas, pelo que já expliquei, não penso que fosse um erro capital abrir com o jogo (...). Justificaria seis minutos de um noticiário. Retrospectivamente, julgo que não.”* O Diretor de Informação João Paulo Baltazar reconhece que o destaque, sem notícia relevante associada, *“foi manifestamente exagerado”*. Por sentir que havia *“alguns excessos pontuais (...) pediu uma maior exigência quanto à avaliação do valor-notícia de cada peça, direto e comentário”*, do tempo e destaque tendo em função da *“novidade e frescura das informações”*. O Mundial de Futebol é uma das principais competições desportivas que suscita interesse. No entanto, isso não significa que o Mundial, mesmo quando joga a equipa de Portugal, se torne automaticamente num valor-notícia e ocupe metade de um noticiário. Sobretudo quando não há, como foi reconhecido, algo de novo e atual - condição intrínseca da notícia e tendo ainda em conta que naquele horário o tema foi também abordado. A Provedora congratula-se com o facto de o Diretor de Informação ter pedido uma avaliação casuística às notícias do Mundial sem exageros e emoções; e de o jornalista, em retrospectiva, admitir que o tempo dado ao assunto foi excessivo.

Cordialmente,

2.

Noticiário das 8h da Antena 1 de 22 de Julho

O noticiário foi quase totalmente preenchido com um acontecimento desportivo internacional que iria ter lugar no domingo. Introduziu-o a pivot que também terminou; no meio falou três (3) vezes um jornalista desportivo (creio) que deu a palavra três (3) vezes a um treinador (creio).

Caro ouvinte

Não estou certa do que pretende com a sua mensagem. Ouvindo o noticiário apenas posso confirmar que efetivamente a notícia que refere foi dada no noticiário das 8h. A notícia dava conta da conferência de imprensa, dada horas antes, pelo treinador da seleção feminina de futebol na Nova Zelândia que defrontaria, no dia seguinte, os Estados Unidos. Não é apenas, como diz *“um acontecimento desportivo*

internacional” é a primeira vez que a seleção nacional de futebol participa num Mundial e a conferência de imprensa terminou na Nova Zelândia duas horas antes. É uma notícia nova e relevante, julgo que não precisarei de explicar porquê.

Sobre o tempo ocupado no noticiário, devo esclarecer que o noticiário das 8 horas do dia 22 de julho teve a duração de quase 8 minutos e que a notícia referida apenas ocupou 2 minutos do noticiário – ou seja, muito longe daquilo que considera “quase totalmente preenchido com um acontecimento desportivo internacional”.

Cordialmente

3.

Antena 1 na parte da manhã as notícias são de meia hora.

Na tarde São de 1 hora.

Como entender?

Porque não todas de 1 horas?

Na expectativa de ter êxito.

Saudações cordeais

Caro ouvinte

A Antena 1 emite noticiários de maior duração à hora certa e noticiários de síntese (mais pequenos, com a duração de dois ou três minutos) nos dois períodos do dia com mais audiência: de manhã cedo e ao fim da tarde. Essa opção prende-se com o comportamento da audiência nesses períodos. A audiência está em movimento (de casa para o trabalho e vice-versa) e a escuta de rádio não é contínua. O objetivo é o de ter espaços noticiosos, mesmo que mais pequenos, de modo a manter informados os que, por exemplo, não podem ou não conseguem ouvir o noticiário da hora certa porque estão a deslocar-se.

Cordialmente

Queixas_Exemplos_Das parcialidades e imparcialidades

1.

Programa "E Deus Criou o Mundo" - Antena 1

Venho manifestar o meu mais profundo repúdio pela existência deste programa num canal público. É um programa que atenta contra o n.º 6 do art.º 38º da Constituição da República Portuguesa, nomeadamente "assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião". É um programa onde três representantes de três religiões (em tudo semelhantes, diga-se) todas as semanas apresentam as suas visões do mundo, muitas vezes completamente desfasadas da realidade (como exemplo, o facto de considerarem personagens míticos - Moisés, Abraão... - e aquilo que supostamente terão feito como reais). Não existe nenhum critério plausível para a escolha desta corrente de opinião em detrimento de todas as outras. Segundo o Censos de 2021, existem em Portugal mais de um milhão de pessoas sem religião, 20 mil Hindus e 17 mil Budistas. Por que motivo menos de 3 mil judeus têm direito a um representante num canal público sem que nenhum dos grupos que referi possam contrapor? Solicito assim, o imediato cancelamento deste programa, ou, em alternativa, a inclusão de outros grupos religiosos (e sem religião) no mesmo, de acordo com o art.º 39º da Constituição da República Portuguesa. Grato pela atenção.

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem que encaminhei para o autor e produtor do programa E Deus criou o mundo. Para lhe responder reproduzo a apresentação que foi feita no primeiro programa em 2015: “juntamos membros das 3 comunidades religiosas mais influentes em Portugal fundadas numa mesma origem comum reconhecida em Abraão, as designadas 3 religiões abraâmicas que são expressão do monoteísmo: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Comigo fazem este programa (...) todos leigos nas suas religiões, mas todos militantes e comprometidos nas suas comunidades, não são representantes oficiais das suas religiões e tudo o que aqui disseram será sempre a título pessoal”. Questionei o autor e produtor sobre a escolha das três religiões. Carlos Quevedo explica: “Aqui temos as 3 religiões mais importantes, que mais influenciaram a história do mundo, com um Deus em comum. Depois há diferenças na relação com Deus, porque havia povos diferentes a interpretar de forma diferente. A seriedade na religião também acontece através do diálogo, no encontro com os outros. E este diálogo inter-religiosos, que temos todas as semanas na Antena1, é uma espécie de controlo mútuo: até que ponto aquilo que as três religiões têm

em comum é menor ou maior do que as partes contrárias. Porque é óbvio que há antagonismo em alguns pontos e há coincidência ou conciliação espontânea de muitas perspetivas, que são muito mais parecidas do que pensamos. E isso descobre-se com o diálogo. O diálogo inter-religioso não é para convencer o outro. Não há rivalidade, nem sentimentos de inimizade, pelo contrário.”

E Deus criou o Mundo é um programa de autor a quem cabe definir o conceito e os critérios para a escolha dos convidados e dos temas. Os autores têm liberdade para o fazer, tanta quanto os seus convidados têm liberdade para se expressar. E não estão abrangidos pelas obrigações legais do serviço público em dar espaço às diversas religiões. Esse espaço é assegurado no programa semanal A Fé dos Homens e mesmo nesse, a representatividade das religiões não é o único critério.

Há sempre espaço para diversificar a presença de confissões religiosas em programas de debate sobre a atualidade e a religião. Mas ressalva-se também que os três programas de temática religiosa que existem têm pontos em comum que me parecem fundamentais: o debate e diálogo entre religiões, dar a conhecer em vez de tentar convencer ou converter.

Cordialmente

2.

Sra. Provedora,

O 1º Ministro referiu hoje em texto escrito a necessidade de formação de mais médicos para resolver a falta de resposta do SNS. Até agora nenhum governo resolveu esta questão: os médicos são uma corporação com a força de uma classe profissional indispensável; que constitui parte da elite social portuguesa e que dita as regras a favor do seu bem-estar económico, e porque a única solução para o problema demoraria mais de 4 anos a conseguir (mais que a duração de 1 legislatura) e abalaria forças económicas poderosas e intocáveis na sociedade portuguesa (os grupos privados da Saúde). Mas a solução é simples: bastaria triplicar o número de vagas em medicina, e obrigar os médicos que se formam com o dinheiro dos contribuintes a prestar 10 anos de serviço no SNS, situação idêntica ao que acontece com os pilotos que se formam na Força Aérea. Caso não o pretendessem: já têm ao dispor um curso de Medicina numa universidade privada. A Antena 1 não foi politicamente isenta: o editor dos noticiários da manhã, em resposta a esta solução do 1º ministro foi auscultar a opinião dos estudantes e diretores dos cursos de medicina, que obviamente são contrários à mesma, e assim difundiu uma imagem distorcida da realidade e conivente com as pretensões dos médicos, em vez de procurar explicar esta situação e expor a clara chantagem que esta classe profissional exerce para com os governos/a população portuguesa há quase 5 décadas. Qual é a agenda oculta deste "jornalismo"?

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem. Sobre o caso que refere, o Diretor de Informação prestou o seguinte esclarecimento: “Nós decidimos naquele dia fazer reportagens nas faculdades ouvindo os diretores das faculdades e os representantes dos estudantes. Noutros dias ouvimos sindicatos, médicos, instituições ligadas á área. Não podemos ter num único dia ter só uma área a responder às nossas questões, a informação faz-se todos os dias. E no caso da saúde praticamente todos os dias temos dados informações e cabe lá tudo, quer grupos privados, ministérios e o serviço nacional de saúde e com os sindicatos. Há sempre contraditório, às vezes pode não ser feito no próprio dia ou num só noticiário, mas a Antena 1 ouve toda a gente. Há debates, noticiários e entrevistas, em todos eles tentamos ter sempre toda a gente que fale nessa área. Não há falta de contraditório ao longo das emissões da Antena 1.” O Diretor de Informação usa dois argumentos facilmente verificáveis: naquele noticiário fez-se o contraditório. Vários programas de informação trataram do diferendo e negociações entre os médicos e o governo, das reivindicações e das greves dos médicos, e dos problemas no Serviço Nacional de Saúde. Desde setembro, por exemplo, e até meados de novembro, o programa Antena Aberta dedicou à Saúde 6 programas, o Consulta Pública um, de manhã foram feitos 4 Destaques, o programa Virtude do Meio fez 3 edições sobre o tema – isto para dar apenas alguns exemplos - porque também houve debates, reportagens e informações que integraram os diversos noticiários. Os convidados até podem ter sido da área da saúde, mas nem sempre quer dizer que todos tenham a mesma visão – não têm - e expressaram-no nos diversos espaços informativos da Antena 1 a par da análise e da opinião dos programas com comentadores que não são dessa área.

Entendo a sua observação, mas também entendo os condicionalismos invocados pela Direção de Informação que opta por diversificar os registos de diferentes pontos de vista não num único segmento, mas em vários espaços informativos. A pluralidade está assegurada, o contraditório também, mas muitas vezes não num mesmo momento. Cordialmente

3.

Cara Sra. Provedora

Tenho ouvido nos últimos dias reportagens de enviados da Antena 1 ao Donbas (a última hoje - terça-feira, dia 14, a um colombiano radicado em Donetsk, com família em Moscovo) de tom semelhante, em que são apresentadas entrevistas a pessoas que vivem na zona ocupada do Donbas. As entrevistas são feitas como se elas estivessem livres de exprimir as suas verdadeiras opiniões (dando de barato a óbvia falta de representatividade, após uma guerra de genocídio e expatriação maciça) e sem qualquer esclarecimento quanto a essas (ou outras) circunstâncias/restrições da entrevista.

Sabemos bem o que acontece na Rússia (e, com maioria de razão, nos territórios ucranianos ocupados) às pessoas que expressam opiniões não-alinhadas com as do regime; aqui está um bom exemplo: <https://www.bbc.com/news/world-europe-64625127>

Assim, estas peças funcionam como puros panfletos de propaganda pró-russa - tempo de antena 'Putinista'. Estou escandalizado por a Antena 1 se prestar a este papel, pois tem obrigações muito especiais de serviço público num país democrático. Deveria ser uma referência de bom jornalismo e rigor deontológico...

Peço que avalie a situação urgentemente e agradeço retorno, se possível.

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem e a questão que coloca. Antes de lhe responder, pedi um esclarecimento ao Diretor de Informação da Antena 1, João Paulo Baltazar, que lembra o enquadramento da questão levantada: o aproximar do primeiro aniversário da invasão russa da Ucrânia, em larga escala". Nesse sentido, foram enviados dois repórteres para "mostrarem, do modo mais completo possível, os efeitos do conflito em curso." Até aqui a Antena 1 apenas tinha enviado repórteres para os territórios controlados pelas forças ucranianas, mas "desta vez, ao contrário das primeiras semanas da invasão, foi possível enviar um dos repórteres para a zona controlada pelas forças russas, estando o outro em zonas dominadas pelas forças ucranianas (na capital, Kiev e Kharkiv)". O Diretor de Informação lembra uma "frase já muito gasta, mas sempre válida": A primeira vítima da guerra é a verdade. E acrescenta: "os esforços para distorcer a verdade nunca têm apenas uma bandeira, ainda que isto não signifique que os dois lados de um conflito são rigorosamente iguais no que diz respeito a intenções e métodos. O esforço da rádio pública é o de tentar dar testemunho, o mais objetivo possível, daquilo que é possível ver e escutar no terreno, procurando ter sempre o cuidado de atribuir informações que não podem ser testemunhadas pelos repórteres."

No último ano a Antena 1 tem enviado repórteres apenas a um dos lados do conflito, e disso resulta uma cobertura que, necessariamente, apenas nos dá uma visão sobre o que está a acontecer e sobre o quotidiano de quem ali vive. O trabalho jornalístico tem como imperativo ouvir todos os lados, todas as versões, mesmo que se esteja ciente de que as condições possam ser desiguais, como sublinha o Diretor de Informação, ou mesmo que haja condicionantes ou limitações – todas as reportagens as têm. Quanto à propaganda, essa é uma questão transversal em todos os conflitos. A decisão da rádio pública em enviar um jornalista ao Donbas não me oferece, por isso, qualquer dúvida.

Tal como o ouvinte escreve na sua mensagem, a Antena 1 tem obrigações muito especiais de serviço público num país democrático. É exatamente por isso, por ser serviço público num país democrático, que dois jornalistas foram enviados à Ucrânia, para reportarem diferentes visões, interpretações e o dia-a-dia vivido pelas populações.

Cordialmente,

4.

Bom dia Sr(a) Provedor

Ontem vinha em viagem e ouvi o programa em que intervinha um major-general (penso que seja esta a patente) sobre a guerra na Ucrânia, e um jornalista. Já sabemos de antemão as posições pró russas do tal major quando intervém na CNN. Pergunto: o que esta pessoa acrescenta à qualidade da Antena 1? E não há contraditório? Fala, fala e não há quem o rebata ? Tão grande interesse pelos russos, talvez seja de o aconselhar a inscrever-se como voluntário para a guerra ao lado dos invasores

Caro ouvinte

Depois de receber a sua mensagem coloquei as suas questões ao autor do programa Visão Global. Mário Rui Cardoso começa por esclarecer que convidou o Major General Agostinho Costa por entender que

“acrescenta qualidade à Antena 1. Porque é alguém muito capaz de comentar o conflito tendo uma posição equilibrada em vez de politicamente correta e confortável (porque dominante) sobre a guerra.” “Relativamente à alegada ausência de contraditório”, Mário Rui Cardoso não considera que “tenha necessariamente de ser feito no tempo de um só programa, apesar de as perguntas que são feitas por vezes também poderem ser percebidas como "contraditórias" em relação ao que o convidado está a dizer.” Certo é que no Visão Global “passam, com frequência, convidados com posições que (o ouvinte) pode talvez classificar como contraditórias das posições do Major General Agostinho Costa, ou seja, na visão do mundo que me parece estar traduzida nas palavras do ouvinte, posições "pró ucranianas". Diria até que são mais as vezes que essas posições aparecem refletidas no programa do que o contrário.” Partilho destas palavras. Tratando-se de um assunto da atualidade, o conflito na Ucrânia tem sido um tema recorrente no programa Visão Global no último ano. Ao longo das emissões temos tido oportunidade de escutar múltiplas visões sobre o que está a suceder quer por parte de convidados, quer em reportagens dos jornalistas da Antena 1. As opiniões diferentes enriquecem o debate. A rádio pública tem a obrigação de trazer a antena uma pluralidade de opiniões que, não só espelhem a diversidade de pontos de vista como contribuam para um debate aprofundado sobre a atualidade, seus contextos, causas e consequências. O programa Visão Global tem seguido essa linha, respeitando e dando espaço a vozes diversas que refletem, analisam o conflito e emitem opiniões, por vezes em concordância e, por vezes opostas - e não poderia ser de outra forma. Como o próprio nome indica, o programa pretende lançar uma visão global da atualidade, não uma visão unanimista. Por isso, não concordo de todo com o teor da sua mensagem. E anoto, com desagrado, o tom que lhe imprimiu.

Cordialmente,

Queixas_exemplos_política

1.

Parcialidade nas notícias. Exmª Srª Provedora. Ontem, dia 2 de março de 2023, no noticiário da Antena 1 às 19 horas, no assunto do SNS debatido na AR, foram reproduzidas intervenções (muito resumidas) de deputados do PS, BE, PAN e PCP. Não foi feita qualquer reprodução das intervenções dos outros partidos limitando-se a jornalista a descrever muito ligeiramente as mesmas. Não se percebe esta diferença de critérios na apresentação das notícias.

Caro ouvinte

Ouvi o noticiário e a reportagem em questão e solicitei um esclarecimento à jornalista que esteve no parlamento a acompanhar a sessão sobre o SNS. Madalena Salema explica que “os partidos que apresentam iniciativas próprias ou por arrastamento são aqueles que têm som”, ou seja, em que se reproduz a intervenção dos deputados. Os restantes são “referidos apenas no texto”, como aconteceu. A jornalista acrescenta uma limitação que tem a ver com o trabalho jornalístico e os tempos do noticiário, peças e reportagens: têm um tempo limite pré-estipulado, pelo que, na gestão de cada reportagem ou noticiário, e segundo critérios jornalísticos, é necessário incluir e excluir informações e sons. A gestão do tempo, e das vozes que entram nos noticiários, não se baseia na representatividade dos partidos com assento parlamentar nem em tempos de antena medidos ao segundo. Os critérios são exclusivamente jornalísticos tendo no horizonte o pluralismo. E neste caso, a jornalista não foi parcial. Todas as forças políticas que intervieram no debate foram citadas umas de viva-voz, outras em texto.

Sobre o exemplo que refere, noutros debates no parlamento aconteceu exatamente o contrário, isto é, foram ouvidas as vozes dos deputados do PSD, IL ou Chega e não do PCP ou BE. Noutros ainda há espaço para uma reportagem mais desenvolvida, como por exemplo, no Destaque da Tarde da Antena 1, em que são ouvidas todas as forças políticas e o governo. Aconteceu no debate parlamentar de urgência sobre a situação do país no dia 4 de janeiro, apenas para referir um exemplo. Por isso, acho que a palavra parcialidade não se aplica, trata-se de gerir o tempo do noticiário em função daquilo que é notícia com base em critérios jornalísticos e respeitando, dentro dos condicionalismos da antena, o pluralismo e a diversidade.

Cordialmente,

2.

Exma. Senhora Provedora do Ouvinte

Eu cidadão português, nº de identificação de CC, venho manifestar o seguinte.

A cobertura aos eventos, atividades, conferência de imprensa etc. aos partidos políticos tem a ver com o número de votos obtidos nas últimas legislativas.

Ora acontece que o PCP, nas últimas legislativas dos Açores perdeu a sua representação parlamentar na ALRAA.

Como os partidos políticos que não têm representação parlamentar não têm direito a cobertura da mídia, não é admissível que o PCP o tenha nos Açores.

Tratando-se de um partido assente numa ideologia totalitária, anti-democrática que tanto mal já causou à humanidade, sem representação parlamentar volto a repetir, solicita-se que deixe de ter cobertura televisiva por parte da Antena 1 Açores como se ainda estivesse no parlamento. Agradecendo desde já toda a atenção a dispensar. Subscrevo-me. Cordiais Cumprimentos

Caro ouvinte

Cabe-me esclarecer que, contrariamente ao que afirma, a cobertura “aos eventos, atividades, conferência de imprensa” dos partidos políticos não tem qualquer relação com a sua representatividade na Assembleia Legislativa, ou outros órgãos similares, ou com o número de votos obtidos em eleições. Nos conteúdos jornalísticos, o critério que prevalece é o jornalístico.

Mesmo assim, e dado o caso concreto, pedi um esclarecimento ao responsável pela Informação Rádio do Centro Regional dos Açores. Na resposta, Pedro Moreira refere que o “PCP não pode ter, nem tem, o mesmo tratamento informativo que os partidos que estão representados na Assembleia Legislativa, mas tem a visibilidade que a sua atividade justifica.” Ou seja, há cobertura noticiosa sobre as atividades do PCP, isso apenas não acontece “sempre que estão em causa trabalhos parlamentares.” E esclarece que “O PCP tem menos cobertura que outros partidos por não ter representação parlamentar, só que o Partido continua a ter atividade política. Tem congresso, o seu líder faz visitas institucionais e o Partido realiza conferências de imprensa. Assim sendo, não faz qualquer sentido ocultar essa mesma atividade.” Partilho por inteiro desta visão e não poderia ser de outra forma. Reforço a ideia inicial desta resposta: nas notícias, o único critério aplicado é o jornalístico e não o da representatividade ou resultados eleitorais. Sendo o PCP um partido político aplicam-se os mesmos critérios aplicados às outras forças políticas da região ou nacionais.

Cordialmente,

3.

Como é que se inicia um noticiário da RTP - Antena 1 com as afirmações do C. Silva? Só depois de dizerem cobras e lagartos do PS e do governo é que acrescentam ... isso são declarações do ex-presidente... Depois é que vem o contraditório.

É o mesmo que um jornal colocasse em títulos garrafais as frases do C. S. e depois colocasse em letras pequeninas ... "declarações do ex..."

Os órgãos de comunicação do estado não podem ser agentes de manipulação, têm que ser exemplo de isenção e não órgãos de propaganda, nem dos órgãos do poder, nem das oposições, nem dos outros interesses mais ou menos obscuros.

Caro ouvinte

Não sei exatamente a que noticiário da Antena 1 se refere, por isso, escutei os noticiários no dia em que o antigo presidente discursou e os seguintes. Naturalmente o discurso de Cavaco Silva foi notícia de abertura no dia em que foi proferido e, pelo que ouvi, em todas cumpriu as regras de escrita e estrutura de uma notícia em rádio: abriu com o essencial do discurso e quem as disse, umas vezes começando pela citação outras pelo seu autor. Tratando-se de um discurso não se aplica o contraditório, o discurso vale por si próprio, mesmo assim, em todos os noticiários que escutei foi noticiada a reação do PS e restantes partidos – concordando ou não com as palavras do antigo Presidente da República.

Não concordo, por isso, com as acusações de que a rádio pública foi “agente de manipulação” ou de “propaganda” e de “interesses mais ou menos obscuros”, ou que tenha havido algum indício de falta de isenção.

Cordialmente,

4.

Exm^a Sr^a Provedora

Ontem, dia 2 de março de 2023, no noticiário da Antena 1 às 19 horas, no assunto do SNS debatido na AR, foram reproduzidas intervenções (muito resumidas) de deputados do PS, BE, PAN e PCP. Não foi feita

qualquer reprodução das intervenções dos outros partidos limitando-se a jornalista a descrever muito ligeiramente as mesmas. Não se percebe esta diferença de critérios na apresentação das notícias.

Caro ouvinte

Ouvi o noticiário e a reportagem em questão e solicitei um esclarecimento à jornalista que esteve no parlamento a acompanhar a sessão sobre o SNS. Madalena Salema explica que “os partidos que apresentam iniciativas próprias ou por arrastamento são aqueles que têm som”, ou seja, em que se reproduz a intervenção dos deputados. Os restantes são “referidos apenas no texto”, como aconteceu. A jornalista acrescenta uma limitação que tem a ver com o trabalho jornalístico e os tempos do noticiário, peças e reportagens: têm um tempo limite pré-estipulado, pelo que, na gestão de cada reportagem ou noticiário, e segundo critérios jornalísticos, é necessário incluir e excluir informações e sons. A gestão do tempo, e das vozes que entram nos noticiários, não se baseia na representatividade dos partidos com assento parlamentar nem em tempos de antena medidos ao segundo. Os critérios são exclusivamente jornalísticos tendo no horizonte o pluralismo. E neste caso, a jornalista não foi parcial. Todas as forças políticas que intervieram no debate foram citadas umas de viva voz, outras em texto.

Sobre o exemplo que refere, noutros debates no parlamento aconteceu exatamente o contrário, isto é, foram ouvidas as vozes dos deputados do PSD, IL ou Chega e não do PCP ou BE. Noutros ainda há espaço para uma reportagem mais desenvolvida, como por exemplo, no Destaque da Tarde da Antena 1, em que são ouvidas todas as forças políticas e o governo. Aconteceu no debate parlamentar de urgência sobre a situação do país no dia 4 de janeiro, apenas para referir um exemplo. Por isso, acho que a palavra parcialidade não se aplica, trata-se de gerir o tempo do noticiário em função daquilo que é notícia com base em critérios jornalísticos e respeitando, dentro dos condicionalismos da antena, o pluralismo e a diversidade.

Cordialmente,

5.

Cara Provedora,

Venho manifestar a minha incredulidade com o facto de no noticiário das 08:00h da manhã desta 5ª feira (27/04/2023) a Antena 1 ter decidido revelar partes de uma conversa privada do atual Presidente da Assembleia da República e mais à frente ter inclusive solicitado o comentário de Raul Vaz sobre essas declarações. Não vejo como seja possível conjugar tal conduta com o respeito pelas regras deontológicas. Cumprimentos,

Caro ouvinte

Apesar de parecer simples, o caso reveste-se de contornos mais complexos e que vão além da questão colocada. Assim, não me pronuncio sobre a legitimidade da gravação sonora e da sua divulgação em sinal aberto na ARTV, o canal de televisão institucional da Assembleia da República e noutros média. Vou responder objetivamente á sua observação sobre o noticiário das 8H. Nesse sentido, pedi um esclarecimento ao Diretor de Informação da A1, que recorda que a A1 noticiou o teor da conversa nos noticiários da manhã de 27 de abril, ou seja: “Após a divulgação da nota do gabinete da segunda figura do Estado, com grande eco na generalidade da comunicação social, a Direção de Informação da Antena 1 e o editor do turno da manhã entenderam que o assunto não podia ser ignorado. A própria nota do gabinete de Augusto Santos Silva fazia referências diretas às legendas do vídeo que considerava “distorcidas”, relativamente ao que teria sido dito efetivamente, pelo que se tornava impossível fazer uma notícia perceptível, sem explicar o que estava em causa. Na mesma manhã, o comentador de assuntos políticos da Antena 1, Raul Vaz, foi chamado pelo editor Miguel Soares para enquadrar as polémicas (incluindo os contornos da gravação de um vídeo com som naquelas circunstâncias) entre Santos Silva, a IL e o Chega.”

O vídeo foi divulgado pelo canal Parlamento no dia 25 sem legendas. Foi noticiado, com legendas, pelo Observador no dia 26, ao final da tarde. Uma hora depois o líder da IL reagiu no Twitter e anunciou uma conferência de imprensa para a manhã do dia seguinte. Ainda nessa noite, o presidente da AR emitiu uma nota á Lusa em que negava o teor na conversa e corrigiu, explicitamente, o seu conteúdo. E acrescentava que se tratava de uma conversa informal e privada cuja gravação sonora não teria sido autorizada. Até aí, a A1 não noticiou nem a existência do vídeo nem as reações da IL nem do próprio Santos Silva. Fê-lo às 8H de dia 27, sem destaque de abertura, foi a 4ª notícia no alinhamento do noticiário. Nessa altura, a conversa já era no domínio público. Partilho totalmente da decisão tomada pelo Diretor de Informação e pelo Editor. Noticiar o desmentido e reações sem mencionar a conversa que esteve na origem era, como

acima se justifica, tornar a notícia impercetível ou numa espécie de enigma. Nem faria sentido depois do próprio presidente da AR ter divulgado o seu teor. No caso, em específico, não creio que se apliquem as regras deontológicas que invoca.

Cordialmente,

Queixas_exemplo_greve professores

1.

É vergonhoso que um canal que se diz "independente" não tenha a coragem de noticiar uma das maiores greves de sempre dos professores deste país, a despeito de não ser apoiada por nenhum dos grandes sindicatos, prova ainda maior da urgência dos motivos que a originam.

Julgava viver num país livre, mas a vossa atitude de subserviência a uma força política, que claramente vos manipula, é um abre olhos de que vivo numa ditadura camuflada.

Triste quando percebemos que aqueles que deveriam espelhar a realidade do nosso país não o fazem, por obediência cega.

2.

Depois de ouvir as emissões de 9 a 17 de dezembro constatei que, de facto, as ações tiveram pouca cobertura ou mesmo nenhuma. Nos noticiários do dia 9 houve uma breve referência às 7h e às 7.30h e no dia 12 de dezembro, referências igualmente breves nos noticiários das 13h e 14h); e a manifestação de sábado, dia 17, também não foi alvo de notícia ou reportagem. Apesar dos efeitos da greve e da dimensão da manifestação, o assunto esteve praticamente ausente dos noticiários da Antena 1 - corrija-me, se eventualmente me tenha falhado algum - mas gostaria de responder a estas duas mensagens dando conta de algum tipo de critério para esta exclusão ou subvalorização da jornada de luta do STOP.

Cara ouvinte

Recebi a sua mensagem, mas cumpre-me informar que a Antena 1 noticiou o início da greve dos professores por tempo indeterminado nos seguintes noticiários: 9 de dezembro: noticiário das 7h e das 7.30h; 12 de dezembro: noticiários das 13h e 14h. No entanto, efetivamente, não fez cobertura mais alargada da paralisação nem da manifestação do dia 12 de dezembro. Expus a questão à Direção de Informação da Antena 1. João Paulo Baltazar refere que "o facto do protesto não ser simultâneo, num só dia, em todo o país e também por ser convocado por uma única estrutura sindical, para mais, pouco representativa quanto ao número oficial de associados conhecidos, cerca de 1300 em novembro do ano passado, levou a redação a não escrutinar este assunto de modo mais aprofundado. Como refere, foram feitas referências breves ao assunto em alguns noticiários. Gostaria de deixar claro que, em nenhum momento, foi dada pela Direção qualquer indicação para os editores desvalorizarem ou omitirem informações relativas a este assunto."

Sobre o facto de a Antena 1 não ter feito reportagem da manifestação, o Diretor de Informação reconhece que "foi uma falha evidente" de avaliação da dimensão do protesto. Assim, acrescenta que "dado que os protestos dos professores, convocados pelo STOP e por outras estruturas sindicais, estão longe de terminados, demos indicações para que os diferentes aspetos relacionados com a área da educação sejam acompanhados com atenção, no dia-a-dia. Logo a seguir ao Natal estivemos na conferência de imprensa do STOP em que foram confirmados novos protestos para janeiro." É também de referir que os protestos dos professores foram o tema da Antena Aberta do dia 4 de janeiro.

A Provedora concorda com a 'falha evidente' na cobertura da greve e da manifestação feita pela Antena 1. Independentemente dos contornos da greve e da representatividade do STOP, a paralisação teve um impacto facilmente mensurável nas escolas e uma manifestação que, visivelmente, reuniu milhares de professores em Lisboa. São dois factos que, indiscutivelmente, são notícia quer pela dimensão e impacto quer pela informação útil que comportam. É, por isso, incompreensível que o assunto não tenha tido uma cobertura noticiosa adequada. Registo, apesar de tudo, que a Direção de Informação reconheça a falha e tenha já dado orientações e tomado medidas para que situações como esta não se repitam no futuro. O assunto será abordado num dos programas Em Nome do Ouvinte.

Cordialmente,

3.

Sra Provedora,

Já é raro ouvir os noticiários da Antena 1, porque sei de antemão que vou ouvir informação politicamente não isenta e tendenciosa. Enquanto escrevo é transmitida uma peça sobre as greves dos professores, e é

dada voz a 5 intervenientes: 1 ministro; 3 professores sindicalistas, e 1 sindicalista representante dos auxiliares, que diz haver pressão por parte dos professores para que os auxiliares façam greve. Os cidadãos com filhos em idade escolar são, nesta situação, em muito maior número que os professores, e os mais prejudicados: perdem horas e salário, alguns arriscam ser despedidos, e todos têm as suas rotinas descontroladas - e ninguém os entrevista? Sob anonimato, para que não tenham medo de falar e de que os seus filhos sejam prejudicados pelos professores. E porque não são esclarecidos os ouvintes: em vez de os jornalistas apenas se referirem apenas a Escalões, porque não referem os valores de remuneração a que correspondem esses escalões? talvez porque tais valores são escandalosos para a maioria dos portugueses que auferem muito menos? Será que essa ausência informativa, ou propósito de manutenção de uma certa ignorância popular, cumpre uma agenda política? Se não é assim, cabe à Provedora e aos editores de informação um esclarecimento público acerca de tais opções editoriais numa estação pública. Cumprimentos.

Caro ouvinte

A greve e as manifestações dos professores obedecem aos critérios noticiosos e o assunto é também uma informação útil porque diz respeito a uma larga fatia da população. A Antena 1, nos seus noticiários e espaços informativos, deu voz, naturalmente, aos professores, protagonistas das ações.

Já depois da sua mensagem, e de termos pedido um esclarecimento ao Diretor de Informação, o programa Antena Aberta fez uma emissão em que abordou “as consequências da greve dos professores nas famílias”.

Este acontecimento não se restringe a duas abordagens (professores e pais) porque afeta vários setores, tem várias causas e consequências. É uma questão transversal e deve ser tratada como tal. Por isso, foram ainda ouvidos políticos e dirigentes de associações do sector e figuras da sociedade civil, e ainda especialistas que falaram sobre os efeitos da greve no ensino, nas crianças, na aprendizagem e no futuro. O Diretor de Informação, refere que “a redação contactou a CONFAP – Confederação Nacional de Associações de Pais, que denunciou a existência de casos de pais em risco de despedimento por estarem a faltar para acompanhar filhos... pediram-se contactos desses ou de outros pais com dificuldades e não obtivemos resposta.” Estão a ser efetuados outros contactos para obter testemunhos.

Quanto à divulgação dos valores dos escalões, o Diretor de Informação é perentório em afirmar que “Quanto mais informação e mais detalhada, melhor serviço prestamos aos ouvintes. No entanto, a rádio, não é um jornal de papel ou um TELEJORNAL com uma edição única fechada. A rádio é uma sucessão de noticiários e programas.” Por essa razão, nem sempre é fácil saber se no volume de informação prestada se incluiu essa. “Se não o fizemos, teria sido útil fazê-lo”, conclui.

Não me cabe fazer considerações sobre os valores de remuneração dos escalões dos professores, mas sobre a insinuação que faz, faço minhas as palavras do Diretor de Informação: “qualquer ausência de informação relativa a este assunto não cumpre “uma agenda política” como insinua o ouvinte.”
Cordialmente,

5.

Culpabilizar os professores em direto por fazerem greve, um direito de quem trabalha.

Gostaria de perguntar à Provedora do Ouvinte, se é correto fazerem uma pergunta na Antena Aberta sobre os professores como a fizeram hoje de forma tão facciosa. Os professores em Portugal são cidadãos contribuintes, são pais e mães de família (se a conseguirem formar) e não é fácil ter filhos e ser colocado a 200 quilómetros de distância da sua vida organizada, num sorteio anual que acontece desde os anos 80, maltratados pelo Ministério da (des)Educação que não os coloca no quadro ao fim de 3 anos de contrato, como obriga a Lei tal como os restantes funcionários públicos, e não atualiza os vencimentos, ao contrário do que faz com outros funcionários públicos de elite, como médicos e magistrados, a quem dá residência e subsídio de deslocação. E para poupar nos serviços administrativos sobrecarrega os professores com burocracias pós-horários letivos que impedem o normal desenrolar das tarefas próprias da leccionação

Cara ouvinte,

Agradeço a sua mensagem, mas não concordo com o seu ponto de vista. Não considero que a pergunta seja facciosa porque efetivamente as formas de luta, e esta não é exceção, têm consequências e afetam terceiros. A luta dos professores não se circunscreve a uma classe profissional, é muito mais abrangente. Por isso, o ângulo de abordagem não pode ser apenas um, o dos professores, porque afeta vários setores, tem várias causas e consequências. É uma questão transversal e deve ser tratada como tal. Nesse sentido, foram ouvidos professores, dirigentes sindicais, manifestantes que tiveram oportunidade de firmar os

seus argumentos. Mas também foram ouvidos os pais e as famílias, uns mais outros menos compreensivos, como é natural. Foram ainda registadas declarações de políticos, dirigentes de associações do sector e figuras da sociedade civil, e especialistas.

Com os melhores cumprimentos,

Queixa_o inglês

1.

O inglês intromete-se na Rádio Pública, mesmo sobre as juras

Sr.ª Provedora do ouvinte

Gosto de ouvir o programa de 5ª feira à noite na Antena 1, Terra Média. O conteúdo é novo, a abordagem surpreende pelo cruzamento de informação, o dinamismo talvez excessivo é contagiante...

... mas quando o inglês domina na terminologia, sem um empurrão do português, e as peças em inglês que ilustram o programa, não têm tradução simultânea, fico como peixe fora de água.

Faço menção a juras no título desta mensagem por assim as ter entendido como serviço público. Peço aos autores do Terra Média que ganhem um pouco do seu tempo, a legendar os termos menos comuns e as peças em inglês.

Felicito o João Paulo Guerra por ser aquele que, muitas vezes em directo,

e com graça, leva os próprios interlocutores e a si mesmo, a fazer aquilo que me traz por cá: entender o que ouço, e saber que o que ouço pode ser entendido por quem não fala inglês.

Agradeço a atenção

Caro ouvinte

Ouvi o programa em causa e solicitei um esclarecimento aos autores e apresentadores. Gonçalo Madail apresenta um pedido de desculpa e promete ter mais cuidado daqui para a frente. "Ainda assim", escreve na resposta, "realçamos que todos os sons lançados são antecipados com uma devida contextualização e a referência exata da fonte e da data. Além disso, relembramos em todos os episódios, que todos os sons utilizados são disponibilizados no site oficial da Antena 1, devidamente referenciados e com link para o conteúdo original."

Os excertos a que o ouvinte se refere, no meu entender, têm uma clara função de ilustração, ou seja, foram ali colocados para se ficar com uma 'ideia sonora' dos conteúdos que os autores do programa foram anunciando, mais do que pelo seu conteúdo. Mas reconheço que tem toda a razão na observação que me enviou.

Esses excertos podiam - e deviam - ser enquadrados de forma a perceber-se se são apenas ilustrativos ou se valem pelo seu conteúdo e, nesse caso, serem traduzidos sem que a expressividade sonora seja prejudicada. Julgo que a resposta dos autores do programa responde à mensagem que me enviou.

Cordialmente

Queixas_Exemplos_Vária

1.

Eu (...) venho de novo dar o meu desagrado sobre como os locutores da Rádio, que ao darem as horas durante o dia. em vez de nos informar o tempo como ele deve de ser, que o dia tem 24 horas repartido por 12 horas e quanto ao que aprendi na escola quando eu era miúdo é que depois da meia noite temos AM é o período com início à meia-noite (00:00) e término às 11:59; PM é o período com início ao meio-dia (12:00) e término às 23:59. Ora o que deviam de dizer era 13 horas e não uma da tarde, ou 21 horas e não 9 horas da noite.

Será que realmente os locutores só tem a 4ª Classe, como que a fiz á 60 anos e hoje estou com 73 anos.

Sem outro assunto desde já lhe agradeço o seu tempo disponível para ler estas minhas letras de desagrado, envio os melhores cumprimentos

Caro ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço. Compreendo o seu ponto de vista, porém, colide com as regras de escrita e comunicação em rádio. A regra é exatamente a oposta, ou seja, a de que as horas sejam ditas não no formato 23H ou zero horas, mas 11 da noite e meia-noite; não 15.H30, mas três e meia da tarde. É essa a regra instituída e ensinada nas escolas de comunicação e jornalismo nacionais e internacionais. Os locutores e jornalistas da rádio pública, regra geral, cumprem essa regra.

Cordialmente,

2.

São pouco mais de 21.00 horas o locutor/apresentador informa: até perto das 23.00 horas música de Bach. Só que, às 22.0 horas está programado um programa semanal. Isto repete-se semana após semana. Por vezes quando falta algum tempo para a hora "certa", de início do programa uma voz "informa": e agora ... e isto repete-se ao longo dos dias.

Uma informação errada, a outra informação pretensamente de comunicação. Estamos num órgão de comunicação, mas que não há comunicação. Quem fala não está lá, não comunica. É falsa a ligação ao ouvinte. E o ouvinte não precisa daquela "informação" até porque de tanto repetida enjoa!

Isto é falta de qualidade. Isto é falta de seriedade. Isto é falta de respeito e consideração para quem está do lado de cá! Para não falar de outras misérias entre elas o não respeito pelo rigor que é devido aos horários de programação, a maior parte das vezes perfeitamente evitáveis se existisse zelo profissional.

Oiço a Antena2 desde 1958! Custa assistir a tão desleixada conduta.

Com a maior consideração

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem que reencaminhei para o Diretor da Antena 2. João Almeida respondeu, reconhecendo que se tratou de um erro: "O programa Mezza Voce costuma ter um autor que está agora de férias. O realizador que o substitui e grava por estes dias o programa, por um erro de comunicação ou distração, gravou episódios presumindo que seriam emitidos das 19h00 às 23h00 quando na verdade são emitidos das 18h00 às 22h00. Pedimos desculpa pelo erro... que trataremos de prevenir no futuro."

A sua mensagem foca um ponto sensível, o facto de se tratar de um programa gravado. E acontece aquilo que muito bem descreve "Quem fala não está lá, não comunica. É falsa a ligação ao ouvinte." É uma realidade. A rádio faz-se em direto, no tempo simultâneo ao da escuta exatamente para manter essa ligação com o ouvinte. Mas a rádio pública tem condicionalismos. Por outras palavras, tem falta de recursos humanos e há uma parte da sua programação que é gravada para superar essa lacuna. Não gostaria que encarasse isto como uma desculpa, é apenas a razão que explica aquilo que ouviu. Ao longo dos últimos anos o quadro pessoal foi sendo reduzido sem que houvesse novas contratações, como em todo o setor público, pelo que a situação se tem vindo a agudizar com as consequências em antena que muito bem identifica.

Resta-me sublinhar as palavras do Diretor da Antena 2: Pedimos desculpa pelo erro... que trataremos de prevenir no futuro.

Cordialmente,

3.

Podcast "A propósito da música" - para quando?

Sou ouvinte assíduo da Antena 2 há algumas décadas e o programa "A Propósito da Música" sempre foi de grande interesse para mim, principalmente na qualidade de antigo estudante de música, mas também dando seguimento ao que foi despertado nas aulas de Análise e Técnicas da Composição. Penso partilhar este interesse com outros amantes de música. Bem-haja para o Alexandre Delgado por tão dedicado e aprofundado trabalho!

Com o desenvolvimento das tecnologias, os podcasts são cada vez mais um meio de divulgação de conteúdos muito prático, principalmente para quem utiliza o telemóvel. Isto deve-se principalmente pela facilidade e simplicidade de utilização. Embora os episódios estejam disponíveis na plataforma RTPplay, a utilização desta plataforma é bastante pouco prática para programas de rádio. Daí a minha sugestão.

Caro ouvinte

A questão que coloca já tinha sido abordada num dos primeiros programas Em Nome do Ouvinte e tem uma justificação prática. A situação não se alterou, transcrevo a resposta que recebi do Diretor da Antena 2:

"O contrato que regula os direitos de transmissão das rádios do grupo RTP (negociado pela empresa com a SPA), não abrange podcasts de programas musicais. A oferta de tais programas em podcast (que, como sabe, implica a possibilidade de descarga/download) implicaria um custo extra em direitos (ao que sei bastante avultado) que muito poucas rádios no mundo estão aptas ou dispostas a pagar. Por isso quase todas as rádios (que não tenham meios ou não queiram custear os podcasts e que optem por agir legalmente) não disponibilizam programas musicais em podcast. Atualmente só os programas de

"palavra" (baseados em conversa, crónica, entrevista, notícias, etc.) é que podem ser legalmente disponibilizados em podcast."

Assim, o programa está disponível apenas na RTP Play.

Qualquer dúvida disponha.

Cordialmente,

4.

"Estando a ouvir a mais recente edição do programa "Páginas de Português" (<https://www.rtp.pt/play/p263/e718477/paginas-de-portugues>) foi com perplexidade que ouvi, a respeito da primeira parte do poema "O Sentimento dum Ocidental", de Cesário Verde, ser dito "Ave-Maria" em vez de "Ave-Marias" que é a forma correcta e a que está n' "O Livro de Cesário Verde" (https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/viewer/92479/download?file=res-538-p_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf&type=pdf&navigator=1).

Quando ouvi a actriz Maria Henrique dizer "Ave-Maria" até julguei que se tratasse de um lapsus linguae, mas quando a pessoa que costuma fazer a locução do programa (não sei se é o Sr. Tiago Matias) referiu igualmente "Ave-Maria" (no singular), disse para os meus botões: «Parece-me que não foi a actriz que, inadvertidamente, cometeu um lapso – antes se limitou a ler o texto que alguém do programa lhe entregou. Pessoa essa ou outra com responsabilidades na produção do mesmo tomou a liberdade de retirar o 's', julgando que estava a mais e ignorando que "Ave-Marias", no contexto do poema, diz respeito ao início do crepúsculo vespertino, que era assinalado (e ainda é, em algumas igrejas) pelo toque do sino, o terceiro de um total de três do mesmo tipo durante o dia, conhecidos por toques de ave-marias ou toques de trindades (os outros dois toques acontecem ao início da aurora e ao meio-dia).

É provável que outros ouvintes, bons conhecedores do poema em questão, já tenham dado conta do erro à Senhora Provedora, mas pelo sim, pelo não, achei por bem enviar-lhe a presente missiva."

Exma. Provedora do Ouvinte, Prof.ª Ana Isabel Reis,

Agora compete-me a mim fazer uma errata: onde escrevi «Tiago Matias» deve ler-se «José Manuel Matias». O Tiago Matias é um músico (executante de alaúde, tiorba, vihuela e guitarra barroca), cujos trabalhos tenho andado a ouvir e daí o meu lapso, pelo qual lhe peço humildemente desculpa.

Com os melhores cumprimentos,

Caro ouvinte

Recebi a sua mensagem, que agradeço, e dela dei conhecimento à direcção da Antena 2 e ao responsável pelo programa Roque Dias. Transcrevo a resposta que recebi: "o ouvinte tem toda a razão. Há um erro nosso. No poema "Sentimento dum Ocidental" diz-se Ave - Marias e não "Ave - Maria" como diz a atriz Maria Henrique, e referimos na locução. Assumimos o nosso erro e pedimos desculpas pelo mesmo."

Subscrevo as palavras de Roque Dias. Espero que aceiet o pedido de desculpas e continue a ser um ouvinte atento do programa.

Cordialmente,

5.

Sou um ouvinte assíduo da ANTENA 1

Há programas da antena que muito me agradam, a antena aberta e julgo que são do agrado de muitos ouvintes.

No entanto, não posso deixar de criticar a maioria dos programas que a antena transmite.

Deveriam e apenas passar músicas portuguesas ou pelo menos de língua portuguesa. Mas isso não acontece! Passam e divulgam música inglesa.

Raramente ou quase nunca se escuta, Vitorino, Pedro Barroso, Paulo de Carvalho, Max, Zeca, e tantos outros.

Com os melhores cumprimentos

Caro ouvinte

Agradeço a sua mensagem e congratulo-me pelo facto de a Antena 1 ter programas do seu agrado. Relativamente à questão que coloca lembro que a Antena 1 é uma rádio generalista que visa agradar a diferentes públicos. Sobre o aspeto que coloca, em concreto, invoco o Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão que obriga a que a Antena 1 tenha programas dedicados à divulgação de música portuguesa, seus intérpretes e compositores; bem como o de promover a divulgação de música portuguesa. Está definido por lei que a Antena 1 se compromete a inserir na programação uma

percentagem mínima de 60% de música portuguesa. Segundo os últimos dados disponíveis, essa quota essa é cumprida e superada. No último relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, relativo ao ano de 2021, a Antena 1 “apresentou, ao longo do ano, percentagens de difusão de música composta ou interpretada em língua portuguesa que se situam na média dos 89,9%, ultrapassando, em muito, a quota mensal que está estabelecida”.

Sobre os autores que refere, por coincidência, à exata hora a que escrevo esta resposta, a Antena 1 está a passar o Menino de Ouro de Zeca Afonso recriada por João Neves. De resto, e também por coincidência, ao longo desta semana a Antena 1 tem estado a recordar o concerto de José Afonso no Coliseu dos Recreios de 29 de janeiro de 1983 – um especial intitulado “José Afonso, ao Vivo no Coliseu. 40 anos depois” – disponível também na RTP Play – e que reúne depoimentos de vários músicos com quem partilhou o palco. Além dos depoimentos tem também emitido músicas cantadas ou de autoria de Zeca Afonso.

Cordialmente,

6.

Bom dia Sra. Provedora,

Acabei de ouvir o noticiário da Antena 1 às 9 horas deste dia 29/7/2023.

Numa reportagem acerca da audiodescrição nas JMJ o jornalista diz a certa altura "QR code". Fico chocado com este anglicismo desnecessário e estúpido pois o correcto seria dizer "código QR". Não questiono o "QR" (quick response) pois é um acrónimo consagrado e possivelmente registado, mas "code" em vez de "código" é que não há necessidade.

Lembro que quando surgiu o antecessor deste, o "código de barras", também alguns diziam "bar code" mas rapidamente venceu a lucidez e o bom senso e todos dizemos, e escrevemos, "código de barras".

Se concordar com a minha opinião, peço o seu empenho para acabar com esta praga linguística.

Obrigado

Caro ouvinte

Ouvi a reportagem que refere e reencaminhei a sua observação para o jornalista Nuno Amaral. Na resposta, o repórter reconhece que “De facto, o anglicismo ‘code’ podia ter sido evitado. Podia ter dito ‘código’. Recorri à expressão em inglês para melhor compreensão do ouvinte. Julgo que a expressão não está ainda tão interiorizada que posso ser traduzida, para já.”

A utilização de anglicismos enraizou-se de tal forma que nem sempre nos damos conta que, por vezes, a mensagem pode não ser perceptível para todos. As regras básicas da comunicação radiofónica determinam que se use uma linguagem simples e acessível a todos. No caso da Antena 1, essa responsabilidade é acrescida por se tratar de uma rádio de serviço público. No entanto, em muitas áreas, a palavra (ou expressão) já é comumente utilizada. Não o será por todos. E, neste ponto, a ouvinte tem toda a razão. Mandam as regras que deve-se usar o original e, a seguir, decodificar para que seja compreendido o seu significado. Isso contribuirá, para a interiorização do termo/palavra a fim de evitar anglicismos.

Cordialmente,

Anexo 2

Programas 2023_Guiões

Programa 01

Olá

A nova Provedora do Ouvinte apresenta-se: Ana Isabel Reis.

Desde dezembro - ouço - quem ouve - todas as antenas da rádio pública - e respondo.

A função de Provedora do Ouvinte tem um enquadramento legal e estatutário, mas nada é imutável. Por isso, quando me foi feito este convite questionei-me: Qual o papel de um Provedor nos dias hoje.

Num tempo em que os ouvintes podem falar diretamente com quem ouvem todos os dias e são - também eles - produtores de conteúdos áudio.

Num tempo em que os profissionais da rádio são escrutinados como nunca foram - Leem e ouvem em tempo real comentários e críticas, mas também sugestões e elogios - e podem replicar no imediato.

*Na era comunicação instantânea, da interatividade e da interpelação contínua - **Para que serve afinal a Provedora?***

A Provedora é uma Ouvidora – de todas as vozes - de quem escuta a rádio, mas também de quem a faz e toma decisões, e dos que sobre ela refletem.

*O meu trabalho desenvolve-se **ENTRE** 3 eixos: os Ouvintes – os Profissionais – a Estrutura da Rádio. A estes 3, o investigador Rogério Santos junta um quarto Eixo - a Reflexão suscitada pelos ouvintes – uma reflexão a 4 vozes que tem um único fim: contribuir para uma melhor rádio de serviço público.*

Uma rádio com ouvidos

Parto, então, para este primeiro programa com uma interrogação: Para que serve ouvir os ouvintes? – **mix_00_lead_mix_não tratado**

JB – 0’04 - Ah bom isso é absolutamente fundamental - 0’07

JPB – 0’07 - Os ouvintes são a razão do nosso trabalho – 0’10...é para os ouvintes que trabalhamos – 0’11 - o que pensam...vital – 0’18

NR - 2’07 – fico contente quando as pessoas ainda mostram que ouvem e têm vontade de interagir connosco, muitas vezes para elogiar, tb muitas vezes para criticar – 2’16

NS - 1’45 – ninguém é perfeito, é normal que nem todos os ouvintes percebam por inteiro a forma como nós atuamos – 1’52

JA - 0’52 – conhecemos melhor os ouvintes, e esse contacto serve para complementar o nosso pp exercício quotidiano, de autocritica de análise, para corrigir erros colmatar insuficiências e apurar estratégias da programação 1’07

NG – 0’ - sendo este um serviço público, neste caso de radiodifusão ---- é fundamental perceber quem são nossos ouvintes e ter janelas de comunicação fazer chegar as suas opiniões – 0’22

Chegam-nos através da Linha de Atendimento, por email, telefone, por carta escrita à mão, e mensagens. A Provedora lê, regista, e antes de responder ouve as emissões e ouve todas as partes. Cada caso é situado num contexto. Às vezes os ouvintes têm toda a razão - às vezes têm razão em parte e - noutras ainda - não a têm de todo.

O que importa é se cada observação, queixa, critica ou sugestão é levada em conta. Por isso, fomos saber - se quem decide - ouve efetivamente os ouvintes - e se isso se reflete nas antenas da rádio pública. Ou seja: reconhecer - aprender com o erro ou acatar a sugestão – e mudar.

Começamos pelo diretor de informação da Antena 1.

João Paulo Baltazar recorda-se de uma queixa sobre um direto na Assembleia da Republica em que a repórter falou quando se ouvia o hino nacional...

RM1 - 01_JPB_hino_40’ - 3’59 - hino nacional...executado banda...em fundo, jornalista entra por cima...ok...percebo desrespeito...decidimos...captação som boa...se não for possível...som cortado e segue – 5’12

Da informação para a programação. Na Antena 2, o Diretor adjunto João Almeida dá como exemplo a programação do final de tarde. O auditório queixou-se e foi alterada.

RM2 – 02_JA_rubricas_42” - 6’19 – rubricas – não respirar fim tarde – encostadas ...corporizada Provedor...reduzir repetições

Já na Antena 3, o Diretor Nuno Reis lembra uma entrevista sem tradução que deu origem a queixas.

RM3 – 03_NR_espanhol_41” -3’33 a prova oral entrevistou uma pessoa em espanhol...não era obrigado a saber espanhol...conversa com FA...convém tradução por cima...tradução simultânea...não obrigadas a saber língua estrangeira

Se na Antena 3 há queixas por causa do uso de língua estrangeira, na RDP Internacional são de outro género. O Diretor-adjunto João Barreiros diz que todas são levadas à equipa e discutidas internamente, mesmo nos programas com convidados.

RM4 – 04_JB_contraditório_30” - 2’05 - por ex, Contraditório...mesmo que ouvinte não tenha razão, discutimos internamente - 2’25 caso António José Teixeira – **2’34**

Quando perguntámos ao subdiretor de Programas da RDP África o que tinha mudado depois de uma queixa dos ouvintes, Nuno Sardinha invocou a história de uma música que passou sem o devido contexto.

RM5 – 05_NS_musica_47” - 3’03 – caso – musica, estava cá o AG como Provedor, uma pessoa com conhecimento enorme guiné...ouvinte carta Provedor, RDP África não devia passar doc políticos musicais na rádio...16 minutos ...anos 70 banda nacional guiné, regime...bandeira novo país...teve um erro não dizer porque estava a ser posta no ar...foi a falta...o Provedor veio fazer ele pp a justificação (explica)...tema usado 1º encontro port-guiné pós independência...elemento histórico relevante...15’04

Depois de ouvida a audiência o que é que mudou – pergunta também para diretor de Programas da Antena 1. Nuno Galopim destaca duas queixas - duas alterações:

RM6 –06_NG_Palylist_34” - 1’23 playlist da rádio...vinha a pensar mudar...numa ou outra conversa, mediante conversa...presença - 1’36 – numa outra conversa...sugestão ouvinte...presença várias confissões religiosas presentes em mais do que um formato...1’53

Afinal a rádio também tem ouvidos – e mesmo que nem sempre dê razão a todos os ouvintes - escuta-os – e muda.

A rádio não é feita para os ouvintes, a rádio é feita com os ouvintes. - (sons?) -

Habitúamo-nos a ouvi-los ao telefone na velha telefonia e ouvimo-los agora em mensagens áudio enviadas pelas novas redes de comunicação. A forma de participar é diferente, mas a essência mantém-se: levar a rádio para dentro da casa dos ouvintes e os ouvintes para dentro da rádio.

E a rádio pública, nas diversas antenas, dá-lhes voz - corpo - e alma. Uma rádio feita de múltiplas vozes captada pela jornalista Inês Forjaz.

REPORTAGEM

Os ouvintes são também as vozes da rádio.

Talvez nos esqueçamos demasiadas vezes que somos efetivamente escutados por pessoas de carne e osso e de ouvidos atentos e sensíveis – é dessa escuta que resultam as mensagens que recebemos e queremos dar resposta. A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts da RDP – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - Enviar mensagem à Provedora do ouvinte.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis
Reportagem e apoio da jornalista Inês Forjaz
Gravação e Montagem de Jorge Almeida, Leonor Matos e João Carrasco

PROGRAMA 02 Livro de Estilo

Os pareceres da Provedora e as respostas aos ouvintes têm por base um conjunto de leis, guias, códigos e normas. Servem para orientar tudo o que é emitido nas antenas da rádio pública e, simultaneamente, são um instrumento de avaliação para quem as ouve.

No meu primeiro dia no Gabinete dos Provedores pedi uma cópia do Livro de Estilo da rádio e de outros documentos que estabelecem regras para quem trabalha na rádio ou com ela colabora. A ideia era saber com que linhas se cose o trabalho da Provedora.

Em primeiro lugar, o CONTRATO DE CONCESSÃO DO SERVIÇO PÚBLICO DE RÁDIO E DE TELEVISÃO que define os objetivos do serviço público, direitos e obrigações da RTP.

De âmbito mais geral há a Lei da Rádio, o Código Deontológico e o Estatuto do Jornalista.

O Contrato de Concessão admite outros documentos normativos internos. No sítio da RTP, abertos à consulta de todos, estão o CÓDIGO DE ÉTICA e CONDUTA e o GUIA ÉTICO e EDITORIAL.

De âmbito interno há o Livro de Estilo da televisão feito em 2001. E o da RDP África em 1997. Mas, foi com surpresa, que constatei que as restantes rádios, onde se inclui a Antena 1, não têm um Livro de Estilo.

Uma rádio de serviço público sem Livro de Estilo.

Os livros de estilo são verdadeiros manuais das melhores práticas jornalísticas - livros de referência dos órgãos de comunicação social de serviço público – como a BBC ou a NPR - ou até mesmo privados – como do jornal espanhol El País, ou por cá, do Público. Alguns são vendidos nas livrarias ou descarregados na Internet.

São um instrumento de transparência – um contrato firmado entre a rádio e os ouvintes – um garante do cumprimento dos padrões de serviço público.

O que é, então, um Livro de Estilo? Fizemos a pergunta a Adelino Gomes – jornalista - trabalhou na rádio, televisão e jornais, foi Diretor de Informação da RDP e Provedor do Ouvinte - Fundador do jornal Público - de onde cita um parágrafo do Livro de Estilo em que participou:

RM_01_AG_2'40 – começa logo por dizer o que não é – cartilha e catecismo...apenas conjunto regras tec e deontológicas inspiram critério bom senso e rigor. Que a vida da redação foi instituindo como adquirida – 34”

E para que serve um Livro de Estilo?

02_AG_essencial_5'05 – um livro de estilo é algo essencial numa redação...por uma razão que não está explícita, mas subjacente: necessidade padronização ling das regras, técnicas, ness padronização que preserve e potencie a liberdade criativa – 41”

Para quem faz rádio é uma ferramenta de trabalho. Para a Provedora e para os ouvintes é um garante de que a rádio cumpre a sua missão.

03_AG_ouvintes_19'46 - o livro de estilo só existe em função de quem lê, vê, ouve obrigação, responsabilidade de uma redação em relação àqueles a quem se dirige é uma espécie de garantia–20'37 é estarem com a arma necessária para brandir quando o jornal falha quando a rádio falha 29'44 – há aí um acordo de duas entidades que se responsabilizam, o ouvinte tem direitos e pode exigir, o jornalista tem deveres mas tb tem o prazer de melhorar a sua performance, pode dizer-se em rádio?

Adelino Gomes

A sua atuação comportamento – perante aqueles a quem se dirige – 21'13 – 55”

O Livro de Estilo - é também - dos ouvintes.

--

Do tempo da Emissora Nacional ficaram notas do que foi sendo proibido e depois autorizado - e há também diretrizes para a locução ou para os noticiários.

No pós-25 de abril, existem orientações internas, notas soltas ou organizadas, ideias que se transmitiram e perpetuam – ou não – projetos, equipas constituídas para o escreverem, esboços, e páginas escritas.

A jornalista Inês Forjaz percorreu a linha da história.

REPORTAGEM

Fica o desafio (de Adelino Gomes)

Do desafio à promessa de João Paulo Baltazar, diretor de informação da Antena 1.

JPB

O Livro de Estilo estabelece regras éticas, deontológicas, editoriais e técnicas. Determina, por exemplo, o que se deve e Não deve Fazer, Escrever e Dizer.

Voltamos a Adelino Gomes: O livro de Estilo dá coerência e identidade ao que se ouve na rádio. Só na rádio?

04_AG_Bom...6'25 – bom, era no meu tempo...não é só rádio...tv e jornal...6'45- encontramos todas as linguagens todos os meios desafio ainda maior sem livro de estilo é anarquia...6'57-6'59 – e sem o livro de estilo não é cumprido o pacto com o ouvinte, não sabe o que deve esperar...inaceitável numa rádio de serviço publico - 7'17 – 59”

E no cenário multimédia, multilinguagens e multiplataforma o que deve ser o Livro de Estilo? Os tempos são outros, por isso, Francisco Sena Santos fala de um Livro de ESTILOS.

[27:43.0 - 28:01.0] E é necessário que o livro de estilo contemple a forma como a rádio se expressa no amor, não nos training, no podcasts, ou seja, que tenha em conta todas as expressões da rádio.

ou

[28:12.2 - 28:24.4] Nós temos a multimédia, ou seja, estamos a falar de vários modelos que posso englobar, mas entendo que o livro de estilo deve contemplar as diferentes, as diferentes antenas de rádio e as diferentes linguagens da rádio.

A Provedora partilha destas dúvidas, mas tem uma certeza: a rádio pública deve ter um Livro de Estilo.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Reportagem e apoio da jornalista Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 03

Como diz? (Livro de Estilo 2)

Canalizador ou picheleiro, ténis ou sapatilhas, batatas ou sementes, gama ou pastilha elástica, ervilha ou griséu - biju/molete/carcaça ou papo-seco – o país é pequeno, mas cada **região** tem palavras próprias que denunciam a origem de quem fala ao microfone. Até aqui nada de errado - não fosse o ruído que pode provocar na compreensão da mensagem.

Pelo sim pelo não, mais vale decodificar:

RM – 01_Caricas ou sementes_14”

A rádio educa e forma – são duas das suas funções e um dos pilares do serviço público. Ao Gabinete da Provedora chegam muitas queixas sobre o mau uso da língua portuguesa, mas Não sobre a forma como se pronunciam palavras, nomes ou sobre regionalismos.

A fonética é o que nos orienta no – Como - se diz - E nas rádios o Prontuário era um livro que estava sempre à mão. Hoje, temos os sítios na Internet que nos tiram as dúvidas sobre o português e até têm

vozes que nos ensinam a soletrar palavras que, por vezes, sempre dissemos de uma forma e / afinal / se dizem de outra.

RM_02_Mix Forvo_ 3”

Independentemente de como se pronunciam as palavras de acordo com a fonética, a rádio tem de definir que são ditas sempre da mesma forma em todos os espaços de emissão e em todas as antenas – para evitar que em poucos minutos, exatamente o mesmo nome pareça diferente.

RM_03_medley celia 2_17” (cortar final)

Kive - Kieve - como se pronuncia a capital da Ucrânia na Antena 1? Colocámos a dúvida ao Diretor de Informação, João Paulo Baltazar.

RM_04_Kiev_JPB_17”

Kieve – como se diz em português. A regra tem de ser definida, transmitida e alinhada para que Kieve, ou qualquer outro nome, tenha uma única pronúncia em todas as antenas.

Cômo se diz / cômo se deve dizer, mas sobretudo como todos devem dizer ao microfone. Trata-se de criar normas para que se diga sempre da mesma maneira. Pode ser um capítulo do Livro de Estilo sempre aberto a novos registos.

Adelino Gomes, jornalista, passou por várias redações, rádios e escolas - em Portugal e fora do país. Ao longo dos anos foi juntando ensinamentos de tudo o que viu / e ouviu.

RM_05_AG_BBC_CURTO - eu ouvia muito a BBC, para além de todas estas coisas, aprendia todos dias, escola radiofónica, tv, na BBC aprendi uma coisa...um editor a contar...anos depois, finais anos 80, ex era o nome de **Gorbachev** – nós todos os dias fazemos uma lista novos nomes atires internacionais que surgem nas notícias, naquele dia, chov chev, pode dizer-se mt maneiras, embaixada, todos estejam de acordo e todos canais e not se diga da mesma maneira, se não é confusão, aprendi com BBC – **1’03**
De Adelino Gomes fica também uma ideia a reter: na rádio estamos sempre a aprender - quem nela trabalha e quem a ouve.

RM_06_Sardinha autocarros - 20”

Quando se fala numa rádio como a **RDP África**, que é ouvida em Portugal e nos países africanos de língua oficial portuguesa, as palavras que se usam ganham outras dimensões. A riqueza da língua também reflete a diversidade na escrita e no que soa / ao ouvido.

O canal tem um Livro de Estilo com regras / adaptadas / à realidade dos povos para quem fala.

A jornalista Inês Forjaz conta o resto da história:

REPORTAGEM – 4’30

O livro de estilo da RDPÁfrica surge pela mão do primeiro director do canal, David Borges:

01DB

Quando eu entrei na RDPÁfrica já vinha com essa ideia de fazer um livro de estilo, baseado num único livro de estilo que eu conhecia, que era da tsf, que por sua vez é baseado no livro de estilo do público. Aqueles anos empolgantes que revolucionaram a comunicação em Portugal a tsf em 88, o independente também oitenta e oito, o público em 90 depois a sic já nos anos noventa. Foram os anos da grande revolução e portanto influenciámo-nos creio eu uns aos outros.

David Borges estava de regresso à rádio pública depois de ter saído para fundar a TSF. Agora, o grande desafio era falar com clareza para cinco países africanos

02DB

Na RDPÁfrica era preciso ter a noção de que estávamos a falar para universos absolutamente diferentes - estávamos a falar para angolanos, moçambicanos, são-tomenses, guineenses, cabo-verdianos e logo aí havia necessidade de fazer alguma adaptação em função desses dessas audiências. Depois era preciso ter a noção do equilíbrio entre a informação e a música neste conjunto tão alargado de realidades diferenciadas.

Por isso, para lá da língua e da música, era preciso pensar na cadência ao microfone

03DB

Havia que ter a noção de que era preciso ter uma cadência de fala, nos noticiários e fora dos noticiários, no sentido em que os ouvintes tinham de captar a mensagem. E o português de Portugal provavelmente era dificilmente entendível se fosse falado a correr por um ouvinte sei lá na Guiné Bissau.

Nuno Sardinha, actual subdirector da rdpáfrica, dá-nos uma boleia para que se percebam bem as curvas e contracurvas da língua portuguesa

04 sardinha

se eu falar em autocarro em moçambique ninguém sabe o que é, são os mas sim machibombos. Mas o exemplo mais acabado é mesmo o da Guiné Bissau. No caso da Guiné Bissau, que são os toca toc, a nós somos mesmo obrigados a dizer os autocarros urbanos conhecidos na Guiné -Bissau, como toca toca. E no caso de Cabo Verde, as tradicionais hiaces ou autocarros urbanos.

Nuno Sardinha foi um dos jovens jornalistas que esteve na fundação na RDPÁfrica, em 1996.

05 SARDINHA

Era preciso criar numa equipa nova uma linha orientadora com princípios perfeitamente definidos de como abordar os temas e também como usar a língua portuguesa de uma forma que tivesse uma matriz. E nós tínhamos essa matriz no livro de estilo. Ter uma linha orientadora de como fazer e sobretudo de não cometer determinados erros era fundamental para os jornalistas que estavam a chegar à profissão e, a esse nível, eu penso que a introdução de um livro de estilo numa rádio é um elemento fundamental

A matriz servia também como controlo de qualidade. Uma espécie de farol, como recorda o antigo director e autor do livro de estilo da RDPÁfrica, David Borges

06david borges

Porque nós sentimos que falando para África precisávamos de falar corretamente e de uma forma tão clara que fosse percebido no destino por forma a melhorar também as valências do português dos ouvintes e isso levou-nos, já nos tinha levado na tsf, a fazer um prontuário ou um glossário no final do livro de estilo, que íamos acrescentando à medida que íamos detectando erros.

Se fossemos adaptar esse prontuário à realidade de hoje passaríamos o dia a criticar a rádio, porque hoje a impressão que se tem é que não há um controlo de qualidade como havia na altura. Na altura não era perdoado uma gaffe um erro de português e hoje fartamos de ouvir erros e essa ideia que nós tínhamos foi vertida para esse glossário, para esse prontuário que era uma espécie de farol.

O livro de estilo nunca foi revisto, mas Nuno Sardinha admite pegar no assunto:

08 sardinha

um livro de estilo tem que ir acompanhando também o desenvolvimento da própria língua com a língua e a dinâmica e vai se adaptando também aos tempos e à própria comunicação fenómeno da comunicação também tem que se adaptar aos tempos e nessa perspectiva é eu penso que hoje é o livro de estilo de mil novecentos e noventa e seis já não faz tanto sentido teria que ser adaptado para voltar a ser usado é uma ideia de se poder voltar a pegar nele e voltar a adaptá-lo e voltar a introduzi-lo naquilo que é a atividade até porque há os erros surgem e é preciso corrigi-los, é preciso lembrar que aconteciam e que podemos até corrigi-los a voltando atrás no tempo não é olhando para um documento que existia lá atrás e que foi basilar na montagem de uma estrutura de uma equipa e que que lhe deu orientações e que neste momento se nós fizermos essa revisão da matéria dada vamos chegar à conclusão que há erros que passamos a dar e que até não dávamos

Fica a promessa.

Falamos todos português, mas o português tem muitas expressões.

Um livro de estilo ajuda a padronizar o que se diz ao microfone - o Como dizer - e o que - Não dizer. Por exemplo: evitar palavras que os ouvintes não compreendam.

A lição, aprendida por Adelino Gomes na rádio e televisão belga, há quase meio século, mantém-se atual.

RM_07_AG_exemplos- CURTO - Mas afinal que palavras não percebem? Desse noticiário...alunos liceais, 1976, ignoravam palavras que se diziam no noticiário principal... depois palavras metade conhecia, vou ler... a maioria dificuldade em...;e qd estávamos fazer elogio no noticiário X., o que o homem fez? Elogio ou? A partir daí pensei estamos a falar para os ouvintes mas quem são o que é que entendem do que estamos a dizer - 1'28 – não pode haver um jornalista que não tenha ideia do que ouvintes percebem do que está a dizer...foi a minha queda do cavalo,...não posso ser jornalista se...lá no meu país....– 1'46

Mas não chegámos – 47 anos depois ainda não temos Livro de Estilo.

O que dizer, como pronunciar, que palavras não usar, decodificar regionalismos, traduzir expressões e palavras estrangeiras – regras básicas para quem faz rádio / a pensar em quem o escuta / os ouvintes.

A língua e a fonética acompanham os tempos. Esse é um capítulo do Livro de Estilo em permanente atualização. O que é preciso é que esse Livro de Estilo exista - e que as normas sejam claras – para que haja uma única forma de dizer palavras e expressões nas antenas da rádio - em especial da rádio pública que, no que toca à língua portuguesa, tem responsabilidades acrescidas.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 4_Queixas fds Ver, descrever, fazer ver

Numa rádio com ouvidos, colocamo-nos no lugar dos ouvintes. Nas últimas semanas houve um tema que dominou as mensagens que chegaram ao Gabinete da Provedora: a greve e protestos dos Professores, mas também a manifestação em defesa dos animais; e escolhi outro tema para falar neste Em Nome do Ouvinte: as inundações de dezembro e janeiro em diversos locais do país

9 de dezembro – começa a greve por tempo indeterminado do Sindicato de Todos os Profissionais da Educação. A paralisação fecha escolas e milhares de alunos ficam sem aulas. Os noticiários da manhã lançam o tema.

00_Eduarda_greve profs monitorizar – 28”

mas não monitorizou...ao longo do dia e nos dias seguintes as ações dos professores não voltam a ser notícia - salvo quando o Presidente da República visitou uma escola.

Lisboa - 17 de dezembro – sábado – dia da manifestação dos professores.

“STOP fala em 20 mil professores na manifestação em Lisboa” é o Título da notícia publicada no sítio da RTP.

01_Rep_RTP -18”

A reportagem é da televisão pública. Na rádio não há reportagem nem se deu a notícia.

As mensagens para a Provedora vão diretas ao assunto:

VOZ OFF - “É vergonhoso que um canal que se diz “independente” não tenha a coragem de noticiar uma das maiores greves de sempre dos professores deste país, a despeito de não ser apoiada por nenhum dos grandes sindicatos - Julgava viver num país livre”

As mensagens recebidas são iguais ao texto que está da página da Internet do Sindicato que organizou as ações. O apelo é para que os professores O enviem para todos os órgãos de comunicação - que acusam de estar a silenciar os protestos. E as mensagens - cá chegaram.

A greve e as manifestações dos professores são notícia. Obedecem a critérios jornalísticos e o assunto é também uma informação útil porque diz respeito a uma larga fatia da população - mesmo que não sejam pais ou alunos. O impacto da paralisação, as reivindicações, as causas e conseqüências pedem uma cobertura proporcional - mesmo que haja outros acontecimentos tão ou mais importantes – nessa

semana houve cheias em Lisboa que mobilizaram grande parte dos meios da rádio, mas - Havia Mais atualidade para lá das cheias.

- O equilíbrio entre temas fortes do dia é um exercício de hora a hora em qualquer redação de rádio. E exige que se façam contas aos meios disponíveis e ao espaço em antena.

- A atualidade pede uma avaliação contínua e capacidade de antecipação do que pode ser notícia. As decisões são, muitas vezes, tomadas em cima da hora e, por isso, podem ser falíveis. Mas neste caso há um acumular de decisões editoriais: ao longo de uma semana Não se noticiou Nem se fez reportagem de uma greve de grande impacto e da manifestação que reuniu milhares de professores.

Os ouvintes deram conta e queixaram-se.

O que é que falhou – foi o que perguntámos ao Diretor de Informação. João Paulo Baltazar reconhece que a Antena 1 deu um tratamento minimalista ao assunto. E aponta 3 razões para o que aconteceu.

Razão 1: as características da greve

02_JPB_Razão1_ o facto deste protesto...o verdadeiro impacto da greve – 32”

Razão 2: uma subavaliação do impacto das ações do STOP

03_JPB_Razão2 – no que toca à educação.../ voltar a dar atenção à área da educação – 44” pela Antena 1 – 50”

Razão 3: a falta de recursos humanos ao fim de semana

04_JPB_Razão3 – que conclusão DI é que tirou...reforçar fim de semana ...trabalho a ser feito ao fim de semana – 30”

No dia em que gravámos as respostas do Diretor de Informação, o tema da Antena Aberta foi sobre a luta dos professores. Depois disso, houve mais um programa, os repórteres saíram para o terreno, e foram ouvidos professores, alunos e pais, mas também sindicalistas, políticos e dirigentes. Foram ainda chamados especialistas que falaram sobre os efeitos da greve no ensino, nas crianças e no futuro. Se no início as queixas chegaram pela falta de notícias, depois houve quem se queixasse do excesso de informação e de alguma parcialidade. Escreve um ouvinte que os cidadãos com filhos em idade escolar são em maior número do que os professores, são os mais prejudicados E que ninguém os entrevista.

Passámos do 8 para o 80?

05_JPB_do 8 ao 80 não me parece que tenhamos passado do 8 ao 80...insuf..falha, eu pp reconheci isso 22” //sobretudo tivemos falha manifestação// 30” ...este tema das greves...abordado AA ouvintes...pais...compreensivos, outros menos...portanto essa vozes têm surgido na antena– 45”

O esclarecimento pela voz do Diretor de Informação. Já depois de falarmos com João Paulo Baltazar a Antena Aberta fez uma emissão em que abordou “as consequências da greve dos professores nas famílias” – se a pergunta terá agradado aos pais, desagradou a uma ouvinte que a considerou facciosa.

Vamos aos Factos: há uma greve por tempo indeterminado dos professores e uma manifestação – a primeira de várias –

O assunto não se circunscreve aos professores, é muito mais abrangente. Por isso, o ângulo de abordagem não pode ser apenas um, o dos professores, nem o de professores e pais, porque vai além deles. Tem causas e consequências que podem ser aprofundadas. E foram – embora só ao fim de mais de uma semana de greve e protestos.

Houve uma ‘falha evidente’ na avaliação e, por consequência, na cobertura das ações dos professores e de como o protesto afetou as famílias e não só. A Direção de Informação reconheceu as falhas e corrigiu a trajetória. Mas uma das razões apontadas - a falta de recursos ao fim de semana - não justifica por inteiro o que aconteceu - até porque se tratava de um assunto de agenda, ou seja, que era possível planear e acautelar.

SOM_ANIMAIS_REP_RTP3

Outro sábado, mais uma manifestação – a Antena 1 voltou a não acompanhar os que desfilaram em defesa dos animais no sábado de 21 de janeiro. As justificações foram idênticas. Mas desta vez, ao longo da tarde, fez-se notícia recorrendo ao som captado pela reportagem e a descrição da repórter da televisão pública.

A falta de recursos ao fim de semana é de novo um dos argumentos invocados para a diferença de tratamento noticioso do mau tempo em **Lisboa, no Alentejo, no Minho e no Porto**.

O que separa estes acontecimentos não é apenas a distância geográfica. As cheias de Lisboa aconteceram à semana, os repórteres saíram durante vários dias para as ruas da capital inundada - e os ouvintes tiveram, ao vivo e em tempo real, a noção exata do que estava a acontecer - quando estava de facto - a acontecer -

MEDLEY– CURTO

Ver, descrever, dar a ouvir e fazer ver – é o trabalho do repórter – e do outro lado, o ouvinte ouve, vê e sente – como se estivesse lá, a testemunhar e a vivenciar.

Se em Lisboa houve reportagem, e no Alentejo também, o mesmo já não se pode dizer das cheias em diversos locais do Minho e no Porto. Ambas aconteceram ao fim de semana, e, no próprio dia não ouvimos uma única reportagem sobre o que estava a acontecer.

Mesmo tendo em conta a diferente dimensão e impacto de cada tormenta, salta ao ouvido a cobertura desigual. A opção foi a de dar a notícia à distância - com entrevistas por telefone - para ouvir versões institucionais. João Paulo Baltazar diz que a reportagem - que não foi feita - teria enriquecido a cobertura das inundações e enxurradas no norte do país.

06_JPB_Porto - 12'26 - Acho que se teve oportunidade de fazer reportagem...mesmo que não merecesse...útil mostrar efeitos enxurrada aguda...zona da cidade, podai ter enriquecido nossa informação – 41” – demos essencial – 49” o que teria provocado...dar inf possível sobre isso – 53”

Das pessoas – ou seja, dos ouvintes - e do resto do país - soubemos muito pouco. E lembramos que faz parte das obrigações de serviço público levar o microfone a todo o território – e, pode acrescentar-se, a todas as notícias - onde quer que aconteçam. A rádio - só foi ao terreno - Depois.

A falta de recursos volta a ser um argumento do diretor de informação.

07_JPB_fds – CURTO

16” + 18'33 – digamos que ao fds minimalista...limitações...por isso deve ser mais acompanhada...23” - não é possível por gente redação descapitalizamos, volume de trabalho, impacto tb, audiências fds baixam...mais inf e espaço e apetite durante semana, temos acautelar...fds nosso melhor mas algumas limitações –

Cada ouvinte **conta**, seja à semana ou ao fim de semana, seja à hora de maior escuta ou de madrugada. Todos têm direito a ser informados independentemente dos índices de audiência – é isso que distingue a rádio pública – e os meios têm de acompanhar o que está estabelecido no contrato de concessão: garantir a cobertura noticiosa dos principais acontecimentos nacionais e internacionais - de forma a satisfazer as necessidades informativas do grande público // e sem esquecer // a vocação de proximidade.

Professores e pais; as inundações em Lisboa, no Alentejo, no Minho e no Porto – há um ponto em comum em todos estes acontecimentos – são notícia e têm impacto. Nuns a rádio multiplicou-se em reportagens, noutros teve uma presença minimalista, noutros ainda - nem sequer esteve lá - quando aconteceram.

Se a greve e protestos dos professores estão em agenda e podem ser planeados, as inundações são imprevisíveis e dependem sobretudo da agilidade da decisão editorial e dos recursos para a executar. O Diretor de Informação não tem dúvidas sobre a relevância da reportagem, mas há todo um caminho entre a teoria e a prática.

08_JPB_reportagem_CURTO

A reportagem, a vida das pessoas têm de ter atenção...indiscutivelmente, há esse esforço, consome mais tempo, natural existam mais vozes institucionais...comunicados...prontos gravar...temos contar história toda...perceber impacto, sair redação e ir ao encontro das pessoas –
E para isso, são precisos Mais meios - sobretudo humanos - para a rádio sair para a rua - onde estão os ouvintes.

Em jeito de conclusão, sendo a rádio, ainda, o meio mais flexível e ágil, que consegue estar em todo o lado ao mesmo tempo e com poucos meios - o que é natural é haver Mais reportagem no terreno, e Ouvir as pessoas sem esquecer as vozes institucionais. O que Não é natural é ficar-se apenas pelas entrevistas às fontes oficiais e por telefone.

A rádio pode - e deve - olhar para o contexto, causas e consequências da atualidade, mas não deve – nem pode - ser apenas Reativa. Primeiro noticia e depois aprofunda e diversifica os ângulos de abordagem. Cabe ao repórter ser os olhos e os ouvidos - do ouvinte.
A essência da rádio é o direto, dar a informação mais atual e em simultâneo.
A essência do jornalismo e do jornalismo radiofónico é a reportagem.
Contrariar a natureza da rádio e as características que a fizeram vingar até aos dias de hoje é desvalorizar a própria rádio, o jornalismo radiofónico e o que o distingue. E defraudar as expectativas de quem nos ouve.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.
Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia Sousa e Inês Forjaz
Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 5_Dia Mundial da Rádio Ouvir os ouvintes do futuro

Na visita à rádio
Há um antes

01_ versão com mas- pensava que era uma pessoa velha, de idade na cabine – 07” – Juntar com o secante?

e um depois

02_ temos que abrir uma rádio – 03”

Quando passa mais um Dia Mundial da Rádio, vamos falar dos ouvintes das novas rádios. Queremos compreender como veem e como navegam, escutam e interagem com o áudio nas plataformas.

Desde o início do século passado até hoje, a rádio foi mudando porque os ouvintes também mudaram – a rádio é o nosso espelho – reflete aquilo que somos – e se mudamos, a rádio muda – ou morre.
A resiliência, palavra que se cola à rádio – tem atravessado os tempos. Apesar da morte tantas vezes anunciada, não só persiste como a audiência tem vindo a crescer com novos aliados. Hoje Não falamos só de rádio - mas de novos produtos e conteúdos sonoros que saltam do FM para ondas virtuais.

03_iolanda passa à frente: estão tão habituado ao on demand não estão habituados a esperar, rádio a pedido...esperar...rádio linear – 30”

A rádio linear, ou seja, a que ouvimos no FM.

Iolanda Ferreira sabe do que fala. Coordena a Rádio Zig Zag, uma webrádio feita para a faixa etária dos 5 aos 9 anos. Nem sempre sintonizam a rádio tradicional. E Contrariando a ideia feita, nesta idade ouvem rádio no computador.

04_Iolanda_computador – entre abril de 2022 e dezembro...22 mil..computador...imaginação...crianças agarradas ao tabelt...ouvir rádio zig zag...afinal...computador – **40”**

Antigamente era o transístor que se metia no bolso, agora cabem todos os média.

05_VT-bolso – os media estão no bolsos deles...rádio...jornais...estão dentro telemóvel deles – **20”**

Vitor Tomé é investigador do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, estuda a relação de crianças, adolescentes e jovens com os media. Uma relação que se alterou nos últimos anos. A escuta de rádio aumentou - as visitas aos sítios das rádios também, e o podcast finalmente conquistou um lugar entre os portugueses – sobretudo entre os jovens e até aos 45 anos - a tendência dos últimos anos vai manter-se - Escutar está na moda.

Fones nos ouvidos, ecrã na mão e gestos rápidos, as informações e as notícias chegam pelas redes ou em grupos fechados Em que tudo se partilha – uma rádio post it

06_iolanda_post it – tal e qual...eu tenho ideia de que, não só rádio...crianças e jovens cada vez mais por post it...fragmentada...recortes de inf e não contextualizada...eu preciso cont. mas as novas...fragmentados, o que interessa mais é o áudio não o meio...o que interessa é o conteúdo. – **57”**

A rádio que se vê e desliza com os nossos dedos. Tudo de novo - e nada de novo, porque continua a ser escutada para ouvir música, notícias e como o som de fundo. A eterna escuta secundária que nos permite fazer outras coisas enquanto escutamos a rádio ... ou um podcast.

“O estudante que faz os trabalhos escolares ao som da rádio, a dona de casa que a mantém acesa como fundo sonoro enquanto faz as lides domésticas, o automobilista que vai escutando nos engarrafamentos do trânsito, com uma atenção intermitente, a voz do locutor ou a melodia favorita que encomendou eventualmente pelo telefone na véspera, procuram uma espécie de envolvimento, uma espécie de redoma sonora”

As palavras foram escritas por Adriano Duarte Rodrigues em 1986. O locutor já não saúda uma plateia de senhores ouvintes, agora fala para dentro do ouvido de cada um.

Hoje ouve-se rádio de outra forma e noutros dispositivos – arrastam-se ficheiros que se recebem, anda-se para trás e para a frente na emissão, voltamos a escutar, guardamos. Seja onde for ou como for, os estudos continuam a dizer-nos que Os jovens - ouvem rádio.

07_VT_consumo rádio_ ...15 anos...mais 55% por cento dizem ouvem rádio...qd perguntamos crianças, todas ouvem...no carro...só conseguimos compreender 55%...porque há consumo anterior...não a partir 17 ou 18, vem de antes...ouvem e depende contexto familiar...meio importante Portugal e tem crescido...pandemia...vem trazendo jovens a ouvir mais. – **1’17**

A rádio efémera que se perdia nas ondas hertzianas descobriu novos caminhos. E os ouvintes também, porque são, eles próprios, produtores de áudio. E isso, na opinião do investigador Vitor Tomé, é importante.

08_VT_podcast –querem produzir e intervir, não sabem como fazer...dar ferramentas...para usarem essas ferramentas...produzirem..com efeitos e consumido, senão não faz grande sentido – **1’18**

E a rádio conhece e trabalha para esta audiência?

09_VT_rádio conhece – há sempre uma preocupação...responder públicos e formar... ..media não estão fechados redoma...têm forma de saber...convidam intervenção e rádios que o façam...importante se

trabalharem mais com escolas conseguirão mais perceção do que naquilo que via mudando mais cedo –
1’16

Ouvir os ouvintes - para saber - o que lhes dar a ouvir.

As portas da rádio abrem-se para ser Vista e Ouvida por dentro. Entre objetos antigos e corredores que levam aos estúdios há quem descubra que a rádio, afinal, não é tão velha como julgava. A jornalista Célia de Sousa acompanhou um grupo de estudantes que veio visitar a rádio pública – uma reportagem feita a muitas vezes:

010_Rep Célia dia mundial da radioV2_6’16

E nós ficamos à espera que Abram uma Rádio Lá na escola.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Locução de Paulo Galvão

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 6_Queixas futebol e trânsito Fora de jogo

Os noticiários durante os relatos de futebol - tem sido um tema recorrente nas mensagens que chegaram á Provedora do Ouvinte. Desta vez, o mote foi dado pelos acontecimentos em Brasília que coincidiram com a tarde desportiva, por isso, esse é um dos temas do programa de hoje. Neste **Em Nome do Ouvinte** vamos ainda abordar as informações úteis que a rádio dá: trânsito, tempo e bolsa –questionamos se ainda faz sentido ouvi-las - na era das aplicações de telemóvel.

O espaço que o futebol ocupa na Antena 1 é uma questão antiga e sempre presente nas mensagens á Provedora. E voltou a colocar-se quando os relatos coincidiram com os motins na capital brasileira. Os ouvintes sintonizaram a rádio para saberem o que se passava em Brasília, mas queixaram-se de que só ouviram falar de futebol:

Q_ “Sou ouvinte da antena 1 e é uma estação que tem muitos assuntos atualizados. Mas o assunto futebol é uma constante na vossa programação. Acontecimentos importantes não fazem a programação de futebol ser interrompida. Tentem resolver esta situação. Menos futebol e mais informação.”

E ainda outro ouvinte:

Q_ “há um motim em curso em Brasília, que parece estar a ser complicado. O futebol sobrepõe-se a tudo na Antena 1. Só futebol, sem sequer darem noticiário sobre o tema. É ultrajante”

Mas houve uma síntese noticiosa no intervalo dos jogos - sem hora certa – como sempre acontece nas transmissões desportivas.

00_som Brasil 1 – jingle + inicio noticiário

A Antena 1 deu a informação sobre os acontecimentos em Brasília nos noticiários de síntese do final de tarde daquele domingo, 8 de janeiro. Não seria caso para desenvolver a notícia ou Interromper a Tarde Desportiva para Manter o ouvinte Atualizado?

Responde Paulo Sérgio, diretor adjunto e coordenador do Desporto:

02_PS_Brasil – não aconteceu no caso do Brasil porque era um processo em andamento...primeiro fomos dando...todas...quando terminou...noticiários meia hora...anulados até 1 da manhã. – **37”**

Só quando os relatos de futebol terminaram, se abriu a antena a uma emissão especial em que se aprofundou o que estava a acontecer em Brasília. A opção é explicada pelo Diretor de Programas da Antena 1, Nuno Galopim.

03_NG_ Sobretudo foi com o adensar...já no final da tarde e início da noite...interromper para ir para Brasília...desformatámos toda a noite de domingo...o que estava a acontecer, interromper...invasão...estamos acompanhar a par e passo...era apenas manif descontrolada transformou vandalismo...tudo o que aconteceu em Brasília – **1’05**

Eram 9 da noite. A partir daqui toda a programação foi alterada. Foram suprimidos os programas **De Olhos Fechados** e **O Amor É**, e o **Alma Lusa** adiado. A programação voltou ao normal depois do noticiário da Uma da manhã, quando a situação em Brasília foi dada como controlada.

00_som Brasil 2

Não são, por isso, exatas as queixas de que não houve informação. No entanto, não deixa de ser pertinente uma questão levantada pelos ouvintes: quando é que a atualidade se sobrepõe ao futebol – OU a uma emissão como a Tarde Desportiva?

Paulo Sérgio, diretor adjunto e coordenador do Desporto dá exemplos:

04_PS_outros ex - Morte da rainha Isabel II...Presidente Soares...apresentação propostas OE...sempre que se justifica...o desporto cai para segundo lugar. – **47”**

Com o regresso da Tarde Desportiva, o futebol passou a ter mais tempo na programação da Antena 1?

05_PS_tempo futebol – não...tarde desportiva...jogo...são 3 horas por jogo...metemos tarde desportiva...ligeiramente...não houve aumento substancial...isso não aconteceu – **48”**

Numa emissão dominada pelos relatos de futebol, o foco vai, naturalmente, para os jogos que estão a ser relatados em direto a partir dos estádios - e que envolvem meios e uma equipa numerosa de jornalistas, técnicos e comentadores em diferentes estádios do país. E quem sintoniza a Antena 1 - numa emissão desportiva - o que espera ouvir - é isso mesmo: o relato, a reportagem e comentário dos jogos.

Mas isso não significa que o futebol se sobreponha a tudo, nem deve. Os relatos podem e devem ser interrompidos para dar lugar a outra emissão especial ou informações de última hora. No caso dos motins de Brasília, a decisão foi a de ir mantendo os relatos enquanto se avaliavam os factos.

Não sou partidária dos diretos imediatos que correm literalmente atrás dos acontecimentos e que, muitas vezes acabam por não trazer mais-valia informativa. Mas, neste caso e noutros, fazer uma síntese por hora - no meio do futebol - e não ter qualquer atualização da informação entre as 7 e as 9 da noite **É** Manifestamente pouco - Mesmo tendo em conta que se jogavam os minutos finais - seguidos das reações. SE ao manter os relatos se satisfaz a expectativa dos adeptos que propositadamente sintonizam a Antena 1 naquele momento - também se defrauda as expectativas dos que querem acompanhar a par e passo um acontecimento extra-futebol. Mais uma vez, a solução está no equilíbrio. Nem sempre fácil quando a decisão é tomada em cima da hora – mas com a qual se deve aprender para situações futuras.

Ouvimos desde sempre que a rádio tem um papel fundamental na transmissão das informações úteis para o nosso dia-a-dia. E desde sempre - que quando se planeia a grelha de programação o trânsito e o tempo têm lugar cativo. Parte-se do princípio, até aqui inquestionável, de que antes de sair à rua o ouvinte quer saber se chove ou faz sol e por onde pode ir para escapar às filas - até ao trabalho.

SONS trânsito e tempo

Na era de todas as aplicações – em que se podem consultar em tempo real todo o tipo de informações úteis – ainda faz sentido dar o trânsito, o tempo e até a bolsa na rádio?

Vem isto a propósito da mensagem de dois ouvintes, com motivações diferentes. Neste momento, a Antena 1 tem uma ruBRÍca com a informação de fecho da Bolsa a meio da tarde.

00_som Bolsa

A Bolsa na manhã, na abertura dos mercados, desapareceu. // São “Informações que considerava úteis” – escreve um ouvinte - que pergunta se “Não seria possível o retorno desse espaço”.//

Pedi um esclarecimento à Direção de Informação sobre os motivos que levaram ao fim da informação bolsista da manhã. João Paulo Baltazar respondeu que a manutenção do boletim matinal não se justificava - com o argumento de que se trata de uma informação “especializada” e por haver múltiplos canais de acesso a este tipo de dados, sobretudo na vertente digital.

O Diretor de programas da Antena 1, Nuno Galopim, partilha desta visão.

06_NG_Bolsa – creio que hoje em dia...interpretar...quem está atento...terá aplicação...final da tarde...explicação...explicar...melhor app rádio continua a fazer – **43”**

Transmiti a resposta ao ouvinte que replicou com um argumento, que me parece um argumento-chave nesta questão:

Q_ “A digitalização da informação ainda não está ao alcance de toda a camada mais amadurecida, que é aquela que mais acompanha e investe no mercado. Digo-o por experiência própria e também pela recolha de opiniões de muitos outros utilizadores destes mercados. A manterem a vossa decisão lamento que a Antena 1 venha a perder alguma audiência de muitos e muitos anos”

A observação é pertinente. A rádio não pode deixar para trás Nenhum dos **Seus** ouvintes. E essa tinha sido a Minha argumentação numa resposta a outro ouvinte que dias antes questionou a utilidade das informações de trânsito.

Q_ “venho por este meio manifestar o meu desagrado com a constante perda de tempo de antena com que somos confrontados diariamente e minuto a minuto com as constantes informações de trânsito, do tempo e outras coisas mais. Nos tempos que correm e tendo acesso às novas tecnologias e à informação em tempo real não vejo nem sinto necessidade de constantemente se estar a perder tempo de antena com esse tipo de informação pois com os telemóveis qualquer pessoa, até os cegos, tem acesso a essa informação”.

Nunca foi tão fácil como hoje aceder às novas tecnologias e conseguir a informação á medida da nossa urgência. As aplicações, os telemóveis e outros dispositivos respondem ao segundo - às necessidades de cada um. Estará a esgotar-se a função primária da rádio - a de dar a informação útil? O Diretor de programas da Antena 1, Nuno Galopim, acredita que não.

07_NG_transito alternativa – mantém-se mt a função útil da rádio...retrato...drive time da manhã e tarde...alternativas? Sem dúvida...não focar nos recorrentes problemas...sabemos...sugerir alternativas pode ser um caminho, já que falamos de trânsito pode ser um caminho - **1’07**

Adaptar-se, mudar, perseguir as novas necessidades, tirar partido das tecnologias – desafios Não para o futuro da Rádio, mas para o Tempo Presente.

A rádio, de todos os meios, é o mais acessível a todos. A rádio pública tem aqui responsabilidades acrescidas: a de falar para todo o género de pessoas e por elas ser compreendida. Falar para todos significa falar para os que não têm ou não usam as novas tecnologias, e para os que não sabem usá-las OU não podem.

Para muitos, a rádio é a maior fonte de informação, se não mesmo a única. A rádio, e a Antena 1, não é apenas escutada por quem tem e sabe usar dispositivos a que acede facilmente, e em tempo real, às informações de trânsito, previsões meteorológicas ou outras. Essas continuam a ser, por enquanto, informações úteis que uma rádio Feita para Todos tem de transmitir.

Trânsito, tempo e bolsa – a questão não é tanto se a rádio deve ter essas informações - o que podemos questionar é a Forma como estão a ser dadas e como podem ser transmitidas no futuro - para que as informações úteis não se tornem inúteis.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 7_Direitos Conexos

Ouvir tudo só na rádio

Já lá vai o tempo em que era preciso sintonizar a rádio na hora exata a que o programa começava. Era o tempo da rádio que não voltava para trás - ao contrário dos dias de hoje em que podemos descarregar o ficheiro áudio e até guardá-lo. Para a rádio é uma nova vida - pode multiplicar-se em plataformas e escutas - Pode ou Podia – As novas regras europeias sobre os direitos de autor e conexos limitam a escuta de músicas e outras obras na Internet. Ou seja, o que se ouve na rádio nem sempre pode ser ouvido em podcast.

SOM_torneira – 10”

A rádio sempre nos entrou pela casa dentro. Pelas ondas invisíveis e agora, pelas plataformas de escuta áudio. A rádio mantém-se portátil, acessível e personalizada. Sem esperar que fique disponível, acedemos ao podcast numa aplicação que recebe, agrupa e organiza tudo o que gostamos de ouvir. Como uma lista de programas de rádio, mas sem estar presa a horários. O podcast veio tornar a rádio em algo que se repete e arquiva – Nada de Novo – das cassetes gravadas e de fita gasta, passámos para o computador e para as aplicações no telemóvel. Abrem-se novos caminhos ao velho meio, mas afinal as possibilidades infinitas têm limites E definidos pela lei – a lei dos direitos de autor e conexos. O mesmo é dizer que não podemos pôr na Net tudo o que nos apetece - nem podemos ouvir tudo o que queremos.

Para as rádios é um passo atrás na difusão de programas nas plataformas.

Para os ouvintes a escuta fica...incompleta.

01_medley_emissão_célia – 30” (termina com música)

Ouvimos a música na rádio em FM, mas não ouvimos no podcast. É como está a ser aplicada a Lei dos Direitos de Autor e Conexos no mercado único digital. Ou seja: quando uma música ou outra obra gravada é usada publicamente - o autor, o intérprete e o produtor - têm direito a receber um pagamento equivalente ao número de vezes que é escutada. Não se coloca em causa a justiça da remuneração e do reconhecimento de quem cria, executa e produz. O ponto de vista que abordamos é o das consequências para a rádio e, sobretudo, para os ouvintes. Na prática, o que está a acontecer é que em podcast ouvimos apenas uma parte do programa que passou na rádio - a parte sem música – ou nem sequer ouvimos.

A questão dos direitos de autor e conexos online é tão antiga quanto a Internet. Depois do vale tudo, a União Europeia tenta agora por ordem no caos e legislar. Os estados membros tinham de transpor as Diretivas 2019 barra 789 e 790 até junho de 2021. Apenas 6 não o fizeram, Portugal incluído.

Entre os elogios dos autores e as críticas de quem transmite ou partilha - o parlamento aprovou a autorização para o governo legislar nesta matéria. A jornalista Célia de Sousa acompanhou o debate.

02_rep Célia direitos conexos – som ministro - solução equilibrada, protege liberdade expressão e remuneração...críticas partidos ao processo...atraso lei...prazo consulta em 30 dias...entidades serão ouvidas...implicações podcast sem fins lucrativos...ministro...direito termina onde começa os autores e conexos...preservam esses direitos...passar musica sem remuneração justa...já era assim na rádio...tinha de...não podemos criar mundo sem essa ligação...remuneração - **2’42**

Segue-se um período de consulta pública. E finalmente o governo, e não o parlamento, vai legislar para transpor a Diretiva dos direitos de autor e conexos.

A Diretiva levanta muitas questões e vamos apenas focar-nos em duas. No uso da música nos programas de entretenimento e na informação. Falámos com Francisco Burguette, advogado, especialista em Direitos de Autor.

03_Burguette_Podcast_uma música no âmbito de um podcast...limitado...numa emissão de rádio...não...rádio...licenças spa englobam utilização em ambiente digital – **26”**

Situação idêntica quando a música é usada nos conteúdos jornalísticos.

04_Burguette_Informação_Por exemplo se é utilizada uma obra numa peça jornalística...é licita...carregado Youtube...deteta...decide remover...se fica disponível é ou não licito – **35”**

Francisco Burguette, advogado, especialista em Direitos de Autor.

Posto isto, e Em Nome do Ouvinte - perguntamos: o é que a rádio pública já está a fazer?

Começamos pela Antena 3 em que a música é essencial. Que problemas se colocam à produção e distribuição dos programas? O Diretor da 3, Nuno Reis explica:

05_NR_Legislação – esta legislação obriga equipa da 3...edição diferente...sem musica perde sentido...para os ouvintes – **36 “**

Na Antena 3 e RTP Play ouvem-se os programas na íntegra, mas o mesmo não acontece nas outras plataformas de distribuição.

06_NR_edição especial – em alguns casos fazemos mesmo edições exclusivas... informação cultural...Apple e Spotify... para não ...edição especial com resumo sem excertos musica...musica – **31”**

Versões diferentes para um mesmo programa na Antena 3.

O diretor da Antena 2, João Almeida, não se pronunciou.

A questão dos direitos de autor e conexos também se coloca quando a música ou outras obras são utilizadas nos conteúdos jornalísticos. Por isso, ouvimos João Paulo Baltazar, Diretor de Informação.

07_JPB_Informação - de forma geral...sonoplastia...livrarias sonoras...material gravado pp...estamos contacto permanente DJ...inf que temos não se conhecem termo transposição...negociações com spa e audiogeste...atentos a casos concretos que possam exigir maior atenção – **54”**

A Direção jurídica da RTP está a acompanhar a situação, aguarda o texto final das leis que vão transpor a Diretiva.E ressalva que são necessárias autorizações dos titulares dos direitos conexos.

Quanto á Antena 1, RDP África e RDP Internacional, o Diretor de Programas distingue o que vai para o sítio da RTP e para as plataformas externas. Nuno Galopim explica que para ouvir na íntegra - só na emissão em FM.

08_NG_Sitio – há uma separação clara plataformas RTP e fora ...esses não inclusão de musicas – **26”**

Mesmo na RTP Play nem todos os programas estão completos. Nuns o autor avisa que não vai poder ouvir a música, noutros é anunciada uma música que não é incluída no podcast. Nuno Galopim explica porquê.

09_NG_Podcast – os programas que optam por não ter...todas..quando autor não...não tem...fica disponível RTP Play e plataformas...dentro da RTYP Play. – **26”**

Para ouvir tudo – só mesmo...na velha rádio

Os Direitos de Autor e Conexos no online não são meramente um problema do que podemos - ou não podemos ouvir - nas plataformas. E mesmo sob a perspetiva do ouvinte há outras questões que se levantam: a livre produção e a liberdade de expressão; o livre acesso à cultura e à informação. Mas

também importa saber quais as exceções à Diretiva europeia - como legislaram os outros estados membros - qual o papel das rádios e das indústrias culturais - e a auto-regulação das próprias plataformas – por outras palavras: o futuro da rádio para lá do FM e até que ponto a regulação o coloca em causa ou lhe abre outros caminhos.

Afinal, importa sobretudo perceber o que está a ser feito para defender os direitos dos ouvintes. E perceber como se posicionaram as rádios para defender o direito á escuta sem ferir os direitos de autor e conexos.

Temas para outros **Em Nome do Ouvinte**.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA_8 **A Rádio Fora de Portas – a Reportagem Internacional** **Eu vejo à minha volta**

Uma das funções da Provedora do Ouvinte é também a de explicar como se faz - o que se ouve na rádio. Por isso, iniciamos uma série de programas em que vamos mostrar os bastidores da rádio pública. Da informação ao entretenimento // da reportagem da atualidade feita a partir de onde tudo acontece - às entrevistas no sofá // dos relatos de futebol aos concertos transmitidos fora de estúdio. E também a montagem e desmontagem de todo o equipamento técnico.

No primeiro programa dedicado à rádio fora de portas – trazemos as vozes da Reportagem da Antena 1 na Ucrânia e na Turquia.

À caixa de mensagens da Provedora do Ouvinte não chegam apenas queixas e desagrados. Também chegam sugestões, desabafos, críticas construtivas e elogios. Deles também vamos dar Nota neste programa. E hoje - que levamos aos ouvidos de quem nos escuta - a Rádio Fora de Portas, começamos pelo elogio ao trabalho de um repórter no terreno. Para isso, voltamos atrás no tempo.

6 de fevereiro

No noticiário das 3 da manhã ouvíamos a reportagem de José Manuel Rosendo na Convenção Cidadã em Paris. Na hora seguinte, a notícia de abertura foi o sismo na Turquia e na Síria.

1_SOM_noticiário 4h_sismo

Horas depois, o correspondente da RTP deixou Paris e rumou à Turquia. Dia 9, começou a mostrar, na rádio, as primeiras imagens.

2_REP_JMR_9fev_9h

"Ouvi hoje a reportagem de José Manuel Rosendo na Turquia. Ele sabe transmitir o que vê de forma tão vivida, que nos faz sentir a dor que se vive no local."

3_ROSENDO final_curto – 3'34

eu, eu tenho essa noção...tenho a noção de que as pessoas...pelo menos gostaria que fosse assim...mas tenho a noção de que as pessoas bebem as nossas palavras...importantes...pesadas...se conseguimos ou não...mais e menos felizes...direto... sinto essa responsabilidade...procuro corresponder.

Repórter olhos e ouvidos chegar ao local e afora?

Olhar á volta, olhar para as pessoa...e depois é utilizar bloco notas...memória, fotográficos, registar memória para transmitir...processo teórico simples, aplicação complicada...depende cada um...forma estar e absorver...nada mt complicado...ultrapassar dificuldades próprias...Turquia...360... destruição... realidade...transmitir em palavra e imagens...pp imagens não conseguem transmitir tudo o que estamos a ver *O que não se pode dizer?* Eu acho que se Pode dizer tudo...pesando muito as palavras...eu não gosto mt da expressão da desgraça alheia m existe pode ser contada mas não explorada...é possível contar o drama...Turquia...há sempre dramas que estão a viver...acho que se pode contar tudo...no caso conflito...não há guerras sem ortos, devem ser mostrados mas de forma digna sem exploração...imagens não devem mostrar sangue a escorrer...é exploração obscena e fere dignidade das pessoas a sofrer esses dramas...Estar no terreno...é a alma do jornalismo...importantíssimo estar no terreno...captar...enriquece...dão ouvinte mais informação...completa...diversidade...se começamos a beber da mesma fonte...olhar único...10 olhares diferentes - *Integrados nas pools com limitações?* Olhar é sempre diferente...limitações e a única forma de chegar a determinados locais...ex...Ucrânia...jornalistas...militares ucranianos ou era assim ou não íamos...era a única forma - **5'51**

Enquanto José Manuel Rosendo nos falava sobre as limitações ao trabalho dos jornalistas - e dava o exemplo da Ucrânia, acabavam de chegar a casa os repórteres Luís Peixoto e Nuno Amaral. Ambos já tinham estado em território ucraniano no último ano e voltaram para ouvir - e mostrar aos ouvintes - o que encontraram. Luís Peixoto a partir do Donbass controlado pelas forças russas e Nuno Amaral da capital Kiev.

Dois repórteres em lados opostos do conflito. Regressados à redação, juntámos os dois com uma pergunta de partida para esta conversa: no local de reportagem qual é a primeira coisa que fazem?

4_DEBATE final_curto – 5'04 + reportagens de NA e LP na Ucrânia na parte 3 – 00_REP

2_Debate_local e rep luis – quando chegam a um local...1ªcoisa que fazem? Tentar perceber o terreno... - **pode começar ao 1'05** – perceber a energia...sirenes...já já nos dá indicações – **1'18 – 1'49** – Luís, eu penso que...tempo...para se sentir o terreno...o pensar e pulsar população +e preciso tempo...conversas informais...mão irmos diretamente ao osso...se perguntarmos um pouco vida delas...visão de conjunto...quando chegamos a um local...rádio vantagem...sente-se mais à vontade para falar - **3'08– 6'04** – *o repórter humaniza a guerra?* – **6'09 – 6'45** – eu acho que o repórter...realidade...contexto...creio facto...2 lados guerra...opinião...enquanto repórter não interessa para ada...ouvinte...2 lados...numa guerra...2 lados...pode conduzir situações fanatismo...propaganda...não toma decisões em consciência...julgamento...dar elementos ...formar pp opinião... *Posso dar o exemplo?* Houve um momento...aula jornalismo, riquíssima, visitou prisão e disse...elegante... - **cortar ou misturar com reportagem – (LP)** - isso aconteceu em Lugansk... nunca vais poder ter discurso livre...outro elemento importante...será mt difícil ouvirmos opinião contracorrente...medo represálias...condicionantes que temos contornar...limitação...faz parte. – **10'**

3_Debate_queixas e rep – *A A1 esteve nos 2 lados...queixa e elogios...pensam nisso*...penso sempre nos ouvintes...terreno está a dar...claro...é para eles que trabalho...a bússola vem do terreno...colheita...acho eu...o que posso dizer seriedade lado pró russo...honesto...sabia que indo para outro lado...criticas...pouco importa para o trabalho...dever jornalista...se incomoda...jornalismo não é dar doces...querem ver...é mostrar evento por completo...pode viver sem reportagem?...bombardeados...uma rep...pessoas Donbass a falaram...rádio tem essa particularidade...basta tom de voz...rep prende – **2'30-2'55** – resposta Luís – rep indissociável...só indo ao terreno - **3'05 – 2'42** – foi também reportagem...minas...crianças mutiladas...temos de estar terreno...aquilo que realmente se passa – **4'12** –

Luís Peixoto e Nuno Amaral, os repórteres que estiveram na Ucrânia, nos Dois lados do conflito.//
A reportagem é **A Rádio 360** como diz José Manuel Rosendo – a que olha à volta, capta, dá ouvir e Mostra – Em nome dos Ouvintes...e da Rádio

Este é o primeiro programa da série a Rádio Fora de Portas, hoje dedicado à reportagem internacional: Turquia e Ucrânia. //

No Dia Mundial da Rádio ouvi na Antena 1 uma peça da jornalista Alexandra Sofia Costa sobre os repórteres de guerra. E em jeito de conclusão registo a resposta à pergunta: O que é ser repórter?

5_REP_Alexandra Sofia Costa – é dizer de viva voz...saibam ver para que os outros vejam também – **41"**

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA_9

A Rádio Fora de Portas – Programas de informação Uma volta pelo país

Rm?

Na série a **Rádio Fora de Portas** vamos até ao distrito de Coimbra. Uma das funções da Provedora do Ouvinte é explicar como se faz aquilo que se ouve na rádio. Por isso, a Provedora também saiu do Gabinete para ir até à Figueira da Foz ver como é feito o Portugal em Direto e até à Rádio Universidade de Coimbra para assistir à Antena Aberta. Dois programas de informação que saem do estúdio e andam pelo país - onde estão os ouvintes

--

Sair da comodidade do estúdio implica tempo, gente, planear, mas também improvisar e movermo-nos num mundo de cabos e equipamentos que os avanços técnicos têm simplificado. Quando a rádio sai fora de portas, os programas começam muito antes. Há que reunir uma equipa, distribuir tarefas e planificar // há que estudar temas novos e pensar em potenciais entrevistados. É preciso definir para onde // e como se vai. // Há todo um cenário a montar para transmissão em direto - em que se lida com os imponderáveis, como lhes chama Cláudia Costa, a editora do Portugal em Direto.

01 CC_PD_imprevisto – 42”

há sempre imponderáveis...jogo cintura...importância produtor...chega mais tarde...jogo cintura...tudo alinhadinho e de repente...isso dá muito gozo e tem sempre via verde – 45”

A jornalista Cláudia Costa sai do estúdio com o Portugal em Direto há mais de um ano. O programa sempre se deslocou para emissões temáticas, mas agora, uma semana por mês, percorre vários locais de um distrito. Uma Volta ao País - que todos os dias prova que há notícias - para lá dos grandes centros.

02_CC_PD_BLOCO - 1’53há muitas notícias no país real...programa liga...o território é o nosso palco...bem feitas não conhecidas...carências...sobretudo há muitas histórias para contar – 39”

+

CC_PD_positivo_nacional – *corremos risco jornalismo positivo?* – não, é o meu trabalho de pesquisa...é perceber calcanhares de Aquiles...questionamos os agentes locais...mas tb é mt importante...trazer coisas boas...- *Noticias no PD conseguem ir para noticiários nacionais?*...poucas vezes, se calhar havia de haver reflexo maior...pedrogão...oliveira hospital no rescaldo...foi manhã 1, PD e AA. – 1’44

O Portugal em Direto foca-se nos assuntos locais e regionais, dá voz a outros protagonistas - escondidos do grande público - que aqui ganham outro espaço. É o jornalismo de proximidade elevado à escala nacional, feito no local e com quem ali vive. A rádio está onde está Quem a escuta - num café ou no mercado ou na praça central - Sob o olhar curioso dos que passam e espreitam o estúdio improvisado – como reagem estes ouvintes? Pergunta para Cláudia Costa:

03_CC_PD_Manual – 1’06

ficam curiosas, roll-up ...ficam a ouvir, sintonizam-se...arcos de Valdevez...coluna de som...transistor colado ao ouvido...gostam, gostam...em Sabrosa...veio um senhor...fazem um manual de Portugal...ah isso dava um spot...é mesmo um Manual de Portugal – 1’31

--

A Antena Aberta e o Portugal em Direto ouvem o país estrada fora. É escolhido um distrito, e durante 5 dias andam de estúdio às costas. Nessa semana, o Portugal em Direto percorreu o distrito de Coimbra e, nessa quinta-feira atracou no Porto de Pesca da Figueira da Foz. A Provedora e a repórter Célia de Sousa foram ao encontro da equipa. São 9 da manhã. Há que estender cabos e pôr microfones, arrumar mesas e cadeiras, alinhar reportagens e receber os entrevistados. Ao som das gaivotas e dos motores das traineiras - À uma da tarde - está tudo pronto.

Rep_Célia_Coimbra V_Final – 5'56

Com estilo e mais perto de quem ouve a Antena 1.

Fechado o microfone arruma-se o equipamento e há lugar para outras conversas. Na sala do lado, grava-se a emissão da Rádio Universidade de Coimbra. Os corredores da RUC são um mural de histórias de uma rádio que emite há 37 anos, como se vê pelos pratos de gira-discos agora parados. “*Mergulha no éter*” – diz o cartaz à entrada – apetece perguntar SE, ao sair do estúdio, A Antena Aberta traz à rede novos protagonistas. António Jorge, jornalista e moderador diz que Essa É a missão do serviço público.

04_AJ_AA_protagonistas – 1'59 - o programa e A1 missão...sendo espaço de opinião, esclarecimento, encontro, ao sair...trazer outro tipo vozes...não conhecemos pensamento, cara, voz...ao encontro massa crítica dessas regiões...ganhar coesão – *Essas Vozes ficam?* Muitas ficam...impressionado capacidade...agradado como explicou ou comentou...volto a essas pessoas – *E fora do AA* – ficam...Beira Interior...crise energética...Leiria...gestão territorial, saúde feminino...de novo convidados...passo contactos ao resto camaradas da informação – **2'59**

Diversidade, pluralismo, proximidade, descentralização – Levar a Antena Aberta para outros lugares do país é uma forma de encontrar outros protagonistas e especialistas mesmo que isso signifique dar menos tempo aos ouvintes. António Jorge reconhece que a essência do programa muda, mas não tanto quanto isso.

AJ_AA_Dificuldades – 37”

muda mas não é sempre...temas atualidade...há dificuldade perfil certo para estarem presencialmente...e aí tenho alterar tema...mas sim há momentos ouço mais tempo especialista...s e menos espaço ouvintes...ou porque não estão a corresponder – 1'02 (cortar) – 1'02

Uma Rádio com Ouvidos – no país.

Em Nome do Ouvinte também Nós Saímos do Gabinete da Provedora - e vamos continuar a sair para acompanhar a Rádio Fora de Portas.

RM?

--

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 10_ Queixas Braga Critérios

À caixa de correio da Provedora chegam com frequência queixas sobre os critérios usados na rádio. Questionam-se decisões ou contestam-se opções. A partir das queixas que recebemos, vamos falar de critérios na rádio - que definem o que passa - e o que não passa - em antena.

Nas transmissões de relatos de futebol ou na política, há sempre critérios de seleção para incluir ou excluir clubes, partidos, e quem lhes dá voz.

Da caixa de correio da Provedora selecionei 3 assuntos em que os ouvintes questionam os critérios da Antena 1 para os relatos de futebol, e para a cobertura jornalística na Assembleia Legislativa dos Açores e na Assembleia da República.

Hoje falamos de Futebol.

SOM_Braga

Todas as jornadas a Antena 1 relata os jogos do Benfica, do Porto e do Sporting. Mas dá-se o facto de os **Três** clubes Não coincidirem Com os **Três** primeiros classificados. O Sporting de Braga tem baralhado esta equação desde o campeonato passado: tem estado entre os **Três** primeiros e por mais do que uma vez jogou para subir ao 2º lugar da tabela – como aconteceu na última jornada. As queixas foram chegando - à medida que o Braga ia acumulando pontos:

Q_ Escrevo-lhe para perceber o critério da rádio pública na transmissão de relatos desportivos: acompanhar na íntegra os três primeiros classificados ou os três autoproclamados clubes "grandes" do futebol português?

Q_ O Sporting de Braga é um clube que representa o país na Europa e todos os portugueses. Acho vergonhosa a tomada de decisão de deixar de transmitir os jogos do clube (...).

Q_ O jogo do Braga contou apenas com informações. Enquanto cidadão português, Bracarense de nascimento, mas deslocado e que acompanha o Sporting de Braga na Antena 1, como contribuinte, vejo-me no direito de perceber esta decisão.

Q_ Tem de haver critérios objetivos e mensuráveis para decidir fazer um relato e não outro.

Q_ A minha questão, não enquanto adepta de um clube, mas como adepta de futebol e ouvinte desta emissora para a qual também contribuo é: que critério utiliza a Antena 1 para a transmissão dos relatos?

Q_ Eu e muitos milhares aguardamos uma explicação

A explicação veio pela voz de Nuno Galopim, da Direção de Programas.

NG_ critérios Parte 1 (até aos 47")– os critérios que prevalecem...3 grandes clubes, volume adeptos e historial da rádio...pode haver 4º clube e pode acontecer este ano...*nunca equacionaram a possibilidade de fazer um quarto, não há lacuna?* ...equacionado esta semana...*Serviço público?* Sim, existe tarde desportiva para acompanhar outros jogos...regressou...várias modalidades...nem sempre direto...informação em direto...

Desde 2005 que a Antena 1 relata os jogos do Benfica, Porto e Sporting – A questão levantada pelos ouvintes sobre o Sporting de Braga pode ser Reformulada de forma mais genérica: Quando algum destes clubes não está no topo da tabela e outros sobem aos primeiros lugares – as regras mantêm-se ou alteram-se?

Coloquei a questão ao coordenador do Desporto, que invocou os critérios em vigor. E os critérios em vigor ditam que É a direção de programas quem tem a palavra final na gestão do tempo da Antena1.

NG_ critérios Parte 2 Aos 1'53

É uma questão a ser decidida pela direcção de programas.... **a cada ano com contexto diferente...vamos equacionar...3+1 significa quanto tempo mais de futebol em antena? Mais um jogo /semana...suspensão de mais programas...o canal é único e linear...Posso receber queixas por haver mais futebol?** É natural, se é único e linear é assim que funciona... **desdobramento com canal web...pesa quando se tomam decisões...canal web para que programação regular não desapareça** – 3'11

Como diz o Diretor de Programas Nuno Galopim, um Quarto clube pode significar mais tempo em antena para os relatos dos jogos – Relatar quem está Entre os três primeiros faz todo o sentido // é coerente com os critérios jornalísticos // e responde àquilo que deve ser o serviço público - o de ser mais abrangente e olhar para lá dos chamados 3 grandes. Mas Esta não é uma decisão pacífica. A opção pode agradar a quem gosta de futebol, mas desagrada, certamente, aos ouvintes que escrevem à Provedora a protestar pelo tempo excessivo dado ao futebol na programação e nos noticiários impondo-se à restante atualidade e modalidades desportivas. Quaisquer que sejam os critérios, haverá sempre incluídos e excluídos. E neste caso, não há apenas dois pratos na balança. Há que pesar a coerência de relatar ou deixar de fora quem Está entre os três primeiros - o tempo que um quarto relato ocupa na programação- os programas que são suprimidos - as expectativas dos que gostam de futebol e as expectativas dos que não gostam – Os critérios não são eternos nem imutáveis, mas também não podem ser flexíveis ao ponto de se adaptarem época a época ou jornada a jornada.

SOM_Liga

Voltamos a uma ideia do Diretor de Programas – os canais alternativos na Internet. São uma forma de diversificar conteúdos, ultrapassar as limitações do FM e de chegar apenas a quem gosta de um tema ou apenas de uma pequena parcela desse tema. Por essa razão, os podcasts do futebol já tinham sido uma questão colocada ao coordenador do Desporto da Antena 1, Paulo Sérgio.

Som_Paulo Sérgio

Ideias não faltam, faltam recursos.

SOM_RTP Play

O podcast não substitui a acessibilidade da emissão em FM, mas chega a outros públicos – os que apenas procuram o que lhes interessa –Podemos ouvir o que não há na emissão tradicional, quando se perdeu a hora de emissão, ou porque queremos escutar a versão longa. Certo é que os podcasts fazem parte da estratégia de qualquer rádio na conquista e na fidelização de audiências. Não é coisa do futuro, já tem uma história – o futuro da rádio pode ser uma incógnita, mas a a rádio estará Onde estão os ouvintes.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Fonseca e Montagem de João Carrasco.

Programa 11_Rádio Fora de Portas_Entretenimento Olhar nos olhos

Na Rádio Fora de Portas saímos hoje com programas de entretenimento da Antena 1 e da RDP África. Fomos ver como se preparam e como se fazem. E ainda aproveitámos para conhecer a recém-renovada Casa Museu Igrejas Caeiro, em Caxias.

Da casa onde viveram o radialista Igrejas Caeiro e a atriz Irene Velez avista-se o Tejo. É uma casa museu cheia de livros e discos grossos de vinil. Espalhados pelos móveis há aparelhos de rádio de todos os tamanhos e feitios. E ao descer as escadas estão malas de viagem carimbadas nas digressões pelo mundo.

Ao lado dos estúdios, na sala imensa de luz, facilmente imaginamos os atores alinhados aos microfones para gravarem as vozes das peças de teatro radiofónico.

A Casa Igrejas Caeiro voltou à vida da rádio - abriu portas ao cinema do **Duas ou Três Coisas**, programa de Nuno Galopim e João Lopes na Antena 1.

Rodeados pelo tempo do analógico prepara-se o equipamento da era digital - tudo mais simples - como registou o microfone da repórter Inês Forjaz.

REPORTAGEM_IF – 6’10

Encontros só possíveis quando a Rádio sai do estúdio e vai à casa - de Quem marcou a história da rádio, do teatro e do rádio teatro: Igrejas Caeiro e Irene Velez – uma Casa com rádio lá dentro.

De Lisboa para Maputo saiu o Linha Africana, um programa da RDP África conduzido por João Pedro Martins.

00jpMartins –Sair do estúdio. Neste caso, é a parte mais encantadora da rádio, porque ir ao encontro das pessoas entrar no seu território, olhá-las nos olhos, ver as expressões faciais isso oferece de confiança. E dá um enorme prazer. E a rádio foi criada com esse fundamento de proximidade que infelizmente cada vez menos se faz uso dele, quando nunca deveria ter perdido esse sentido e esse princípio. - **35”** -

De olhos - nos olhos do ouvinte - À procura desse princípio da proximidade, durante uma semana, o Linha Africana mudou de continente. No final de Fevereiro e início de março, o programa foi transmitido em direto de Maputo, em Moçambique - sem grandes meios ou apoio técnico. O realizador do programa foi sozinho e levou na bagagem uma pequena mesa com três vias, um aparelho transmissor e dois microfones. E foi assim que captou em direto as conversas e os momentos musicais:

Rm excerto Programa em maputo ?

O programa de João Pedro Martins é recente na grelha da RDPÁfrica:

Rm JpMartins01 -39”

[00:00.1 - 00:19.9] é o programa da noite da RDP Africano, onde diariamente o ouvinte pode vir ao nosso encontro, como eu costumo dizer, e trocar dois dedos de conversa.

[00:21.0 - 00:46.5] A proposta diária é exatamente essa para todos os ouvintes da RDP África, em qualquer parte do mundo, vir ao nosso encontro ou dizer o que lhe apetecer, porque o tema é sempre livre e nesse sentido, não existem limites para a conversa, salvo, claro, o devido respeito no teor de cada assunto.

Nos estúdios de Lisboa, o Linha Africana vive da participação dos ouvintes, por telefone. Mas nestas emissões em Maputo o formato mudou - até por causa da diferença horária:

Rm JPMartins02 -1’36

[00:47.4 - 00:50.5] Na linha africana a partir de Moçambique.

[00:51.2 - 01:44.6] O programa é na mesma feito em directo, ou seja, às vinte e duas horas de Lisboa e Moçambique são mais de duas horas e isso faz com que logo a partir daí tenham que ser feitas algumas alterações com convidados programados para participarem no programa.

[01:45.6 - 01:55.3] A conversa ou as conversas, como se sabe, são uma das formas mais importantes de comunicação entre o ser humano. E a verdade é que as pessoas, sobretudo nos tempos que correm, cada vez mais conversam cada vez menos.

[02:04.9 - 02:10.0] Ou porque não têm com quem conversar ou não têm quem as ouça

[02:11.1 - 02:43.8] E este papel que a rádio tem e que nossa, felizmente ainda mantém e é aquilo que permite que os ouvintes que vem ao nosso encontro, venho partilhar um pouco os seus pensamentos, as suas ideias, as emoções que transmitem emoções. E a beleza dessas conversas está exactamente na capacidade de ligar as pessoas entre si.

02:56.7 - 03:10.8] porque as conversas têm essa habilidade de transcender barreiras culturais, linguísticas, sociais e permitem nos explorar novas perspetivas. [03:11.6 - 03:13.4] Permitem nos aprender com os outros. [03:13.4 - 03:18.2] E, ao fim e ao cabo, crescer como pessoas, como ser humanos.

Quando um programa sai do estúdio, isso não significa que o estúdio fica vazio. Há sempre alguém de plantão/piquete, para o caso de haver alguma quebra de emissão.

Rm Carlos Pedro 01 – 13” - o meu nome é Carlos Pedro, eu sou realizador de programas da RDP África. Eu neste momento estou a controlar a emissão da RDP África

E enquanto João Pedro Martins conversava com os convidados em directo de Maputo, Carlos Pedro assumia os comandos em Lisboa

RMCarlos Pedro02 – 1’36 –

[00:47.6 - 00:52.7] Basicamente eu tenho que estar aqui dentro do estúdio para que nada de mal aconteça.

[00:59.7 - 01:06.6] Se por ventura acontecer alguma coisa aqui em estúdio, temos que apagar o fogo. De que forma?[01:09.5 - 01:20.6] Pedimos desculpas aos ouvintes pelo que o que aconteceu e tentamos novamente o contacto com o colega para retomarmos então a emissão.[01:20.6 - 01:28.8] Se isso não for possível, prosseguimos uma emissão musical onde, pronto, faz se uma uma pequena animação.

[02:06.1 - 02:09.2] Quando dizes alguma coisa acontecer, a emissão cair do outro lado.

[02:09.6 - 02:10.4] Exatamente. [02:10.7 - 02:18.4] Pode acontecer com o sistema que nós temos neste caso, que é o quanto pode ficar sem Internet, pode ficar sem eletricidade.

[02:18.4 - 02:20.5] Enfim, pode acontecer um conjunto de coisas.

[02:21.3 - 02:37.1] Já me aconteceu, por exemplo, alguém passar no sítio onde estava o cabo que trazia o sinal e cortar, partir o cabo e ficar sem sinal, sem perceber se era a máquina, se era o que tinha acontecido.[02:37.1 - 02:47.4] E depois então de analisar tudo é que descobri que um dos cabos que passava pelo palco sem querer alguém passou e acabou por cortar o cabo

[03:05.7 - 03:06.0] Pronto.

[03:06.0 - 03:13.5] Essencialmente o que temos que fazer é fazer que nada de mal aconteça e às vezes acontece.

[03:13.5 - 03:17.3] Não somos humanos, mas acontece às vezes.

A rádio sem rede - os imprevistos e as soluções em cima da hora.

Acompanhámos o Linha Africana da RDP África e a gravação do **Duas ou Três Coisas**, da Antena 1 – dois programas gravados fora dos estúdios.

O Gabinete da Provedora vai continuar a sair - Em Nome do Ouvinte e da Rádio Fora de Portas.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 12 _Queixas parlamentos Critérios

Os critérios usados nas notícias são um tema habitual nas mensagens dos ouvintes. Já aqui falámos dos critérios nos relatos de futebol, hoje falamos nos da cobertura politico-partidária nos Açores e na Assembleia da República.

Na política, como noutros temas, o jornalista recolhe informações, selecciona as que vão compor a notícia, ordena-as no texto, e decide quem é ouvido de viva voz ou apenas citado. Todo o processo é sujeito a critérios de seleção desde o primeiro contacto com as fontes da notícia até à sua emissão.

Os critérios para incluir ou excluir partidos e protagonistas ocupa parte das mensagens recebidas pela Provedora. Questionam-se decisões, contestam-se opções, duvida-se da imparcialidade, insinuam-se simpatias e até censura. Os ouvintes querem saber que critérios foram usados para Aquela notícia abrir o

noticiário - porque se ouve o deputado deste partido e não do outro, - porque se ouviu mais o partido A do que ao partido B - porque se cortou ou porque se deu tempo de antena...

Para responder às dúvidas, peço sempre a colaboração dos jornalistas ou da Direção de Informação que, normalmente, explicam os critérios usados. Hoje, passamos da escrita à voz para explicar como se faz a cobertura jornalística na Assembleia da República - e dos partidos Com e Sem assento parlamentar na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

SOM_AAL

A cobertura aos eventos, atividades, conferência de imprensa etc. aos partidos políticos tem a ver com o número de votos obtidos nas últimas legislativas. Ora acontece que o PCP, nas últimas legislativas dos Açores perdeu a sua representação parlamentar na Assembleia Legislativa dos Açores. Como os partidos políticos que não têm representação parlamentar não têm direito a cobertura dos media, não é admissível que o PCP o tenha nos Açores.

Colocámos a questão do ouvinte ao responsável pela Informação Rádio do Centro Regional dos Açores. Pedro Moreira dá conta dos critérios sobre a cobertura política na Assembleia Legislativa e fora dela:

02_PM_parlamento Curto – os debates são fáceis de caracterizar...dando voz todos...evidente...Açores um governo de coligação com 3 partidos...não é possível encaixar os 3...em 1'30 faz sentido 1...resultam...do próprio debate. *Critério não é representatividade?* Não pode ser só...tem seu peso... se 2 partidos com mesmo entendimento...maior...não é de forma nenhuma critério único e– 1'47 (tem perguntas)

Pedro Moreira distingue Três tipos de partidos, Três tipos de cobertura jornalística.

03_PM_partidos final – os partidos em representação...dividem-se em 2, os que concorrem e mantêm atividade...têm ter cobertura diferente do os que só surgem de 4 em 4 anos...é entendimento nosso...não ter representação não significa que não olhemos para a sua própria atividade parlamentar... - 1'19

O responsável pela Informação Rádio do Centro Regional dos Açores, Pedro Moreira, dá um exemplo:

04_Comparação (AR_AAL) –o CDS na AR...PCP nos Açores...não faz sentido não surjam...estes 4 anos evidentemente - 23"

No parlamento açoriano ou na Assembleia da República, os critérios são idênticos. E as queixas também.

SOM_AR *No debate na Assembleia da República, foram reproduzidas intervenções (muito resumidas) de deputados do PS, BE, PAN e PCP. Não foi feita qualquer reprodução das intervenções dos outros partidos limitando-se a jornalista a descrever muito ligeiramente as mesmas. Não se percebe esta diferença de critérios na apresentação das notícias.*

A reportagem do debate, que o ouvinte refere, é de Madalena Salema. A jornalista explica qual o critério para incluir as intervenções daqueles Quatro partidos e excluir AS dos restantes.

(colagem de todos os sons) – 3'39 - Total

05_MS_sns - Aquilo que acontece...peça minuto e meios termos de som...texto...ideia forte...outros...participaram no debate – 38"

06_MS_minuto e meio – 1'18

07_MS_mais tempo – 1'21

08_MS_técnica – pode ficar aos 54" – tem 1'55

Os critérios são jornalísticos, diz Madalena Salema. Mas há outras condicionantes ditadas pelo imediatismo da rádio, pela gestão do tempo e pelas questões técnicas.

A cobertura das atividades dos partidos políticos vai além da representatividade nos órgãos legislativos ou similares, e do número de votos em eleições. Nos conteúdos jornalísticos, o critério – É - o jornalístico. O valor-notícia prevalece.

O jornalismo é um permanente acto de escolhas e decisões em contra-relógio. No caso da rádio, há que de decidir minuto a minuto - incluir, excluir, seleccionar, sintetizar. E isso comporta riscos e suscita reações. Os ouvintes muitas vezes discordam e questionam -demasiadas vezes sob a crítica da parcialidade, sectarismo, simpatias, militâncias e clubismos e até censura – se algumas dúvidas são legítimas, alguns critérios também são passíveis de discussão porque não são inflexíveis ou eternos – Mas os critérios são a base do rigor e da credibilidade, da imparcialidade e do pluralismo, da diversidade - os que respeitam a ética e a deontologia – os que contribuem para a formação de melhores cidadãos, mais informados e capazes de fazer as suas próprias escolhas em consciência. Ou seja, os critérios que dão sentido ao Serviço Público.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Fonseca e Montagem de João Carrasco.

Programa 13_Antenas Açores Quando a Rádio não toca

A rádio ouve-se em todo o lado e a todo o momento – mas...nem sempre... Nas últimas semanas Antena 1, 2 e 3 não chegaram a algumas ilhas dos Açores. As avarias e os temporais interromperam a emissão e os ouvintes queixaram-se. Mas quem trata das antenas, também enfrenta dificuldades.

CF_frase – 7”

Rádio a sintonizar + Entra Trilha?

Desta vez a rádio não estava lá. Rodaram o botão, aumentaram o volume, sintonizaram novamente, mas o sinal não apareceu. A rádio falhou e com ela falhou boa parte do contacto com o mundo lá fora. Não é certamente exagero, quando falamos do arquipélago dos Açores.

Q_Voz - São os únicos canais rádio FM que consigo sintonizar

Q_Voz masculina - É o sinal do único canal de rádio público da Região Autónoma dos Açores

Q_Voz - Além de serviço público, é extremamente importante para quem dela faz uso habitual

Nas últimas semanas Foram várias as queixas vindas dos Açores // que davam conta de que as ondas hertzianas se tinham perdido no caminho para os receptores – a rádio pública Deixou de chegar aos ouvintes.

O Gabinete da Provedora recebeu queixas de má receção, sinal fraco, interrupções ou mesmo ausência total de emissão. Os ouvintes escreveram da Ilha do Pico, Flores, Corvo e da Ilha da Terceira.

Ilhas diferentes, casos distintos. A boa notícia é que Quando falámos com os serviços Responsáveis pelas antenas e emissão nos Açores // os problemas estavam em vias de resolução. E quando entrevistámos o responsável pela área técnica dos Açores já estavam resolvidos. Ou seja - a emissão das Antenas 1, 2 e 3 está de volta aos rádios dos açorianos. Pelo menos, por agora...

Mas vamos por partes - e por ilhas.

Q_Voz masculina - Sou residente na vila da madalena ilha do pico e venho denunciar a má qualidade de recepção da antena 1 . São cortes frequentes na emissão

O ouvinte dava conta de que na **Ilha do Pico** se ouvia a Antena 1 com cortes. O problema foi, entretanto, solucionado, mas quisemos saber o que aconteceu com a responsável pelos emissores, Ana Cristina Falâncio.

CF_Pico - O tempo nos Açores...ventos muito fortes...trovoadas...temos proteções...mas não são ultrapassáveis...pico...nós tivemos, fomos lá...mudamos antenas...fevereiro...foram todas intervencionadas...foi verificar...tudo bem no Pico – **1'02**

Do Pico para o **Corvo e para as Flores**. Nestas duas ilhas o sinal de rádio foi enfraquecendo até deixar de ser possível sintonizar Qualquer uma das antenas da rádio pública.

Voz 1 - De há muito tempo a esta parte, o que o sinal rádio na zona da Fajã Grande, ilha das Flores, é verdadeiramente parco, senão inexistente. Saliento que o sinal rádio a que me refiro tem a ver com a emissão do canal rádio RDP-Açores, por sinal o único canal de rádio público da Região Autónoma dos Açores, o que, na minha modesta opinião, agrava ainda mais a situação.

Q_Voz masculina - Escrevo-lhe da ilha do Corvo no grupo ocidental do arquipélago dos Açores. Foco esta queixa a propósito dos canais de rádio disponíveis nesta localização: Antena 1 Açores, Antena 2 e Antena 3. São os únicos canais rádio FM que consigo sintonizar nos meus receptores domésticos. Acontece que hoje no dia em que lhes escrevo NENHUM canal rádio do grupo RTP se encontra a funcionar.

E o ouvinte tinha razão, o rádio não dava sinal nem no Corvo nem nas Flores por causa de uma avaria grave no posto emissor:

01_JA_Flores_onde – foi na ilha das flores...monte das cruces...distribuição dos 3 programas...temos 6 nas Flores. – **19”**

José Amaral. O responsável pela área técnica dos Açores, explicou o que aconteceu para não se ouvir a rádio pública nas Flores e no Corvo

02_JA_Flores_avaría e solução - A antena ficou danificada ...caí...desaparece...antena meteu água ...deteriorou muito...problemas nos retransmissores...e na casa dos ouvintes...degradação das condições receção – *está solucionado?* – está solucionado... substituímos antena...são microrroturas...mete água...a antena vai para a fábrica para saber o que se está a passar – **1'38** -

Tudo resolvido nas Flores e no Corvo.

Mudamos de ilha – **Terceira** - outro problema e outra queixa.//

Q_Voz masculina - depois de uns dias de mau tempo e ventos fortes a frequência da Antena 2 servida pelo emissor de Sta. Bárbara, Ilha Terceira deixou pura e simplesmente de funcionar, tendo praticamente desaparecido do espectro.

Por favor queiram remediar essa situação, porque a escuta da A2 faz falta a muita gente

Faz falta e já voltou à sintonia do rádio. Mais uma vez foi José Amaral, o responsável pela área técnica dos Açores, que registou a queixa e foi à Terceira resolver a avaria.

03_JA_Terceira solução_Sim está solucionado, há 2 semanas ...componentes nem havia em stock...era impossível...cada emissor de cada canal...não havia 1 amplificador em condições, A1, A2 e A3...às vezes condições atmosféricas e flutuações energia terá provocado este problema...nós conseguimos do 6, 7 amplificadores avariados reparamos 6 e aguardar...adquirir...para reparar...a ver se ficamos sobresselentes – **1'**

Na origem da avaria estiveram dois factores – que são habituais - no arquipélago dos Açores//

04_JA_Terceira causas – as condições atmosféricas...flutuações energia terá provocado...dos 6, 7...conseguimos reparar 6...tentativas adquirir...para reparar...ver se ficamos sobresselentes – **56”**

Problema resolvido também na Ilha Terceira – a rádio pública voltou aos receptores dos açorianos, por enquanto – e dizemos por enquanto porque estas avarias provocadas pelas condições atmosféricas ou pelas flutuações de energia são Recorrentes. Caso para perguntar se não há forma de as prevenir ou evitar. Responde José Amaral, responsável pela área técnica dos Açores.

JA_armazém – dou-lhe um exemplo...tínhamos emissor reserva...um reserva..facilita vida...dá-nos material de reserva...quando não há avaria complexa como aconteceu...ficou calada...nós temos sistema automatizado...reserva...dá-nos algum tempo – **59”**

Do lado dos técnicos é preciso tempo para identificar, deslocar equipas e equipamento, reparar ou substituir, e, às vezes, esperar por peças novas que demoram a chegar – demasiado tempo - queixam-se os ouvintes.

Voz masculina - Não quero crer que, em pleno século XXI seja assim tão difícil promover a reparação de um qualquer repetidor de sinal rádio, melhorando este tipo de transmissão, que, além de serviço público, é extremamente importante para quem dela faz uso habitual.

É verdade que em pleno Século XXI esperamos que tudo seja rápido – resolver os problemas nas antenas, por exemplo - apesar do vento que chega aos 250 quilómetros hora, da chuva, das trovoadas e das descargas elétricas.

JA_Flores difícil - A ilha das Flores é uma ilha complicada...ventos fortes...eles conhecem melhor do que eu...fechado sem conseguir sair...sabem condições tremendas...trovoadas... - **50”**

José Amaral cuida das antenas da rádio pública nos Açores há 30 anos. Regista a anomalia, mas depois é preciso chegar ao local onde estão as antenas, transportar as pessoas e equipamento, subir a torres de 60 metros e arranjar a avaria - quando O Tempo, finalmente, o permite.

JA_demoras e ouvintes - Aqui nos Açores nós não temos...cafro...como no Continente...não funciona assim...aviões transportar material...2 ou 3 dias...depois deslocamos-mos lá, como desta vez...**é útil escrever à Provedora?** – sim não queremos que nos estejam a ouvir com má qualidade de áudio...demora...implementamos novo sistemas audiometria...tentar aceder de outra maneira...depende tec...aparecer novas tec remotamente o que se passa e aceder equipamentos – **1’42**

Nas Flores, explica o responsável pela área técnica dos Açores, foi colocada uma Nova estação emissora e há planos para o futuro.

JA_Flores tec novas - Temos vindo a renovar...Flores...permitem controlo remoto através Internet...e permitir escutar receptor está a receber...é gradual...à medida que vamos ter tecnologia – **37”**

Entre outras tarefas, José Amaral é UM dos Dois técnicos que tem a seu cargo a vigilância das antenas da rádio pública nos Açores. 28 Estações emissoras da Antena 1 – vinte e duas da Antena 2 - e 18 da Antena 3 – em oito das nove ilhas do arquipélago, só a do Corvo não tem estação emissora – recebe a partir das Flores.

FRASE ana cristina falâncio

Nos últimos meses a rádio pública tem reforçado a presença nos Açores, como nos explicou Ana Cristina Falâncio, responsável pelas antenas emissoras na RTP.

CF_novidades – a equipa esteve nas Flores...colocar 2 e a 3...estação nova Rocha do Touro...para além de 2 e 3...nas Flores...trabalho profundo Flores...Outubro...não conseguimos controlar o tempo...usamos

ferragens...especificamente para lá...desenhadas...garantir posicionamento antenas...outra velocidade...Alternativa? – não difusão FM e difusão FM – 1'21 –

A rádio pública é a única rádio que se escuta em alguns locais e ilhas do arquipélago dos Açores – onde não existem antenas privadas ou das rádios locais. Responsabilidade acrescida - as rádios do serviço público, são, por isso, as únicas que chegam **onde** as outras não chegam – em nome da coesão territorial está previsto no contrato de serviço público, mas mais do que uma obrigação é uma necessidade. São, para muitos, o único ponto de contacto com o que acontece para lá dos limites de uma ilha, fonte de entretenimento, de notícias e também de informação útil. Quando não há emissão, é essa linha - quase umbilical - que se quebra, isolando ainda mais quem dela depende. É por isso, fundamental, o investimento em equipamentos, mas também no recrutamento e formação de equipas que assegurem a sintonia da rádio pública – uma tarefa que não é automática e nem sempre fácil. Temas a abordar em próximos programas.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de Fábio Abreu

Programa 14_Rádio Fora de Portas_Emissões Especiais

Agora em direto

V1

Na Rádio Fora de Portas entramos nas emissões especiais. Por uns dias, duas antenas da rádio pública saíram da programação habitual e abriram os microfones ao que acontecia lá fora.

Acompanhámos a Antena 3 nos Açores:

A3_desgarrada - 13"-18"-23" – vão ouvir uma desgarrada em direto para a Antena 3, vã ouvir uma desgarrada agora em direto aqui na Antena 3

E acompanhámos a Antena 2 em Lisboa:

A2_

Duas emissões especiais feitas lá fora - para conhecer por dentro.

V2

Na Rádio Fora de Portas entramos nas emissões especiais. Por uns dias, duas antenas da rádio pública saíram da programação habitual e abriram os microfones ao que acontecia lá fora.

SOM? – publico?

Acompanhámos a Antena 3 nos Açores:

A3_desgarrada - 13"-18"-23" – vão ouvir uma desgarrada em direto para a Antena 3, vã ouvir uma desgarrada agora em direto aqui na Antena 3

E acompanhámos a Antena 2 em Lisboa:

A2_

Duas emissões especiais feitas lá fora - para conhecer por dentro.

Durante cinco dias, a Antena 3 mudou-se de microfones e gravadores para a Ilha de São Miguel, nos Açores. As emissões especiais Não se Fazem apenas do continente e, por isso, a 3 transmite o Festival Tremor há 7 anos. Os concertos e as atividades acontecem nos locais Mais inesperados - e são um desafio para quem os transmite.

Da música que se ouviu nas águas cor de ferro do Parque Terra Nostra - à cozinha comunitária de Rabo de Peixe, o Tremor tomou conta de 3 horas de emissão diária e em direto. Para isso, teve o apoio de um técnico do Centro Regional dos Açores e deslocou 5 pessoas da programação para as gravações e diretos.

REP_Célia

Para a Antena 3 - e para todos o que a ouviram nesses dias - o Tremor - a partir da Ilha de São Miguel nos Açores – uma reportagem de Célia de Sousa.

Agora, muda-se de equipas, de música e de cenário.

Seguimos dos sons alternativos da 3 para Outros Ouvidos Apurados - os da Antena 2 que foi ao encontro dos palcos do Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Durante uma semana - ocupou salas, auditórios, o átrio e até a cantina do CCB. É o Festival Antena 2 que mostra - ao vivo e em palco – o que todos os dias se escuta na rádio pública. O desafio é o de tornar Audível o som de cada instrumento em palco e tratar os microfones como Instrumentos de alta precisão. A transmissão em direto, os concertos, os comentários, as entrevistas e as Palavras de Bolso – tudo captado pela reportagem da Inês Forjaz.

REP_Inês

Porque também É bom ver – quem nos ouve.

Fomos de Lisboa aos Açores, da Antena 2 à Antena 3, da música clássica à música alternativa, para saber como se fazem as emissões especiais – para usar um chavão - é mesmo - uma Vasta equipa – que leva a rádio até aos ouvintes.

Também o Gabinete da Provedora vai continuar a sair do Gabinete - Em Nome do Ouvinte e da Rádio Fora de Portas.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 9_Opinião Os limites da Opinião

MIX “eu acho/minha opinião

São as vozes que nos explicam as causas e as consequências do que está a acontecer e o que pensam. Ouvimos a opinião, podemos concordar ou discordar... mas ... Quando é que um opinador vai longe demais? Como são geridos os espaços de opinião? Há limites? Reflexões que fazemos a partir das mensagens dos ouvintes.

De vez em quando chegam ao Gabinete da Provedora mensagens que contestam a opinião expressa numa crónica, numa análise ou num comentário. Discorda-se do que é dito, questionam-se critérios, ou simplesmente não se gosta de uma opinião diferente ou contrária. Invocam-se os limites para a opinião.

MIX – Inês e Célia

- *Porque se insiste em emitir, nada mais do que diariamente, sempre a mesma perspetiva?*
- *Já sabemos de antemão as posições pró-russas...pergunto: o que esta pessoa acrescenta à qualidade da Antena 1? E não há contraditório?*
- *uma linguagem e uma argumentação ao nível de alunos do secundário. Volto a sugerir que - a manterem a rubrica- deveriam substituir os intervenientes*
- *Sou ouvinte assíduo da Antena 1, no entanto não poderia deixar de manifestar o meu desconforto com as recentes sátiras para onde se arrasta a instituição...*
- *Como é possível...comentar jogos de futebol sabendo da sua falta de imparcialidade?*
- *recorrem à desobediência civil em defesa das suas ideias...a forma como foi dito, chega a parecer um incitamento*

Esta última queixa refere-se à opinião expressa numa rubrica sobre um tema da atualidade. Pode parecer um incitamento, mas no caso foi apenas uma opinião – sujeita a várias interpretações, é certo, mas é a opinião de alguém convidado para isso mesmo: opinar num espaço próprio - e é por aí que começamos: o que distingue o comentário de uma crónica, de uma análise, ou de uma opinião? Em todas o autor tem uma perspetiva própria, mas há diferenças como explica o jornalista, professor de jornalismo e investigador Joaquim Fidalgo:

01_JF_ - os órgãos de comunicação social...comentário e análise feito por jornalistas...comentário...análise...é um trabalho eminentemente jornalístico - **59”**

A crónica é um género híbrido também quanto à autoria, tanto pode ser assinada por um jornalista Como não, mas parte sempre - da atualidade.

02_JF_crónica– pequenos apontamentos sobre o quotidiano...notícias...literário...do literário do que propriamente do noticioso – **16”**

Para a opinião pura e dura são convidadas figuras externas que, normalmente, não são jornalistas.

03_JF_opinião – que são convidadas para opinarem...temáticas que acompanham...ou não...não têm obrigações jornalísticas...polémica...dentro dos tais limites – **30”**

Os limites que Joaquim Fidalgo refere são do senso comum. Mas no serviço público as linhas são Mais Vermelhas do que nos órgãos de comunicação privados.

04_JF_limites – diversidade, pluralismo, liberdade, abertura e limites quando são ultrapassados – **7”**

E quando são ultrapassados? Como se gere, na prática, o que acabou de ser dito pelos convidados ou pelos ouvintes?

05_AJ_limites – bom senso, sensibilidade, urbanidade – **24”**

António Jorge é o moderador da Antena Aberta que todos os dias coloca no ar, em direto, convidados e ouvintes para opinarem sobre um tema da atualidade. É um programa sem rede, como se diz na gíria. O microfone está aberto a todos. No dia a dia como se impõem limites e como se gere a livre opinião?

06_AJ_gerir – percebendo se há um...derivando...ultrapassar mínimo admissível...chamara atenção...retirar com ajuda técnico...para o retirar imediatamente do ar – **56”**

Outro programa da Antena 1 reúne vozes de três religiões diferentes. Em E Deus criou o Mundo os convidados não são figuras conhecidas do grande público - nem eram presença habitual nos média. O

critério foi o de não serem representantes oficiais de uma determinada crença. Assim, todos têm liberdade para dizer o que pensam. A moderadora é a jornalista Cristina Esteves.

07_CE_limites – o todo da nossa sociedade...cerceada pelo que nos envolve...dizer o que quero...posso pensar não dizer...injuriar...há sempre limites...interferência... esfera...há sempre limites a tudo o que possamos dizer – **41”**

Se a nossa liberdade é cerceada pelo bom senso, estamos a impor-nos limites ou a fazer auto-censura?

08_CE_autocensura – lápis azul? ... para o politicamente correto...autocensuramos...a maneira como agora as coisas são colocadas...agora não se pode dizer...sempre se disse...posso ofender...mas não ofende liberdade? Ângulo ... aceitar ideias uns dos outros...está a suceder...também com a religião – **1’02**

Quando se fala de limites na opinião fica-se A Uma linha do lápis azul. Definir regras não significa Menos liberdade de expressão e, para Joaquim Fidalgo – que já foi Provedor do Leitor do jornal Público - a opinião pode ser enquadrada pelo estatuto editorial.

09_JF_censura - Pode haver o caso de alguém escrever...fere estatuto editorial...tem direito dizer...contraria...não vamos publicar...há direito...muito ponderado...explicado leitores se for caso disso – **40”**

Pluralismo, diversidade, respeito, abertura à diferença, ao Outro e aos Outros, Responsabilidade – os limites à liberdade de expressão passam também pelos discursos de ódio, incitamentos, ofensas, insultos, ou expressões gratuitas – se estas fronteiras são Audíveis, mais difícil é identificar a opinião que não é rigorosa, que é errada ou mesmo falsa. Neste caso Joaquim Fidalgo não tem dúvidas.

10_JF_fake – aí já não estamos a falar de opinião no sentido e alargamento...gente aproveita ter acesso...ocs dão voz...isso é poder...aproveitam...o espaço de opinião tb tem de ser gerido, sem dúvida – **32”**

Começamos pelo princípio: como se identifica uma informação errada e depois - como se corrige ou desmente?

Fizemos a pergunta a Cristina Esteves, moderadora do programa E Deus criou o Mundo.

11_CE_erro – como em qualquer espaço...jornalistas obrigação contraditar...nem sempre sabemos...não somos Wikipédia...esperamos...desafios...se houver erro convidado...nem sempre sucede...não deixemos passar em branco – **42”**

Identificar o erro e conseguir corrigi-lo a tempo é quase uma missão impossível num programa em direto, como reconhece o moderador da Antena Aberta, António Jorge.

12_AJ_erro – só tenho uma alternativa...Google...contrariar...reforçar...que me fez soar as campainhas – **18”**

Muitas vezes o especialista em estúdio ajuda a repor a informação certa. Faz falta uma espécie de **Editor de Opinião Imediato** - Alguém que verifique em tempo real a informação e a opinião de quem intervém.

13_AJ_editor op – isso seria excelente...garantia...em tempo útil, no direto, corrigir...não corresponde à verdade – 18”//1’14 – porque se trata de conjunto tão abrangente...acompanhar e contribuir...excelente, não digo que não. – **1’19**

Um Verificador da Opinião Dita para evitar a informação falsa, pouco rigorosa ou errada.

Neste Em Nome do Ouvinte falámos da opinião – como se gere e quais os limites. Ouvimos os jornalistas e moderadores António Jorge e Cristina Esteves.

Sons?

São vozes habituais, que enchem a antena das rádios e da rádio pública.

Comentam a política, o desporto, a ciência, a saúde, a guerra e a paz, os óscares...opinam sobre as últimas medidas para a habitação, a pandemia, a subia de juros e as greves - analisam discursos e entrevistas - contam histórias a partir de factos em crónicas que nos remetem para a literatura – são espaços para opinião que se multiplicam na grelha de programação e a enriquecem com argumentações diferentes, opostas ou complementares. Por isso, cada vez mais - Faz Sentido - Existir a figura do **Editor de Opinião**. Alguém que Assegure que são cumpridos os Princípios básicos da livre expressão - e do serviço público. A definição é do jornalista e professor de jornalismo Joaquim Fidalgo.

14_JF_editor op – não se trata...censura...assegurar limites não ultrapassados e diversidade...não é só cortar...alargar...domínio op tem mt importância...marca imagem...trabalho mt nobre e tempo inteiro – **1’05**

Um Editor de Opinião para a rádio pública. Fica a sugestão.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 16_Critérios_Emissões Especiais_Informação

Ao longo do tempo, a rádio habituou-nos a emissões especiais, feitas a partir de onde a notícia acontece. Se há virtudes também há desvantagens, por isso, há critérios que têm de estar definidos e factores de ponderação que ajudem a decidir Quando se faz uma emissão especial em direto.

Noutros Em Nome do Ouvinte abordámos os critérios no futebol e na cobertura parlamentar, hoje falamos dos critérios editoriais para as emissões especiais da Informação.

--- Trilha?

Uma emissão especial não é apenas um direto em que apenas se liga o microfone. O que distingue o jornalismo de um simples direto é a mediação que enquadra, contextualiza, pontua, descreve, recorda, situa vozes e sons, acompanha a linha cronológica que, no direto, é determinada pelo desenrolar dos acontecimentos.

O final do mês de abril foi marcado por uma série de acontecimentos que exigiram uma cobertura jornalística diversa. Nuns fez-se uso da tradicional agilidade do meio rádio - como no caso TAP // com declarações e conferências de imprensa marcadas à última hora transmitidas em direto - Noutros pôde-se planear com tempo – caso das cerimónias do 25 de abril. Uns foram transmitidos em direto em emissões especiais - outros não.

Tomámos como referência a visita do Presidente do Brasil Lula da Silva a Portugal, a entrega do Prémio Camões a Chico Buarque, as cerimónias do 25 de abril na Assembleia da República, e as manifestações do lado de fora do parlamento.

01_Mix_abertura (reportagens do dia 25abril)

A Antena 1 esteve lá e o ouvinte também.

Quais os critérios da rádio pública para as emissões especiais na informação? Foi o que perguntámos a João Paulo Baltazar, Diretor de Informação da Antena 1.

02_JPB_Critérios - Não há uma fórmula...relevância absoluta, relevância relativa em função atualidade, programação, futebol, - pode ser cortado – desrespeito horas conferências de imprensa – é rádio generalista com forte componente informativa ... caso a caso ... ponderando ... circunstâncias ... meios disponíveis...técnicos para fazer uma emissão com condições técnicas...trabalho diário, semanal mensal...debates parlamentares...**Qual o factor que decide?** – debates regulares varia com presença PM...OE no essencial...sessões solenes, como 25 abril...casos sem grande discussão...debates temáticos...relevância tema...expectativa possa produzir notícia...optamos por dar, mas...outras não, mas devíamos...não há fórmula mágica...quadro atualidade... **o que distingue Rádio Notícias vs Rádio Pública?** – a tentação de dar tudo em direto... mediação...diferença...jornalismo cidadão...uma rádio notícias tem critérios...multiplicação...a diferença A1 generalista com rádios matriz noticiosa...tentar tomar decisões...diversidade...valor que não podemos perder...não estamos a cumprir contrato concessão... - **pode cortar-se o aparte sobre o tempo e o João) – cobertura 25 abril?** – 1 dúzia pessoas – **fora e dentro AR?** – fora e dentro, estúdio...coordenação...não é só o relato...articulações que têm de ser feitas e decisões que têm de ser tomadas. - **6'40**

A equipa assegurou a emissão em direto e as reportagens que foram entrando ao longo do dia - de vários locais - para que o ouvinte pudesse ver todos os cenários. Uma verdadeira multiplicação de acontecimentos planeados, sem esquecer outros tantos fora da agenda.

Entre Os previstos, estava a cerimónia do Prémio Camões às 4 da tarde, mas que começou com Uma hora de atraso. Era um momento simbólico, o da entrega do prémio literário instituído pelos Governos de Portugal e do Brasil a um nome da Língua Portuguesa – Chico Buarque - que esperou 4 anos para poder recebê-lo e o fez exatamente na véspera do aniversário da revolução portuguesa - que Chico cantou.

De atraso em atraso, a cerimónia abriu noticiários que enquadraram a relevância da entrega do Prémio Camões a Chico Buarque

03_17h_títulos_simbólico

Feito o enquadramento, ligação ao Palácio Nacional de Queluz e ao repórter. Chegaram os presidentes, chegou Chico Buarque.

04_17H_not_está aqui – início

Está finalmente a começar, mas não para os ouvintes que vão ter de esperar pelo bloco informativo seguinte. Antes das 5 e meia Nova ligação ao Palácio Nacional de Queluz, mas quem discursava era Lula da Silva. Os ouvintes só puderam Escutar as palavras de Chico Buarque às 6, às 7 e quando o assunto foi recuperado, ao final do dia, depois da emissão desportiva.

A reportagem de João Alexandre vive das palavras de Chico Buarque e Dá-lhes o protagonismo - que a emissão não deu.

05_19h_rep João Alexandre (decidir depois o tempo, Chico acaba aos 2')

Ao fim de 4 anos e com atraso de uma hora – os ouvintes da Antena 1 tiveram de esperar ainda mais tempo para ouvir Chico Buarque. Perguntámos ao Diretor de Informação João Paulo Baltazar – neste caso, qual foi o critério para não se fazer Uma emissão especial.

06_JPB_Chico - Não planeamos dar...com destaque - **porquê?** – não temos transmitido...feito grande destaque...não podemos fazer tudo em direto...admito que a decisão de dar era também defensável...**aquilo que a rádio passou foi música, decisão foi editorial?** – sim...demos imenso destaque...noticiários...janela...recuperação trabalho repórter...não pode ser apontado...demos relevância...**o discurso de Chico Buarque não era expectável?** - -por isso fomos e fizemos reportagem - **1'32**

Transmitir a cerimónia de entrega do Prémio Camões a Chico Buarque era efetivamente defensável. Mas a opção da Antena 1 foi a de fazer diretos nos noticiários e no segmento informativo antes das 5 e meia – deu-se destaque, mas ao se optar por períodos programados como estes // corre-se o risco de deixar passar o essencial, ou seja, era muita coincidência que fosse exatamente à hora do noticiário - que Chico discursasse.

Tratando-se da rádio pública, tendo espaço em antena, era igualmente defensável a opção de transmitir em direto, pelo menos, o discurso de Chico Buarque. Até porque se avizinhava a emissão de futebol e os noticiários só voltaram ao fim da noite.

Sem embalar e sem acordar, desta vez os ouvintes e a Rádio não acompanharam em direto um momento simbólico da vida do cantor da rádio.

Sem embalar e sem acordar, desta vez os ouvintes e a Rádio não acompanharam um momento simbólico da vida do cantor da rádio.

07_Cantores do Rádio (Música)

Nós somos os cantores do rádio
Levamos a vida a cantar
De noite embalamos teu sono
De manhã nós vamos te acordar
Nós somos os cantores do rádio

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

--- RESTO MÚSICA CHICO E CRUZA COM INDICATIVO?

Nós somos as cantoras do rádio
Nossas canções, cruzando um espaço azul,
Vão reunindo
Num grande abraço
Corações de norte a sul

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 17_Antena 3 (ultima versão) Ainda aqui estou

Neste Em Nome do Ouvinte rebobinamos a fita do tempo até 26 de abril de 1994.

01_Jingle 1994_Arquivo – 20”

A 3 fez anos – um pretexto para falarmos do perfil da rádio, da música e da informação, do que os ouvintes dizem, e de projetos.

A primeira vez foi há 29 anos.
E na altura, Jaime Fernandes, o criador da Antena 3, quis trazer para Portugal uma rádio de música que não existia no grupo RDP.

02_Jaime Fernandes – 22”

Uma rádio com música portuguesa e música alternativa, direcionada para os mais jovens.

03_ouvinte_musica fixe – 15”

A vida segue ao som da rádio onde também se ouvem – os ouvintes. E se em 1994 ligavam do telefone fixo para o estúdio. Hoje enviam um áudio que gravam no Whatsapp. No dia de aniversário As Manhãs da 3 - pediram:

04_Whatsapp – 19”

E os ouvintes - enviaram:

05_Mensagem ouvinte_ainda aqui estou – 24”

Os ouvintes de 1994 cresceram a ouvir a Antena 3. Da adolescência à maioridade, no carro já não levam os amigos, Mas os filhos – os novos ouvintes da 3.

06_Filhos – 29”

No banco de trás do carro, estão os filhos e até os netos. Afinal a 3 não fala apenas para os adultos. O Gabinete da Provedora recebe com frequência mensagens que chamam a atenção para a linguagem e para conteúdos que dizem, não são apropriados - Não para os ouvidos dos pais ou dos avós - Mas Para os ouvidos das crianças. Sugerem uma abordagem educativa de alguns temas - que algumas rubricas mudem para o horário noturno - e que se tenha tento no vocabulário e no humor.

E este foi o ponto de partida para uma conversa com o Diretor da Antena 3, Nuno Reis. Sendo uma estação para uma audiência adulta entre os 25 e os 45 anos, como se programa uma rádio que, afinal, também é escutada em família?

07_Entrevista_NR – quando nós pensamos rádio...pensamos publico maioritário...25-45...esticar...das crianças...ao longo destes anos...conteúdos...percebo...voz de cama desconfortável...tb sou pai...pode suscitar questões ...o que acho...falámos não ter linguagem gráfica ou grosseira...importante levantar certos temas...horários...19 da noite não faz sentido – **recebi queixa horário** – não faz sentido...puxar pelas coisas...forma light...opção seria não ter...menos sentido...deixar de abordar porque...crianças dentro do carro...por muito que me custe...pôr mais baixo...desconforto...penso primeiro no grosso do target...colaterais, depende pais--- **queixa vertente educativa?**---acho que deve ter...puxar temas...sem lugar rádios privadas...voz de cama o outros...pagamos preço na audiência...humor ou musica...mas é o preço sp irá sempre pagar....dever cívico temas e controvérsia...**fez 29 anos, envelheceu com a audiência?** – evolução natural...panorama órfão rádios próximas jovens...tinha essa missão...evolução...espaço outros projetos...A3 foi envelhecendo...até por condições...musica portuguesa...perfil...missões...manteve-se radio mais jovem grupo...teenager perdendo...**faz falta no grupo?** –faz...idade limitador...mais canais, um canal para jovens...hoje em dia entre 15 e 30 não...condenado...ganhamos no grupo...A1 e A3...alternativo...musica nova...**alternativo pop, queixa** – percebo slogan alternativa...virada cultura pop...qual...alternativa a dos outros...passar top...serviço publico...mostrar diversidade...abrangência vira-se contra nós... - **e informação?** – importante...rádio jovem com informação...não pode ficar de fora...eu, gostava ter mais...noticiários 7-19h...outra participação...dos tempos RDP redação própria...perdeu-se...tínhamos equipa própria...ligação perdeu-se...recuperada...**Site, satisfeito?** – não...novo...evolução – **o que faz falta?** Mais rádio...próximo ideia portal musica, cultura...rádio ficou diluída...recentrar de novo...rádio mais presente...grande missão...puxando mais conteúdos rádios...redes...informação cultural...**Produção que não passa em antena?** – sim...tentar fazer...documentários...aumentar...podcast, site,redes...**conteúdos visuais?** – a rádio sem imagem, mas...novo estúdio...salto final...terem sua visualização redes e sites...conteúdos...documentários...apoio outras áreas...centro inovação...importante...3 marca cultura pop no grupo RTP, radio, tv podcast...**mais presença laboratorial?** .- mais podcast projetos não vão ao FM...FM musical...redes...esticar...ser mais inovadores...bom laboratório...**contacto ouvintes, whatsapp?** – sim, 2 coisas boas...áudio e uso...parte nossa vida...usar...pessoas sentem participam...ouvem-se...dar opinião...fácil e rápida...perceber...**mensagens dos 29 anos reteve?** – sim...eu ouço há 29 anos...publicidade...música...para mim resume A3... - **14’27 – cortar: tem de ficar com 8’**

A frase do ouvinte destacada por Nuno Reis, o Diretor da Antena 3 nos 29 anos da Rádio de cultura pop da RTP.

Ao Gabinete da Provedora chegam mensagens de indignação e protesto, de amor e desamor - às vezes para uma mesma rubrica – mas também chegam elogios, sugestões e críticas construtivas de ouvintes que querem Ajudar a Melhorar a rádio que ouvem. Delas demos conta ao longo da entrevista ao Diretor da Antena 3.

Mas em jeito de resumo, termino com duas notas sobre os conteúdos da estação.

A primeira para os ouvintes: a programação é pensada para o perfil de audiência da rádio e não lhe cabe adaptar ou alterar o formato em função de outros ouvintes, muito mais novos, que, por mera circunstância, a escutam. Por muito que isso seja tido em conta, não pode determinar a forma como se programa a rádio até porque não lhe compete assumir uma função que não é a sua – mesmo tratando-se de uma rádio de serviço público.

A segunda nota serve para recordar as funções basilares do serviço público: informar, educar, formar – ou seja: os conteúdos jornalísticos na Antena 3 parecem-me essenciais numa rádio que se direciona para públicos mais jovens e diferentes dos de uma rádio generalista. E não se compreende porque Não Têm uma presença maior no FM ou nas plataformas. Podem faltar recursos humanos ou uma aposta clara na informação, mas isso não desculpa o cenário atual.

Com ou sem Redação própria, a informação devia ser uma parte importante da programação - exatamente porque a Antena 3 se dirige a públicos mais novos, tantas vezes assinalados como os que menos notícias consomem, de serem menos participativos e por engrossarem os números da abstenção. A informação é uma pedra basilar na literacia mediática e no combate à desinformação. E a 3 é a antena onde se podem fazer conteúdos jornalísticos adequados a outros públicos, com outras abordagens ou formatos.

Basta cumprir a missão de serviço público prevista no contrato de concessão e no Guia Ético e Editorial da RTP: Assumir-se como um fórum de discussão Plural e um meio de promover a participação democrática. E refletir as diversas aspirações e interesses do público mais jovem, promover novas ideias e projetos e estimular a atitude crítica e a participação na sociedade.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 17_Rádio fora de Portas_Antenas Levar a rádio a toda a gente

01_Som_Avaria_inicio – 6'

Sem eles é o silêncio

- *'Pausa/Silêncio'* –

Sem eles não há rádio

02_SOM_VENTO BRANDO (ouve-se e falo por cima)

E por muito que se fale no serviço público e nos conteúdos, Sem eles a rádio é apenas Uma caixa muda e em silêncio

Na série Rádio Fora de Portas o Gabinete da Provedora juntou-se À equipa das antenas. Os tais Homens Invisíveis - como lhes chamou o antigo Provedor João Paulo Guerra - tão Invisíveis como as ondas da rádio e o Som - que leva a rádio pública Até aos ouvintes.

03_SOM_VENTO_80 metros (ouve-se e falo por cima)

Este é o silêncio a oitenta metros de altura, onde trabalham Valter Júnior e Sérgio Rodrigues – cá em baixo, mas de olhos postos no topo da torre, estão Vítor Fernandes e Vítor Pimenta. Dentro do edifício de apoio está Júlio Oliveira - são a equipa das antenas da rádio pública.

04_SOM_ARNÊS (ouve-se e falo por cima)

A oitenta metros do chão - pés nas traves, seguros por arNeses e fios, ao vento, á chuva, ao sol// No gelo do inverno ou no calor do verão // são eles que dão vida às antenas e aos emissores.

Dão som à rádio – levam a rádio a toda a gente.

Hoje estão em Trevim - na Lousã. A subida começa muito antes - Às vezes começa numa queixa recebida no Gabinete da Provedora. Má receção, cortes, sinal fraco – a queixa é encaminhada para os serviços técnicos e é acionada uma equipa para verificar o que se passa-reparar-substituir-e deixar a rádio a tocar. Desta vez, acompanhámos a equipa desde Miranda do Corvo.

05_SOM_carro (ouve-se e falo por cima para ‘pegar’ com o som de inicio da reportagem da Célia)

Subimos a serra, a caminho do Alto de Trevim, o ponto mais alto da Serra da Lousã com Mil - 205 metros, Mais Oitenta – a altura da torre que sustenta as antenas do centro emissor. Nos carros, acomodaram-se equipamentos, capacetes, roupa, a equipa, a Provedora e a repórter Célia de Sousa - já de microfone ligado.

06_Rep_Célia Sousa V3 - 5’23

No topo de torre olha-se para o futuro e há nuvens no horizonte. As equipas estão a caminho do limite de idade, falta mais gente e gente nova.

A RTP tem uma equipa que faz a montagem e manutenção das estações emissoras de rádio no território continental // nas ilhas // e também em Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor. Ao todo são 12 pessoas, mas apenas metade realiza trabalhos em altura. Para cada torre: 4 pessoas. A equipa é constituída por técnicos de eletrónica e especialistas, também com formação para subir às torres – os oitenta metros acima do solo, chova ou faça sol.

São precisas competências técnicas, disponibilidade e preparação física – o trabalho requer um perfil e uma formação específicos que dificultam o recrutamento como Explica Vítor Fernandes, o responsável técnico dos emissores.

07_Vitor Fernandes_perfil CURTO– o trabalho que nós temos aqui...não é só engenharia...subir torres...nem sempre interessadas...situação complexa...situação familiar...viajar muito...nossa vida..viajar...lousã, bragança...áfrica...vida dura...as pessoas não era bem isso...falta técnicos e falta escolas a formar técnicos - // cortar // - formamos engenheiros e não formamos quadros médios técnicos - **1’05**

Mas quando se fala em estações emissoras há outros fatores a ter em conta. A responsável pelos emissores, Ana Cristina Falâncio, destaca a formação especializada e contínua, e a importância de a rádio pública formar e manter equipas próprias.

08_Falâncio_ formação e futuro - são todos técnicos eletrónica com formação específica feita empresas...todos anos... - cortar quando cheguei aqui – todos os anos fazem reciclagem...novas capacidades...todos os anos...usar EPI...sistemas segurança...tudo vai mudando...outras formas eficientes...não é fácil. // - cortar +precisamos urgentemente, Porto, colega quer sair, // **não encontrando pessoas qual a alternativa?** Fazermos outsourcing deste trabalho...dipol, distribuidores, medidas, como deve ser deito...não tenho conhecimento empresas façam trabalho sério nesse campo, poderá haver mas não conheço – **a emissão está em risco?** – não...acreditam no que estão a fazer...para quem o ouvinte é

quem os move...não estará em risco...encontraremos sempre soluções...emissão é por princípio o nosso lema...faremos tudo para resolver...da melhor forma possível...princípio de toda a equipa que trabalha nesta área. – 2'54

A rádio faz-se de muitas profissões invisíveis: vozes que não se ouvem E Nomes que nem sempre são anunciados no fecho de emissões e programas – como a equipa das antenas e dos emissores – sem eles as ondas hertzianas não chegam aos nossos rádios. Por isso, estas equipas são como as torres que sobem – são a base do serviço público de rádio.

É um trabalho duro e que exige um perfil muito específico. O processo de recrutamento nem sempre é fácil pelos competências e especi-fi-ci-dades exigidas, mas cabe à RTP criar essas condições – torná-las Mais atrativas – à altura da função de base que têm na estrutura da rádio // E de forma a Assegurar uma equipa fixa // coesa // e a longo prazo - que garanta a manutenção de emissores e antenas - em todo o país e além-fronteiras.

Para Que A rádio pública Não falte aos ouvintes.

09_Som_Avaria_fecho – 11'

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

Programa 19_Site A1 De clique em clique

Programas, notícias, música, podcasts, vídeos e mais – Neste em Nome do Ouvinte abrimos a página principal do sítio – ou site - na Internet da Antena 1 que se renovou em outubro do ano passado.

Um novo visual, novas funcionalidades, mais intuitivo, moderno, dinâmico e adaptável a todos os ecrãs – este é o texto de uma notícia a anunciar o novo site da Antena 1 na Internet.

Mais de 6 meses depois quisemos fazer uma espécie de balanço. Navegámos de página em página, abrimos programas e notícias, podcasts, artigos e vídeos. No final, fizemos a pergunta a João Pedro Galveias, o Diretor Multimédia da RTP. Há alguma coisa a mudar ou está satisfeito com o site da Antena 1 na Internet?

01_JPG_não falta nada - Nós estamos a fazer esforço...renovar...sites rádios...o que falta...nada...os sites estão adequados à função que têm...A1 modernização...adequados ao que é necessário...não me parece que falte...**qual função?** – suporte atividade transmissão...caso A1 porta entrada serviço noticioso...expressa RTP noticias...on demand...porta digital radio...tal como RTPplay...inf institucional...act linear...sites cumprem perfeitamente – 1'36

A resposta de João Pedro Galveias o Diretor Multimédia da RTP.

Fizemos a mesma pergunta ao Diretor da Antena 1, Nuno Galopim: Há alguma coisa a mudar ou está satisfeito com o site da Antena 1 na Internet?

02_NG_resposta Galveias CURTO – de todo, isto é o principio...falta criar estratégia digital ainda não a temos...potenciar aquilo que a rádio faz...não esgotar rádio linear...não arquivo...site ferramenta...estimular amplificação consumos...janelas através site...escutado...re-escutado...na ótica do utilizador – 1'10

A resposta do Diretor da Antena 1, Nuno Galopim. Se é só o princípio, no concreto, o que pode mudar?

03_NG_ arrumação CURTO –arrumação temática...ainda não resolve tudo, obriga sub pesquisas...conteúdos vídeo e musica...podcasts...mais A1...já temos cinema...museus...sabores...ainda falta...mais prática áreas temáticas – **janelas** – site não pode ser infinito...não perca pagina original...**páginas pp ou agrupada?** – arrumação horizontal ou vertical ...pode ser caminho...falta trabalhar uma estratégia...ideia vertical, mas pode fazer sentido...temáticos no universo RTP...tem haver definição estratégica...dp sites rádios...acessibilidade, arrumação gráfica...permitem ter – **2'47**

+

04_NG_equipa – planos requerem aumento equipa digital? Sem duvida...não apenas o site...criação imagens...redes...copys...escrita textos site...equipa digital cresceu...não quer dizer...suficiente para velocidade **transposição criação e pós-produção?** – criação equipa...não é apenas quem possa ser veiculo transposição...criação...valências rádio...áudio...tudo escrita e imagem...acrescentar diferentes das competências de quem trabalha em áudio – **1'41**

Nuno Galopim.

A informação Antena 1 tem uma presença reduzida na página de entrada da rádio na Internet. E quando clicamos nas notícias e noticiários somos direcionados para a RTP Notícias, o portal de informação da RTP. Ou seja, o site da Antena 1 não reflete a produção da redação da rádio, sejam notícias, programas de informação, rubricas, ou reportagens.

O Diretor de Informação lembra que não é um portal noticioso, para isso existe o RTP notícias. Mas João Paulo Baltazar admite que é criada a expectativa de encontrar os conteúdos jornalísticos da rádio no site da estação – agora há que corresponder a essa expectativa.

06_JPB_informação+friso CURTO - Deve existir mais destaque para trabalhos jornalísticos da informação...25abril...divulgação e chamada atenção no site...ouvir...desejavelmente destaques informação...debates...entrevistas...mais frequentes... **Friso (pergunta)** –não há ninguém redação rádio dos destaques...ligação portal RTP Not, últimas...pode não ser A1...RTP...só grande notícia...o que há a fazer...acerto...clarificação...grupo...neste momento...de que forma melhorando portal RTP Not ...faz sentido site tenha destaques equipa rádio...jornalismo----de que forma podemos garantir...não tendo alguém...clarificada...conversa com colegas tv...do grupo – **3'04**

As notícias áudio são asseguradas pela redação multimédia da RTP a partir das que são emitidas nos noticiários da Antena 1. No cenário atual, perguntámos ao Diretor de Informação se fará sentido ter uma equipa apenas dedicada ao digital.

07_JPB_equipa informação CURTO – o jornalismo hoje...digital...nenhum jornalista...exclusivamente...– **augmentar equipa ou especializado?** – gostávamos aumentar equipa ponto...mais...numero crescente destes na frente digital...objeto reflexão...ter alguém a trabalhar só digital...suficiente redação rádio E crescente sensível dimensão digital ao radiofónico – **1'23**

João Paulo Baltazar. Da informação para a rádio – e para a rádio com imagem - comandada pelo som. As palavras são de Jorge Alexandre Lopes, o responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1

08_JAL_visual radio –não é televisão...é rádio visual...som comanda imagem acompanha...informação mais valia...rico...se eu tiver musica...em tempo real...visual...informação sobre artista antena aberta e informação sobre tema...interativas em tempo real...é produto mais rico...imagem permite acrescentar...pp emissão de rádio – **1'40**

E para conseguir tudo isto, o que é preciso?

09_JAL_empresa digital – A transformação de uma empresa para o digital...transição musculada...investimento...falta gente...nativamente trabalhar...porque tivemos 6 anos à espera site novo?...não faça, nada...são poucas...infraestrutura grande...múltiplos canais...preciso...está a fazê-lo...últimos tempos – **45"**

Jorge Alexandre Lopes, o responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1.

SOM

Ouvimos em FM...mas a emissão não nos liga ao site da Antena 1.

A página remete-nos para a RTP Play e a RTP Notícias – ou seja, para fora da Antena 1. No site abrem-se páginas e janelas - um labirinto digital que gera cliques sucessivos e que é uma prova de resistência para qualquer ouvinte – Provedora incluída - Mesmo tendo em conta a quantidade de conteúdos da programação atual - e de todas as anteriores // e a dificuldade - reconheça-se // em gerir tudo o que as rádios do grupo RTP têm para oferecer.

Há programas sem ficha técnica, informações incompletas ou diferentes, uns sem horário de emissão, outros sem referência aos convidados, comentadores habituais ou aos moderadores.

Apesar da renovação, há demasiados pontos frágeis.

Como ouvimos - alguns aspectos estão a ser melhorados, ideias não faltam.

Ver o site da Antena 1 como um suporte do FM e uma porta de entrada para os outros portais da RTP – remete-nos para os primórdios da Internet - Quando a presença da rádio na web era instrumental e de promoção da emissão hertziana. Só que passaram - 30 anos. O conceito da transposição de conteúdos // e da Internet apenas como um repositório de programas do FM // pertence ao passado, é redutor e pouco ambicioso.

A transformação digital apontada no Livro Branco do Serviço Público de Média implica uma estratégia que vai além da replicação da rádio no digital. E passa por conteúdos próprios – multimédia e multiplataforma em áudio e vídeo e texto. Tudo isto exige uma equipa com competências digitais que não pode passar pela chamada solução do canivete suíço em que todos fazem tudo. Se umas vezes sim, noutras, não. Outras linguagens exigem outros meios - são precisas equipas multidisciplinares porque a rádio na Internet nunca foi - apenas - o que escutamos na telefonia.

À luz do Livro Branco do Serviço Público de Média, a presença da Antena 1 na Internet é ainda um caminho a ser trilhado para o futuro – mas o futuro começou há 30 anos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do site da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 20_Sites RTP

Neste Em Nome do Ouvinte continuamos a navegar pelos sítios da RTP na Internet. Abrimos cada um deles para ver, ler e ouvir – E procurar Onde está a rádio nos sítios – ou sites – do grupo RTP.

Navegámos em três dos vários sites do grupo RTP que agregam a rádio, a televisão e o digital: o da RTP, o da RTP Notícias e o da RTPplay. Nos dias em que fizemos cada uma das entrevistas para este programa, fizemos contas aos programas, rubricas ou podcasts que são publicados. A balança não pende para o lado do áudio. Apesar do grupo ter 8 rádios e 8 webrádios, a rádio continua a ser o meio invisível – também nos sítios do grupo RTP.

Vamos por partes:

Site RTP - os 5 primeiros destaques, e os restantes, não incluíam conteúdos áudio.

RTPplay, pouco mais há para Ouvir além das 16 Rádios em Direto, e dos 15 destaques da categoria Para Ouvir. Há Mais Vistos, mas não há Mais Ouvidos.

Site RTP Notícias – As notícias da rádio nem sempre saem da página Áudio e, praticamente, não são atualizadas ao fim de semana e feriados.

Desta análise, deixámos de fora outros sites da RTP e os de cada estação.

É um mundo de textos, vídeos, áudios, podcasts, antigos e novos programas – milhares de conteúdos, a preço zero - poucas plataformas têm tanta variedade e disponibilizam um arquivo como os **sites** do grupo do serviço público de média e sem qualquer subscrição. Mas no meio de tanta oferta... Como gerir e Como apresentar tantos conteúdos – foi o que perguntámos a João Pedro Galveias, Diretor de Multimédia da RTP.

01_JPG_gerir – nós podemos pensar que podemos agregar...sítios só...criticar rtplay estar sem ser agregado ... muitos conteúdos ...multimarca...complexo...como gerimos ... como podemos ...legado...futuro...exemplos internacionais...multiplicidade conteúdos é muita...impossível...como diz...carregar passado e preparar para presente e para o futuro – **58”**

Com tantos conteúdos, saltamos de página em página e de site para site, para saber, por exemplo, o horário de um programa, convidados ou até mesmo autores. E às vezes, chegamos ao fim sem a informação que procuramos. João Pedro Galveias reconhece que há falhas.

02_JPG_informações –...todos os processos desenhados para linear...inf associada...transmissão linear...qd expor...(exemplos) tem de a ver mudança processo...que é uma mudança implicação total...na RTP estamos a fazer mas nem sempre...quantidade enorme...resolvidos...não em todos – **1’34**

O Diretor de Multimédia da RTP reconhece que se pode melhorar a articulação de informações e áreas dentro do grupo e a ligação às rádios. E é mesmo - porque quando abrimos o sítio, ou **site, da RTP** salta ao ouvido a presença diminuta das rádios.

No dia em que escrevi este texto, voltei a abrir a primeira página e, mais uma vez, entre os destaques não havia Um único das rádios. Não é uma situação excecional como admite Nuno Galopim, o Diretor da Antena 1.

03_NG_audio RTP – pois...isso é uma realidade que passa repensar...importância dos sites para cada uma das estações de rádio...cada direção fará o melhor para mostrar aquilo que tem...**como se articula?** Qd tenho um conteúdo que quero distribuir...contacto...a iniciativa normalmente parte direção programas...o que temos, sim. – **51”**

A questão também passa pela afirmação de uma assinatura que remeta para as marcas rádio.

04_NG_assinatura – há sobretudo um problema assinatura conteúdos áudio... forma acede...não é marca, mas tema...é importante tema chame atenção marca...urge repensar assinatura podcast... - **consumem outras plataformas?** - outras plataformas acesso faz-se pelo interesse tema...importante marca representadas...tenha noção quem fez...gosta...vir pela marca descobrir outros temas– **2’42**

Nuno Galopim, Diretor da Antena 1.

Deixamos o site do grupo e pomos o ouvido à escuta na **RTPplay**.

Há **5 destaques** - nenhum das rádios.

Ainda em abril, a **categoria temporária ‘25 de abril sempre’** apresentava 16 conteúdos, nenhum de rádio, apesar de estrear uma nova rubrica nessa semana na Antena 1 e de existirem programas e especiais sobre o tema.

As rádios em direto aparecem em terceiro, mas a categoria **Para Ouvir** surge em décimo. Há uma secção para os **Mais Vistos**, mas não há nenhuma para os **Mais Ouvidos**.

Em **Humor e talkshows** as rádios não aparecem, estão mais abaixo, na categoria **Humor**: em 30 destaques, 18 são das rádios.

Para o público mais jovem há a zona do **ZigZag**: dos 32 destaques, 7 são da rádio Zig Zag.

Categoria **Cinema e Natureza**, dos 34 destaques nenhum é das rádios.

No **Entretenimento** em 30 - 9 são áudio.

A rádio só faz o pleno na **Música** com 29 conteúdos em 30.

Feitas as contas, não há como negar.

05_JAL_audio rtpplay_diferença - olhando para esses n parece que há clara e distorcida presença conteúdos radio e tv...parece evidente...como pode ser mudado – **44”**

Jorge Alexandre Lopes, o responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1. Do lado de quem gere, João Pedro Galveias, o Diretor de Multimédia da RTP, também admite que as rádios têm pouca visibilidade na RTPplay.

06_JPG_audio na RTPplay – eu admito tem maior vídeo...conteúdos rádio são automaticamente exportados...a seleção é feita pela equipa RTPplay em conj equipas editoriais-...trabalho pode ser melhor...trazer mais presença rádio..é adequado...há caminho para fazer...está centrado na equipa rtpplay fazer definição...gestão rtpplay – **1’**

João Pedro Galveias. A balança pende para outros conteúdos do grupo RTP. Para Jorge Alexandre Lopes, o responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1, há soluções.

07_JAL_audio rtpplay_app –resposta balança radio tv...app das rádios...não quero estar batalha rádio tv... - **41”**

Não é uma batalha - é uma constatação.

08_NG_audio RTPplay_app – daí a necessidade de criar app para antenas rádio em separado... - **articulação/seleção?** – é a RTP play que seleciona, nos podcast eu...rotação dê ideia diversidade...rádio nunca é chamada definir conteúdos...- **mais ouvidos seria útil?**-mais do que...linhas temáticas...sentido criação app separada para as rádios – **1’07**

Nuno Galopim, Diretor da Antena 1.

Os conteúdos jornalísticos na RTPplay também são poucos. Na categoria **Notícias, reportagens, entrevistas** – em 25 destaques nenhum é das rádios. Em **Informação**, dos 30 destaques, metade – ou menos de metade - são da Antena 1. No **Desporto**, em 30 destaques, 4 são áudio.

O Diretor de Informação da Antena 1, João Paulo Baltazar, explica porquê.

09_JPB_rtpplay info – não temos proatividade a não ser...conteúdo novo...destaque...no dia a dia não temos interação...não sei como é feita triagem...fazemos é criar bons conteúdos...disponibilizá-los...noticiários...plataformas...como tem de ser feito para chegarmos a toda a gente - **45”**

João Paulo Baltazar, Diretor de Informação da Antena 1.

Já fizemos as contas aos conteúdos rádio no site da RTP e da RTPplay, falta-nos o da RTP Notícias – nos 13 primeiros destaques, em média há Uma ou Duas notícias da Antena 1, mas o site tem uma página só para as notícias áudio.

O portal de notícias tem uma equipa que funciona autonomamente em relação às redações da rádio e da televisão. Tem também uma coordenação própria a quem foi solicitada a gravação de uma entrevista - que foi concedida não em áudio, mas por escrito. A responsável pela redação multimédia Joana Garcia explica que as “As notícias em destaque são as que estão a marcar o dia” independentemente do meio de origem, e que “a prevalência é dada ao texto em detrimento do áudio e do vídeo” porque “a consulta nos motores de busca da Internet é feita com palavras”. Mas realça que há a preocupação em ter notícias em vários formatos.

Sobre a “desigualdade notória entre conteúdos informativos áudio e vídeo” Joana Garcia invoca uma justificação numérica: a TV produz mais notícias do que a rádio.

Sobre se a rádio é ouvida nos critérios de seleção, a Diretora Adjunta da Informação da televisão pública afirma que os jornalistas da redação multimédia Não são meros executantes de reposições áudio ou vídeo. A introdução de conteúdos é feita pelos jornalistas da redação multimédia através da consulta dos alinhamentos - salvo raras exceções em que 2 ou 3 jornalistas da rádio os enviam.

Ou seja, a decisão editorial das notícias áudio é da redação multimédia, como explica o Diretor de Informação da Antena 1, João Paulo Baltazar.

010_JPB_not áudio insuf – as not áudio não são enviadas...fluxos...evidente desequilíbrio...resulta opções editoriais...equipa multimédia insuficiente para o trabalho que lhe é pedido - **30”**

Pouca gente é também a razão apontada para a falta de atualização da página Áudio da RTP Notícias que praticamente fica parada á noite, ao fim de semana e feriados. O ciclo de 24 horas da rádio não se espelha no áudio da RTP Notícias.

Em Nome do Ouvinte andámos à procura dos conteúdos das rádios nos sítios, ou sites, da RTP. Salta ao ouvido que o áudio não é uma presença destacada nem frequente, apesar do grupo ter 8 rádios, 8 webrádios e podcasts. Há várias causas como pudemos ouvir e o resultado é evidente: a invisibilidade sistemática de conteúdos áudio nos sites da RTP.

O Livro Branco do Serviço Público de Média defende um serviço integrador que seja motor de inovação e de transformação digital. E isso também passa pela articulação entre as diversas áreas.

E se Nem Sempre a rádio é ouvida ou destacada, também tem de se fazer ouvir para estar onde o ouvinte - A Ouve, Vê e Lê – sob pena de continuar a ser, eternamente, o meio invisível.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do site da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins

e Montagem de Guilherme Marques

Programa 21_Ouvinte A Provedora DO ouvinte

SOM

A emissão está no ar...mas, nem sempre chega ao rádio do ouvinte. Pode ser falha do aparelho, uma avaria no emissor, do tempo, ou simplesmente um botão que não roda. Neste Em Nome do Ouvinte voltámos a sair com a equipa das antenas e emissores para falarmos dos investimentos feitos e dos que faltam fazer - para que a rádio chegue - a casa de toda a gente.

A queixa chegou ao correio da Provedora:

00_voz rui santos Provedora - *“é uma anomalia que se verifica nas redes de FM, A1,A2 , já que A3 pura e simplesmente não oiço, e que consiste em a emissão ser cortada por pequenas micro interrupções , da ordem de 1 ou 2 segundos , mas acontecendo isto só quando chove , mesmo que a pluviosidade seja diminuta . Esta é a minha percepção aqui no interior onde vivo” – 23”*

A queixa foi enviada para os serviços técnicos e daí para a equipa das antenas e emissores. Numa primeira avaliação, Vítor Pimenta acha que o ouvinte pode ter razão.

01_VP_AIR ouvinte pode ter razão - O ouvinte é o nosso fiel – 46” (cortar)

Se é mais fácil ouvir a partir do local a equipa desloca-se - ao local – o mesmo é dizer, a casa do ouvinte. Não acontece sempre, mas às vezes é preciso. Desta vez, a visita foi a Oliveira de Frades, e o técnico teve a companhia da repórter Célia de Sousa e da Provedora.

02_ Célia Lafões– 5’33

Agora já sintonizados na rádio pública.

Os ouvintes, sempre de ouvidos sensíveis, são as bússolas da emissão da rádio pública. Se chega bem, com cortes, fraca potência ou se tem variações consoante chova ou faça sol. Recebidas as queixas, explica Sérgio Rodrigues avalia-se a situação.

03_SR ir a casa dos ouvintes CURTO– tentamos falar ...ir a casa ouvintes...casa...idosos...dificuldade receção...não terem antena...fizemos...satisfeitos...este tipo de resolução só é possível...telefone ...telefonamos...fala connosco...feedback...passado 1 semana...abordagem mais pessoal...e gostam – 32”

Durante um largo período os programas dos Provedores foram dando conta da falta de investimento na área técnica e de equipamentos da rádio. Nos últimos anos a situação tem sido corrigida.

Nas antenas e emissores investiu-se no reforço de peças de substituição para evitar atrasos nas reparações. E compraram-se equipamentos que permitem restabelecer a emissão rapidamente - as UPS - sistemas de energia ininterruptas. Mas ainda não é suficiente. Lisboa já tem UPS, mas falta o resto do país - quando há uma falha, a emissão pára, e só volta quando a avaria é reparada – o que demora o seu tempo. Perguntámos a Vítor Fernandes, o responsável técnico dos emissores, se este é o grande investimento que falta.

04_UPS CURTO – aqui na Lousã é o UPS e no futuro...adicionar um 4º emissor...urgente é ter ups na Lousã - (*arranjar pergunta*) para que serve? – em caso de...manter...ao fim de minuto e meios...sem interrupção emissão...em que sítios estratégicos?...litoral...80%população...Monte Virgem, Lousã, Montejunto, Lx já tem, Algarve...são locais estratégicos, investimentos, mais 4 ou 5 ups...por fases...próximo local lousã...monte da virgem. – 1’02

Na telefonia ou no carro a rádio pública nem sempre se ouve bem ou nem se ouve de todo. E ao contrário do que escreveu um ouvinte, esses não são problemas do interior esquecido ou fora do eixo da capital. Na autoestrada Porto-Lisboa o sinal perde-se com mais frequência do que o desejável e em Lisboa há locais onde não se sintoniza a Antena 1. Vítor Fernandes explica que a situação foi identificada e tem solução.

05_Palmela – o sítio que tínhamos em mente...Palmela...eixo zona expo e Vila Franca...deficiência...Montejunto e Lisboa não...palmela resolvia...fizemos testes...melhorava...estamos à espera frequência Anacom...que zona em concreto? Expo...alverca, Alhandra, vila franca, ...mais bem coberta – 38”

Está lá o emissor, fizeram-se testes, mas ao contrário das rádios privadas a RTP não pode comprar frequências e tem de esperar que a Anacom as disponibilize. Em Palmela, e noutras zonas do país, a situação repete-se com evidente prejuízo para os ouvintes que não conseguem sintonizar e ouvir a Antena 1, 2 ou a 3. Não havendo frequências disponíveis, não é possível colocar todas as emissões em todas as Estações emissoras.

Na lista de próximos investimentos estão o Monte da Virgem que fica pronto até ao final do ano e a Madeira.

06_MADEIRA Curto – (...) Neste momento está-nos a faltar...3... Caniço, gala e porto santo...pedido autorizações...começar Caniço...importante...muito populosa...subir potência...Porto Santo mais grave...torre em vias de cair...junto ao mar...influencia estruturas metálicas...más

condições...urgente...pedir orçamentos...antes que a torre caia...emissão em baixo...retirar a torre e montar um a nova – **37”**

Para a Madeira os orçamentos estão pedidos. Nos Açores foram resolvidos os problemas nos emissores, agora, diz Vítor Fernandes, a prioridade são as torres.

07_Açores – e temos também 2 locais nos Açores...monte das cruces, lajes, pico...intervir o mais rápido possível para evitar que haja algum acidente. – **16’**

Vítor Fernandes, o responsável técnico dos emissores.

Voltamos ao local onde começamos o programa, a Oliveira de Frades. E ao ouvinte que se queixou de que não ouvia a rádio publica quando chovia. Fomos a casa do ouvinte, o técnico fez uma intervenção na receção de satélite na Gravia. Nestes dias de chuva testou-se a reparação e técnico e ouvinte foram trocando mensagens até chegar aquela que queríamos ouvir:

Boa noite sr.Vitor pelo que tenho escutado, principalmente agora à noite com muita chuva pela região, os sinais da Antena 1 e Antena 2 apresentam-se totalmente estáveis e com boa intensidade. Ao dispor. Um abraço. Afonso Marques. – 14”

Obrigada, nós - aos ouvintes que ajudam a melhorar a receção da rádio pública.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do stio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de Guilherme Marques

Programa 22_Parcerias Parcerias

01_SOM 1 – a parceria mais recente...tem a ver com a rádio...levar a um lugar...não imaginamos relação com A2 ou rádio em geral – **19”**

Há lugares e pessoas que a rádio traz para dentro. Neste Em Nome do Ouvinte vamos falar das parcerias nas diversas antenas da rádio pública.

As parcerias são uma forma de trazer para a rádio os ouvintes ou de estar - onde eles estão. Dos festivais de música à ópera e ao teatro - da cooperação à partilha de ideias e recursos - dos programas produzidos em conjunto aos que são de autoria externa – há de tudo um pouco - e este é um universo tão variado que não cabe num único programa. Hoje focamo-nos nos critérios E motivos das parcerias. Começamos pela **RDP África**

SOM_mix_RDP África: Mensagem+promo festival+emissão com angolag

A RDP África é a antena com mais parcerias. Emite para os países africanos de língua oficial portuguesa, o que lhe confere uma audiência vasta e com expressões diversificadas. O Diretor Adjunto da estação, Nuno Sardinha, destaca o trabalho conjunto com as rádios nacionais dos PALOP.

02_África_NS exemplos parcerias - Isto acontece com a programação regular...programas musica...Cabo Verde...Moçambique...conteúdos comuns...Café Central...Angola...RDP África...2 canais...ex mais

prático...parceria...Angola...PM a Luanda...emissão a 2 vezes...retratos de angolanos em Portugal...portugueses em Angola – **1'06**

A estação acompanha também as grandes competições africanas, e na informação está a formar uma rede que represente a dimensão daqueles países. As parcerias abrangem ainda os festivais de música, literatura e outras artes, e vão além daquilo que se ouve na rádio.

A cooperação enriquece e diversifica a programação, Mas como diz o responsável pela RDP África, Nuno Sardinha, são, sobretudo, uma forma de dar a volta às limitações orçamentais.

03_África_NS_motivos – responder às dificuldades de orçamento...24horas de emissão...rica...diversificada...não nos podemos sentar...na rua...próxima...projeto multinacional e multicultural...terreno...só através parcerias...aproximamos dos nossos ouvintes – **45"**

Da RDP África para a **RDP Internacional**

SOM_Mix_RDP Internacional: *Os meus direitos (rubrica Deco) + emissão com a rádio de New Bedford+um promo*

A vocação da RDP Internacional é a de ser ouvida pelos portugueses espalhados pelo mundo. As parcerias são feitas em função dessa audiência e com objetivos muito concretos: informação útil, proximidade, visibilidade. O diretor adjunto da RDP Internacional, João Barreiros, destaca as que são feitas com entidades oficiais.

04_Internacional_JB_parcerias oficiais - No caso das instituições...fornecem convidados...explicam...como tratar passaporte...trazer animal estimação...imprevisto...informação útil...e têm aqui rubricas – **36"**

Outros parceiros da RDP Internacional são as rádios da diáspora.

05_ Internacional_JB_parcerias – depois as outras parcerias...fornecimento nosso...ou fazerem rep para nós...comentadores locais...acontecimentos que ocorreram ali – **19"**

João Barreiros.

Chegar mais longe, proximidade, informar, manter a ligação com a comunidade portuguesa - objetivos das parcerias da RDP Internacional.

(Rádio a sintonizar ou separador?)

Sintonizamos agora outra das rádios públicas, a **Antena 2**.

SOM_Mix_Antena 2: *cadeia+*

Na Antena 2, as razões das parcerias residem, muitas vezes, numa questão prática. A de aceder a palcos ou espetáculos – o que de outra forma Não seria possível - por restrições orçamentais ou logísticas, como nos diz o diretor do canal, João Almeida.

06_A2_JA_parcerias salas – na Antena 2 a RTP não tem sala concertos...para revelar...apresentar...novos talentos...precisa lugar adequado...parcerias permitem...não era possível aceder – **27"**

As parcerias também servem para trazer a antena conhecimento e vozes especializadas na ciência, cultura, arte e outras áreas da sociedade civil. João Almeida resume:

07_A2_JA_serviço publico – há muito conhecimento...primeira vez...serviço publico de rádio...desenhar...estamos a cumprir serviço publico – **19"**

Mas o serviço público também se estende a outro tipo de colaborações que não ouvimos na rádio.

08_A2_JA_cadeia PARA CORTAR - A parceria mais recente...tem a ver com a rádio...levar a um lugar...nem com a rádio em geral...com a ass terceira pessoa... Gulbenkian...teatro radiofónico...guarda...escrever texto...gravar...antena 2...concebido, feito representado,,,guarda...proposta evolui para...rádio concebida...reclusos e reclusas...população muito específica...são homens e mulheres...têm também seu perfil...ideia foi...revelação...janela dessa outra vida que já tiveram e...saírem da prisão. – **2'07**

Parcerias diversificadas na Antena 2 e também na **Antena 3**.

SOM_Mix_Antena 3: *promo Tremor+REC+Grandes leitores*

A Antena 3 aposta sobretudo em parcerias que se identifiquem com a estação e o perfil da audiência. O critério, diz o diretor da 3 Nuno Reis, é o cumprimento do serviço público.

09_A3_NR_parcerias – e as parcerias são muito variadas...festivais...musica portuguesa...festivais cinema...teatro...instituições culturais...país todo...descentralizada ao máximo...traduz-se...vamos ao terreno...estamos lá...parcerias implicam divulgação em antena...essa ramada toda.– **54”**

Desde programas a festivais, Nuno Reis diz que cada caso é avaliado com uma motivação.

10_A3_NR_motivos - A principal apoiar a emergente cultura...música portuguesa...descentralizar...pequenas cidades...estar onde ouvintes estão...perto...estamos presentes...antena 3 apoia essa cultura portuguesa – **54”**

Da 3 para a **Antena 1**.

SOM_Mix_Antena 1: *tratar o cancro por tu+90 segundos ciência+1 promo apoio*

A Antena 1 apresenta exemplos diversos que ajudam a complementar a programação em áreas mais especializadas, como explica o Diretor Nuno Galopim.

11_A1_NG_motivos – é estar com quem sabe...curiosidade...não detemos volume de informação...a um grande público... - ninguém melhor... o mesmo com a questão do cancro _ especialistas... projetos investigação...fazer chegar com triagem...não temos capacidade..não temos equipa científica...parceiro chegar à história...às quais damos visibilidade - **1'27**

As parcerias permitem aprofundar alguns temas, mas há critérios.

12_A1_NG_critérios - O interesse publico em 1º lugar...várias obrigações...o que deve ser A1...tentamos parcerias ajudem...complementando...para cumprir necessidades trabalho diário da antena 1 – **40”**

Nuno Galopim, diretor da Antena 1, a fechar este apanhado de parcerias nas várias rádios do serviço público.

13_SOM 2 – a rádio quando sai para explorar os recantos...sociais...escaparates dos media...radio e sp compre...missão...quando revela...esses modos de vida...que não estamos habituados a conhecer – **28”**

Os recantos de que fala o Diretor da Antena 2 estão em todas as rádios do serviço público – até porque é uma das funções previstas do Contrato de Concessão: dar voz à sociedade civil e estimular a produção independente. Mas essa é apenas uma das razões invocadas para a quantidade de parcerias que encontramos. A principal é outra: contornar as limitações orçamentais e de recursos humanos e logísticos. Cada estação tem sinergias próprias, com motivações e critérios diferentes, embora todas elas tenham no horizonte o serviço público.

SE POR UM LADO a rádio se abre à sociedade civil, à comunidade e às diversas formas com que se expressa – POR OUTRO lado o princípio das parcerias pode ser subvertido. Pode tornar-se numa prática Não pelo objetivo em si, mas como um instrumento - para tapar lacunas na programação por falta de meios OU uma forma de cobrir orçamentos que não chegam para prestar O SERVIÇO PÚBLICO que se espera das rádios. Mais uma vez, esbarramos no investimento - ou na falta dele. **Se** a necessidade aguça o engenho, a verdade, é que o engenho não subsiste sem uma estratégia e um financiamento que o sustente.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

PROGRAMA 23 – Sugestões dos Ouvintes Ouvir ou não (os ouvintes), eis a questão

As mensagens dos ouvintes não se limitam às queixas. Já aqui demos conta de elogios e críticas construtivas, hoje dedicamos o programa aos ouvintes que nos escrevem com sugestões - à espera de que a rádio pública seja uma rádio - com ouvidos

Já ouvimos noutro programa desta série as sugestões de ouvintes que foram acolhidas.

Nestes quase seis meses de mandato, o Gabinete da Provedora continuou a recebê-las e a transmiti-las às direções das rádios, autores e produtores.

As propostas chegam para todas as antenas e para os sítios, ou sites, das rádios. Seleccionámos algumas e gravámos as respostas dos responsáveis de cada área. Quisemos saber se podem ser acatadas ou não, e quais as razões.

Duas sugestões para o Diretor da Antena 2, João Almeida:

A - LOC - "Para benefício da informação dos ouvintes da Antena 2 (onde tenho o prazer de me incluir) permito-me fazer a seguinte sugestão: Que se indique na programação ONLINE o nome das peças que estão a ser transmitidas, bem como o dos intérpretes. A grande maioria dos programas transmitidos é de excelente qualidade, mas se o ouvinte perde o momento da indicação oral da peça perde uma parte substancial do programa.

01_JA_online_porquê - neste momento escolher sem play list...música não disponível digitalmente...reliquias...cada realizador...não é apresentada...id automática não é possível...aplicação...neste momento não...para que o pivot possa id...não é possível utilizá-la em tempo real – **1'11**

Ponto Sonoro

02_JA_online_possível – *a ideia do ouvinte não é absurda..proximamente...ou realizador-autor e playlist...ou ferramenta simples que permita...neste momento nem...nem...em cima da mesa? Temos outras prioridades...ainda não é...nosso core... id automaticamente a musica – **1'12***

B - LOC - "Considerando uma prática vigente ao longo de décadas, ainda que não ininterruptamente, enquanto fruidor da programação ofertada pelo serviço público de radiodifusão, reputaria de pertinente aferir de eventuais esforços desenvolvidos entre a Antena 2 e o Teatro Nacional de São Carlos no sentido de retomar a transmissão das temporadas líricas, cessadas em Dezembro de 2012. Um panorama que urgiria reabilitar a breve trecho para gáudio de uma significativa parcela do auditório, estou em crer."

03_JA_ópera_porquê – *na verdade, pagamos anualmente spa...permite passar toda musica exceto ópera...cada vez passamos...pagamos...qd queremos...alguém oferecer e cuidou desses direitos...qd são nossas...para pagar – **46"***

Ponto Sonoro

04_JA_ópera_ponderação Curto – *para transmitir qualquer ópera temos de pagar...custo elevado...1 ópera equivalente 1 programa autor para todo 1 ano...se nosso orçamento fosse gigante...dobro...50 mil euros...mas com um pequeno orçamento...se eu quisesse retomar...ponderação que a direção tem de fazer...ópera ou aplica-la de outra forma - 49”*

Depois da Antena 2, as sugestões que chegaram à Provedora para o Diretor da Antena 1, Nuno Galopim:

C - LOC - “A antena 1 sempre ajudou muitas causas entre elas a do pirilampo mágico e o dia do pijama. Gostaria de ouvir mais programação sobre estas causas. Informar e sensibilizar a opinião pública sobre a problemática da pessoa com deficiência intelectual e/ou multideficiência. Existem por exemplo muitas pessoas invisuais que ouvem a Antena 1.”

05_NG_causas - *a ideia de haver programas causas...interessantes...representação causas adnd serviço publico...não programas...são temas atentos...faz todo o sentido – 35”*

D - LOC - “Sugeria que poupassem tempo nos constantes separadores-antena1, sempre com os mesmos segmentos de temas musicais, muito maçadores e, se me permitem, sem aparente utilidade. Essa poupança permitiria certamente "acalmar" o ritmo dos referidos programas. Obrigado e bom trabalho para vós.”

06_NG_separadores - *tem a ver com a ideia de retirar separadores que...esses separadores servem para...ideia de trocar...não é por aqui...cunho informativo...calmia...os separadores têm de ajudar dinâmica...cadência e ritmo...agradeço observação – 1’04*

Agora, duas sugestões dos ouvintes para o responsável da Área de Conteúdos Digitais, Jorge Alexandre Lopes:

E - LOC - “Por que não haver um endereço tipo “caixa de sugestões”? Fica a sugestão para que cada vez mais, utilizando as tecnologias ao dispor, os vossos ouvintes possam deixar sugestões e ideias”

07_JAL_caixa sugestões - *Em relação á caixa de mensagens...pode ser acrescentada...emails de todos profissionais...todos estão id na página da Antena 1...quem quer escrever...colocadas diretamente...para próprios...porta aberta – 1’04*

F - LOC - “Oíço regularmente as webrádios Vida, Memória, Jazz. Seria possível ter uma área no site, com a programação regular?”

08_JAL_legenda_porquê Curto - *a programação...lógica diferente...cada episódio é reproduzido em momentos diferentes...flexível...não há um dia e uma hora...não é por isso possível...FM...ter guia programação...antecipadamente definidos...repetem-se...como música playlist...nós lhes imprimimos – 1’03*

Ponto Sonoro

09_JAL_legenda talvez curto - *O que me parece que pode ser implementado...associar ao player o link...como na A1 a informação do que passou nas ultimas 24horas...não é...prévia...mas dá uma visão abrangente... dos conteúdos...Vida, Memória...e de música...fado, Lusitânia, Ópera...será possível oferecer...informação detalhada das musicas que tocaram...permite – 58” (mais)*

À caixa de correio da Provedora chegaram também duas sugestões para o Diretor de Informação da Antena 1, João Paulo Baltazar:

G - LOC - Não consegui encontrar uma ligação ou espaço no programa Antena Aberta para serem lidos no programa alguns dos comentários escritos. Não podem incluir comentários escritos?

10_JPB_comentários - devido sobretudo a constrangimentos recursos humanos...deixámos por questões técnicas live...Facebook, portanto, no futuro...neste momento não é feita...resumir...tem de haver avaliação prévia...telefone...mas volume de ouvintes... - **57”**

H - LOC - Em matéria de webrádios, deixo a sugestão de se criar uma webrádio apenas de Informação. Teria os espaços noticiosos, programas de âmbito socio, económico, cultural e eventualmente diretos. De todos os canais.

11_JPB_rádio - acho que é uma proposta pertinente...ter uma app...permitisse...género, reportagens...entrevistas...todos os canais...foco no áudio...sou da rádio...importância do áudio...jornais...mais do que uma webrádio...rádio de informação...faria sentido uma app de áudio que agregasse a oferta faz diferentes antenas – **1’14**

Críticas construtivas e sugestões dos ouvintes – registámos as explicações de quem decide - e as razões para umas serem atendidas e outras não - nas diversas antenas e sítios da rádio pública.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Locuções de Rui Santos

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Gravação de JPROGRAMA 24_Calão Calão

Palavra obscena, grosseira, asneira, nome feio, palavrão – calão – ouvimo-las todos os dias e a todas as horas – na rua, em conversas, nos filmes, nos livros, na música...e na rádio. Tema para o programa de hoje: o calão na música da rádio pública.

MEDLEY CALÃO - chico fininho+patchouly+Abrunhosa+claudia pascoal – 59”

E agora? Passamos ou não passamos? Há critérios? Há limites para aquilo que a música nos diz?

Som 1 – o palavrão inócuo...tento evitar...linguagem ...ruas...aprender...novos discursos...estéticas...desvirtuar aquilo que é a vida...diariamente...mais novos e mais velhos – **48”**

Henrique Amaro, a passar música portuguesa na rádio há mais de 30 anos. Vamos ouvi-lo mais adiante. Antes, questionámos quem decide a lista de músicas na Antena 1 e na Antena 3 - a partir das mensagens dos ouvintes:

Queixa 1 - *Estava a tocar a música...e a Antena 1 num acesso de pudor em jeito de lápis azul, acha por bem, para não ferir os ouvidos sensíveis dos seus ouvintes suprimir a palavra. Pergunto, porquê?*

Queixa 2 - *Sou ouvinte assíduo de radio, e ultimamente não entendo o porque de darem palavrões nas musicas, no meu tempo eram cortadas no palavrão. Não acho certo, é inadmissível!!*

Não é dos assuntos que suscite mais mensagens dos ouvintes, mas é dos que regista opiniões opostas Mais veementes. Há ouvintes que acusam a rádio pública de censura Quando dão conta de que uma palavra é Omitida - e outros que se queixam por ouvirem calão numa música. // Opiniões à parte, há várias questões que se colocam e processos que devem ser esclarecidos.

Em primeiro lugar: como é que as canções chegam às rádios depois da era dos discos de vinil e dos CD. Pedi ao Diretor da Antena 1, Nuno Galopim, que nos explique o procedimento.

01_NG_processo – atualmente suporte digital...enviam...qualidade...integramos...para podermos emitir – 27”

Recebidas as músicas das editoras, fiz a pergunta: a rádio pública edita as letras? E se as recebe com omissões, passa a versão original ou a versão ‘suave’?

Pela Antena 3 - responde o Diretor Nuno Reis

02_NR_pis - Nós não fazemos isso...editoras fazem versão mais suave...retirar...estrangeiras...portuguesas...preferimos manter originais...respeitar...tocamos versão original...(ex Blur)...nós não fazemos...regra...tocamos versão editadas...mal editadas...originais – 55”

Pela Antena 1 - o Diretor Nuno Galopim dá o exemplo da música de Cláudia Pascoal.

03_NG_versão original – a versão distribuída para todas as rádios...omitia uma palavra...ser enviado ficheiro canção não censurada...enviado...essa é aquela que apresentamos em antena – 25”

A rádio pública Não edita as músicas que recebe das editoras – e opta pela versão original caso a editora ou os artistas tenham distribuído uma versão Sem calão. Mas mesmo assim, há critérios.

Nuno Galopim da Antena 1.

04_NG_critérios CURTO– a ideia mais clara é que respeitamos...fazem parte da obra que nos chega...exemplo...1995...Pedro Abrunhosa...nasceu num contexto...ciclo...politicamente ativo...não faria sentido...2023...como nos são apresentadas pelos artistas...existem como nascem, chegam só temos de respeitar, estamos perante obras, perante a criação – 54”

E Nuno Reis da Antena 3

05_NR_critérios EDITADO - Não temos critérios mt definidos...música a música...temos em atenção...calão existe...como lidamos, sabemos que calão é calão...dia a dia...aceitável...outro...não podemos aceitar...como é utilizado...gratuito ou faz sentido...e depois se é insultuoso...agressivo...fechamos a porta...uma questão que não é fechada...conforme...não é resposta preto no branco – 59”

Esclarecidos os processos, colocamos o ouvido à escuta - da história. Músicas com palavras ou ideias Mais ou Menos explícitas sempre se ouviram na rádio. Tanto chocaram e indignaram os ouvintes // como refletiram a sua voz e novas formas de estar e de se Expressar. A rádio acompanhou uns e outros consoante as épocas, mas os anos 80, com as novas bandas do denominado rock português, trouxeram outros desafios à rádio.

Pontos de partida para uma conversa com Henrique Amaro, divulgador de música portuguesa, realizador de rádio, e coordenador do livro Cento e Onze Discos Portugueses – A música na Rádio Pública.

06_Henrique Amaro VERSÃO CURTA EDITADO - A história é curiosa...anos 80...chico fininho...asneira...80 e 90...canções até tiveram...muito radiodifundidas e sucesso comercial...tiveram seu quê...por causa linguagem. Chico Fininho a 1ª...a 2ª...Patchouly ...marketing...pi...sobre a palavra...foi sucesso...mais tarde Mata Ratos...minha sogra é um boi...3 tristes tigres...anos 90 a canção que despertou maior discussão...Talvez F Pedro Abrunhosa...palavras são acentuadas não é uma indignação de agora...alguns **Patchouly... o PI estratégia indignação, marketing...comercial?** – deve vir do artista...rádio divulgador...não o censor...não editar a canção...foi visto como marketing, não censura...canção com potencial...para não correr riscos 2 versões...engraçado...autocolante...a censurada 5 mil...outra 70 mil...pp publico procurou a não censurada – **rádio espelho...como passar...como encarar?** – há razão para aparecimento...uma delas...vivermos há meio século em democracia...todos mais experimentados...exercer...segunda parte...musicalmente país plural...novos discursos...vocabulário...estéticas...punk...hiphop...poprock...cultura urbana...cinema, literatura, bd, humor...limitar é desvirtuar nosso quotidiano, nossa vida de todos os dias... **popular/popularucho/brejeiro?** – falta de propósito da palavra...descontextualizado...chamara a atenção...vazio e estéril...tento evitar...conheço linguagem das ruas...novos discursos e estéticas musicais...não quero...desvirtuar aquilo que é vida nas cidade...palavras diariamente utilizadas...**Papel ad Rádio?** – divulgação...a ideia de choque...ligação entretenimento choca e incomoda...Simone chocou com

a Desfolhada...Heróis do Mar...chocaram...GNR...chocaram...a ideia de motivo de choque é cumprir um propósito...inerente a uma canção – 7’

Henrique Amaro, divulgador da música portuguesa e autor do programa Portugália da Antena 3.

Não me cabe emitir juízos de valor sobre a decisão de editoras discográficas e artistas em omitir ou sinalizar palavras. A Rádio Pública recebe as músicas, até pode passar a versão Sem calão - porque foi a que recebeu - Mas É à Rádio que cabe decidir o que passa nas suas emissões. Quando a questão se colocou, o meu parecer foi no sentido de que Se deve optar sempre pela versão original. Partilho, por isso, do princípio invocado pelos Diretores da Antena 1 e da Antena 3. Para que fique claro, a Rádio Pública não suprime palavras nas obras musicais que difunde // e opta pelas versões integrais.

A importância social da música não envolve apenas aspectos artísticos – a música e sobretudo as letras - espelham a evolução linguística, social e cultural de uma sociedade - refletem comportamentos, problemas e aspirações, e são fruto de contextos económicos e políticos. Nos anos 50 e 60 - a música - e a rádio - tiveram um papel ativo nas mudanças sociais, foram o corpo e a alma de uma geração. E na história portuguesa as canções até comandaram o relógio de uma revolução e foram uma arma na luta política. - É pelo que Dizem – e como se entoam - que são transformadas em hinos. A rádio Não cumpriria o seu papel se ficasse à margem e fosse um mero espetador. Mas a Naturalização do calão também não significa abrir as portas a tudo a todo o tipo de palavras. Haverá sempre limites, mas não podem ser rígidos ao ponto de desvirtuarem a realidade em que vivemos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Locuções de Paulo Rocha e Rui Santos

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

Programa 25_Rádio fora de Portas_Desporto

São - Os últimos a sair.

01_PS_lanterna - Meus senhores...vamos fechar a partir estádio da luz...à média luz...aqui com o telemóvel a iluminar...e o néon...exatamente – 21 ”

Na série Rádio Fora de Portas o Gabinete da Provedora juntou-se às equipas do desporto. Fomos ao Portugal-Bósnia em Lisboa E porque o desporto não vive apenas de futebol fomos também ao Rali do Marítimo/Município de Machico 2023, na Madeira. Dois eventos desportivos transmitidos em diferentes antenas da rádio pública.

Rádio e futebol – é uma relação vivida tão intensamente quanto a velocidade do relato do jornalista. À sua volta, um estádio cheio de gente que agita cânticos e cachecóis – um espetáculo de luz e de sons – ensurdecedores – levados pelo microfone até ao Ouvido.

Técnicos, relatores, repórteres e comentadores entram em campo Muito antes do jogo. São eles que trazem ao ouvinte as imagens do relvado até ao último lance.

E quando o estádio se esvazia: saem os jogadores, sai o público, saem os jornalistas e os outros relatores...apaga-se a luz e os néon... já só restam a equipa da Antena 1, a Provedora e a repórter Inês Forjaz.

Rep_Inês Forjaz – 5’33

É uma das missões da rádio pública, a de levar a língua portuguesa a todos os continentes. Os relatos também cumprem essa missão.

02_PS_simultaneo - Emissão da Antena 1...África...Açores..dezenas...em todo mundo...ao som da rádio pública portuguesa...Portugal zero Bósnia zero – **20”**

Entre Quinze a Vinte rádios retransmitiram o jogo - a partir da Antena 1.

03_PS_rádios- A CORTAR

Um mundo de língua portuguesa de ouvidos postos na rádio pública.

Nem todas as provas desportivas são transmitidas em direto, como em tudo há critérios. Perguntámos **Quais** ao Diretor Adjunto de Informação e responsável pelo Desporto Paulo Sérgio

04_PS_critérios portugueses - Sempre que há portugueses a competir...tenho preocupação...acompanhar atletas...alta competição. – **28”**

Mas há outros fatores que condicionam as decisões editoriais - como os direitos de transmissão.

05_PS_direitos - Os direitos são demasiados caros...râguebi...não temos possibilidade pagar...não vamos presencialmente...fazer reportagem no local...não vamos conseguir fazer – **46”**

No caso do Campeonato Mundial de Futebol Feminino os direitos estão pagos, mas a transmissão tem outra condicionante: a diferença horária.

06_PS_feminino - Vamos ter um repórter...acesso aos estádios...direitos totais...1ºrelato...jogo histórico...1ªvez...montar operação dia 23...depois...manhã 1 8.30h...enorme pressão informativa...Papa...como contornamos...fazer informações...com enviado especial...comentador...convidados...de maneira a conseguirmos alocar tudo – **1’16**

Paulo Sérgio, Diretor Adjunto de Informação da Antena 1.

SOM-avião+Antena3

De Lisboa voámos para a Madeira. O desporto não é apenas futebol nem as emissões da rádio pública ficam só na capital ou no continente. Já vimos que as equipas da rádio pública são as **Últimas a sair** - e às vezes são **as primeiras a chegar**. E no caso da Madeira muitas vezes são mesmo as únicas a Estar. Exemplo disso é a transmissão de provas desportivas dos Açores e Madeira e que ganham espaço nas emissões regionais. Desta vez, o Gabinete da Provedora foi assistir ao Rali do Marítimo/Município de Machico 2023 transmitido pela Antena 3 Madeira.

SOM – gasolina

A conduzir a emissão estava Carlos Pestana e no terreno Valentina Jesus.

SONS RALI

Para chegar a todo o lado, os profissionais da RDP Madeira multiplicam-se em funções, horários, e emissões – caso desta equipa que começou a trabalhar às 5 da manhã e só parou depois da UMA da madrugada do dia seguinte - um assunto que merece Outra atenção - por isso - será abordado num próximo programa.

SOM para final-**34”**

Neste Rádio Fora de Portas saímos para o relvado e para a pista dos automóveis. Acompanhámos as equipas do desporto - os primeiros a chegar - e os últimos a sair.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação e montagem de João Carrasco.

Programa 26_ Queixas e Balanço Balanço e Queixas

O comentário e o relato nas transmissões em direto são duas das queixas analisadas neste Em Nome do Ouvinte.

Desde dezembro que respondo a queixas e críticas, elogios e sugestões dos ouvintes. Seis meses depois é tempo de fazer um balanço. E firmar algumas das recomendações que fui deixando no programa ou na troca de mensagens com ouvintes e com os responsáveis pelas diversas antenas da rádio pública.

Abrimos com duas queixas sobre as transmissões em direto.

A primeira sobre o debate no Estado da Nação. Foram mais de 4 horas conduzidas pela editora de política Natália Carvalho a partir da Assembleia da República.

Escreve a ouvinte que a jornalista foi fazendo apartes negativos - pergunta se tem que ser mesmo assim e se o normal não seria deixar acabar a intervenção do Primeiro Ministro - ou outras - e falar no fim.

01_NATÁLIA – o direto pelo direto...deixa protagonista falar...acrítico...não é papel...o papel é filtrar...não é censurar...pontuar...não se pode cortar intervenção...temos assistido...aquilo a que chamo...abrir...todos...sem critério...tem de haver critério...temos de seguir os debates...cabe jornalista pontuar...explicar...dizer... Contrariar informações não verdadeiras? Ou claras...vale a pena enquadrar, pontuar, explicar...demitir desse papel – **1’02**

E em resposta à ouvinte faço minhas as palavras de Natália Carvalho. Transmitir não é abrir o microfone. Do parlamento passamos para o futebol. A queixa não chegou por escrito, mas veio ter aos ouvidos da Provedora: aquilo que alguns ouvintes consideram ser o excesso de comentário na transmissão dos relatos de futebol, sobretudo quando o jogo já acabou e se aguardam as declarações de jogadores e treinadores. À crítica responde o responsável pelo desporto Paulo Sérgio, que é um dos jornalistas que também conduz as emissões de futebol na Antena 1.

02_Paulo Sérgio_comentário - O comentário faz parte da transmissão...acho que pessoas querem...ouvir comentário que elas fazem...temos 45 minutos depois terminarem jogos...permite...entrevistas rápidas...através televisões...conf imprensa...é esse o motivo...quando não acontece...não podemos por musica...temos comentário – (ex Espanha)...temos os nossos comentadores...critica recorrente porque acho...elas pp a pensar..não acontece...é muito aborrecido – **1’08**

No futebol ou na política as explicações coincidem: nos pontos mortos de um direto jornalístico não há silêncios nem espaço para a música, é a palavra e o improvisado que preenchem a emissão. O tempo determina a narrativa, é o fio condutor e cabe ao jornalista identificar, informar, resumir, contextualizar, descrever - ou seja - ser jornalista.

Desde dezembro - ouço - quem ouve - todas as antenas da rádio pública - e respondo. Nos primeiros seis meses deste mandato, o Gabinete da Provedora do Ouvinte recebeu 163 mensagens. Há três grandes temas: A informação, Programas e rubricas, e Futebol.

As mensagens são classificadas por temas. Ouço a emissões sinalizadas pelos ouvintes e e peço um esclarecimento aos visados: jornalistas, animadores, produtores, técnicos e aos responsáveis dos diversos departamentos das antenas da rádio pública. Cada caso é situado num contexto. Só depois é enviada uma resposta ao ouvinte. Às vezes é simples. Noutras vezes a resposta demora mais tempo. Ou porque exige

uma audição atenta, distanciamento e reflexão. Ou porque os esclarecimentos dos interlocutores demoram.

Há ainda as mensagens que ficam Sem resposta: as de carácter insultuoso no conteúdo ou na linguagem.

O papel do Provedor não se esgota nas respostas aos ouvintes, deve também mostrar como é a rádio por dentro e quando sai do conforto do estúdio. E no meu entender, a Provedora deve também sair do Gabinete para melhor conhecer o trabalho - de quem trabalha nas rádios. A série Rádio fora de Portas é uma forma de observar no terreno como se faz bem, o que falha e porquê. Ao longo destes seis meses o Gabinete da Provedora percorreu algumas delegações, centros regionais e centros de produção. Acompanhou repórteres, animadores, técnicos, equipas de emissões especiais e antenas, saiu com os programas de informação e programação e foi ouvindo Quem todos os dias leva a Rádio aos ouvintes. A série Rádio fora de Portas é uma forma de abrir a rádio pública // ao público.

Neste dia a dia, desde as equipas das antenas emissoras aos técnicos // dos produtores aos realizadores // dos jornalistas aos animadores - desde Quem faz a Quem decide - encontrámos pessoas que vivem para a rádio e para o serviço público.

E também encontrámos problemas – alguns foram resolvidos, outros estão em vias de resolução, e há os que não têm fim à vista e que se repetem. A resiliência do meio rádio é extensível a quem nele trabalha.

Nos programas Em Nome do Ouvinte foram abordados temas que à primeira vista podem parecer do domínio interno – mas Não São – a partir do momento em que se refletem em antena e naquilo que o ouvinte escuta. E algumas queixas e críticas remetem para investimentos que a rádio pública devia fazer - e para o que devia ter e não tem.

Exemplo do que devia ter: Um Livro de Estilo, e para isso entrevistei Adelino Gomes, jornalista e antigo Provedor do Ouvinte.

06_Adelino Gomes_livro estilo – o livro de estilo só existe...obrigação...responsabilidade...estarem com a arma...brandir...falha...acordo...ouvinte tem direitos...jornalista deveres...prazer...melhorar...a quem se dirige – **35”**

Outro exemplo - Um Editor de opinião para os espaços de opinião, comentário e para a Antena Aberta. E, por isso, falei com o moderador e jornalista António Jorge:

07_António Jorge_Ed Op – isso seria excelente...garantia...no tempo do direto corrigir...pivot...não tem muitas alternativas...procura online do tema...perceber...confirmar ou desmentir...matérias delicadas– **44”**

A rádio pública também devia ter Mais informação na Antena 3, e ouvi o Diretor da 3 Nuno Reis.

08_Nuno Reis informação na 3 – a informação é importante...não partilho...importante em qualquer canal...não pode ficar de fora...tem ficado ou perdeu...dificuldades...eu...gostava de ter mais... ..e gostava ter outra participação...reportagens (ex antigamente)...nossa equipa vai assegurando...essa ligação com informação perdeu-se. – **53”**

A rádio precisa de ter Mais recursos humanos, sobretudo na informação. Para isso falei com o Diretor de Informação João Paulo Baltazar.

09_Baltazar equipa online – nós gostávamos de aumentar a equipa, ponto final...ter nº suficiente jornalistas na redação da rádio...sensível...acrescentar dimensão digital – **46”**

E na Internet a invisibilidade sistemática das rádios nos portais da RTP torna imperativa outra estratégia. Sobre o assunto, entrevistei o Diretor da Antena 1 Nuno Galopim.

10_Galopim Estratégia online – falta ainda criar estratégia digital...não se esgotar consumo linear...site tem de ser...ferramenta...áudio e vídeo...estimular amplificação consumos...tudo o que temos possa ser escutado...mergulhar...ótica do utilizador. – **35”**

Transversal a todos os setores, e na base da rádio que se faz e que se ouve, é a técnica nas suas diversas dimensões - Do sistema de produção e gestão dos conteúdos sonoros ao som da sintonia da rádio.

Desde o primeiro dia que o Gabinete da Provedora Sente e regista queixas sobre falhas contínuas no sistema Dalet - a principal ferramenta de trabalho de animadores, técnicos e jornalistas. Falhas que se refletem na emissão – ou seja - No que os ouvintes captam nos rádios do carro ou em casa. O problema pode ser entendido como uma questão interna, mas deixa de o ser quando prejudica a escuta clara e contínua do serviço público de rádio – isto é, quando prejudica os ouvintes.

11_Medley avarias EDL_com duas brancas

Em abril recebi a mensagem de um ouvinte sobre uma emissão atribulada na madrugada da Antena 1. O ouvinte descreve o que ouviu: “emissão sem jingles identificadores de estação, trilhas, indicativos de frequências, silêncios largos para o que se espera de uma emissão de rádio, sequência musical sem qualquer nexos”. E o ouvinte questiona se esta “é a rádio pública que desejamos” e se “condiz com os standards que se esperam” de uma rádio como a Antena 1.”

A queixa foi enviada para o departamento de Engenharia, Sistemas e Tecnologia que respondeu que, de facto, houve problemas com o computador de emissão da Antena 1 que foram resolvidos e a emissão retomada. // Problemas técnicos acontecem, sobretudo, num meio que depende de equipamentos e da tecnologia para funcionar em todas as suas vertentes. Mas o facto é que desde o primeiro dia que **Este** é um assunto diário nas conversas com a Provedora onde quer que vá - e sejam quais forem - as rádios.

E neste ponto, identifica-se um problema chave na produção e gestão dos conteúdos sonoros. A rádio pública funciona a diferentes velocidades. Exemplo disso é o facto de o DALET, o sistema de edição e emissão com que se trabalha em Lisboa e Faro ser uma versão diferente Da Dos centros de produção e regionais – os problemas são diários – prejudicam o fluxo de trabalho de animadores, jornalistas e técnicos – e ouvem-se distintamente na emissão de todas as antenas da rádio pública. É ainda mais premente nos centros regionais dos Açores e Madeira em que as quebras – ou brancas - na emissão são constantes e apelam à paciência e resiliência dos ouvintes. Foi solicitado um esclarecimento ao Diretor de Projetos, Sistemas e Tecnologia de Informação da RTP, mas não foi possível obtê-lo a tempo da gravação deste programa. Por isso, volto a este assunto em setembro.

Ainda na área técnica, mas sobre emissores e antenas. Têm sido feitos investimentos, mas falta a execução de um plano que já tem prioridades definidas. Uma delas é a compra e instalação de mais UPS - como explicou Vitor Fernandes responsável técnico dos emissores.

12_Vitor Fernandes_UPS curto – eu diria que urgente é ter UPS aqui na Lousã...emissão não se vai desligar...24horas...garante..energia não vai faltar...não vamos ter interrupção emissão...no litoral...80% população...lisboa...distrito Faro...investimento...mais 4 UPS...Lousã...Monte da Virgem – **53”**

A rádio depende em primeiro lugar da equipa das antenas para se fazer ouvir, é uma função fundamental e, por isso, há que tornar o recrutamento mais atrativo para consolidar equipas e garanti-las para o futuro. Fica o alerta da responsável pelas antenas emissoras na RTP Ana Cristina Falâncio.

13_Falâncio futuro – a única alternativa...aprecio muito pouco...antenas...trabalho feito com dipol...garantir o que está montado feito como deve ser feito...sério...poderá haver...não conheço...não...para todos os efeitos...o ouvinte é que os nove...soluções..emissão por principio o nosso lema...faremos tudo...principio de toda a equipa – **45”**

A Provedora é uma Ouvidora – de todas as vozes - de quem escuta a rádio, mas também de quem a faz e toma decisões, e dos que sobre ela refletem. Uma reflexão a 4 vozes que tem um único fim: contribuir para uma melhor rádio de serviço público - Uma rádio com ouvidos

*VOZ - O programa da Provedora do Ouvinte regressa em setembro
Mas até lá*

A caixa de correio está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação de Rui Fonseca e Montagem de João Carrasco.

Programa 27_Mundial Futebol Feminino Agilidade

Repúdio, discriminação, tristeza, indignação, desrespeito, vergonha – as palavras estão nas mensagens dos ouvintes da Antena 1 recebidas no Gabinete da Provedora. Reações à forma como foi tratado o Campeonato do Mundo de futebol Feminino que se realizou na Austrália e Nova Zelândia. Os ouvintes queixaram-se, quiseram saber porque dois dos três jogos da seleção nacional não foram transmitidos na Antena 1. Vamos ouvir a respostas.

Em fevereiro deu-se largas à expectativa: a seleção portuguesa de futebol feminino qualificou-se, pela primeira vez, para um Mundial.
O apuramento foi saudado com rasgados elogios: notável, inédito, histórico, um grande feito para o desporto português e para a igualdade no desporto, e - nas palavras do presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes: uma vitória importante para transformar definitivamente as mentalidades.

(trilha) Nova Zelândia - Primeiro jogo da seleção feminina - 8 e meia da manhã de um domingo, começa a emissão da Antena 1.

01_Relato_23julho (PORTUGAL-PAÍSES BAIXOS)- (fim de jingle) 23 de julho de 2023...data livros história...estreia...1ªvez fase final...estreia-se pela 1ªvez...mulheres demoraram 32 anos...curioso, 1º que os homens que demoraram 36 anos...mundo – **36”**

A Antena 1 tinha um enviado ao Mundial, fez o relato do primeiro jogo, mas Não dos dois seguintes. Quais os critérios - foi a questão que colocámos ao então diretor adjunto de informação e coordenador do Desporto Paulo Sérgio.

04_PS_1º jogo – aos-39” - fazer o jogo abertura...espaço em antena...pressão JMJ...incêndios...não desmontar manhã...mas jogo em presença...não teve relato....apenas e só isso – **1’04**

As queixas dos ouvintes pela falta de relatos começaram a chegar logo no final do Portugal-Vietname - e continuaram - até ao Portugal-Estados Unidos.

Queixa 5 H + Queixa 3 M + Queixa 4 H – Queixa 1 M + Queixa 2 H – 59”

Às questões dos ouvintes responde Paulo Sérgio na altura diretor adjunto de informação e coordenador do Desporto.

05_PS_respostas – curto - Nessa altura...JMJ...pressão incêndios...ficou assim decidido...decisões muito antes...não tomamos decisões com base redes...DI e DP...DP ultima instância decide...não seria relato integral...conjunto janelas...em permanência...**questão ouvintes: se fosse masculino dava?**- claro...coisas diferentes – **em que medida?** - desde 1996 está fases finais...foi campeão europa...forma medir isso...audiências tv...são coisas diferentes ainda...próximo campeonato mundo...teremos relato jogos todos – **ouvintes: inclusão à séria?** – não quero falar disso...inclusão à séria?...fizemos campeonato europa...enviamos repórter NZ...direitos...repórter e comentador...tudo pago...fizemos jogo apuramento...final da tarde...liga...taça Portugal...taça liga – **não era campeonato histórico?** Fizemos o 1º jogo – **olhando 1 mês depois?** – está feito – **2’38**

A decisão foi tomada pela Direção de Informação em conjunto com a Direção de Programas da Antena 1. Nuno Galopim responde assim às questões dos ouvintes.

06_NG_respostas e futuro - curto - Todas estas decisões...conjunto...modelo desenhado aplicado teria ser o aplicado...- **planificado e Alterar?**...se fosse esse o sentido...entre as 2 direções podia ter sido diferente, mas...teria ser este modelo a adotar - **Palavras das queixas: discriminação, repudio, tristeza...diversos sentimentos...Homem/Mulher – ouvintes...poderia ter feito diferente olhando 1 mês depois?** Por exemplo...agenda atenta ao futebol feminino...Final Super Taça...integrou...processo habitual de acompanhamento independente género na mira – **relato futebol masculino...teríamos dado?** Não posso responder - **Hipótese de desmontar manhã 1?** Haveria sempre hipótese...Dadas características do modelo de trabalho...havia constrangimentos...JMJ...naquela altura difícil fazer diferente – **1 mês depois Refletir?** Naturalmente...dar em direto do final supertaça feminina...sim, naturalmente apareceu– **2’10**

Os dois últimos jogos da seleção feminina no Mundial não foram transmitidos na Antena 1, mas foram relatados pela Antena 3. Já tinha havido um relato em 2002 - do Bayern de Munique-Boavista da Liga dos Campeões – mas não deixa de ser uma experiência inédita numa antena pouco dada ao futebol. E por isso, a emissão teve contornos diferentes.

08_Som A3 -

À distância, de olhos postos na televisão do estúdio, a 3 foi a alternativa para quem quis ouvir os jogos em direto. Os ouvintes deram conta e registaram:

Queixa 2 M + queixa 3 H

O Diretor da Antena 3 Nuno Reis explicou porque decidiram fazer os dois relatos.

07_NR v2 – porque percebemos...decidimos avançar nós...missão sp – **não foi relato?** - foi com condicionantes, a partir de Lx...relato diferente...diferia brincadeira...descontraído...- **repórter NZ?** – sim, foi colocada...mas...estava...serviço A1 - **reações agrado e desagrado?** A3 não ligada relatos futebol...um há vários anos...umas...outras a...e a achar porcaria...e achar boa...uma das coisas que pesou...hora...audiência...nos carros...fazia sentido rádio publica estar presente...não habituadas, mas perceber...simbolismo...perceber A3 abriu...recebeu...risco controlado...estamos cá para isso// – **2’03**

Os dois relatos da Antena 3 foram transmitidos em simultâneo com a RDP internacional e a RDP África.

Dos 3 jogos em que a seleção nacional jogou no Campeonato do Mundo de futebol Feminino, a Antena 1 transmitiu o primeiro jogo, mas Não os dois seguintes.

Ouvimos as razões das direções de informação e programação. Argumentos e opções são sempre defensáveis - e eles existiram: a proximidade das Jornadas Mundiais da Juventude, a visita do Papa, o facto de os jogos coincidirem com a manhã informativa. Foram também invocados critérios desportivos. A programação não foi alterada, mantiveram-se rubricas e espaços para a música. E de 15 em 15 minutos o repórter na Nova Zelândia e o comentador fizeram intervenções breves na emissão.

Medley novo_palavras – 1’07

O que se ouviu na emissão contrasta com as opções tomadas. Se se trata de uma prestação histórica, de elite, emocionante, memorável – a seleção feminina acabou por não ter o palco principal na emissão da Antena 1. Os ouvintes, homens e mulheres, escreveram à Provedora - registos entre a indignação e a tristeza.

Há vários pontos passíveis de reflexão. Um deles é a expectativa gerada pela seleção feminina – um contexto social e desportivo único que já tinha sido refletido na rubrica diária A Vez Delas - e o efeito que a prestação do futebol feminino já tem - e terá - na mudança de mentalidades e tudo o que ela abarca. - Ou seja, quando se fazem opções, há que saber ler o que nos rodeia, corresponder a expectativas ou antecipá-las, e correr riscos.

A questão das audiências é, também por isso, um critério discutível sobretudo numa rádio de serviço público - e é um critério dúbio: este Mundial bateu recordes de audiências nos estádios e fora deles. Se olharmos apenas pelo critério do que é notícia, temos um conjunto de valores: novidade, a primeira vez, a proximidade, o que circula ou do que se fala, o repórter no local – numa palavra, a relevância – a relevância crescente de uma temática noticiosa que ainda não conquistou um lugar cimeiro na cobertura mediática.

Uma última nota para voltar a lembrar que uma das características que continua a diferenciar e a afirmar a rádio ao longo da história é a Agilidade - a capacidade de rapidamente poder adaptar-se à realidade enquanto ela se desenrola E responder às mudanças da sociedade em que se insere. Não é por acaso que a rádio é o meio resiliente. Apesar de ser planeada ao segundo para nada falhar - tem sabido ser ágil e flexível quando a realidade se impõe ou está em mutação.

Na cobertura do desporto feminino há passos dados, mas é nestas alturas que o serviço público pode tomar a dianteira e afirmar-se.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Morgado e montagem de João Carrasco.

Programa 28_JMJ e verão Queixas de verão

No verão, os ouvintes também foram de férias e escreveram menos à Provedora. Das mensagens recebidas há um tema que sobressai: a cobertura da Jornada Mundial da Juventude. E uma única crítica: o tempo de emissão dedicado ao assunto na Antena 1.

Em agosto a atualidade informativa foi dominada pela Jornada Mundial da Juventude. Um encontro de jovens de todo o mundo com o Papa Francisco que se deslocou a Lisboa e a Fátima.

A RTP foi a host, ou seja, a responsável pela recolha e distribuição, das imagens e som da Jornada, a nível nacional e para todo o mundo.

Foram seis dias com muitas horas em direto dedicadas a um único tema na rádio pública e em todos os média - E foi **O tempo de emissão** que suscitou as críticas dos ouvintes.

Nos dias anteriores a Antena 1 antecipou o acontecimento com reportagens e programas diários. E durante os seis dias da Jornada Mundial parte da programação foi preenchida com emissões especiais - ao todo, mais de 50 horas. Um tempo que alguns ouvintes consideraram excessivo. E por isso, escreveram à Provedora.

QUEIXAS JMJ – 41”

Q1_JMJ_HOMEM_JMJ - Não é missão da rtp enquanto entidade pública, de um estado laico e pago imperativamente por todos os cidadãos estar por estes dias, ao serviço quase exclusivo de uma entidade religiosa...

Q2_JMJ_MULHER_JMJ - Protesto veementemente pelo conteúdo da programação da antena 1 nos últimos dias. De facto, regressamos ao tempo da emissora nacional: Fátima, futebol e fado.

Q3_JMJ_HOMEM_JMJ - Venho por este meio protestar contra a transformação da RDP, (rádio pública que todos pagamos) na rádio Eclésia, como se no nosso País não existisse mais nada para além da vinda do Papa. Que se dê relevo às intervenções do Papa tudo bem, mas a *overdose* editorial é uma agressão a todos os que não são católicos, e que a RDP devia respeitar.

Mensagens recebidas no Gabinete do Provedora e reencaminhadas para a direção da rádio pública. Vamos ouvir as explicações dos responsáveis pela emissão, começamos pelo Diretor da Antena 1 Nuno Galopim.

01_Nuno Galopim_JMJ Curto - Deu-se o tempo que justificava uma iniciativa com a dimensão...volume... fazia sentido...houve janelas de tempo...acompanhados...vale a pena sublinhar...host...era natural ser a primeira – **estado laico, rádio eclesía** – houve claramente DP sublinhar de uma necessidade...com sentido ecuménico...escutando todos...professar nenhuma fé – **1’02**

De 31 de julho a 6 de agosto, a programação da Antena 1 alterou-se para acompanhar a Jornada Mundial da Juventude e a visita do Papa Francisco a Lisboa e Fátima. A média diária das transmissões em direto oscilou entre as 7 e as 9 horas consoante os acontecimentos agendados para a cobertura jornalística. Demasiado tempo, queixaram-se alguns ouvintes. Vamos ouvir a resposta do coordenador da emissão especial e então diretor Adjunto de Informação Paulo Sérgio.

02_Paulo Sergio_JMJ Curto – a JMJ foi o maior evento...fui responsável...mereceu da rádio pública a cobertura que devia ter tido...laico...argumento fraco...evento social...mais 1 milhão...mereceu cobertura que a rádio pública devia ter dado...em 2007...mesmo espaço e cobertura...ligeira diferença...2 dias...5 dias...maior evento alguma vez realizado em Portugal...ficaria mal à rádio pública...algumas estações emissoras até mais...e fez exatamente...espaço que devíamos ter dado... **quantas horas?** – não lhe sei dizer...**7h diárias?**...papa chegou dia 2...emissão contínua...belém...sequenciais...mosteiro jerónimos...dias seguintes...9...meio dia...tudo junto...50 a 60 horas – **quantas pessoas?** 40/50 – **repórteres?** – 27/30 – **estúdios no local?** Sim...todos os sítios...aqui...Fátima...4...equipas técnicas...carros...foram 7 meses de trabalho – **3’13**

Paulo Sérgio, o Coordenador da emissão especial na Antena 1 da Jornada Mundial da Juventude e da visita do Papa Francisco a Lisboa e Fátima.

O verão tem fama de ser a silly season, uma época de poucas e fracas notícias. Mas a realidade não vai de férias e agosto acaba por ser um mês em que há sempre uma notícia forte – ou uma notícia que domina toda a informação. A época é terreno fértil para as emissões monotemáticas. Quando se junta um acontecimento mediático com o mês de agosto, a tendência confirma-se. E foi isso que aconteceu.

Emissões em direto, reportagens, entrevistas e comentários - durante seis dias, literalmente, a rádio mudou de casa.

03_JMJ arranque_ inicia emissão...segunda casa da rádio...primeiro banho de multidão oficial...labirinto...preenchido...jovens...bandeiras...25 hectares...centenas comitivas...gente a chegar...festival de música...cânticos...Ronaldo...há quem dance...freiras...ritmos...azul turquesa...altar...varanda gigante verde para o Tejo...- **1’17**

A Jornada Mundial da Juventude é um acontecimento religioso mediático de grande escala, pensado para grandes espaços e multidões, realizado e planeado com detalhe para a transmissão nos média. E os média correspondem ao potencial interesse das audiências com uma cobertura exaustiva. Nesta Jornada e na visita do Papa Francisco tudo se mediou em milhares para atestar o que foi considerado o maior evento de sempre em Lisboa e até no país.

No contexto português não se coloca em causa a prestação do serviço público numa transmissão como esta.

O tempo de emissão dedicado ao assunto não pode ser analisado de forma isolada, dissociado do conteúdo e tratamento jornalístico.

A Antena 1 não foi um Mero transmissor das cerimónias, nem poderia sê-lo. Para os ouvintes que se sentiram incomodados com as intervenções durante as cerimónias religiosas a resposta é a mesma que já foi dada Noutras ocasiões: a cobertura da Jornada e da visita papal foi Jornalística – ou seja, com o objetivo de contextualizar, descrever, analisar, colocar a atualidade em perspetiva, e ouvir outras vozes – mesmo as de contestação ou de outras crenças.

Qualquer emissão é passível de reflexão posterior até para avaliar o que foi feito e sobretudo **Como** foi feito - e para se aprender com o que falhou, mas também com o que resultou.

Neste verão, outro tema dominou as queixas dos ouvintes: a programação de agosto – concretamente a repetição de programas e rubricas.

QUEIXAS VERÃO – 27”

Q_verão 1_repetição_HOMEM - Quando se entra no mês de agosto, a grande maioria das rádios alteram a programação e para pior! Na Antena 1 passam bons programas de entrevistas, reportagens, de opinião, porque não fazer uma seleção destes programas e voltar a passá-los durante o mês de agosto-

Q_verão 2_podcast_MULHER – Normalmente oiço o programa via RTP Play, verifica-se, contudo, que neste mês de agosto, nem uma vez o programa fiou disponível. Não é a primeira vez que tal acontece, nem é a primeira vez que reclamo tal.

Estas são duas das queixas que chegaram ao Gabinete da Provedora. Quais os critérios para repetir programas em agosto, foi a questão colocada ao Diretor de Programas da Antena 1 Nuno Galopim.

04_Nuno Galopim_verão curto– foi precisamente isso que aconteceu em alguns dos horários...o meu brasil...histórias de grandes canções...na grelha verão...aligeiramento sobretudo conteúdos informação...não de palavra...mais música...- ***há programas repostos, não colocados em podcast*** –...não faz sentido perante repetição...-***reposição, não volta***...já lá está...é colocado e fica, não faz sentido...segunda vez...está lá – ***são escolhidos pelos autores?*** São escolhidos pelos autores – **1’15**

Fica a explicação: os programas que são repetidos na rádio, como acontece por exemplo em agosto, não voltam a ser republicados na RTP Play porque já estão disponíveis desde a data em que foram emitidos pela primeira vez.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Morgado e montagem de João Carrasco.

Programa 29_Festivais de verão (+ frase)

Na série Rádio fora de Portas recuamos ao verão – e aos Festivais. Mais do que um conjunto de concertos são um acontecimento cultural – há-os por todo o país e de todos os géneros, para multidões ou nichos de audiência. Muitos são ouvidos fora do recinto fechado – através da rádio - transformada num palco que leva os festivais a quem ficou em casa.

A transmissão de concertos na rádio é tão antiga quanto a telefonia e um dos pilares da programação. Colocar a cultura ao alcance de todos é uma das suas funções e em especial da rádio pública.

Neste programa mostramos como se prepara a transmissão de um festival. Escolhemos dois exemplos: um em que a rádio pública foi parceira oficial e outro em que não foi.

Festival Músicas do Mundo – Antena 1, RDP África, Antena 3, e RDP Internacional instalaram-se em Sines por quatro dias – foram as rádios oficiais de um festival com diferentes sonoridades geográficas e culturais. A operação começou a ser planeada muito antes pelos produtores – mais uma das funções invisíveis da rádio - registada pelo microfone da repórter Célia de Sousa.

REP_Célia – 5’09

Fecha-se Sines e parte-se para o próximo. Em julho já a época dos festivais vai a meio. Damos a volta ao país e paramos no Alto Minho em pleno agosto - no Festival Paredes de Coura transmitido pela Antena 3. A repórter Inês Forjaz acompanhou o trabalho de quem prepara a emissão que escutam na rádio.

REP_Inês – 6’02

Em Paredes de Coura a Antena 3 não foi a rádio oficial, mas transmitiu concertos, fez uma emissão especial e lançou dois podcasts para assinalar os 30 anos do Festival.

Dias antes estive em Ponte de Lima - foi vista, ouvida e falada...na rádio Ondas do Lima.

SOM_rádio (tirei 3 sons – mix?)

Excertos de uma emissão da rádio local Ondas do Lima.

Para lá da música - estar nos festivais - é também uma forma de descentralizar e apoiar o que se faz fora dos grandes centros - como diz Luís Oliveira sub-diretor da Antena 3.

LO_impacto - ...há vontade...orgulho...primeiras iniciativas...percebe-se o impacto...rádio nacional disposta...tomando pulso...evento e comunidade...eu acho...descentralização deve ser bandeira...é mais difícil organizar Ponte de Lima e...do que Cais Sodré...impacto território...comunidade...devemos estar presentes – **1’19**

Ao longo do ano, os vários canais da rádio pública saem dos estúdios para serem o Palco dos festivais realizados no país ou noutros continentes: de Faro à Cidade da Praia, de Lisboa a Guimarães, de Bissau a Paredes de Coura, de Óbidos à Póvoa de Varzim, de Maputo até Rabo de Peixe passando pelo Funchal.

Os festivais têm uma dimensão nacional, mas têm Também **impacto local**.

E não podem ser vistos apenas como um Mero espetáculo de música.

Independentemente de serem parceiras, as diferentes rádios do grupo RTP não se limitam a dar música - dão visibilidade a lugares e a quem os habita, contribuem para a divulgação e afirmação de iniciativas locais, cumprem a vocação de proximidade e de promoção da diversidade cultural previstas no Contrato de Concessão.

Quando a rádio amplifica um festival está também a dar voz à região que lhe dá palco. E esta é também a função da rádio pública.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e montagem de João Carrasco.

Gravação de João Almeida - Montagem de João Carrasco

Programa 30_Madeira_FF Eleições e Futebol

Neste programa analisamos a cobertura das eleições regionais da Madeira na Antena 1 nacional e voltamos ao Futebol Feminino.

Em tempo de eleições, abrem-se espaços fora dos noticiários para a campanha eleitoral. Na noite dos resultados, como é tradição, ouvem-se projeções, vencedores e vencidos, reações, opiniões e análises.

Na Madeira, realizaram-se eleições para a Assembleia Legislativa e eleger o novo governo da região autónoma.

A campanha eleitoral começou a 10 de setembro, um domingo.

Som 1_inicio campanha eleitoral_10set_21h – Arranca hoje...no governo regional...votam a 24 set...47 deputados...13 candidaturas...campanha eleitoral vai ser acompanhada pela Antena 1 – **40”**

Pela Antena 1 Madeira sim, mas pela Antena 1 nacional nem tanto.

Na primeira semana não houve notícias sobre as ações de campanha ou propostas das candidaturas. Na segunda semana, ouvimos reportagens com retratos sociais da ilha.

As eleições só entraram nos noticiários nos últimos dias da campanha eleitoral.

Na noite da votação, quem sintonizou a Antena 1 nacional ouviu a emissão do desporto que, de vez em quando, foi atualizando a informação Com as projeções e os resultados.

Som 2_emissão futebol - Isso é politica agora é futebol – **1’16**

Uma jornada de desporto em que as eleições na Madeira só ganharam espaço às 11 da noite – já a noite eleitoral - e a emissão da Antena 1 Madeira - iam a meio.

Foi, aliás, o enfoque e o espaço dado às regionais madeirenses na Antena 1 nacional que motivou notas de desagrado que me foram chegando logo na noite eleitoral.

Notas de que dei conta ao Diretor de Informação que nessa altura iniciou funções. Mário Galego assume que nem tudo correu bem e invoca várias circunstâncias.

01_NOVO_Galego_campanha - A nomeação da nova equipa...8 set...atenção que não ser de desculpa, não é uma desculpa...18 set...nova grelha...programas de informação...e ao mesmo tempo...equipas...formação diferente do que até ali acontecia...é uma grande coincidência...timing...pensar noutra abordagem...madeira...18 set ultima semana...tentamos encontrar soluções...não pode passar ao lado...repórter...retratos sociais...desafiamos editores da A1 a olhar para A1 Madeira...recuperar...pôr informação em antena...assumo que não houve aqui um entendimento...pouca informação...na antena 1 nacional sobre campanha...ideia era...eles dão campanha e nós retratos...colorido...não aconteceu – **1’23**

Mário Galego reconhece que houve pouca informação na Antena 1 nacional durante a campanha eleitoral. Sobre a noite das eleições, o diretor de Informação destaca o simultâneo com a Antena 1 Madeira.

02_Galego_Madeira noite - quanto à noite eleitoral...19h...simultâneo...excelente trabalho...projeções...desporto no ar...abriu janela...noticiário 20 e poucos deu conta resultados provisórios...com registos...resultados...discursos...emissão especial...com A1 Madeira...23h a meia noite...não passou ao lado da rádio publica...tradição da Antena 1 - **1’14**

Esclarecimentos de Mário Galego, Diretor de informação da Antena 1.

Um conjunto de circunstâncias fez com que a rádio pública no continente não desse grande espaço às eleições regionais durante a campanha. E o simultâneo com a Antena 1 Madeira permitiu à Antena 1 nacional acompanhar a noite eleitoral a partir do Funchal – uma articulação que, podia ter sido feita com mais frequência nas ações de campanha, como reconheceu Mário Galego.

Se o envio de repórteres à Madeira pode revelar um outro olhar sobre a realidade - a existência de uma redação no local é a mais-valia da rádio pública que se deve refletir em antena tanto quanto a relevância que as eleições regionais têm.

Como já abordámos noutros programas, a emissão de desporto sobrepôs-se ao resto da atualidade – apesar das notícias periódicas e sintéticas. Mesmo que a audiência dos relatos de futebol tenha a expectativa de ouvir apenas os jogos, há a outra audiência que espera sintonizar a rádio pública para acompanhar a atualidade - como a noite eleitoral na Madeira.

Neste como noutros casos, a existência de canais alternativos é uma possibilidade – como vamos ouvir mais à frente neste programa.

O Futebol Feminino já foi tema do primeiro programa de setembro. Na altura demos voz aos ouvintes, homens e mulheres, que escreveram à Provedora pelo facto da Antena 1 não ter transmitido **dois** dos jogos do Mundial. No dia em que o Programa foi emitido, a seleção feminina jogou com a França na fase de apuramento da Liga das Nações. A rádio pública não transmitiu nem esse jogo nem o seguinte em que Portugal defrontou a Noruega no Estádio Cidade de Barcelos – os ouvintes voltaram a queixar-se. E a Provedora voltou a encaminhar as queixas para a Direção da rádio.

A Antena 1 vai fazer relatos Se a seleção feminina for apurada – é o que nos responde o novo Diretor de Informação - mas para já vai seguir o que estava planeado.

03_MGalego_Futebol- A decisão de acompanhar já estava tomada...isso não quer dizer que continue assim...decidiu alterar alguns procedimentos de futuro...se conseguir o apuramento...nessa altura...A1 a fazer relatos...é uma primeira decisão...prometemos avaliar com cuidado...**não serão feitos?**...com informações...**O facto de fazerem só quando apuradas, falta de pessoas na redação?** Antes de acompanhar há um peso enorme, a redação desporto disponível para fazer tudo... redação tem sempre falta de gente... ..falta gente para cumprir todos serviços...pode ir resolvendo...futuro espero...permanência equipas com sucesso - **só para sintetizar...porquê?** Estava tomada...acompanhamento apenas...fase final está decidido...relatos – **argumento estava planeado...agilidade?** – sim faz, a rádio é ágil...altura em que temos de planear...repórter...não podemos fazer o que nos aparece...agilidade curta e pouca...não tão ágeis quanto deveria ser – **2'46**

Mário Galego. A Antena 1 vai transmitir os jogos se a seleção feminina de futebol for apurada para a Liga das Nações. Os de apuramento vão continuar a ser acompanhados com apontamentos de reportagem durante a emissão.

Mais uma vez, o caso não pode ser analisado isoladamente.

A meio da época passada, a Antena 1 passou a transmitir os jogos do Braga, terceiro classificado da Primeira Liga. Há um foco cada vez maior no futebol feminino E noutras modalidades que progressivamente vão somando vitórias e títulos, mobilizando as audiências – se por um lado o serviço público deve refletir essa realidade, por outro lado há o risco de sobrecarregar a antena com transmissões desportivas.

O Gabinete da Provedora recebe queixas dos que reclamam por não se fazerem relatos e dos que protestam por se dar demasiado tempo ao futebol. Há uma reflexão e uma ponderação a serem feitas que passam também pela existência de canais alternativos fora do FM. A questão também já tinha sido abordada num outro programa, mas voltou a ser colocada ao Diretor da Antena 1 Nuno Galopim

04_NGalopim_futebol e online CURTO - Há uma reflexão interna..a questão do Braga...reagimos em função do que estava a acontecer...o mesmo...futebol feminino...era um espaço que não estava bem representado na rádio...é preciso estar atento...sobretudo resultados...apesar...rádio...monotemático...não é assim tanto...**relatos, alternativa ao FM?**...há...capacidade humana e técnica...mas sim o online é um extra...amplifica...abordar vários acontecimentos, não apenas os desportivos...mundial futebol...rádio online...nada nos impede...capacidade humana e técnica...amplificar essa cobertura – **1'37**

A questão dos canais alternativos ao FM pode vir a ser equacionada, é também a resposta do Diretor de Informação Mário Galego - quando houver condições.

05_MGalego_online CURTO– para já não há um canal alternativo...pode vir a ser...não está ainda a ser debatida...o peso do futebol...para a audiência sobrepõe-se na tomada de decisões...não sei se vai poderá continuar a ser assim... há um avolumar de muito futebol...temos de ser equilibrados...natural peso parte audiência...rádio conhecida principais relatos...futebol não pode ter tanto peso...desequilibrar...rádio pública – **online?** – sim...mas não – **1'12**

A rádio não se esgota na rádio - e as plataformas na Internet continuam a ser um complemento e uma alternativa às ondas hertzianas. Diversificam os conteúdos com duração limitada/que se extinguem em períodos de tempo mais curtos/ ou a eventos temáticos, respondem a diferentes interesses E hábitos das audiências, e fazem cumprir a missão de serviço público para todos como está expresso no Contrato de Concessão – Já ouvimos que não faltam ideias nem audiências. Resta esperar que estejam criadas as condições necessárias.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e montagem de João Carrasco.

Programa_31_Açores

00_Jingle de estação (da ilha para a rádio da rádio para o mundo A1 açores)+

Neste Em Nome do Ouvinte ficamos sintonizados na Antena 1 Açores.

28 de maio de 1941 – Data do início das emissões da rádio pública em Ponta Delgada – de Emissora Regional dos Açores da Emissora Nacional - a RDP -até à Antena 1 Açores - já lá vão 82 anos.

E em alguns locais do arquipélago é a única estação de rádio que se consegue sintonizar.

São 17 horas de emissão autónoma: música, programas e informação com uma voz própria feita a pensar numa audiência que se distribui por 9 ilhas.

O foco da informação é sobretudo regional. Ao longo do dia há vários noticiários e sínteses regionais além dos programas de entrevista e debate. Todos São assegurados por jornalistas em Ponta Delgada, Faial e Terceira e pelos colaboradores das restantes ilhas. Ultimamente a relação entre a redação regional e a nacional tem-se estreitado. O que é notícia nos Açores às vezes passa nos noticiários nacionais, e é presença diária no programa Portugal em Direto, o PD. Facto destacado pelo Responsável Informação Rádio - Pedro Moreira.

01_PM_informação – acertamos com redação do PD...nem sempre conseguimos dar resposta pedidos...**açores têm presença constante PD... e fora?** Tentamos...sismo e aviões que caem...colocar...algo...auditório nacional...contribuir com RDP Internacional e África...mentir-lhe-ia...pedido...automaticamente...resposta...não é...não temos capacidade...número pessoas na redação – **1'29**

Há 3 grandes jornais regionais feitos a partir de Ponta Delgada. Na programação aposta-se numa emissão descentralizada. Uma ideia recuperada recentemente como nos explicou a responsável pelos Programas Rádio - Lena Goulart

02_LG_descentralização –descentralização...não acontecia há 20 anos...praia vitória...ponta delgada...horta...sem descaracterizar...dar voz...**em termos logísticos?** deslocar...reforçar emissão...acresce passagens aéreas...rent a car...disparar orçamento... – **1'28**

A emissão começa às 6 e meia nos Açores, mais uma hora no continente. Terminado o simultâneo nacional a informação regional ganha espaço. Enquanto no estúdio decorre o programa da manhã, na redação prepara-se o dia E marca-se a agenda. À volta da mesa estão jornalistas, o responsável pela informação – e a repórter Célia de Sousa.

Rep Célia – folhas, *basicamente daquilo que eu percebi*...o ritual repete-se todas as manhãs...e amanhã há mais – **6'30**

Há mais com muito poucos.

Vamos a números: 12 jornalistas ao todo em São Miguel, Terceira e Faial, e uma rede de correspondentes e colaboradores nas restantes ilhas. Alguns são jornalistas de outros meios, outros têm outras profissões – e colaboram com a rádio pública quando podem e desde que a profissão não seja incompatível com o trabalho pedido. Na programação há 3 locutores na casa e os restantes são colaboradores.

A falta de recursos humanos é um dos problemas sublinhados pelo Diretor do Centro Regional dos Açores Rui Goulart.

03_RG_rh – neste momento, insuficientes na Antena 1 Açores...**esbarramos?** investimento temos...3 polos...restantes 6 ilhas...correspondente em part-time...alguns têm seus trabalhos ...orçamento para pagar inflação...e recursos humanos...colaboradores...pagos com orçamento de grelha...mas...circunstancias arquipélago...ilhas...têm identidade muito própria...muito fortes...obriga como serviço publico a ir lá – **2’34**

Ao longo do tempo, os anteriores Provedores e os diretores do Centro Regional chamaram a atenção para a antiguidade e as más condições dos estúdios de rádio. Este ano, a situação mudou e os Açores têm finalmente estúdios renovados. Ainda faltam detalhes, mas o que foi feito dá outras condições a quem trabalha e a quem presta o serviço público de rádio.

04_RG_estudios novos –foi construído estúdio novo...enorme investimento 22 e 23...não concluídos...cenografia...pendente...estrutural...cérebro...tudo renovado...novos... – **1’09**

Estúdios novos no Centro Regional dos Açores ao fim de uma longa espera.

A renovação permite também estender a rádio para lá da rádio: a Antena 1 Açores tem presença permanente nas redes sociais com a transmissão simultânea ou em diferido de programas e informação regionais.

O Diretor do Centro Regional dos Açores Rui Goulart aponta um problema transversal a toda a rádio, Mas que nos Açores é frequente. O programa de produção e gestão dos conteúdos sonoros, o Dalet, que de tão antigo nem sempre suporta a carga que representa uma emissão de 17 horas diárias. Às vezes falha e às vezes apaga-se. E com ele, apaga-se a emissão...

05_RG_ solução... dalet_curto – o que lhe posso dizer...direção CRA expôs...encontrar pode ou não ser o Dalet...departamento...ficou de fazer estudo...encontrar solução...porque o Dalet provoca atualmente falhas na emissão – **28” (som original RG_apagão_curto)**

O papel da Antena 1 Açores é por todos reconhecido, sobretudo quando se constata que não há outra rádio que alcance as nove ilhas ou que faça uma cobertura informativa efetiva no arquipélago, com reportagem, por exemplo, ou emissões descentralizadas. Depois do investimento nos novos estúdios, há outras questões emergentes: a falta evidente de recursos humanos, o recurso a colaboradores que fazem coberturas jornalísticas e que exercem outras profissões, um orçamento que não chega para as despesas da insularidade e dos preços do turismo aplicados a quem vive e trabalha no arquipélago, e uma solução efetiva para o sistema de produção e gestão dos conteúdos sonoros que mantenha no ar as emissões. Não são críticas - é antes a constatação de factos, de resto, sublinhados pelo Livro Branco do Serviço Público de Média que enumera estes e outros problemas que também detetámos na visita ao Centro Regional dos Açores.

O caminho apontado É o de Uma “Informação de qualidade e valorizadora dos territórios” – desde que sejam criadas as condições para melhorar o **que já há** - e se faz com poucos – e concretizar a missão da rádio pública nos Açores.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 32_Nova Grelha Nova Grelha

Novos programas, horários e uma nova sonoridade – neste Em Nome do Ouvinte vamos falar das alterações na programação da Antena 1. As mudanças suscitam sempre reações - vamos responder às queixas dos ouvintes.

SOM 1_transição grelha– 40”

A 18 de setembro a Antena 1 renovou-se.

A grelha aposta sobretudo em dois horários - os mais ouvidos - início da manhã e final de tarde. Entraram novos programas, outros acabaram, mudaram-se horários e equipas.

As alterações obedecem a uma estratégia da Programação e da Informação.

O que mudou e qual a linha orientadora foi o que perguntámos ao Diretor de Programas da Antena 1 Nuno Galopim.

01_MGalopim_grelha todos- No fundo há um processo gradual adaptação objetivo...falar um pouco para todos...utopia...vários públicos...2 espaços vocacionados informação...noite...nichos...23h...21h...formato...expressão cultura...temáticos...até às 2 da manhã...**rádio generalista, nichos, como se gere?** separando temáticas...horários...mobilidade...nichos...não são dominantes...partir das 21h...oferta com diversidade...7 dias...ativar atenção...cativar...nem esteja vocacionado...por ex...bd...livros...filmes...musicas...muitas formas...chegar aos diversos nichos – **2’20**

Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

A rádio começa o dia com o espaço 7 - 10 - o mais ouvido – que obedece a um conceito que cruza programação e informação. Aos microfones da manhã estão Frederico Moreno e Ricardo Soares.

Som novo

Uma nova manhã na Antena 1. Já falámos das alterações na programação, vamos agora saber quais as linhas de orientação para a Informação com o Diretor de informação Mário Galego.

05_MGalego_grelha – há 3 programas novos...espaço 10 horas... e um...periodicidade...à 2f acresce a isto uma faceta...serviço público...tenderá a ter linguagem...aproximação ao público...despertar...intenção nova direção – **como se espelha?** objetivo passa sempre despertar o ouvinte...mesma notícia...talvez ouvinte desligue...se não é novo...não surpreende...rádio morre um bocadinho...sem surpresa a rádio morre...consciência de quem faz e ouve...cuidado...ouvinte...direção editorial...olhar mais para a escrita...devemos contar e dizer...cuidado como criar curiosidade...sp...**critério proximidade** - vai haver certamente...desde início...olhar mais para alinhamentos PD e trabalho correspondentes...longo do dia...desenvolver...isto dá um leque maior às regiões...não só...RDP África...temos...olhar para alinhamentos RDP África...mesma abordagem...24 horas Antena 1 – **possibilidade alargar rede correspondentes** – se fosse decisão minha...todas capitais distrito...demografia assim o exige...teríamos de lá estar...a nossa intenção +é...não esquecer essas regiões...chamar a atenção...estar em antena – **3’35**
Mário Galego Diretor de informação.

Uma nova grelha suscita sempre reações de agrado e desagrado. À Provedora chegam sobretudo as opiniões de quem não gostou e centram-se em dois pontos: os ouvintes pedem mais música e queixam-se da alteração dos horários de programas e rubricas.

A ambas - responde o Diretor de Programas da Antena 1, Nuno Galopim.

06_NGalopim_Queixas_nova grelha - Não há menos música...manhã informativo...mesmo volume...final da tarde...horários suavização conteúdos...2 ou 3 canções...mantém-se...alterou-se...o que devia ser playlist...língua portuguesa...volume é o mesmo – **rubricas alteração** – mudou 1, já lá estavam...restantes mantiveram-se...manhã novas...mais pequenas...dinamismo...atualidade...sintonia com o que estava a acontecer – **1’47**

Respostas de Nuno Galopim às queixas dos ouvintes por causa da alteração de horários e do espaço dado à música na Antena 1. Uma nova grelha suscita sempre reações. Mas também é preciso tempo para criar e consolidar novos hábitos de escuta.

Respostas de Nuno Galopim às queixas dos ouvintes por causa do espaço dado à música na Antena 1 e sobre a alteração de horários. A audiência tem rotinas e as mudanças suscitam sempre reações. A nova programação está no ar desde 18 de setembro e, esta semana, algumas rubricas voltaram a mudar de hora – quando os ouvintes ainda estão a adaptar-se ao novo relógio da rádio e ao que ouvem de diferente. Fazer ajustes também revela uma rádio que não se paralisa no planeado, mas criar e consolidar novos hábitos de escuta requer estabilidade e demora o seu tempo.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 33_Madeira Fazer acontecer

Neste programa escutamos a rádio pública feita a partir do Funchal, na Madeira.

SOM – Spot A1 Madeira Informação? – 13”

A rádio pública emite na Madeira há 56 anos. Atualmente, uma equipa reduzida assegura 12 horas de emissão regional da Antena 3 e 13 horas da Antena 1 – pouca gente para muitas e variadas tarefas. Há duas palavras que atravessam as conversas com a Provedora: multifuncionalidade e ubiquidade - para levar a bom porto o serviço público de rádio na Madeira - dar voz à região, levá-la até à comunidade emigrante **E** ao continente - projetando a nível nacional o que ali acontece. A repórter Inês Forjaz acompanhou o dia-a-dia da RDP Madeira.

Rep_Inês – 8’12

Uma equipa todo-o-terreno, pequena e que faz tudo é como a descreve Carlos Pestana, responsável pelos programas da Antena 1 e da Antena 3 na Madeira.

01_Carlos Pestana_multifunções CURTO – do lado A3...A1...horas...*calendarização?* Basta um ...problema...abrindo antena nacional...*ir fora?*- gerimos...base querer...missão serviço público...gostarmos...ligação muito emocional à área da rádio - **51”**

Faltam meios na programação e também na informação - e isso afeta o cumprimento do serviço público, explica Filipe Ramos, responsável pela informação da rádio na Madeira.

02_Filipe Ramos_sp sem meios CURTO – Nós estamos a tentar... diário...programas...opções..manter grelha idêntica...assegurar serviços mínimos?---contrato...serviços...esquece...assegurar...é preciso meios financeiros...não acompanham...gestão...temos fazer...perceber até onde podemos ir...aproveitar...abrangente possível - **1’14**

Ubiquidade e multifuncionalidade para cumprir as obrigações do contrato de serviço público – ou seja - ter informação e programação regionais. Para o Diretor do Centro Regional, Martim Santos, faz falta ter um correspondente em Porto Santo.

03_Martim Santos_porto santo CURTO –às vezes acontecem coisas...Porto Santo...há muito na nossa antena...fazer mais...melhoradas...- *faz falta delegação?* - Sim...à procura...pessoa rádio e tv...já

tivemos...abandonou...vamos com regularidade...serviço agenda...grande pecha é...se acontece alguma coisa...chegar lá primeiro...avião...barco...se acontecer...10 minutos não estamos - **1'10**

Não estão, mas para quem escuta - a rádio pública é a companhia de todos os dias e onde ouvem as notícias.

SOM DE FECHO – eu costume dizer...noticias são as da rádio...companhia dia-a-dia...A1...vozes e rostos A1 e A3 Madeira - 28” (a editar)

Mais de meio século de história com a escuta interrompida pela geografia. Os túneis, vales e picos dificultam a sintonia da rádio - a que se juntam as quebras do programa de produção e emissão, o Dalet. A pedido do governo uma equipa de académicos e profissionais olhou para o serviço público de média - e no Livro Branco fez um diagnóstico e apontou soluções. O documento identifica a escassez de recursos humanos nos centros regionais, enquanto defende mais autonomia, capacidade de decisão e meios adequados para assegurar a produção e a difusão de conteúdos locais. Ou seja, reconhece a relevância do trabalho desenvolvido em face das – poucas - condições e da falta de investimento em infraestruturas que permitam a sintonia e escuta das rádios no arquipélago - E no entanto, na Madeira, são poucos E com pouco os que fazem acontecer o serviço público. A resiliência e o sentido de missão não podem durar para sempre.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 34_ Rádio fora de Portas_Metro Lx Íamos a passar

Uma estação de rádio

01_SOM_Frase – Uma estação de rádio dentro de uma estação de metro - 2”

Dentro de uma estação de metro

Na série Rádio Fora de Portas o Gabinete da Provedora acompanhou uma emissão especial da Antena 1 nas estações do Metro de Lisboa. Jornalistas, animadores, técnicos e a produtora deixaram os estúdios e levaram a rádio aos ouvidos - e sobretudo - aos olhos - dos ouvintes.

Durante um dia a Antena 1 trocou o estúdio pelos caminhos subterrâneos do Metro. Mostrou-se - e mostrou - como se faz a manhã, o fim de tarde e a noite. A rádio entrou na vida de quem a escuta e tomou-lhe os passos apressados.

02_Entrevistas – como é que se fazem entrevistas no metro de Lisboa qd as pessoas estão a transitar de uma linha para a outra...átrio da estação do Marquês de Pombal - 16”

No Marquês de Pombal, Jardim Zoológico e Cais do Sodré – um dia inteiro fora de portas.

A propósito dos 75 anos do Metropolitano de Lisboa a Antena 1 preparou uma emissão especial. Programação e Informação saíram juntas, foram abordadas temáticas específicas, como explica o Diretor de Programas Nuno Galopim, e adaptou-se o relógio da rádio aos espaços e aos ouvintes.

03_NG - Sempre que se faz rádio fora de casa...adaptar...metro...falar mobilidade...gente que entra e sai...reportagens...golpe de rins...para sair de onde estamos...reação? agradável surpresa...rádio com

rostos e corpos...humanizar...emissões...**Descentralizar palcos?** – fazer equivalente pop-up storys...3 palcos... não existiram...por causa emissão rádio...**Características diferentes?**...manhã velocidade...minutos contados...contacto fulminante...tarde mais respirada...adiar...noite feita com tempo...histórias...mundo subterrâneo... – **2'13**

Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

A emissão no Metro de Lisboa começou a ser planeada muito antes. Na véspera montaram-se os equipamentos e os minipalcos para os cantores atuarem ao vivo - à espera do sinal horário das 7 - o arranque de um dia de rádio diferente. A repórter Célia de Sousa registou o encontro entre quem faz rádio // e quem a ouve.

REP_Célia – 7'33

Uma oportunidade única que se vai repetir.

Programação e Informação juntaram-se numa emissão fora de portas a pretexto do aniversário do Metro de Lisboa. Numa data propensa a comemorações, qual o lugar do jornalismo, foi a questão colocada ao Diretor de Informação Mário Galego.

04_MG -É tentar perceber que problemas...uso metro...transportes...muita gente utiliza...tentar perceber como funciona...trazer essa informação...defeitos...soluções...convidados...nossas questões...**Sair de casa, ver emissão da rádio...linha estratégica? Objetivo por parte informação?**...Mostrar a rádio pública n rua...próxima pessoas...audiência próxima...contacto com jornalistas é imagem abertura...ir ao encontro pessoas...nosso encontro...contar-nos dificuldades...histórias...vamos contar essas histórias...diálogo publico e quem faz a rádio – **1'57**

Mário Galego.

Programação e Informação não são departamentos isolados, mas em emissões como esta cada um tem uma função - e a do jornalismo é a de questionar e ouvir outras vozes.

V1

Um 'munduzinho LÁ minúsculo' – as palavras são da ouvinte que escutámos no início da reportagem no Metro – e passa a imagem de uma rádio distante da vida do dia-a-dia de quem a ouve.

As Direções de Programas e Informação da Antena 1 querem repetir as emissões especiais fora do estúdio - e de Lisboa. É uma estratégia que centra a rádio no ouvinte e a torna mais transparente e mais próxima. Uma rádio que se mistura com quem passa, dá corpo às vozes que se ouvem todos os dias e que regista as reações de quem parou – por segundos - para ouvir ao vivo As notícias e Os cantores da rádio. DO som do átrio da estação do metro do Marquês - AO som no autorádio.

05_Mimicat_Som rádio e emissão

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e montagem de João Carrasco.

PROGRAMA 35_Queixas Queixas

Duas emissões motivaram queixas que chegaram ao Gabinete da Provedora – a do dia em que o primeiro-ministro apresentou a demissão, e a tarde desportiva que anulou um noticiário por poucos minutos – neste Em nome do Ouvinte vamos ouvir as respostas do Diretor de Informação da rádio.

No dia 7 de novembro, na agenda dos órgãos de comunicação social, estava prevista uma deslocação do primeiro-ministro ao Porto. Estava prevista, mas logo no início da manhã outras notícias se sobrepuseram à agenda.

Medley-Som_noticiário 9h_buscas – + Som_Antena Aberta Hamas-Israel + Som_noticiário_9.30h_A1 vai continuar a acompanhar – 1’28

E acompanhou, a emissão normal foi desmontada e o programa Antena Aberta deixou o assunto que tinha planeado – a situação no médio oriente – para se centrar no tema do dia: a Operação Influencer - sobre os negócios do lítio e do hidrogénio e que levou à demissão do primeiro-ministro António Costa. A emissão especial começou por volta das 9 e meia e acabou ao meio-dia e meia dando espaço à análise e reações ao que ia sendo conhecido e noticiado. Depois de uma pausa para o jornal de desporto e para o Portugal em Direto, a emissão foi retomada às 2 da tarde – hora a que estava prevista a declaração ao país de António Costa. Logo depois abriu-se a antena ao comentário e às reações.

Foi esta emissão que motivou a queixa de um ouvinte.

Queixa 1_“gostaria saber o que leva a Antena1 a estar várias horas a dar tempo de antena a comentadores, a especularem sobre o que iria acontecer depois das notícias da investigação e hipotética demissão do primeiro ministro, mas não ouviu em directo a reacção dos partidos políticos após se saber da demissão do primeiro ministro . Porque se dá prioridade à especulação/opinião em vez de se ouvir os partidos? Eu gostaria de ouvir os factos e ser eu depois a construir a minha opinião “. – 28”

À crítica do ouvinte, responde o Diretor de Informação Mário Galego.

MG_demissão PM - O que fizemos...ajuda vozes...auxiliar compreensão política e económica...ajudando op publica formar opinião...outra opção...arriscar partidos...falam uns a seguir aos outros...nem sempre disponível...meios humanos não são tão elásticos...como necessário...crise política...mas se não ouvirmos em direto...noticiários...**Quanto aos comentários...foram ouvidos partidos...dada prioridade a...função explicativa, informativa, não é especulação política?**....não de todo, informação ajudar compreensão...ouvintes percebessem o que se estava a passar...trazer especialistas...diversas áreas...auxiliar...comunicados...linguagem...advogados, juristas que possam ajudar...lá em casa. – 2’38

A resposta do Diretor de Informação Mário Galego.

O ouvinte questiona Porque se dá prioridade à especulação/opinião em vez de se ouvirem os partidos - A queixa tem duas partes distintas que merecem duas respostas diferentes.

As fronteiras entre o que é Comentário - Especulação - Contextualização e Informação são claras.

Ouvida a emissão especial no seu todo, não me parece que se tenha dado lugar à especulação. Privilegiou-se a informação em primeiro lugar e num segundo plano a opinião. Foram ouvidos constitucionalistas, advogados e um economista. Intervenções que ajudam a contextualizar o que está a acontecer do ponto de vista constitucional, penal e processual, e das consequências no plano económico. Estes esclarecimentos sobre assuntos tão específicos e que não são do conhecimento da grande maioria dos ouvintes, ajudam - e cito as palavras do ouvinte para contra-argumentar - ajudam a construir uma opinião mais informada.

Para esta emissão da tarde foram ainda chamados os comentadores que integram programas de opinião da Antena 1 que, mais do que especular, opinaram. E essa é a sua função.

Isto leva-me à segunda parte da resposta e, novamente, à escuta de excertos da emissão especial sobre a demissão do primeiro-ministro.

Medley_ emissão da tarde – 1’30

São excertos da emissão, mas que de alguma forma ilustram que os comentadores não foram os protagonistas - preencheram os espaços entre as entrevistas a especialistas e as declarações político-partidárias. E foram interrompidos sempre que surgiram informações novas e as reações dos partidos. Mas, como referiu o Diretor de Informação, foram agrupadas no noticiário seguinte, o das 5 da tarde – como, de resto, já tinha acontecido na emissão da manhã.

De facto, como diz o ouvinte, não foram escutados em direto todos os partidos - após se saber da demissão do primeiro-ministro. E essa é uma lacuna que o Diretor de Informação justifica com a ausência de recursos humanos e pela forma como as declarações se sucederam: muitas - num curto espaço de tempo - embora todas elas tenham sido feitas no mesmo espaço físico, o parlamento. Não é uma situação nova nem invulgar, mas é em casos como este - inesperados - e que exigem decisões rápidas - que a falta de recursos se torna Audível – até para os ouvintes, capazes de discernir o que a Antena 1 transmitiu e não transmitiu.

A 4 de novembro, um sábado, a Antena 1 transmitiu o Chaves-Benfica. O jogo de futebol acabou às 5 e meia, a partir daí a tarde desportiva seguiu com comentários, as entrevistas rápidas e os resumos dos jogos.

Medley futebol - 1'30

Antes das 6 deram-se as notas finais, mas afinal não houve noticiário nem à hora certa NEM minutos depois - quando a emissão desportiva acabou. Um ouvinte atento deu conta e escreveu à Provedora.

***Queixa 3** quero apresentar o meu desagrado pelo facto de ser recorrente a Antena1 "esticar" a emissão de "desporto" após o fim dos jogos mesmo quando estes acabam 20 ou 30 minutos antes da hora certa . Exemplo no sábado passado dia 4 de Novembro o jogo Chaves vs Benfica terminou muito antes das 18h, mas esticaram a emissão de comentário até às 18h10 para o noticiário à hora certa não ir para o ar, o mesmo aconteceu após o jogo Braga vs Portimonense que terminou 30 a 20 minutos antes das 23h no entanto mais uma vez "esticaram " a emissão até às 23h10 para o noticiário à hora certa não ir para o ar . Porquê? – 48”*

Ouvida a emissão do dia 4, há que corrigir parte da queixa. Efetivamente não houve noticiário às 6 da tarde, mas ao contrário do que afirma o ouvinte, houve noticiário às 11 da noite. A correção não anula a pergunta – pertinente - do ouvinte: Faz sentido estender a emissão de desporto com comentários e resumos por mais 10 minutos e, assim, eliminar o noticiário?

Mais uma vez, responde o Diretor de Informação Mário Galego.

MG_desporto - Às vezes...tentamos ser corretos e esticamos...ouvir todos os protagonistas de um jogo...e depois...este comportamento...democrático...queremos ouvir toda a gente no final do jogo...esticar...entendido por alguns ouvintes...noticiário á hora certa...não beneficia quem está à espera da noticiário...espaço futebol é prioritário na A1, tem muitos ouvintes...muitos ouvintes...até ao limite, dar voz a toda a gente...leva-nos para lá da hora certa...não quer dizer...próximo noticiário...mais alargado para compensar...às 6 e 10 – **1'40**

A resposta do Diretor de Informação.

Mário Galego reconhece que o futebol ocupa um espaço privilegiado na emissão da Antena 1, com isso responde à expectativa de uma boa parte da audiência que sintoniza a rádio pública para ouvir os relatos. Mas defrauda quem quer continuar a ouvir os noticiários à hora certa. Por mais do que uma vez nos referimos à necessidade de estabelecer um equilíbrio.

A crítica do ouvinte coloca em perspetiva os critérios editoriais que levam a que se privilegie mais o comentário e resumos - do que um noticiário depois de uma tarde desportiva em que a informação surge, quase sempre, em forma de síntese.

Neste caso, a emissão desportiva acabou 9 minutos depois das 6 da tarde. A questão colocada pelo ouvinte é válida e merece uma reflexão: se as informações dadas nesses 9 minutos justificam a eliminação de um noticiário.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

Programa 36_Contraditório O jornalismo do contraditório

Ouvir todas as partes numa notícia é uma das regras básicas do jornalismo. Normalmente o Gabinete da Provedora não recebe mensagens sobre a falta de contraditório, mas recebe com mais frequência queixas de que as notícias se ficam apenas por duas versões contrárias, como se a realidade fosse apenas a preto-branco. Sem matizes e sem outras cores. O programa de hoje parte da mensagem de um ouvinte para refletir sobre o denominado Jornalismo do Contraditório e da Declaração.

A partir das queixas que chegam ao Gabinete da Provedora fui anotando AS que de forma mais ou menos explícita tocam em pilares do jornalismo: o pluralismo e a diversidade. Alguns ouvintes registam que em reportagens, noticiários ou programas de informação ouvem-se sempre os mesmos protagonistas: um declara e outro contradiz - ou o que reage à primeira declaração. E o assunto fica encerrado.

Para melhor ilustrar tomei como exemplo a queixa de um ouvinte sobre um tema concreto: a carta-resposta do primeiro-ministro ao Diretor do Serviço de Doenças Infecciosas do Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto. António Sarmento quis saber o que pensava António Costa sobre o Serviço Nacional de Saúde. O primeiro-ministro respondeu nas páginas do jornal Público e foi notícia de abertura nos noticiários da manhã desse dia. A Antena 1 ouviu as reações dos diretores de faculdade e dos estudantes - futuros médicos – em Lisboa, Porto e Coimbra.

Um ouvinte esteve atento à emissão e contestou os critérios editoriais usados para fazer o contraditório.

01_ Queixa Carta PM Médicos_ *A Antena 1 não foi politicamente isenta: em resposta a esta solução do 1º ministro foi auscultar a opinião dos estudantes e diretores dos cursos de medicina, que obviamente são contrários à mesma, e assim difundiu uma imagem distorcida da realidade e conivente com as pretensões dos médicos, em vez de procurar explicar esta situação e expor a clara chantagem que esta classe profissional exerce para com os governos/a população portuguesa há quase 5 décadas. – 30”*

As questões do ouvinte foram colocadas ao Diretor de Informação. Mário Galego explica os critérios editoriais que estiveram na base da decisão.

MG_médicos - Nós decidimos...reportagem faculdades...estudantes...noutros dias...sindicatos, médicos, instituições ligadas á área...não podemos ter num único dia ter só uma área responsável...a informação faz-se noutros dias...temos dado informação...cabe lá tudo...privados, sindicato, ministério...há sempre contraditório...ouve toda a gente – **múltiplas visões noutros segmentos informativos?**...sim...há debates, entrevistas...garanto que não há falta contraditório ao longo das emissões da Antena 1 – **1’26**

O Diretor de Informação usa um argumento facilmente verificável para quem ouça regularmente as emissões da Antena 1. Mas que implica ouvir quase permanentemente a rádio. Naquele noticiário fez-se o contraditório numa interpretação mais literal. Outras visões e argumentos, ou abordagens mais aprofundadas não cabem num mesmo noticiário, podem ser repartidas pelos seguintes, e por outros segmentos informativos.

Vários programas de informação trataram do diferendo e negociações entre os médicos e o governo, das reivindicações e das greves dos médicos, e dos problemas no Serviço Nacional de Saúde de forma mais abrangente.

Desde setembro, por exemplo, a Antena Aberta dedicou à Saúde 6 programas, o Consulta Pública um, de manhã foram feitos 4 Destaques, o programa Virtude do Meio fez 3 edições sobre o tema – isto para dar apenas alguns exemplos - porque também houve debates, reportagens e informações que integraram os diversos noticiários. Falaram elementos do governo ou do Serviço Nacional de Saúde a médicos e seus representantes – é natural, mas isso nem sempre quer dizer que todos tenham a mesma visão sobre os assuntos – não têm e expressaram-no nos diversos espaços informativos da Antena 1 a par da análise e da opinião dos programas com comentadores que não são da área da saúde.

O jornalismo deve procurar o contraditório, mas também diferentes pontos de vista, versões e opiniões para cumprir a pluralidade e a diversidade.

Mas a questão que o ouvinte coloca pode levar a outra reflexão: se o jornalismo se esgota no mero contraditório, como se de um mecanismo se tratasse: **ouve-se A e faz-se o contraditório com B** - sem que, muitas vezes, se procurem outras vozes. Um jornalismo a preto e branco, declarativo, sem espaço para tons de cinzento e para outras cores.

As rotinas da redação, a pressão do tempo e a limitação dos espaços informativos levam a que muitas vezes se opte pela fórmula das duas versões sem que se afira tudo o que cabe entre elas ou além delas.

Para refletir sobre o jornalismo do contraditório e declarativo ouvimos Manuel Pinto, jornalista, investigador da Universidade do Minho e com diversos estudos publicados na área das fontes jornalísticas e da literacia para os média. Uma conversa sobre o papel do jornalismo e dos jornalistas e que teve como ponto de partida a definição do conceito: o que é o contraditório?

03_MP_ent cortada – Contraditório é por definição uma simplificação...jornalismo não é somatório leituras...permitam entender...interesse público...**O que faz Falta?** Cultura...visão larga...quem merece ser ouvido para comentar...não é quem...voz...credenciado...mas...diante dos factos...quem está diretamente envolvido...desafio é pôr a falar as pessoas que merecem ser escutas...**falam sempre os mesmos?** É a tendência...sobretudo...pessoas especializadas para falar em nome delas...é tentação...dar voz a quem tem voz...**fala quem pode?** É preciso ter um discurso...frases estudadas...do que discurso argumentado...leituras não são opiniões...mais-valias à leitura dos factos...depende do saber comunicar...**Não apenas fontes oficiais?** Credenciadas...especialistas...sempre os mesmos...mais disponíveis...falam bem...é preciso...outras...**Fala quem pode?** Exatamente...quem reúne...esperado...**jornalismo declarativo e do da reação á reação...condiciona vozes alternativas?** Simplificar a realidade...política...é pobre...quando há um discurso...partidos...preparados...msg...encontram ponto que fazem passar msg...encenação...não ficar limitado ao que é esperado, **A pergunta: o que ainda não ouvi?** Exatamente e...o que posso encontrar que completamente fora circuitos normais...nessas vozes...multiplicação polos de enunciação...riqueza...torna mais trabalhoso a tarefa do jornalismo...ao mesmo tempo...vive condicionalismos...bastante mais exigentes, não é? - 7'09

Manuel Pinto, jornalista, antigo Provedor do Leitor do Jornal de Notícias, e investigador com estudos publicados sobre jornalismo e literacia para os média.

Os jornalistas têm tendência a ouvir as fontes oficiais, vários estudos o comprovam, vozes organizadas e credenciadas que reduzem o contraditório a uma realidade a preto e branco, feita das mesmas vozes de sempre e que estão nas rádios, jornais e televisões.

As razões são diversificadas: o comodismo em recorrer as vozes que comunicam bem e estão sempre disponíveis - a velocidade da informação que não favorece a ponderação e a descoberta de outras leituras e outros olhares- a urgência no tratamento das notícias - o pouco tempo para aprofundar o conhecimento sobre a informação e os dossiês – as redações reduzidas que não deixam espaço à especialização ou tempo para fazer de outra forma – e novamente o tempo – o tempo que falta para parar, ouvir, questionar e repensar o trabalho feito para formular uma pergunta simples: **para que lado não estou a olhar, que vozes não estão a ser ouvidas, o que está para além do visível ou, neste caso, do audível.** O tempo nas redações parece que corre mais rápido do que o tempo do relógio – mas estas não podem ser razões para simplificar a realidade.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 37_Fontes I Transparência

Até a notícia chegar ao ouvido há todo um processo: o jornalista recolhe informações, verifica, confirma, cruza e diversifica as fontes. Neste processo, lida também com a manipulação, o que não lhe foi dito, e com as versões construídas por alguma das partes envolvidas. A pretexto da mensagem de um ouvinte dedicamos dois programas às fontes das notícias.

O Gabinete da Provedora recebeu uma queixa por não terem sido identificadas as fontes de uma notícia sobre um dos bombardeamentos em Gaza – neste caso, o ouvinte não tinha razão - todas as informações e citações tinham as fontes devidamente atribuídas e identificadas. Mas desta mensagem, e de outras, fica subjacente que o processo de recolha de informação no jornalismo não é claro para quem ouve as notícias. E parte-se do princípio de que no terreno o acesso à informação é simples e sempre acessível. Há, no entanto, condicionalismos que limitam a ação do jornalista e que nem sempre são enunciados. Razões para dedicar dois programas às fontes das notícias. Ouvi duas experiências diferentes: a de quem reporta em situações de guerra e conflito – que vamos ouvir hoje – e no segundo programa a experiência de quem lida com as fontes organizadas e oficiais; a estes dois testemunhos junta-se o diretor de Informação da rádio pública e ainda Quem estuda a relação entre jornalistas e fontes.

No Em Nome do Ouvinte de hoje escutamos **José Manuel Rosendo, jornalista da RTP**. Enviado a várias situações de guerra - reportou épocas marcantes nos dois lados do conflito israelo-palestiniano. Recentemente esteve em Israel na sequência do ataque do Hamas a 7 de outubro. Primeira pergunta para **José Manuel Rosendo**: Num conflito - Como é que o repórter consegue verificar e cruzar fontes e informações?

01_I_Novo Rosendo fontes Medio Oriente CURTO- Difícil e impossível...como Gaza...temos inf chega fontes oficiais ...Israel...e as que chegam a partir de Gaza, autoridades controladas pelo Hamas...nº vitimas...não temos possibilidade de confirmar...alguns jornalistas que já lá estavam...conseguem...mas é impossível, por ex...nº pessoas escombros...estimativas...admissíveis em função de...exercício, mas rigor...impossível...confrontados...outro caso...alvos Hamas...não temos forma confirmar...Israel argumenta...org negam...e ficamos nisto...o que temos...fora Gaza...citar...contraditórias...**ONG é a terceira versão?** – tendência a pensar que sim...está em causa credibilidade delas...equidistantes...é uma terceira fonte merece atenção...credibilidade – **Quando há desconfiança qual procedimento?** Neste conflito...muito cuidadoso...bombardeado hospital Gaza...números que surgiram...muito cuidado...400/500...terminologia ambígua...feridos/mortos...pp roquet da jihad...não sei que disse...falasse em...não fechar informação para não retificar...assertivos... não ser assertivo...obj é o contrário...mas se não temos a certeza...tive cuidado - **como se escapa manipulação?**....difícil...estamos perante...2 atores capacidade comunicação diferente...Israel...máquina comunicação e propaganda...importante em tempos guerra...1ª narrativa...vigora...desconstruída...lado palestino não há essa capacidade...há 2 lados, hamas...fatah...duas partes...não se entendem...não encontramos...resposta...propaganda...difícil escapar...não temos...acesso direto ao terreno...narrativa construída...terminologia...desconstruir...fugir máquina propaganda...uma das 1ª guerras...jornalistas na região...acesso...especialistas...falaram com eles...pp maquina comunicação israelita disponibiliza...palestinos não...desequilíbrio...jornalista...equidistante...ouvir 2 partes...não está a acontecer. – **7'22**

O primeiro testemunho neste Em nome do Ouvinte dedicado a fontes das notícias. **José Manuel Rosendo** é o correspondente da RTP em Paris, foi por diversas vezes enviado ao Médio Oriente e a outras zonas de conflito.

No terreno, o repórter vai dando conta do que vê e do que sabe. Mas as informações chegam à redação através de múltiplas origens: agências noticiosas, fontes oficiais, documentos, outros órgãos de comunicação.

Como é que se verificam informações às vezes contraditórias - como se distingue o que é credível - como se identificam as fontes? E, finalmente, como se decide o que se ouve nas notícias? Perguntas colocadas ao Diretor de Informação da rádio pública **Mário Galego**.

02_I_Novo_Novo_Galego_Hamas – Olhando para um cenário atual...se recebermos...Hamas...500 pessoas...israel...300...nossa informação...enquanto não confirmar...centenas...intervalo...não temos...confirmá-la...usar expressões mais latas...vagas...baliza quantidade...tempo...a segurança do que dizemos...confirmar – **1’09**

Mário Galego. Fontes e credibilidade são indissociáveis quando falamos de jornalismo. Mas na prática, há fatores com que os jornalistas têm de lidar, a todo o momento: as limitações que se colocam ao repórter no terreno, as tentativas de manipulação e as fontes organizadas, são alguns deles. Perante esses condicionalismos os jornalistas devem dizê-lo.

O investigador **Manuel Pinto** estuda a relação entre jornalistas e fontes. E defende um exercício de transparência: que o ouvinte seja informado de que o jornalista só teve acesso a uma parte da história.

03_I_Novo_Manuel Pinto fontes Medio Oriente CURTO – As condições obtenção informação...para credibilizar...objeto análise na intervenção enviados...não tenho ouvido...não podem entrar...contactar...obriga a tratar deste tipo assuntos/fontes...tão imp como o que é dito...bloqueamento acessos...enviado a uma parte da guerra – **pode ser feito na redação?** Sim...redes...não tenho notado...preocupação limitações da voz, leitura dos factos – **transparência?** Importante...uma guerra hoje...operação de montagem de desinformação tão grande como pp guerra...não podemos fazer conta...não está a acontecer...dispositivo criado para jornalistas...transmitida...essa parte tem de ser enunciada...risco ilusão de estarmos a ver a realidade...circunstâncias – **pool?** – já vimos no iraque...- **não é novo, amplificado?** E sofisticado...não posso fazer condicionado...vejam...o que vale isto?...mostrar o que me estão a mostrar a mim sem dizer mais nada?é um ponto de vista gravíssimo do ponto e vista da cobertura – **3’04**

Manuel Pinto, investigador da Universidade do Minho com trabalho publicado sobre fontes e jornalistas. A enunciação das condições e dos contextos da recolha de informação no contacto com as fontes é um exercício de transparência – e reforça o pacto de confiança entre quem dá as notícias e quem as ouve. No próximo programa vamos continuar a falar das fontes das notícias. Vamos ouvir o testemunho da correspondente da rádio pública em Bruxelas Andrea Neves e a reflexão de Manuel Pinto sobre o dever do jornalista de tudo questionar.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação de Rui Oliveira e Montagem de João Carrasco.

Programa 38_Fontes II Questionar e confrontar

00_FRASE Manuel Pinto - Temos que dizer as coisas pelo nome, quando não há possibilidade de os jornalistas fazerem perguntas é sinal de que o jornalismo não aconteceu. – **0’06**

Uma fonte é quase sempre parte interessada, mas o jornalista não é um mero mensageiro, por isso, dita a regra que deve cruzar informações e, mais do que ouvir versões, deve questioná-las.

A pretexto da mensagem de um ouvinte dedicamos dois programas às fontes das notícias. No anterior falámos da verificação de informações num cenário de guerra. Hoje abordamos o contacto com as fontes organizadas e oficiais.

Há quem fale de uma dança para caracterizar o contacto entre fontes e jornalistas – ao jornalista cabe perguntar, às fontes cabe dar a informação, nem sempre a mais desinteressada – a cada um o seu papel.

As fontes são pessoas, grupos, as instituições que representam, os documentos que emanam – textos construídos e preparados. Como é que o jornalista lida com este discurso organizado? A fazer perguntas - mas nem sempre é possível. O processo de recolha de informação no jornalismo pode não ser claro para quem ouve as notícias. Há condicionantes que limitam a ação do jornalista - nem sempre são referidas – mas devem ser. Dizê-lo ao ouvinte para que possa formar a sua própria opinião na posse de todos os dados, e sobretudo, ciente de todos os condicionalismos na busca de uma informação livre.

Quando as fontes se contradizem, quando fica alguma coisa por perguntar, quando não há possibilidade de confrontar, quando dizem algo sensível – há normas - como explica Mário Galego Diretor de Informação da rádio pública.

01_II_Galego fontes geral cortado – num caso desses...correta...usar as fontes e atribuir-lhes a inf que recebemos...dizer claramente...há centenas mas ...aí...o ouvinte tirará ilações...tentamos tratar maneira mais correta possível – **32” vale a pena?**

Atribuir a informação a quem a diz ou divulga - para que não haja dúvidas.

Hoje, mais do que nunca, há uma profissionalização das fontes e a intenção de marcar a agenda dos média. Mas os jornalistas não são meros pés de microfone.

No último programa sobressaiu a palavra - Transparência – ou como expor os condicionalismos no acesso às fontes. No programa de hoje duas outras sobressaem: Questionar e Confrontar – ambas invocadas pela correspondente da rádio pública em Bruxelas Andrea Neves.

02_II_Andrea fontes geral CURTO – São fontes fiáveis...confiança... verdade...sendo institucionais e oficiais temos possibilidade contrapor o que nos é dado...documentos...podemos... apresentado...possibilidade perguntas...questionar...confrontar...Nato...confiáveis, mas trabalho confirmação –**lóbis, mais transparente?** - Para jornalistas não é o mais óbvio...representações...emails...lóbis permitidos...regulamentado e regularizado...não significa pressão... não insistem...interesse...podemos reunir – **desmontar a informação?** – consegue-se...não...de facto...tentar perceber interesses...até que ponto...tentar perceber...ex pescas... pode ser interessante ouvi-los...o que queriam...não é caminho que tenhamos seguir – como se **escapa à inf org** – rep tento entrar contacto com todos...são eles que entram...decisão conjunto com editores...muitas vezes chegam propostas que não dou seguimento...não sinto ressentimento...não fazia parte...não há aquela pressão...não há - **doc escrito e ling técnica como se descodifica** – aprendendo com o tempo...línguas...termos difíceis...ex índice briefings participar...perguntas para perceber o tema...ex...organizados instituições europeias para nós percebermos...explicar às pessoas...sermos especialistas...apoio que é dado...importante-////colar melhor porque a pergunta não foi bem feita //////**manipulação?** manipulação – haverá sempre...e nem sempre conseguimos...existe possibilidade... ..tentar confrontar...nem sempre respostas...vários jornalistas...se de facto no passado...completamente diferente - **proximidade inquina?** - Não...com distância...muitas fontes...várias...não têm ser tema de notícia...dadas daquela forma...confrontada – **proximidade é especialização?** – é uma definição pode ser interessante...percebi...achei que sabia...nada...2 ou 3 anos...familiarizar com as fontes...deixar fazer parte...corredores...conhecer melhor...transmitir melhor - **informação de corredor** - ...expressão A1 sabe...depende...ao fim de algum tempo sabemos...timings...se nos é dada...acaso...não há acasos.- **7'13**

Andrea Neves, correspondente da rádio pública em Bruxelas onde os lóbis estão instalados e regulamentados. A informação que circula até pode ser a oficial - o que não invalida o trabalho de confirmar, perguntar, confrontar.

O jornalista e investigador na área dos média Manuel Pinto reforça a ideia de que Informar também é expor as limitações no acesso às fontes. E é claro: quando não há perguntas - o jornalismo não aconteceu.

03_II_Manuel Pinto fontes geral – jornalistas condicionados...organizadas...não deixar...fazer perguntas...comprometer jornalismo...sinal de que o jornalismo não aconteceu...**condicionar?** Impor a sua visão...aspetos que não interessam...formatação...ao não permitir perturbação...condicionados pela formatação da finte – **como pode combater?** – denunciado...têm dito...mas também...público...fosse percebido o que significa...perceção da gravidade...impedir...**literacia?** – naturalmente...caminho grande...disponibilizar...condições em que informação é divulgada...não basta dizer...imprensa,

mas...reinventar...importante...formação cidadãos mais esclarecido sobre a informação a que têm acesso...**3'18**

Manuel Pinto, jornalista, investigador com obra publicada sobre fontes e jornalistas, e literacia para os média.

Dedicámos dois programas às fontes das notícias. Escutámos os testemunhos de **José Manuel Rosendo**, o correspondente da RTP em Paris, diversas vezes enviado ao Médio Oriente e a outras zonas de conflito. Ouvimos **Andrea Neves**, correspondente da rádio pública em Bruxelas. E o Diretor de Informação **Mário Galego**. Tivemos ainda a reflexão de **Manuel Pinto**, jornalista e investigador.

Na relação entre jornalistas e fontes três palavras sobressaem: Transparência – Questionar - Confrontar. No processo de recolha da informação cabe ao jornalista explicar o que não pôde // ou não **O** deixaram fazer - para que o **ouvinte** saiba e perceba que **isso** pode comprometer a formação de uma opinião pública informada.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Oliveira e Montagem de João Carrasco.

Programa 39_Religiões Diálogos entre religiões

Neste Em Nome do Ouvinte falamos dos programas sobre religião na Antena 1. Um ouvinte questionou os critérios de seleção dos convidados de um dos programas – oportunidade para olhar para as obrigações do serviço público de rádio nesta matéria.

O programa **E Deus Criou o Mundo** cruza a atualidade com a religião. Tem emissão semanal de uma hora no serão de terça-feira. Foi o primeiro programa de rádio // de diálogo //entre religiões e deu título a um livro. Existe há 8 anos.

01_Indicativo E DEUS – por cortar

O programa tem um painel fixo de convidados: um judeu, um católico e um muçulmano. Foi a escolha das confissões dos oradores que esteve na origem da queixa de um ouvinte:

02_ Queixa religião - *“Venho manifestar o meu mais profundo repúdio pela existência deste programa num canal público. É um programa que atenta contra o n.º 6 do art.º 38º da Constituição da República Portuguesa, nomeadamente "assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião". É um programa onde três representantes de três religiões (em tudo semelhantes, diga-se) todas as semanas apresentam as suas visões do mundo, muitas vezes completamente desfasadas da realidade (como exemplo, o facto de considerarem personagens míticos - Moisés, Abraão... - e aquilo que supostamente terão feito como reais). Não existe nenhum critério plausível para a escolha desta corrente de opinião em detrimento de todas as outras. Segundo o Censos de 2021, existem em Portugal mais de um milhão de pessoas sem religião, 20 mil Hindus e 17 mil Budistas. Porque motivo menos de 3 mil judeus têm direito a um representante num canal público sem que nenhum dos grupos que referi possam contrapor?” – 59”*

A questão colocada pelo ouvinte centra-se no critério da escolha dos convidados. Em 2015, esse critério foi explicado logo no primeiro programa:

03_E Deus_Apresentação – E Deus criou o mundo é um programa de autoria de Carlos Quevedo...juntamos membros das 3 comunidades religiosas mais influentes em Portugal fundadas numa mesma origem comum reconhecida em Abraão as chamadas 3 religiões abraâmicas... expressão do monoteísmo judaísmo, cristianismo, islamismo...comigo fazem... Abdul, Isac, Pedro Gil, leigos e comprometido nas suas comunidades... não são representações oficiais das sua religiões...título pessoal – 47”

Membros das três comunidades religiosas mais influentes – mais influentes em que sentido? – foi o que perguntámos ao autor do programa, o jornalista argentino Carlos Quevedo.

04_ Quevedo_influência DOBRADO – Aqui temos as 3 religiões mais importantes, que mais influenciaram a história do mundo, com um Deus em comum. O Deus é o mesmo. Depois há diferenças na relação com Deus, porque havia povos diferentes a interpretar de forma diferente. Nos primórdios, estas religiões não podiam separar-se das tradições populares. – 38”

A ideia de Carlos Quevedo com o programa **E Deus Criou o Mundo** era o de colocar as três religiões em diálogo sem procurar convencer // ou converter o outro.

05_ Quevedo diálogo DOBRADO - A seriedade na religião também acontece através do diálogo, no encontro com os outros. E este diálogo inter-religiosos, que temos todas as semanas na Antena1, é uma espécie de controlo mútuo: até que ponto aquilo que as três religiões têm em comum é menor ou maior do que as partes contrárias.

Porque é óbvio que há antagonismo em alguns pontos e há coincidência ou conciliação espontânea de muitas perspectivas, que são muito mais parecidas do que pensamos. E isso descobre-se com o diálogo. O diálogo inter-religioso não é para convencer o outro – “agora falo com um muçulmano, para ver se o torno católico”. Não. O diálogo é mais como se fossem companheiros de corrida, a encorajar-se uns aos outros. Não há rivalidade, nem sentimentos de inimizade, pelo contrário. – 1’18

Carlos Quevedo, jornalista argentino, autor e produtor de **E Deus Criou o Mundo**.

Este não é o único programa sobre religião na Antena 1. Em outubro estreou-se **Sete Margens**. Todas as semanas o jornalista António Marujo tem convidados de áreas diferentes para falarem da atualidade sob um ponto de vista religioso.

06_Sete margens – indicativo... ..novo programa...fé espiritualidades e cultura...semanal...em parceria com o jornal sete margens – 40””

Os programas **Sete Margens** e **E deus Criou o Mundo** são programas de autor, feitos por jornalistas. E não estão abrangidos pelas obrigações legais do serviço público em dar espaço às diversas religiões. Esse espaço é assegurado no programa semanal **A Fé dos Homens** como nos explica Paulo Rocha da Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas.

07_Paulo Rocha_Lei SP - Se olharmos os programas que tem de assegurar...liberdade religiosa...+e este programa Fé dos Homens...outros...dependem A1...por lei...artigo 5 liberdade religiosa...no sp...um tempo emissão para confissões religiosas – 30”

Ou seja, genericamente a lei é cumprida com a emissão do programa **A Fé dos Homens** que é emitido na Antena 1 há 14 anos. Participam 13 confissões religiosas, há um objetivo definido – o de dar a conhecer.

08_medley_fé dos homens (ou indicativo) – em edição

A seleção das religiões é feita com base em diversos critérios, um deles é o Recenseamento da População realizado pelo Instituto Nacional de Estatística - os Censos. Os últimos, de 2021, foram conhecidos este verão. Os dados indicam uma recomposição das confissões professadas em Portugal.

Há menos católicos, mas continuam a ser a maioria - cerca de 7 milhões.

E há mais diversidade religiosa. Protestantes e evangélicos foram agregados numa mesma categoria e estão em segundo lugar com mais de 186 mil crentes. Em terceiro, surgem as Testemunhas de Jeová com

63 mil. Esta última não constava dos Censos anteriores, assim como os Hindus e Budistas. Registou-se um aumento de ortodoxos e muçulmanos. E um decréscimo de judeus que estão abaixo dos 3 mil. Estes dados são tidos em conta na distribuição do tempo no programa **A Fé dos Homens**, mas há outros critérios, como esclarece Paulo Rocha da Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas.

09_Paulo Rocha_A Fé dos Homens CURTO – o censo dá informação relevante...como materializar...sp...representatividade não podia ser critério único porque...ficou decidido...75%...25%...número programas vai variando... aliança evangélica...depende... **Último censo ajustes?** Não tanto por causa censo, mas presença outras confissões...redistribuição...a comissão é...pareceu-nos necessário incluir novas...cada um cede...**Todas aproveitam?** Sim...Antena1 dificuldade produção dos programas...algumas...autónomas...iniciativa editorial parte cada confissão...algumas não têm disponibilidade...algumas não estão presentes...esforço...quando não conseguem...escala **Confissões produzem ou é aqui?** De início feito cá...depois as que têm meios...ou gravar aqui na Antena1...diálogos...programa de todos... um tema...espaço diálogo...temas atualidade...(ex)...comuns... **Está regulado, qual é o objetivo e a que têm de obedecer?** Produzir conhecimento e promover o diálogo...não dão audiências...criam cultura diálogo inter-religioso...função divulgação id confissão...o que fazem...âmbito social e não só religioso...não estamos aqui para conquistar nada ao outro mas para nos darmos a conhecer...agenda ...interação...diálogo...na A1... **Há espaço para leigos?** Completamente...começou em 97...90% são...há bispos, pastores...são maioritariamente na produção dos programas. – 5'04

Paulo Rocha da Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas. Tal como os restantes programas de carácter religioso na Antena 1 o objetivo não é o de convencer e converter o outro, mas dar a conhecer e promover o diálogo entre religiões.

A presença das confissões religiosas no serviço público de rádio tem um enquadramento legal e é regulada por uma Comissão que deve velar pelo seu cumprimento. Como já foi referido pelo seu coordenador, as obrigações legais da Antena 1 são cumpridas com a emissão do programa **A Fé dos Homens**.

As diferentes religiões têm um espaço próprio em que, como o ouvinte invoca, é assegurada a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião.

Os restantes programas são da responsabilidade dos seus autores que definem o conceito e os critérios para a escolha dos convidados e dos temas. E têm liberdade para o fazer, **tanta quanto** os seus convidados têm liberdade para se expressar. A representatividade não é critério único.

Há sempre espaço para diversificar a presença de confissões religiosas em programas de debate sobre a atualidade e a religião. Mas ressalva-se também que os três programas que existem, semanais, têm pontos em comum que me parecem fundamentais: o debate entre religiões, dar a conhecer em vez de tentar convencer ou converter. Ou seja, o que os norteia é o diálogo.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - enviar mensagem à Provedora do ouvinte.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Cláudio Calado e Montagem de Rita Silva

Provedora do Ouvinte
Ana Isabel Reis
2023